



## O TRILHO HABITÁVEL

Turismo rural sustentável na Ilha de São Miguel, Açores

André Azevedo Magina (Licenciado)

Projeto Final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Orientador Científico: Professor Doutor Hugo Farias

Orientador Científico: Professor Doutor Jorge Nunes

Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa

Lisboa, Junho 2017





TÍTULO | TRILHO HABITÁVEL

SUB TÍTULO | Turismo rural sustentável na Ilha de São Miguel, Açores.

ALUNO | André Azevedo Magina

ORIENTADOR | Professor Doutor Hugo Farias

ORIENTADOR | Professor Doutor Jorge Nunes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa

Lisboa, Junho 2017

## RESUMO

Em 2015 iniciaram-se os voos “*low cost*” nos Açores, traduzindo-se num crescimento significativo da atividade turística e, por conseguinte, num aumento significativo do número de empreendimentos turísticos. Esta realidade é propícia ao crescimento e desenvolvimento da atividade turística sem que se tenha em conta necessariamente a ligação com o que verdadeiramente distingue os Açores: a Natureza.

Assim, como resposta a este problema, este trabalho propõe a reabilitação de uma aldeia situada no Trilho do Sanguinho, em São Miguel, criando um empreendimento turístico rural, visando a sustentabilidade do mesmo, através de diversas atividades e serviços interligados com a Natureza.

O projeto deverá incorporar um rol de soluções que permita ao turista entrar em contato com as tradições açorianas, através de práticas rurais, gastronómicas, desportivas e contemplativas, criando condições para que o mesmo tenha uma experiência genuína, enaltecendo o local e os atributos que o caracterizam como um destino único no mundo.

Palavras-chaves: Açores, Natureza, Sustentabilidade, Trilho, Turismo Rural

TITLE | HABITACIONAL PATHWAY

SUB TÍTULO | Sustainable Rural Tourism in São Miguel Island, Azores.

STUDENT | André Azevedo Magina

ADVISOR | Professor Doutor Hugo Farias

ADVISOR | Professor Doutor Jorge Nunes

Master in Architecture

Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa

Lisboa, June 2017

## ABSTRACT

In 2015, "low cost" flights began in the Azores, resulting in a significant increase in tourism activity and, consequently, a significant increase in the number of touristic initiatives. This reality is propitious with the growth and development of touristic activity, although that can mean an increase that does not necessarily consider the connection with the most advertised element in the Azores: Nature.

So, in response to the problem above, this work proposes the rehabilitation of a village located on the Sanguinho Trail, in São Miguel island, creating a rural touristic project, aiming the sustainability of it, through various activities and services linked to nature.

The project should incorporate a set of solutions that allow the tourist to get in touch with the Azorean traditions, through rural, tasting and sports activities, and also through contemplative practices, creating such conditions that tourists will have a genuine experience, elevating the place and its attributes with its single characteristics as a unique destination in the world.

Key-Words: Azores, Nature, Sustainability, Hiking Trails, Rural Tourism



*Aos meus queridos avós*

*À minha querida Mãe*

## AGRADECIMENTOS

Torna-se difícil agradecer a todas as pessoas que direta ou indiretamente fizeram parte deste capítulo académico que se encerra, abrindo portas à “aventura” profissional que se avizinha. Contudo, desde já, agradeço a todos os responsáveis por terem sido o meu suporte ao longo desta caminhada.

Em primeiro lugar, aos meus orientadores, Professor Doutor Hugo Farias e Professor Doutor Jorge Nunes, por todas as horas que passámos sentados a discutir os mais ínfimos pormenores, sempre com a mesma dedicação e vontade de ajudar. Em jeito de desabafo, é incrível como no fim de todas as nossas conversas, conseguiam com que, por mais desmotivado que estivesse antes do apoio, voltasse para casa com outra vontade de trabalhar. Ser bom professor até pode ser fácil, mas fazer com que um aluno se sinta desta forma, não está ao alcance de todos. Mais uma vez, o meu obrigado.

Ao Presidente da Junta de Freguesia do Faial da Terra, Sr. Paulo Manuel Machado Nazaré, pela sua disposição e ajuda ao longo da realização deste trabalho.

À minha família, desde a Mãe, que será sempre o pilar da minha vida, ao irmão, conselheiro nos tempos difíceis, aos avós, pela preocupação e ternura a cada chamada realizada até à madrinha, tias, tios e primos, que muita alegria me dão pelo seu apoio e carinho.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, que ao longo destes seis anos sempre me apoiaram, recordando os difíceis primeiros anos de curso em que pude contar com o João e com o Hugo como importantes companheiros de casa, aos companheiros de aulas Rui e Guilherme, até ao presente momento da elaboração deste trabalho partilhando discussões e opiniões com o Rodrigo e o seu feitio peculiar.

Por último, mas igualmente importante, quero agradecer à Maria, por todos os momentos proporcionados durante esta caminhada, pelo apoio nos bons e maus momentos e sobretudo pela paciência e carinho demonstrados nas situações em que nem eu próprio me aturava.

A todos, o meu sincero obrigado.

## ÍNDICE

RESUMO

ABSTRACT

AGRADECIMENTOS

ÍNDICE DE IMAGENS

I   INTRODUÇÃO	1
1.1 QUESTÕES DE TRABALHO	2
1.2 OBJETIVOS	3
1.3 METODOLOGIA	4
II   ARQUIPÉLADO, ILHA E FREGESIA	5
2.1 ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES   <i>“As ilhas de Bruma”</i>	11
III   ARQUIPÉLADO, ILHA E FREGESIA	17
3.1 SÃO MIGUEL   <i>“A Ilha Verde”</i>	23
3.2 POVOAMENTO   <i>“São Miguel”</i>	29
3.3 TERRITÓRIO E ESPAÇO RURAL   <i>“A paisagem rural”</i>	33
3.4 HABITAÇÃO   <i>“Os traços da casa rural”</i>	39
3.5 HABITAÇÃO   <i>“A zona oriental da ilha”</i>	43

IV   ARQUIPÉLAGO, ILHA E FREGUESIA	49
4.1 TERRAS DO PRIOLO   “Nordeste e Povoação”	55
4.2 FAIAL DA TERRA   “A aldeia do Trilho”	58
V   O TURISMO	59
5.1 ENQUADRAMENTO TURÍSTICO   “Açores”	65
5.2 IDENTIDADE DO TURISMO   “Açores”	68
5.3 TURISMO RURAL   “Uma alternativa económica”	71
5.4 TURISMO SUSTENTÁVEL   “Como forma de intervir”	77
VI   CASOS DE ESTUDO	81
6.1 RECONVERSÃO DE UM PALHEIRO EM CORTEGAÇA   “João Mendes Ribeiro”	83
6.2 INTERPRETATION CENTRE OF WORLD HERITAGE LANDSCAPE   “SAMI – Arquitetos”	87
6.3 E/C HOUSE   “SAMI – Arquitetos”	90
6.4 PICO DO REGÚGIO   “Luís Bernardo Brito e Abreu”	94
VII   O TRILHO COMO LUGAR DE INTERVENÇÃO	97
7.1 ENQUADRAMENTO   “A aldeia do Trilho do Sanguinho”	103
7.2 O CRESCER DO TRILHO   “Desenvolvimento de novas atividades”	111
7.3 ORGANIZAR O EXISTENTE   “O programa atribuído à aldeia”	114
VIII   A PROPOSTA	117
8.1 UMA NOVA IDENTIDADE   “Proposta para as casas e ruínas existentes”	123
8.2 CASA NATÁLIA, TORREÃO E RUÍNA (3)   “Receção e espaço de cultura”	127
8.3 RUÍNA (4)   “Espaço de comércio”	133
8.4 RUÍNA (5)   “Espaço de comércio”	141
8.5 CASA ARAÚJO GRANDE (6)   “Casa do zelador”	150
8.6 RUÍNA (7)   “Casa do zelador”	157
8.7 CASA JOSÉ BRANCO (8)   “Casa do zelador”	167
8.8 RUÍNA (9)   “Cafetaria/Bar”	174
8.9 RUÍNA (10)   “Cozinha experimental”	181
8.0 CASA ARMANDO CLARA (11)   “Turismo rural”	190

9.1 RUÍNA (12)   <i>“Turismo rural”</i>	198
9.2 RUÍNA (13)   <i>“Espaço de meditação”</i>	205
9.3 CASA CONCEIÇÃO PEQUENA (14)   <i>“Turismo rural”</i>	213
9.4 ANEXO (15)   <i>“Turismo rural”</i>	219
9.5 CASA CONCEIÇÃO GRANDE (16)   <i>“Turismo rural”</i>	225
9.6 CASA MANUEL FESTA, MANUEL REBELO, JOSÉ FESTA E ANEXO (17)   <i>“Turismo rural”</i>	232
9.7 JOÃO MOLEIRO (18)   <i>“Turismo rural”</i>	241
IX   <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	246
X   <b>BIBLIOGRAFIA</b>	249
XI   <b>ANEXOS</b>	257
11.1 ANEXO I – <i>“Representação dos desenhos do edificado utilizados durante o documento à escala 1.200”</i>	
11.2 ANEXO II – <i>“Representação da ruína (12) à escala 1.50 como exemplo de desenho final”</i>	
11.3 ANEXO III – <i>“Etapas de todo o processo de trabalho para a realização deste documento”</i>	
11.4 ANEXO IV – <i>“Painéis de Apresentação”</i>	
11.5 ANEXO V – <i>“Fotografias de Maquetas”</i>	



## ÍNDICE DE IMAGENS

**1** Costa Norte de São Miguel

*Fotografia de Maria Banha*

**2** Mapa dos Açores

*In <http://azoresforall.com/static/website/img/mapa-acoeres.png>*

**3** Vulcão dos Capelinhos na Ilha do Faial

*In [http://150anos.dn.pt/files/2014/07/2327648\\_A101-4671499\\_WEB.jpg](http://150anos.dn.pt/files/2014/07/2327648_A101-4671499_WEB.jpg)*

**4** Anónimo, Século XIX: 1800-1825, estampa. Col. B.N

*In Território e Paisagem na Ilha de São Miguel Séculos XV A XVIII., pág. 104*

**5** Primeiro mapa dos Açores com todas as ilhas do arquipélago por Luís Teixeira e Abraham Orlellus, de 1584

*In [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_dos\\_A%C3%A7ores#/media/File:Azores\\_old\\_map.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_dos_A%C3%A7ores#/media/File:Azores_old_map.jpg)*

**6** Calhetas, São Miguel, reconstrução de cobertura com telha de meia-cana

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 24.*

**7** Santa Luzia, Pico, forno exterior com chaminé

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 27*

**8** Rua na freguesia da Maia em São Miguel

*Fotografia de Maria Banha*

**9** Vista sobre a Ribeira Grande em São Miguel

*Fotografia de Pedro Veríssimo*

**10** Estufa de ananases em São Miguel

*In [https://www.flickr.com/photos/samuel\\_santos/](https://www.flickr.com/photos/samuel_santos/)*

**11** Secagem de tabaco em São Miguel

*In [http://2.bp.blogspot.com/\\_WY5vvyrcs9k/TLeFLi34VOI/AAAAAAAAAKE/NcO-bbwKHnk/s1600/tabaco\\_1.JPG](http://2.bp.blogspot.com/_WY5vvyrcs9k/TLeFLi34VOI/AAAAAAAAAKE/NcO-bbwKHnk/s1600/tabaco_1.JPG)*

**12** Secagem de chá na Gorreana em São Miguel

*Fotografia de Maria Banha*

**13** Trabalhadores na apanha do chá

*Fotografia de Maria Banha*

**14** Vista aérea dos Arrifes (F.A.P)

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 90*

**15** Relva

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 91*

**16** Vista aérea da Ribeirinha (F.A.P)

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 90*

**17** Rapaz na rocha na freguesia da Maia em São Miguel

*Fotografia de Maria Banha*

**18** João de Medeiros Constância, Esboço da Ocupação do Solo (fins do século XV)

*In Território e Paisagem na Ilha de São Miguel Séculos XV A XVIII, pág. 182*

**19** João de Medeiros Constância, Esboço da Ocupação do Solo (fins do século XVI)

*In Território e Paisagem na Ilha de São Miguel Séculos XV A XVIII, pág. 182*

**20** João de Medeiros Constância, Esboço da Ocupação do Solo (fins do século XVIII)

*In Território e Paisagem na Ilha de São Miguel Séculos XV A XVIII, pág. 186*

**21** João de Medeiros Constância, Esboço da Ocupação do Solo (fins do século XIX)

*In Território e Paisagem na Ilha de São Miguel Séculos XV A XVIII, pág. 186*

**22** Casa Grená na Lagoa das Furnas em São Miguel

*Fotografia de Maria Banha*

**23** Plantas tipo de casas rurais. A rua fica em cima

*In São Miguel – A Ilha Verde Estudo Geográfico (1950 – 2000), pág. 193*

**24** Corte de casa de falso andar

*In São Miguel – A Ilha Verde Estudo Geográfico (1950 – 2000), pág. 194*

**25** Mirante caraterístico da Ilha de São Miguel

*Desenho elaborado pelo autor*

**26** Caloura, Mirante

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 117*

**27** Capelas, Mirante

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 117*

**28** Mapa da Ilha de São Miguel

*In <https://www.ffp.pt/mapa/img/distritos/s-miguel.png>*

**29** Esquemas das principais relações cozinha/quartos da zona oriental

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 144*

**30** Planta da casa da Achada

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 150*

**31** Corte da casa da Achada

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 150*

**32** Planta de casa na Feteira Pequena

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 151*

**33** Corte de casa na Feteira Pequena

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 151*

**34** Esquema da hipótese de ampliação da casa de pedra à vista

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 145*

**35** Nordeste, planta de duas casas com cozinha dissociada

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 145*

**36** Planta do conjunto de Santo António do Nordeste

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 152*

**37** Planta do agregado de Nordeste

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 153*

**38** Planta do agregado de Nordeste

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 153*

**39** Corte do agregado de Nordeste

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 153*

**40** Esquema das casas com pátio e da sua relação com a rua

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 146*

**41** Esquema de um conjunto de casas das lombas da Povoação

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 148*

**42** Água Retorta, corte de casa com alpendre

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 147*

**43** Água Retorta, corte de casa com alpendre

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 147*

**44** Água Retorta, planta de casa com alpendre

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 147*

**45** Água Retorta, alçado de casa com alpendre

*In Arquitetura Popular dos Açores, pág. 147*

**46** Vista sobre a freguesia do Faial da Terra

*Fotografia de Maria Banha*

**47** Mapa da Ilha de São Miguel

*In <https://www.ffp.pt/mapa/img/distritos/s-miguel.png>*

**48** Igreja na Lagoa das Furnas em São Miguel

*Fotografia de Maria Banha*

**49** Centro interpretativo da Lagoa das Furnas em São Miguel

*Fotografia de Maria Banha*

**50** Lagoa das Furnas em São Miguel

*Fotografia de Maria Banha*

**51** Lagoa das Furnas em São Miguel

*Fotografia de Maria Banha*

**52** Vista aérea da freguesia do Faial da Terra

*In [http://www.azoresgeopark.com/geoparque\\_acores/fotos/geositios\\_big/2\\_47\\_big.jpg](http://www.azoresgeopark.com/geoparque_acores/fotos/geositios_big/2_47_big.jpg)*

**53** Caminho do Trilho do Sanguinho

*Fotografia de Maria Banha*

**54** Cascata do Trilho do Sanguinho

*Fotografia de Maria Banha*

**55** Parque Terra Nostra, Furnas

*Fotografia de Maria Banha*

**56** Lagoa de São Brás, Maia

*Fotografia de Maria Banha*

**57** Estrada em São Miguel

*Fotografia de Pedro Veríssimo*

**58** Parque Terra Nostra, Furnas

*Fotografia de Maria Banha*

**59** Lagoa das Furas, Furnas

*Fotografia de Maria Banha*

**60** Vista da Costa Sul, Povoação

*Fotografia de Maria Banha*

**61** Lagoa do Fogo, Ribeira Grande

*Fotografia de Pedro Veríssimo*

- 62** Lagoa das Sete Cidades  
*Fotografia de Pedro Veríssimo*
- 63** Plantação de chá da Gorreana, Ribeira Grande  
*Fotografia de Maria Banha*
- 64** Lagoa de São Brás, Maia  
*Fotografia de Maria Banha*
- 65** Vista sobre a Costa Sul, Faial da Terra  
*Fotografia de Maria Banha*
- 66** Cascata, Nordeste  
*Fotografia de Maria Banha*
- 67** Vista sobre Ponta Delgada  
*Fotografia de Pedro Veríssimo*
- 68** Vista sobre uma planície, São Miguel  
*Fotografia de Pedro Veríssimo*
- 69** Reconversão de um palheiro  
*Fotografia de FG + SG – Fotografia de Arquitetura, Edgar Martins e João Mendes Ribeiro*
- 70** Sketch da reconversão de um palheiro  
*In [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)*
- 71** Planta da reconversão de palheiro  
*In [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)*
- 72** Planta da reconversão de palheiro  
*In [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)*
- 73** Corte da reconversão de palheiro  
*In [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)*
- 74** Corte da reconversão de palheiro  
*In [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)*
- 75** Axonometria da reconversão de palheiro  
*In [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)*
- 76** Reconversão de um palheiro  
*Fotografia de FG + SG – Fotografia de Arquitetura, Edgar Martins e João Mendes Ribeiro*
- 77** Reconversão de um palheiro  
*Fotografia de FG + SG – Fotografia de Arquitetura, Edgar Martins e João Mendes Ribeiro*
- 78** Interpretation Centre of World Heritage Landscape  
*Fotografia de FG + SG – Fotografia de Arquitetura*

**79** Interpretation Centre of World Heritage Landscape

*Fotografia de FG + SG – Fotografia de Arquitetura*

**80** Interpretation Centre of World Heritage Landscape

*Fotografia de FG + SG – Fotografia de Arquitetura*

**81** Interpretation Centre of World Heritage Landscape

*Fotografia de FG + SG – Fotografia de Arquitetura*

**82** Planta do Interpretation Centre of World Heritage Landscape

*In [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)*

**83** Planta do Interpretation Centre of World Heritage Landscape

*In [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)*

**84** E/C House

*Fotografia Paulo Catrica*

**85** E/C House

*Fotografia Paulo Catrica*

**86** E/C House

*Fotografia Paulo Catrica*

**87** E/C House

*Fotografia Paulo Catrica*

**88** E/C House

*Fotografia Paulo Catrica*

**89** Planta da E/C House

*In [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)*

**90** Planta da E/C House

*In [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)*

**91** E/C House

*In [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)*

**92** Pico do Refúgio

*In [http://www.visitazores.com/sites/default/files/accommodations/images/\\_mg\\_8354.jpg?1492905600084](http://www.visitazores.com/sites/default/files/accommodations/images/_mg_8354.jpg?1492905600084)*

**93** Pico do Refúgio

*In [http://www.visitazores.com/sites/default/files/accommodations/images/\\_mg\\_5666\\_0.jpeg?1492905600070](http://www.visitazores.com/sites/default/files/accommodations/images/_mg_5666_0.jpeg?1492905600070)*

**94** Pico do Refúgio

*In <https://t-ec.bstatic.com/images/hotel/max1024x768/610/61016885.jpg>*

**95** Artigo sobre o Pico do Refúgio

*In [www.picodorefugio.com.pt](http://www.picodorefugio.com.pt)*

**96** Caminho do Trilho do Sanguinho

*Fotografia de Maria Banha*

**97** Planta de localização da freguesia do Faial da Terra

*Realizada pelo autor*

**98** Vista aérea sobre a freguesia do Faial da Terra

*In <https://www.google.pt/maps>*

**99** Terreno na aldeia do Trilho do Sanguinho

*Fotografia do autor*

**100** Vista sobre a freguesia do Faial da Terra

*Fotografia do autor*

**101** Riacho na aldeia do Trilho do Sanguinho

*Fotografia do autor*

**102** Lavrador a mudar as vacas de terreno

*Fotografia do autor*

**103** Entrada de uma horta na aldeia do Trilho do Sanguinho

*Fotografia do autor*

**104** Percurso para a aldeia do Trilho do Sanguinho

*Fotografia do autor*

**105** Trilho do Sanguinho

*Fotografia do autor*

**106** Aldeia do Trilho do Sanguinho

*Fotografia do autor*

**107** Cascata do Trilho do Sanguinho

*Fotografia de Maria Banha*

**108** Aldeia do Trilho do Sanguinho

*Fotografia de Maria Banha*

**109** Aldeia do Trilho do Sanguinho

*Fotografia de Maria Banha*

**110** Trilho do Sanguinho

*Fotografia de Maria Banha*

**111** Planta esquemática para mostrar o conceito utilizado

*Realizada pelo autor*

**112** Estábulo na aldeia do Trilho do Sanguinho

*Fotografia de Maria Banha*

**113** Planta esquemática para mostrar a localização dos novos edifícios propostos

*Realizada pelo autor*

**114** Planta esquemática para identificar os vários edifícios constituintes da aldeia

*Realizada pelo autor*

**115** Sem título

*Fotografia de Maria Banha*

**116** Aldeia do Trilho do Sanguinho

*Fotografia de Maria Banha*

**117** Axonometria explicativa da intervenção nas ruínas

*Realizada pelo autor*

**118** Planta de localização da casa Natália, Torreão e Ruína (3)

*Realizada pelo autor*

**119** Fotografia da casa Natália, Torreão e Ruína (3)

*Fotografia de Maria Banha*

**120** Planta de cobertura da casa Natália, Torreão e Ruína (3)

*Realizada pelo autor*

**121** Planta piso 1 da casa Natália, Torreão e Ruína (3)

*Realizada pelo autor*

**122** Planta piso térreo da casa Natália, Torreão e Ruína (3)

*Realizada pelo autor*

**123** Corte longitudinal da casa Natália, Torreão e Ruína (3)

*Realizado pelo autor*

**124** Corte longitudinal da casa Natália (3)

*Realizado pelo autor*

**125** Alçado da casa Natália, Torreão e Ruína (3)

*Realizado pelo autor*

**126** Corte Transversal do Torreão (3)

*Realizado pelo autor*

**127** Corte Transversal da casa Natália (3)

*Realizado pelo autor*

**128** Corte Transversal da Ruína (3)

*Realizado pelo autor*

**129** Axonometria da casa Natália, Torreão e Ruína (3)

*Realizado pelo autor*

**130** Planta de localização da ruína (4)

*Realizada pelo autor*

**131** Interior da ruína (4)

*Fotografia de Maria Banha*

**132** Interior da ruína (4)

*Fotografia de Maria Banha*

**133** Exterior da ruína (4)

*Fotografia de Maria Banha*

**134** Planta de cobertura da ruína (4)

*Realizada pelo autor*

**135** Planta à cota 3.50 da ruína (4)

*Realizada pelo autor*

**136** Planta piso térreo da ruína (4)

*Realizada pelo autor*

**137** Corte transversal da ruína (4)

*Realizado pelo autor*

**138** Corte longitudinal da ruína (4)

*Realizado pelo autor*

**139** Alçado tardoz da ruína (4)

*Realizado pelo autor*

**140** Alçado principal da ruína (4)

*Realizado pelo autor*

**141** Alçado lateral esquerdo da ruína (4)

*Realizado pelo autor*

**142** Alçado lateral direito da ruína (4)

*Realizado pelo autor*

**143** Axonometria da ruína (4)

*Realizado pelo autor*

**144** Planta de localização da ruína (5)

*Realizada pelo autor*

**145** Interior da ruína (5)

*Fotografia de Maria Banha*

**146** Interior da ruína (5)

*Fotografia de Maria Banha*

**147** Exterior da ruína (5)

*Fotografia de Maria Banha*

**148** Planta de cobertura da ruína (5)

*Realizada pelo autor*

**149** Planta à cota 3.90 da ruína (5)

*Realizada pelo autor*

**150** Planta piso térreo da ruína (5)

*Realizada pelo autor*

**151** Planta piso -1 da ruína (5)

*Realizada pelo autor*

**152** Corte longitudinal da ruína (5)

*Realizado pelo autor*

**153** Corte longitudinal da ruína (5)

*Realizado pelo autor*

**154** Corte transversal da ruína (5)

*Realizado pelo autor*

**155** Alçado principal da ruína (5)

*Realizado pelo autor*

**156** Alçado tardoz da ruína (5)

*Realizado pelo autor*

**157** Alçado lateral direito da ruína (5)

*Realizado pelo autor*

- 158** Alçado lateral esquerdo da ruína (5)  
*Realizado pelo autor*
- 159** Axonometria da ruína (5)  
*Realizada pelo autor*
- 160** Planta de localização da casa Araújo Grande (6)  
*Realizada pelo autor*
- 161** Exterior da casa Araújo Grande (6)  
*Fotografia do autor*
- 162** Planta de cobertura da casa Araújo Grande (6)  
*Realizada pelo autor*
- 163** Planta piso 1 da casa Araújo Grande (6)  
*Realizada pelo autor*
- 164** Planta piso térreo da casa Araújo Grande (6)  
*Realizada pelo autor*
- 165** Corte transversal da casa Araújo Grande (6)  
*Realizado pelo autor*
- 166** Corte transversal da casa Araújo Grande (6)  
*Realizado pelo autor*
- 167** Corte longitudinal da casa Araújo Grande (6)  
*Realizado pelo autor*
- 168** Alçado principal da casa Araújo Grande (6)  
*Realizado pelo autor*
- 169** Alçado lateral direito da casa Araújo Grande (6)  
*Realizado pelo autor*
- 170** Alçado tardoz da casa Araújo Grande (6)  
*Realizado pelo autor*
- 171** Axonometria da casa Araújo Grande (6)  
*Realizada pelo autor*
- 172** Planta de localização das ruínas (7)  
*Realizada pelo autor*
- 173** Exterior das ruínas (7)  
*Fotografia de Maria Banha*

**174** Interior das ruínas (7)

*Fotografia do autor*

**175** Exterior das ruínas (7)

*Fotografia do autor*

**176** Planta de cobertura das ruínas (7)

*Realizada pelo autor*

**177** Planta piso 1 das ruínas (7)

*Realizada pelo autor*

**178** Planta piso térreo das ruínas (7)

*Realizada pelo autor*

**179** Corte longitudinal das ruínas (7)

*Realizado pelo autor*

**180** Corte transversal das ruínas (7)

*Realizado pelo autor*

**181** Alçado principal das ruínas (7)

*Realizado pelo autor*

**182** Alçado tardo das ruínas (7)

*Realizado pelo autor*

**183** Alçado lateral direito das ruínas (7)

*Realizado pelo autor*

**184** Alçado lateral esquerdo das ruínas (7)

*Realizado pelo autor*

**185** Axonometria das ruínas (7)

*Realizada pelo autor*

**186** Planta de localização da casa José Branco (8)

*Realizada pelo autor*

**187** Exterior da casa José Branco (8)

*Fotografia de Maria Banha*

**188** Exterior da casa José Branco (8)

*Fotografia de Maria Banha*

**189** Exterior da casa José Branco (8)

*Fotografia de Maria Banha*

**190** Planta de cobertura da casa José Branco (8)

*Realizada pelo autor*

**191** Planta piso 1 da casa José Branco (8)

*Realizada pelo autor*

**192** Planta piso térreo da casa José Branco (8)

*Realizada pelo autor*

**193** Corte longitudinal da casa José Branco (8)

*Realizado pelo autor*

**194** Corte transversal da casa José Branco (8)

*Realizado pelo autor*

**195** Alçado tardoz da casa José Branco (8)

*Realizado pelo autor*

**196** Alçado principal da casa José Branco (8)

*Realizado pelo autor*

**197** Axonometria da casa José Branco (8)

*Realizado pelo autor*

**198** Planta de localização da ruína (9)

*Realizado pelo autor*

**199** Exterior da ruína (9)

*Fotografia de Maria Banha*

**200** Exterior da ruína (9)

*Fotografia de Maria Banha*

**201** Exterior da ruína (9)

*Fotografia de Maria Banha*

**202** Planta de cobertura da ruína (9)

*Realizada pelo autor*

**203** Planta piso térreo da ruína (9)

*Realizado pelo autor*

**204** Planta piso -1 da ruína (9)

*Realizado pelo autor*

- 205** Corte longitudinal da ruína (9)  
*Realizado pelo autor*
- 206** Corte transversal da ruína (9)  
*Realizado pelo autor*
- 207** Alçado principal da ruína (9)  
*Realizado pelo autor*
- 208** Alçado tardo de da ruína (9)  
*Realizado pelo autor*
- 209** Alçado lateral direito da ruína (9)  
*Realizado pelo autor*
- 210** Axonometria da ruína (9)  
*Realizada pelo autor*
- 211** Planta de localização das ruínas (10)  
*Realizada pelo autor*
- 212** Exterior das ruínas (10)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 213** Exterior das ruínas (10)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 214** Exterior das ruínas (10)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 215** Planta de cobertura das ruínas (10)  
*Realizada pelo autor*
- 216** Planta piso térreo das ruínas (10)  
*Realizada pelo autor*
- 217** Planta piso -1 das ruínas (10)  
*Realizada pelo autor*
- 218** Corte longitudinal das ruínas (10)  
*Realizado pelo autor*
- 219** Corte longitudinal das ruínas (10)  
*Realizado pelo autor*
- 220** Corte longitudinal das ruínas (10)  
*Realizado pelo autor*

- 221** Corte longitudinal das ruínas (10)  
*Realizado pelo autor*
- 222** Alçado lateral direito das ruínas (10)  
*Realizado pelo autor*
- 223** Alçado principal das ruínas (10)  
*Realizado pelo autor*
- 224** Alçado lateral esquerdo das ruínas (10)  
*Realizado pelo autor*
- 225** Axonometria das ruínas (10)  
*Realizada pelo autor*
- 226** Planta de localização da casa Armando Clara (11)  
*Realizada pelo autor*
- 227** Exterior da casa Armando Clara (11)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 228** Exterior da casa Armando Clara (11)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 229** Exterior da casa Armando Clara (11)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 230** Planta de cobertura da casa Armando Clara (11)  
*Realizada pelo autor*
- 231** Planta piso térreo da casa Armando Clara (11)  
*Realizada pelo autor*
- 232** Planta piso -1 da casa Armando Clara (11)  
*Realizada pelo autor*
- 233** Corte transversal da casa Armando Clara (11)  
*Realizado pelo autor*
- 234** Corte longitudinal da casa Armando Clara (11)  
*Realizado pelo autor*
- 235** Alçado principal da casa Armando Clara (11)  
*Realizado pelo autor*
- 236** Alçado lateral direito da casa Armando Clara (11)  
*Realizado pelo autor*

**237** Alçado tardoz da casa Armando Clara (11)

*Realizado pelo autor*

**238** Axonometria da casa Armando Clara (11)

*Realizada pelo autor*

**239** Planta de localização das ruínas (12)

*Realizada pelo autor*

**240** Exterior das ruínas (12)

*Fotografia de Maria Banha*

**241** Exterior das ruínas (12)

*Fotografia de Maria Banha*

**242** Exterior das ruínas (12)

*Fotografia de Maria Banha*

**243** Planta de cobertura das ruínas (12)

*Realizada pelo autor*

**244** Planta piso térreo das ruínas (12)

*Realizada pelo autor*

**245** Corte transversal das ruínas (12)

*Realizado pelo autor*

**246** Corte longitudinal das ruínas (12)

*Realizado pelo autor*

**247** Alçado principal das ruínas (12)

*Realizado pelo autor*

**248** Alçado lateral esquerdo das ruínas (12)

*Realizado pelo autor*

**249** Alçado lateral direito das ruínas (12)

*Realizado pelo autor*

**250** Alçado lateral esquerdo das ruínas (12)

*Realizado pelo autor*

**251** Axonometria das ruínas (12)

*Realizada pelo autor*

**252** Planta de localização da ruína (13)

*Realizada pelo autor*

- 253** Exterior da ruína (13)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 254** Exterior da ruína (13)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 255** Exterior da ruína (13)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 256** Planta de cobertura da ruína (13)  
*Realizada pelo autor*
- 257** Planta à cota 2.20 da ruína (13)  
*Realizada pelo autor*
- 258** Planta piso térreo da ruína (13)  
*Realizada pelo autor*
- 259** Corte transversal da ruína (13)  
*Realizado pelo autor*
- 260** Corte transversal da ruína (13)  
*Realizado pelo autor*
- 261** Corte longitudinal da ruína (13)  
*Realizado pelo autor*
- 262** Alçado principal da ruína (13)  
*Realizado pelo autor*
- 263** Alçado lateral esquerdo da ruína (13)  
*Realizado pelo autor*
- 264** Alçado tardoz da ruína (13)  
*Realizado pelo autor*
- 265** Alçado lateral direito da ruína (13)  
*Realizado pelo autor*
- 266** Axonometria da ruína (13)  
*Realizada pelo autor*
- 267** Planta de localização da casa Conceição Pequena (14)  
*Realizada pelo autor*
- 268** Exterior da casa Conceição Pequena (14)  
*Fotografia de Maria Banha*

- 269** Exterior da casa Conceição Pequena (14)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 270** Exterior da casa Conceição Pequena (14)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 271** Planta de cobertura da casa Conceição Pequena (14)  
*Realizada pelo autor*
- 272** Planta piso térreo da casa Conceição Pequena (14)  
*Realizada pelo autor*
- 273** Corte transversal da casa Conceição Pequena (14)  
*Realizado pelo autor*
- 274** Corte longitudinal da casa Conceição Pequena (14)  
*Realizado pelo autor*
- 275** Alçado principal da casa Conceição Pequena (14)  
*Realizado pelo autor*
- 276** Alçado tardoz da casa Conceição Pequena (14)  
*Realizado pelo autor*
- 277** Axonometria da casa Conceição Pequena (14)  
*Realizado pelo autor*
- 278** Planta de localização da ruína (15)  
*Realizado pelo autor*
- 279** Exterior da ruína (15)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 280** Exterior da ruína (15)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 281** Exterior da ruína (15)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 282** Planta de Cobertura (15)  
*Realizada pelo autor*
- 283** Planta piso térreo da ruína (15)  
*Realizada pelo autor*
- 284** Corte longitudinal da ruína (15)  
*Realizado pelo autor*

- 285** Corte transversal da ruína (15)  
*Realizado pelo autor*
- 286** Alçado principal da ruína (15)  
*Realizado pelo autor*
- 287** Alçado tardoz da ruína (15)  
*Realizado pelo autor*
- 288** Alçado lateral direito da ruína (15)  
*Realizado pelo autor*
- 289** Alçado lateral esquerdo da ruína (15)  
*Realizado pelo autor*
- 290** Axonometria da ruína (15)  
*Realizada pelo autor*
- 291** Planta de localização da casa Conceição Grande (16)  
*Realizada pelo autor*
- 292** Exterior da casa Conceição Grande (16)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 293** Exterior da casa Conceição Grande (16)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 294** Interior da casa Conceição Grande (16)  
*Fotografia de Maria Banha*
- 295** Planta de cobertura da casa Conceição Grande (16)  
*Realizada pelo autor*
- 296** Planta piso 1 da casa Conceição Grande (16)  
*Realizada pelo autor*
- 297** Planta piso térreo da casa Conceição Grande (16)  
*Realizada pelo autor*
- 298** Corte longitudinal da casa Conceição Grande (16)  
*Realizado pelo autor*
- 299** Alçado principal da casa Conceição Grande (16)  
*Realizado pelo autor*
- 300** Alçado tardoz da casa Conceição Grande (16)  
*Realizado pelo autor*

**301** Alçado lateral esquerdo da casa Conceição Grande (16)

*Realizado pelo autor*

**302** Alçado lateral direito da casa Conceição Grande (16)

*Realizado pelo autor*

**303** Axonometria da casa Conceição Grande (16)

*Realizada pelo autor*

**304** Planta de localização da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)

*Realizada pelo autor*

**305** Exterior da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)

*Fotografia de Maria Banha*

**306** Exterior da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)

*Fotografia de Maria Banha*

**307** Exterior da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)

*Fotografia de Maria Banha*

**308** Exterior da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)

*Fotografia de Maria Banha*

**309** Planta de cobertura da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)

*Realizada pelo autor*

**310** Planta piso 1 da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa (17)

*Realizada pelo autor*

**311** Planta piso térreo da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)

*Realizada pelo autor*

**312** Corte longitudinal da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo e José Festa (17)

*Realizado pelo autor*

**313** Corte transversal da casa José Festa e Anexo (17)

*Realizado pelo autor*

**314** Corte transversal da casa Manuel Festa (17)

*Realizado pelo autor*

**315** Corte transversal da casa Manuel Rebelo (17)

*Realizado pelo autor*

**316** Alçado principal da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo e José Festa (17)

*Realizado pelo autor*

**317** Alçado lateral esquerdo da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)

*Realizado pelo autor*

**318** Alçado lateral direito da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)

*Realizado pelo autor*

**319** Axonometria da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)

*Realizada pelo autor*

**320** Planta de localização da casa João Moleiro (18)

*Realizada pelo autor*

**321** Exterior da casa João Moleiro (18)

*Fotografia de Maria Banha*

**322** Planta de cobertura da casa João Moleiro (18)

*Realizada pelo autor*

**323** Planta piso térreo da casa João Moleiro (18)

*Realizada pelo autor*

**324** Corte longitudinal da casa João Moleiro (18)

*Realizado pelo autor*

**325** Corte transversal da casa João Moleiro (18)

*Realizado pelo autor*

**326** Alçado principal da casa João Moleiro (18)

*Realizado pelo autor*

**327** Alçado tardoz da casa João Moleiro (18)

*Realizado pelo autor*

**328** Axonometria da casa João Moleiro (18)

*Realizado pelo autor*





## I | INTRODUÇÃO

Em 2015 iniciou-se a liberalização do espaço aéreo da Região Autónoma dos Açores, observando-se um crescimento muito significativo na atividade turística, levando à criação de investimentos que acompanhassem a curto ou a longo prazo esse mesmo crescimento. As taxas de ocupação dos empreendimentos turísticos dispararam, tal como as suas receitas. Este crescimento originou um aumento exponencial na oferta de alojamento, que varia entre o alojamento de curta duração de propriedades privadas (alojamento local), e os hotéis de cinco estrelas, cujos promotores passaram a ver nos Açores um destino rentável para os seus investimentos.

Apesar da preocupação na realização desses mesmos investimentos, a verdade, é que o que se observa, não é de todo um investimento que tem em conta o que mais distingue os Açores: a Natureza. Os investimentos são realizados como em qualquer outro local, ou seja, apesar de se publicitar o “verde”, o “natural”, na verdade investe-se em hotéis e atividades que pouco estão relacionadas com estas dimensões.

Assim, a proposta centra-se no turismo rural, tendo o interesse em explorar o tema da sustentabilidade, tentando captar a essência dos trilhos da ilha e principalmente da zona escolhida, Faial da Terra, e potenciar através do programa que irá ser proposto, as qualidades e sensações que os mesmos possuem e possam despertar em quem os frequenta.

## QUESTÕES DE TRABALHO

De que modo pode o turismo rural sustentável ser uma fonte viável no desenvolvimento do turismo nos Açores?

Será a particularidade de habitar o trilho uma nova forma de potenciar o turismo rural nos Açores?

De que forma a arquitetura vernacular açoriana pode influenciar e dar resposta às exigências do turismo de hoje?

## OBJETIVOS

O presente documento tem como objetivo estabelecer a ligação entre os elementos existentes na aldeia e os novos elementos propostos, aplicando a palavra “sustentável” tanto aos materiais utilizados como ao programa proposto.

Este programa irá conter diversas atividades tais como a prática da agricultura, a criação de gado, os desportos de Natureza, espaços de lazer, zona de restauração, espaços de comércio e turismo rural, atividades estas, que constituirão um programa que funcionará interligado como uma espécie de ciclo, pois o que se obtiver numa parte do mesmo será aplicado noutra parte, tentando assim alcançar a sustentabilidade.

A intervenção na aldeia terá como base a utilização de materiais locais, como o basalto e a madeira, tentando incorporar na arquitetura vernacular açoriana os traços de uma arquitetura contemporânea, aproveitando as ruínas e casas existentes.

## METODOLOGIA

Numa primeira fase, pretende-se aprofundar o conhecimento sobre os vários temas enunciados anteriormente através de uma base bibliográfica, e, a partir desta, procurar e investigar sobre novos temas e hipóteses de trabalho.

Na segunda fase, será feita uma deslocação pessoal à ilha de São Miguel, mais concretamente à freguesia do Faial da Terra, a fim de tentar compreender espacial, social e historicamente a freguesia. Tentar-se-á contactar com identidades locais e falar com algumas pessoas no sentido de tentar perceber e identificar possíveis áreas de trabalho.

Segue-se uma terceira fase que será dedicada à recolha e análise dos vários elementos disponíveis da área de intervenção, com o objetivo de adquirir e, posteriormente, aprofundar, o conhecimento sobre o lugar.

Numa quarta fase, analisam-se casos de estudo relevantes e que consigam ajudar a desenvolver a proposta.

A quinta etapa centra-se na conceção da proposta arquitetónica com base nos temas estudados anteriormente, fazendo a ponte entre a teoria e a prática. Também nesta fase procede-se à conclusão do trabalho, à execução das peças finais e comunicação do projeto.

Por último, a sexta fase, refere-se a uma análise crítica dos resultados e conclusões obtidas.

## II | ARQUIPÉLAGO, ILHA E FREGUESIA.



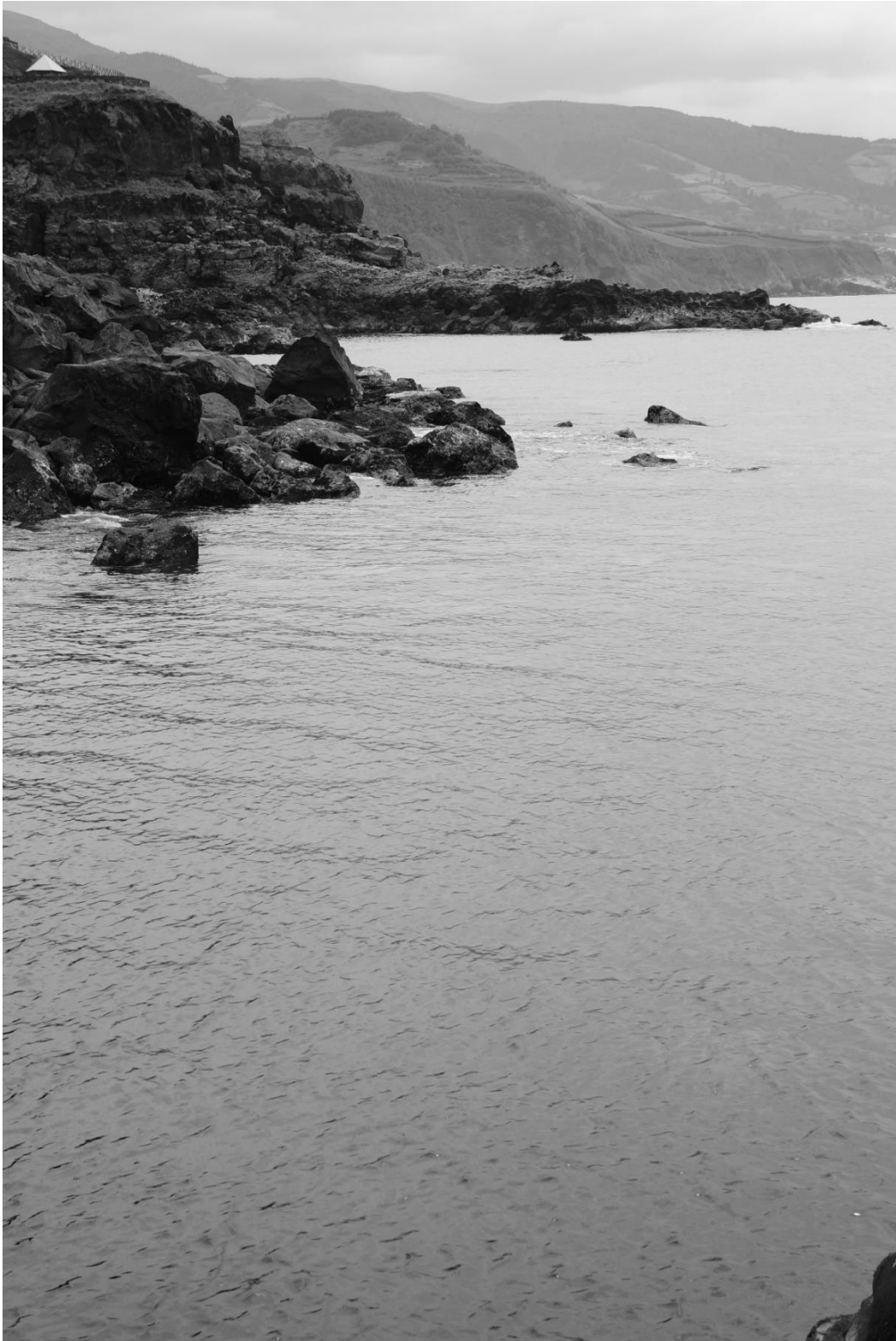
*“A maior impressão com que saí destas terras metidas nos vulcões, povoados com a montanha por trás a ameaçá-los de submersão, como uma onda de pedra que vai cair na mudez, foi o medo ao isolamento: sente-se a gente perdida e só para todo o sempre, com o mesmo panorama restrito diante dos olhos. Uma vida inteira ao pé disto sem poder fugir senão para a morte!”<sup>1</sup>*

Brandão

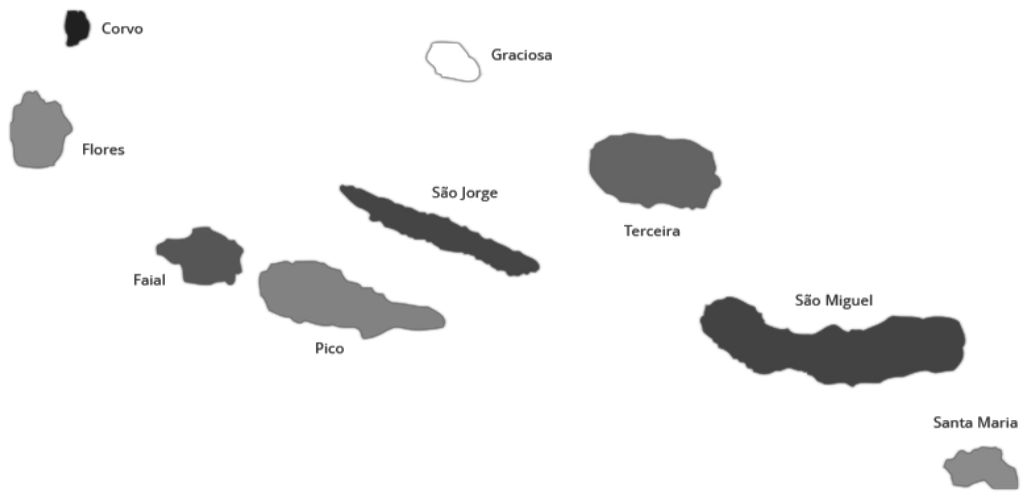
---

<sup>1</sup> TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; CALDAS, João Vieira; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vítor – *Arquitectura Popular dos Açores*. Ordem dos Arquitectos. 2ª Edição. Lisboa. 2007. P. 20



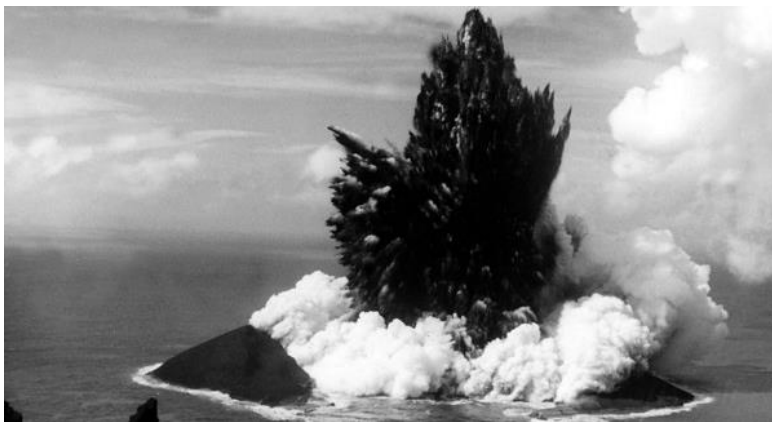


1 *Costa Norte de São Miguel*



2 *Mapa dos Açores*

Constituído por nove ilhas de origem vulcânica, o arquipélago dos Açores situa-se a Norte do Oceano Atlântico, estendendo-se ao longo de aproximadamente 600 km. Divide-se em três grupos em função da proximidade entre ilhas: grupo Ocidental (Flores e Corvo); grupo Central (Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial) e o grupo Oriental (São Miguel e Santa Maria).



3 Vulcão dos Capelinhos na Ilha do Faial

*“O aspeto morfológico diferente, das várias ilhas, é o resultado dos tipos de erupção, mais ou menos violentos, que lhes deram origem”<sup>2</sup>.*

Devido à sua proveniência vulcânica, o arquipélago apresenta uma paisagem natural única, “desenhada” por montes, planícies e fajãs, que sustenta uma diversidade de ecossistemas, alguns exclusivos e característicos das ilhas, e muita da economia local. Através de um processo de ocupação que se desenvolveu em três fases distintas: a primeira fase de reconhecimento (em que provavelmente as ilhas já seriam reconhecidas na Antiguidade);

---

<sup>2</sup> TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; CALDAS, João Vieira; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vítor – *Arquitectura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos. 2ª ed. 2007, p.16. in FREITAS, Jaime – *Introdução Geográfica à 1ª versão não publicada da «Arquitectura Popular dos Açores»*. 1985. Lisboa



4 Anónimo, Século XIX: 1800-1825, estampa. Col. B.N

a segunda fase com o transporte de animais e produtos conhecidos para testar o solo e, por fim, numa terceira fase que corresponde à fixação dos colonos. Sabe-se que Santa Maria foi a primeira ilha a ser colonizada, seguida de São Miguel. Contudo, não se podendo afirmar com certeza a data e a origem dos povoadores pensa-se, através da carta de D. Afonso V, de 1439, “onde se refere que o Infante D. Henrique mandou lançar as ovelhas nas setes ilhas dos Açores”<sup>3</sup>, que as ilhas do grupo Oriental e Central eram conhecidas no séc. XV, tendo as ilhas do grupo Ocidental sido descobertas posteriormente. No entanto, o povoamento desenvolveu-se praticamente da mesma forma com os colonos a fixarem-se de diversas maneiras nas terras baixas do litoral, devido às grandes discrepâncias relativamente ao relevo, bem como ao receio do desconhecido, do mar e dos piratas, como refere Jaime Freitas:

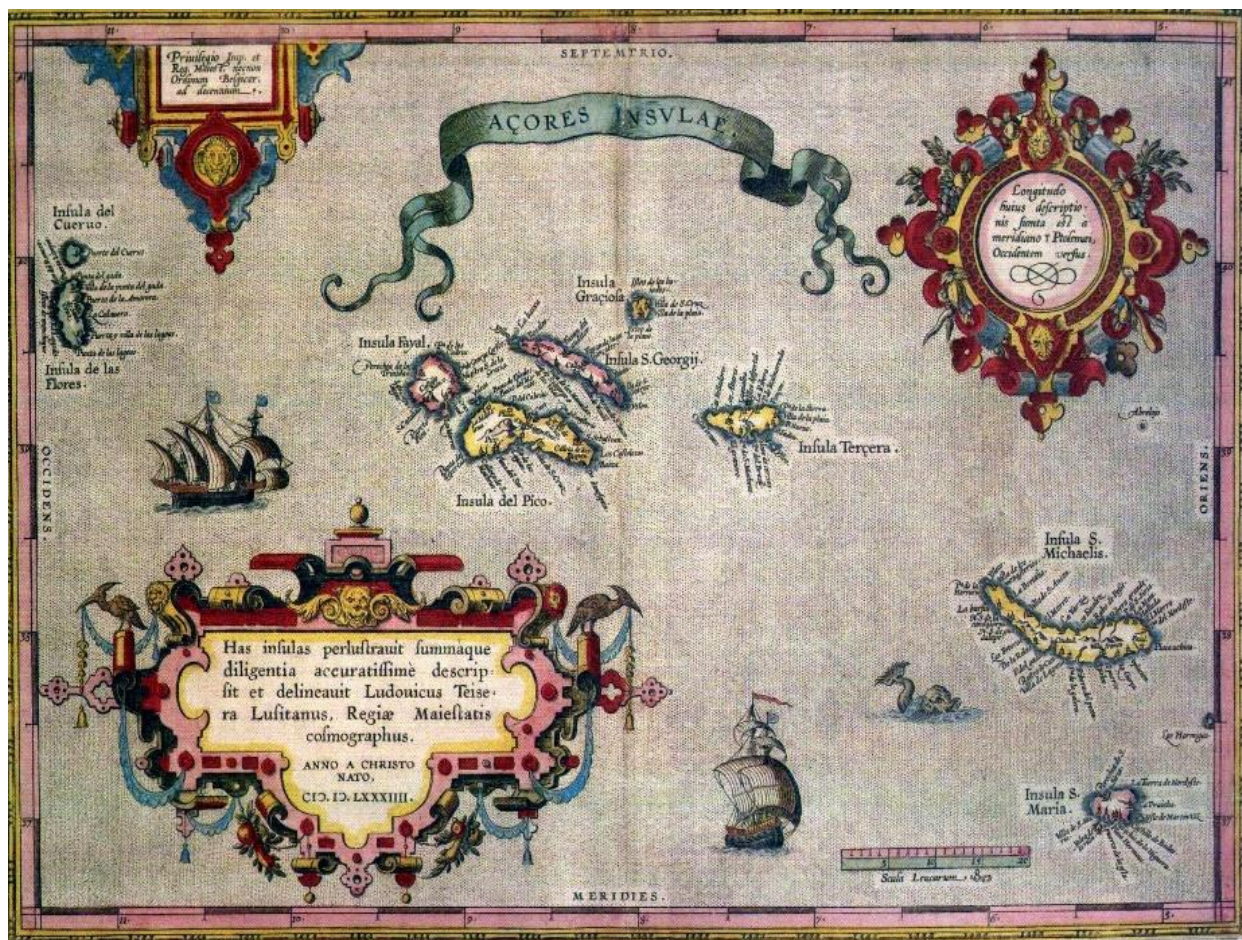
*“Uma sobreocupação florestal e um relevo vigoroso dificultaram aos primeiros povoadores a penetração para o interior de algumas ilhas”<sup>4</sup>.*

Marcada pela insularidade, a sociedade açoriana caracteriza-se sobretudo pela ruralidade e tradição agrícola. Apesar dos vestígios da pesca ou da criação do gado, nunca se demarcou desta atividade que muito contribuiu para a produção de bens da terra, determinando também, como já foi referido, a fixação na zona litoral, através de uma faixa paralela e relativamente afastada da costa, acentuado assim um “virar de costas” ao mar infinito e hostil.

---

<sup>3</sup> Idem. p. 18

<sup>4</sup> Idem. p.18



5 Primeiro mapa dos Açores com todas as ilhas do arquipélago por Luís Teixeira e Abraham Orlellus, de 1584



6 Calhetas, São Miguel, reconstrução de cobertura com telha de meia-cana

Tirando partido do que a ilha “proporcionava”, a habitação rural nos Açores “nasceu” e “cresceu” num território livre, através de uma planta geométrica simples, rigorosa e repetitiva. A utilização constante de basalto negro, coberturas pouco inclinadas, constituídas por telha de meia-cana apoiada numa estrutura de madeira e as paredes divisórias formadas por tabiques ou por simples frontais em madeira, fizeram com que a casa rural açoriana tenha aspetos construtivos comuns a todas as ilhas:

*“ (...) os tirantes em número de dois amarram as paredes e marcam as divisões internas. Por cima dos tirantes, segue em todo o comprimento o frechal; que por sua vez suporta as “tesouras”, ou sejam dois barotes em frente um do outro, desde a cumieira até ao frechal, onde assentam por meio de um entalhe em forma de dente, na sua quina interna. Cerca de meio metro abaixo da cumieira, há, em sentido horizontal um outro barrote que liga as duas tesouras entre si e ao qual dão o nome de “nível” (...)”<sup>5</sup>.*

O forno, enquanto elemento caracterizado da casa rural açoriana – no seu acabamento, volumetria e dimensão, como também no modo como se articula com a cozinha – contribui para a coesão familiar. A cozinha torna-se o “centro” da casa, alterando a volumetria e organização interna da mesma, consoante a sua posição, e adquire um papel importante no modo de vida da família, sendo considerado como o espaço do fogo, da reunião. Assim, como é referido na obra *Arquitetura Popular dos Açores*, podem sistematizar-se três grandes grupos de casas populares:

---

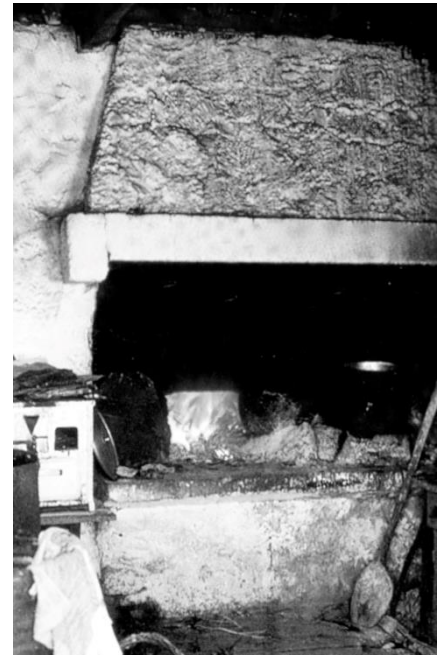
<sup>5</sup> TOSTÕES, Ana et al – *Arquitetura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos. 2ª ed. 2007, p.24. in DIAS, Maria Alice Borba Lopes – *Ilha Terceira, estudo de linguagem e etnografia*. 1982. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira.

- a casa com cozinha dissociada, a qual tanto pode estar fisicamente separada do restante corpo da habitação, como unida por um telheiro, como encostada (com ou sem comunicação interna);

- a casa linear, de frente única, na qual os compartimentos se sucedem em linha (reta ou em “L”), com cozinha num dos extremos;

- a casa integrada, com um volume unitário e composição espacial muitas vezes simétrica (visível na fachada janela-porta-janela), geralmente dobrada (com compartimentos para a frente e para trás), estando a cozinha englobada na volumetria geral, onde se salienta o forno.

Como anteriormente foi referido, apesar de não se conhecer verdadeiramente a data e os povoadores das ilhas, pensa-se que as características da casa rural açoriana foram muito influenciadas por pessoas provenientes do Continente que poderão, numa primeira fase de povoamento, ter transportado para o novo território as formas e os processos de construção conhecidos à época. Contudo, estes “vestígios” não são comuns em todas as ilhas, chegando, inclusivamente, a variar numa única ilha, o que leva a concluir, que, confrontando-se com uma rápida necessidade de adaptação ao sítio e aos materiais existentes, os primeiros colonos, terão produzido um modelo híbrido, em que utilizaram as técnicas provenientes do Continente, aproveitando os materiais locais.



**7** Santa Luzia, Pico, forno exterior com chaminé



8 *Rua na freguesia da Maia em São Miguel*

### III | ARQUIPÉLAGO, **ILHA** E FREGUESIA.



*“Algumas ilhas são mesmo formadas por troços de várias idades que, sucessivamente, se foram reunindo: São Miguel, ilha mais complexa, é um dos exemplos da articulação de troços diferentes. É constituída por vários maciços eruptivos, criados nos flancos por inúmeros cones secundários e, por vezes, troncados no topo pelo abatimento das crateras, (...) o maciço das Sete Cidades, com a sua complexidade corresponde a um bom exemplo de aparelho vulcânico académico, (...). Apesar do processo genético e evolutivo das ilhas ser muito controverso, este maciço afigura-se-nos o mais jovem de São Miguel”<sup>6</sup>*

Freitas

---

<sup>6</sup> TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; CALDAS, João Vieira; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vítor – *Arquitectura Popular dos Açores*. Ordem dos Arquitectos. 2ª Edição. Lisboa. 2007. p. 82





9 *Vista sobre a Ribeira Grande em São Miguel*



Considerada a maior ilha do Arquipélago, com 62,1 quilómetros de comprimento, 15,8 quilómetros de largura máxima e uma área de cerca de 746,82 km<sup>2</sup>, alberga mais de metade da população açoriana: 137 856 habitantes; e é caracterizada por um relevo montanhoso, recortado por vales, grotas e ribeiras, constituindo assim,

*“a unidade mais complexa e diversificada do arquipélago, quer pela riqueza de relevos que contém, quer pelos tipos diferentes de ocupação humana que alberga, visíveis na forma das explorações agrárias e na estrutura dos seus povoados”<sup>7</sup>.*

Foi a segunda ilha a ser povoada, entre 1427 e 1431, na Vila da Povoação, sob a liderança de Gonçalo Velho Cabral, através de colonos, pensa-se, oriundos das regiões do Norte, Estremadura, Algarve e Alentejo. Posteriormente chegaram comunidades de mouros, judeus e alguns estrangeiros, nomeadamente franceses e ingleses. Os solos férteis e a existência de algumas baías seguras rapidamente tornaram a ilha num entreposto comercial, sustentando o crescimento económico, apoiado essencialmente, no cultivo e exportação de trigo e de pastel, que dinamizaram o povoamento da ilha.

Vila Franca do Campo era à data a capital de São Miguel, até ao terramoto de Outubro de 1522, que deixou um rasto de destruição por toda a localidade, tendo Ponta Delgada assumido, então, um papel primordial, que levaram à sua elevação à categoria de cidade em 1546.

“ (...) De certa forma sou igual a tantos outros espalhados pelo mundo (...) ”

---

<sup>7</sup> Idem, p. 85



10 Estufa de ananases em São Miguel



11 Secagem de tabaco em São Miguel

O final do século XVI foi marcado por ataques de corsários e São Miguel foi ocupada por tropas espanholas em 1582, no contexto da resistência açoriana às forças militares do novo rei de Portugal, Filipe II de Espanha. Após a Restauração da Monarquia Portuguesa, em 1640, o desenvolvimento comercial ganhou novo fôlego, estreitando-se a ligação ao Brasil.

A exportação da laranja, principalmente para a Grã-Bretanha, constituiu a principal fonte de riqueza entre o século XVIII e meados da centúria seguinte. Datam desta altura grande parte das igrejas com rica talha dourada e dos solares de refinada cantaria que hoje deslumbram os visitantes. A dizimação dos laranjais por doenças infestantes, a partir de 1870, reduziu drasticamente a produção e levou a um surto de emigração da população para o Brasil e para os Estados Unidos.

A introdução de novas culturas – ananás, chá e tabaco – dinamizou a expansão económica do século XIX. A economia micaelense manteve-se pujante no século XX, principalmente devido ao desenvolvimento da agropecuária, que alimenta parte da indústria transformadora de laticínios. Todavia, a partir da década de 1980, o progresso do sector terciário foi sendo cada vez mais notório, ocupando atualmente a maioria da população micaelense. Nesta vertente, o turismo é uma das apostas mais recentes de São Miguel, ilha que serve de sede ao Governo Regional dos Açores.

“ (...) mas há um pequeno pormenor, que faz uma grande diferença, e me distingue. (...) ”



12 *Secagem de chá na Gorreana em São Miguel*



*“O micalense...é ele que levanta a enxada mais alto, a crava mais fundo...e com mais vigor lhe extrai a terra já dócil ao grão, e já penetrável ao tubérculo”<sup>8</sup>*

Vitorino Nemésio

---

<sup>8</sup> Frase retirada de um quadro na praça de Ponta Delgada



13 *Trabalhadores na apanha do chá*

Tal como foi referido, São Miguel foi a segunda ilha a ser descoberta e povoada, tendo a Vila da Povoação sido a primeira área a ser fixada por gentes na ilha, curiosamente, um dos locais de litoral abrigado mais próximo de Santa Maria, garantindo proteção da ilha vizinha, única até a data conhecida. Impunha-se a transformação da paisagem natural, para que com o passar do tempo, fosse criado o espaço do homem, tentando perceber como se haveria de intervir num verde contínuo e denso.

“ (...) Foi com a utilização do método de “roçagem” e do “enfogueiramento” que os povoadores conseguiram modificar a paisagem, para nela forjarem o seu território. (...) na primeira fase de transformação do solo, o terreno era tratado em três frentes sequenciais. Primeiro, as árvores eram derrubadas, depois o mato era “roçado”, com machados e foices roçadoras, de cabo comprido, e, por último, tudo o que não se podia aproveitar, era “enfogueirado” (...)”<sup>9</sup>

Quando as condições de cultivo e de exploração se revelaram mais propícias, aos poucos, o interesse pela primeira ilha descoberta foi diminuindo, havendo como que, uma transição dos valores utilizados em Santa Maria, como o método de “roçagem” ou até o sistema de construção das habitações, para a terra micalense. Nesta, rapidamente os povoadores notaram dificuldades de ligação e continuidade, tanto para o interior como para a costa, levando a que se fundassem outras localidades em áreas mais amplas, fazendo com que a Vila da Povoação perdesse importância para as então criadas, Vila Franca e, posteriormente, Ponta Delgada.

“ (...) Eu sou de São Miguel, Açores, um pequeno paraíso escondido no meio do Atlântico. (...) ”

---

<sup>9</sup> ALMEIDA, Rui Miguel Goulart de – *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel Séculos XV a XVIII*. Presidência do Governo Regional dos Açores/ Direção Regional da Cultura. 2012. p. 44 e 45



14 Vista aérea dos Arrifes (F.A.P)



15 Relva



16 Relva Vista aérea da Ribeirinha (F.A.P)

Desta forma, a ocupação humana efetuou-se nas imediações do litoral, frequentemente nas linhas de fecho das encostas e colinas, sendo os maiores ou principais núcleos urbanos localizados nos quadrantes meridionais e de sul, ou sol-nascente, das ilhas. Os poucos vales existentes foram igualmente favoráveis ao povoamento, tanto dentro das caldeiras nos maciços vulcânicos, como as Furnas, como no litoral, no Faial da Terra, freguesia que se vai estudar ao longo do documento.

Naturalmente, por ser a maior ilha do Arquipélago, São Miguel apresenta maior número de povoados, bem como maior hierarquização entre os mesmos, possuindo maior tendência para desenvolver agregados do tipo urbano.

“ (...) O povoamento apresenta, já desde o século XVI, algumas linhas de força principais: um desenvolvimento dos núcleos ao redor de toda a ilha, dispostos ao longo da coroa povoada do litoral ou próximos da costa, em ligação com os sectores primários da economia; um crescimento linear ao longo da costa sul (articulado com a indústria e o terciário) unindo as principais vilas a Ponta Delgada; (...)”<sup>10</sup>.

Mais recentemente, ligados aos mesmos sectores, observou-se um crescimento dos quatro pólos da plataforma central, constituídos por Capelas, Ribeira Grande, Ponta Delgada e Lagoa, com polarização na capital, devido à relação e capacidade de ligação com o exterior.

---

<sup>10</sup> TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; CALDAS, João Vieira; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vitor – *Arquitectura Popular dos Açores*. Ordem dos Arquitectos. 2ª Edição. Lisboa. 2007. p.90

*“ (...) A geografia, para nós, vale outro tanto como a história, e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar. (...) ”*<sup>11</sup>

Vitorino Nemésio

---

<sup>11</sup> NEMÉSIO, Vitorino – *Açorianidade*. In Onésimo Teotónio de Almeida, A questão da literatura açoriana. Recolha de intervenções e reavistação. Nº 7-8. p. 32-34. Angra do Heroísmo. Secretaria Regional da Educação e Cultura. 1983



17 *Rapaz na rocha na freguesia da Maia em São Miguel*

Os Açores em geral e a ilha de São Miguel em particular tornaram-se indispensáveis a um reino que pretendia a conquista de espaços e povos um pouco por todo o mundo. A produção agrícola, não esquecendo a sobrevivência dos colonos locais, era prioritária, levando a que a terra micaelense alterasse a sua paisagem original de forma radical, originando sucessivos ciclos de culturas de mercado que foram marcando e caracterizando o próprio território.

“ (...) De uma paisagem imaculada, luxuriante e fértil, surgiu a paisagem do homem: de construção e de produção, que, da vegetação densa, criou uma nova imagem, rapidamente substituindo a encontrada pelos povoadores (...) ” <sup>12</sup>

Consequentemente, entende-se que grande parte do sustento provinha do “campo” que circundava o próprio aglomerado, e, quanto maior, melhor seria a sua capacidade de produzir e, posteriormente, guardar. O restante viria de longe, tanto de dentro como de fora da ilha. Desde sempre que os campos e os aglomerados se misturaram, levando a que, mesmo nos dias de hoje, seja difícil distinguir os dois, marcando de forma vincada a paisagem Açoriana. No século XV, São Miguel mantinha ainda grande parte do seu manto verde (Fig. 18), já sendo conhecida a presença do homem em algumas freguesias da costa sul, nomeadamente, desde Povoação às Feteiras, enquanto, Nordeste, Ribeira Grande e a Maia não passavam de pontos soltos, envolvidos e isolados na paisagem.

“ (...) Para mim voar para longe de casa foi complicado. Como se abandona, de livre vontade e bom grado, este pequeno cantinho de céu? (...) ”

---

<sup>12</sup> ALMEIDA, Rui Miguel Goulart de – *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel Séculos XV a XVIII*. Presidência do Governo Regional dos Açores/ Direção Regional da Cultura. 2012. p.175

Dominava sobretudo a produção de cana-de-açúcar e de trigo, primeiras culturas praticadas na ilha, sendo que mais tarde, e como referido anteriormente, a produção do pastel<sup>13</sup> veio substituir a cana-de-açúcar, tornando-se numa das grandes fontes de exportação da ilha. Comparativamente ao século anterior, no século XVI verificou-se uma grande evolução na paisagem (Fig. 19), resultante de um crescimento da população, dos seus agregados e das suas diversificadas produções. São Miguel viveu o maior impulso de desenvolvimento de sempre.

Contudo, ainda no século XVI, algumas das culturas começaram a decair na sua procura, levando a que, nos finais de quinhentos, o tão procurado e desejado pastel, apresentasse também declínio na sua atividade, que, devido aos excessivos impostos, à sua falsificação e ao aparecimento do anil na Europa, levou ao seu desaparecimento por completo no século XVIII. Desenvolveu-se então, por seu turno, a cultura do milho, da vinha e das frutas, nomeadamente da laranja, que ganhou relevo na segunda metade do século XVIII com a importante exportação para a Inglaterra. Ainda assim, no século XIX, a produção da laranja sofre um declínio, levando ao início da produção de chá, tabaco e de ananás. São Miguel, “ (...) chegara, em finais de XVIII, inícios de XIX, a um tal desenvolvimento da produção que a sua paisagem mais parecia uma máquina do que uma ilha (...)”<sup>14</sup>

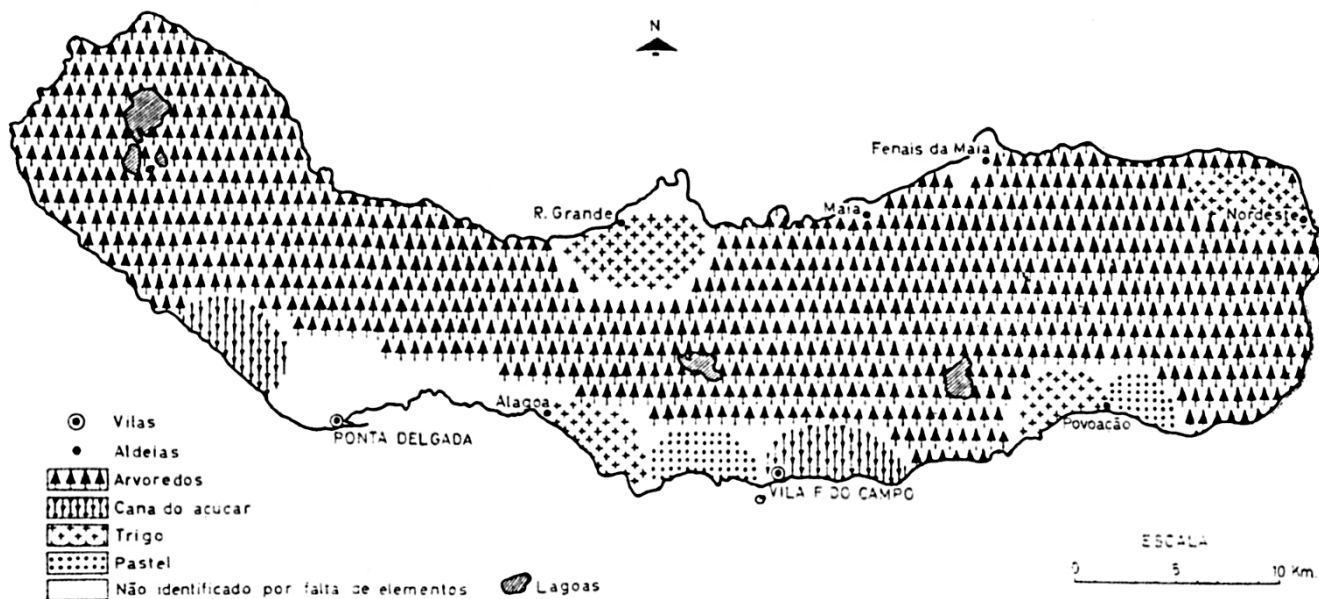
“ (...) Verdade seja dita, que não tinha outra opção, o meu grande sonho sempre foi estudar arquitetura e, para isso (...) ”

Hoje, apenas restam na paisagem as memórias das explorações antigas, substituídas pelas marcas das explorações mais recentes, que vão dando lugar à criação de gado, que sendo uma atividade antiga na ilha, tem vindo a aumentar de importância nos últimos decénios.

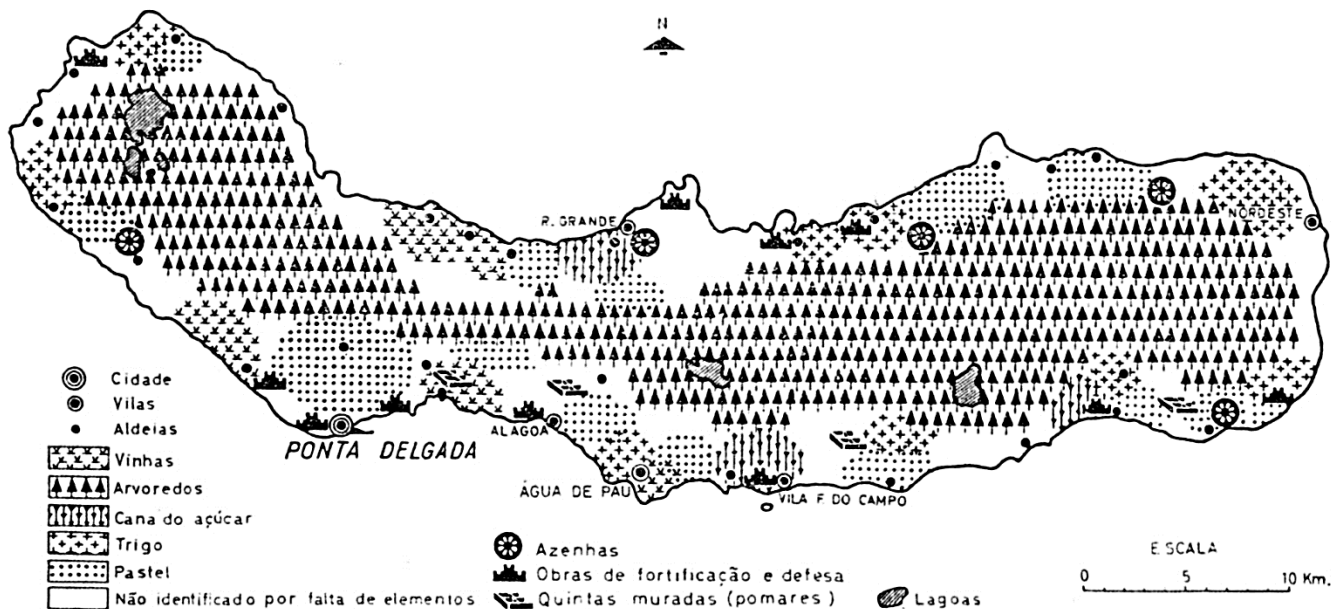
---

<sup>13</sup> *Pastel* – Produto utilizado para tingir tecidos, aparecendo, na altura, como grande novidade de exportação.

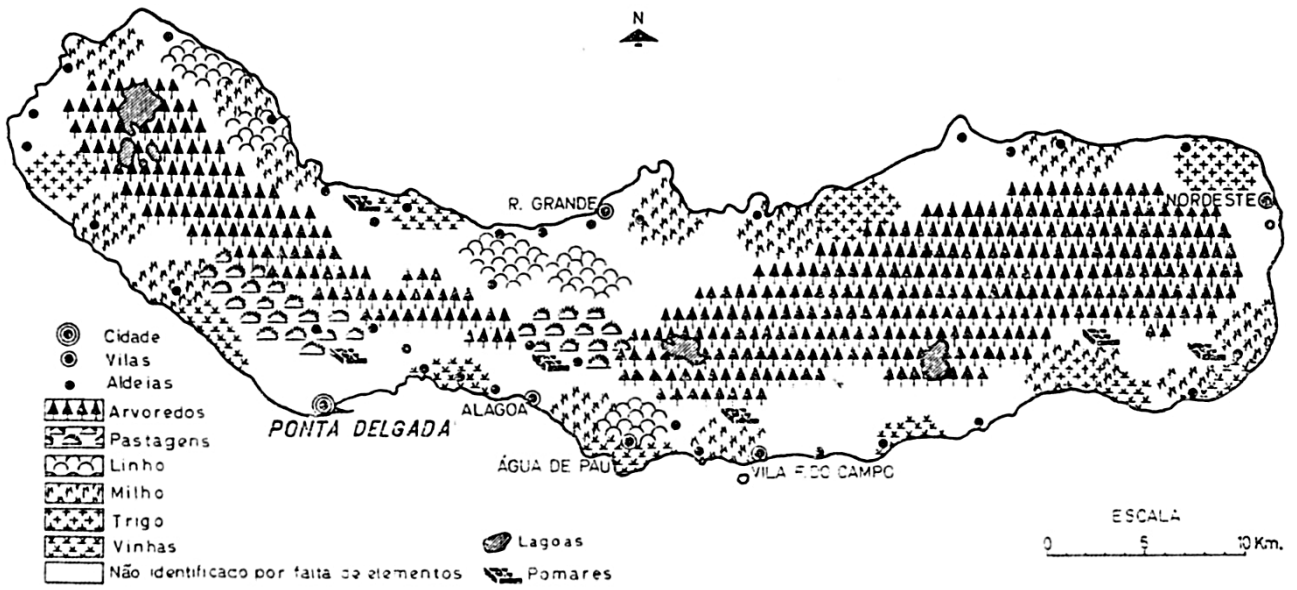
<sup>14</sup> ALMEIDA, Rui Miguel Goulart de – *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel Séculos XV a XVIII*. Presidência do Governo Regional dos Açores/ Direção Regional da Cultura. 2012. p.185



18 João de Medeiros Constância, *Esboço da Ocupação do Solo (fins do século XV)*



19 João de Medeiros Constância, *Esboço da Ocupação do Solo (fins do século XVI)*



20 João de Medeiros Constância, Esboço da Ocupação do Solo (fins do século XVIII)



21 João de Medeiros Constância, Esboço da Ocupação do Solo (fins do século XIX)

## A CONCHA

*“A minha casa é concha. Como os bichos  
Segreguei-a de mim com paciência:  
Fachada de marés, a sonho e lixos,  
O horto e os muros só areia e ausência.*

*Minha casa sou eu e os meus caprichos.  
O orgulho carregado de inocência  
Se às vezes dá uma varanda, vence-a  
O sal que os santos esboroou nos nichos.*

*E telhados de vidro, e escadarias  
Frágeis, cobertas de hera, oh bronze falso!  
Lareira aberta ao vento, as salas frias.*

*A minha casa... Mas é outra a história:  
Sou eu ao vento e à chuva, aqui descalço,  
Sentado numa pedra de memória.”<sup>15</sup>*

Vitorino Nemésio

---

<sup>15</sup> NEMÉSIO, Vitorino - *O Bicho Harmonioso*. In <http://www.jornaldepoesia.jor.br/vito01.html>. 1901 – 1978



22 Casa Grená na Lagoa das Furnas em São Miguel

A casa primitiva, a “cafua”, de pequenas dimensões, constituída por madeira e coberta de colmo, foi a evolução natural do que chamamos de “casa de palha”, igualmente de pequenas proporções, de planta retangular, formada por paredes de pedra ou barro, mantendo a sua cobertura de palha, geralmente completada por uma pequena porta e uma janela que pouco iluminava. Foi com base nestas características que se construiu a casa rural, de baixa altura, por vezes térrea, outras vezes de soalho, originando a partir da mesma, outras formas mais complexas, como a casa com falso piso (também denominada por falsa) e as casas de vila, estreitas e de sobrado. Hoje em dia, ainda é possível observar-se a “cafua”, embora não possuindo a sua original função, tendo a mesma sofrido alterações, como refere Raquel Soeiro de Brito, “ (...) assenta num sobrado com quatro rodas, podendo assim deslocar-se, puxada por bois ou cavalos, consoante a necessidade da pastagem. (...)”<sup>16</sup>.

As três grandes zonas geográficas da ilha – ocidental, central e oriental, marcadas pela sua distinta morfologia, também deixam patente essa diferença no tipo de povoamento e de agregação rural. Embora se possa afirmar que a casa mais comum é baixa, retangular, rebocada e caiada, onde predomina a cor branca e portas pintadas com cores vivas, e onde domina o telhado de duas águas, existem porém, exceções ao longo da ilha. Posteriormente, falaremos das mesmas relacionadas com a parte oriental da ilha, onde se insere o projeto a propor.

“ (...) a solução sempre passou por vir para Lisboa fazê-lo. De certa forma, acho que não tinha sucedido tão bem cá fora, se não viesse de onde venho. (...) ”

---

<sup>16</sup> BRITO, Raquel Soeiro de – *São Miguel – a Ilha Verde Estudo Geográfico (1950 – 2000)*, Fábrica de Tabaco Micaelense, SA. COINGRA – Companhia Gráfica dos Açores, Lda. EDA – Empresa de Eletricidade dos Açores, SA. Universidade dos Açores. Ponta Delgada. Abril de 2004. p.190

De acordo com a obra *Arquitetura Popular dos Açores*, há um marcar de um contraste entre a riqueza e pobreza, que leva, no caso desta última, ao desenvolvimento de casas de pequenas proporções, na maior parte das vezes, albergando uma família numerosa. “ (...) Criou-se, assim, uma tradição de minucioso aproveitamento de espaço, nomeadamente no que respeita à falsa e ao tratamento pormenorizado dos pequenos recantos com escadinhas e armários (...) ”<sup>17</sup>. Deste modo, a falsa ganha um papel importante na distribuição da casa, na medida em que funciona como um modo eficiente de ganhar espaço numa casa pequena. Corresponde ao aproveitamento interior das duas águas do telhado, mantendo a sua estrutura aparente constituída por barotes e vigas de madeira. Geralmente, ampla e sem divisões, assume a função de quarto de dormir, destinada na maior parte das vezes aos filhos, “ (...) traduzindo na minúscula dimensão das janelas, que lhe dão luz e ar, o universo infantil e a escala de quem o habita. (...) ”<sup>18</sup>.

Sintetizando, e como refere Raquel Soeiro de Brito, na obra *São Miguel a Ilha Verde*, as casas rurais podem reduzir-se aos seguintes tipos:

“ (...) É a bagagem que trazemos. Somos criados de outra forma, e por isso, vemos o mundo de outra forma. (...) ”

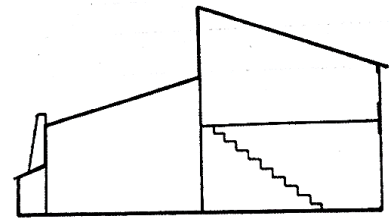
- Casa de um só piso, compreende duas possibilidades. Na primeira, a casa é constituída por uma única porta e uma única janela, representa a casa mais pequena apenas com um quarto e uma cozinha. Tanto a porta como a janela pertencem ao quarto, ficando a cozinha para o lado de trás, abrindo-se para o pátio (Fig.23). Na segunda possibilidade a casa de menores dimensões, é constituída por porta e duas janelas, em que a porta dá sempre para o corredor, abrindo ou não para o pátio, tendo só um quarto e uma cozinha, ficando esta, na fachada principal (Fig.23) Muitas vezes em frente da porta de entrada fica a porta do quintal e todo o movimento rural da casa se faz por aí, tendo noutras ocasiões necessidade de tornear pela cozinha.

---

<sup>17</sup> TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; CALDAS, João Vieira; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vítor – *Arquitetura Popular dos Açores*. Ordem dos Arquitectos. 2ª Edição. Lisboa. 2007. p.120

<sup>18</sup> Idem. p.120

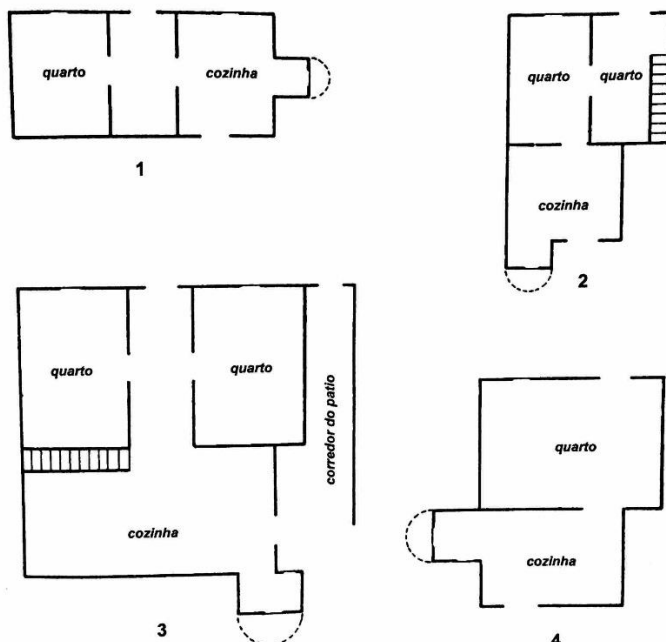
Este tipo de casas pode apresentar algumas variantes, principalmente a leste, onde a casa é mais comprida, com um largo portão de madeira sobre o qual existe, na maior parte das vezes, uma janela de pequenas dimensões. O portão abre-se para um corredor que comunica diretamente com o “pátio”. Na outra variedade, a casa tem dois quartos fronteiros, separados por um corredor e a cozinha no lado de trás. (Fig.23) A falsa é acessível através de uma escada em madeira, sem guarda, que nasce na cozinha.



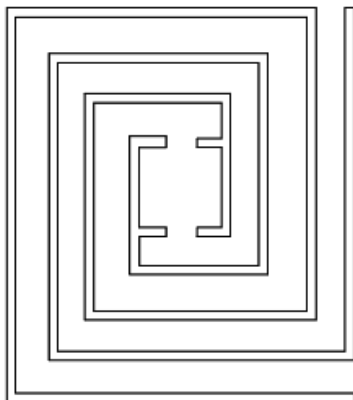
24 Corte de casa de falso andar

- Casa de falso andar, é constituída por uma porta e uma janela no rés-do-chão, com uma outra janela mais pequena no alto. Estas casas nasceram da necessidade de mais divisões, em locais onde o espaço era relativamente limitado, possuindo por isso dois quartos virados para a rua e a cozinha para as traseiras (Fig.23); a falsa poderá ser aproveitada também para zona de quartos (Fig.24).

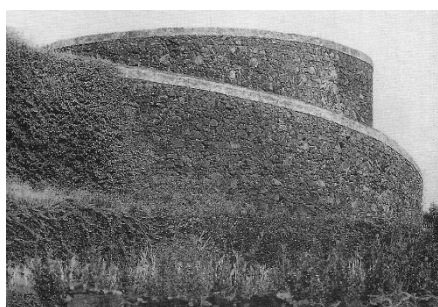
“ (...) É o que nos ajuda a sobreviver. O micaelense é aquele que tem o sal a correr nas veias, sente a areia preta a queimar nas solas dos pés e sempre que precisa de fugir, fecha os olhos e voa alto nas asas de um milhafre (...) ”



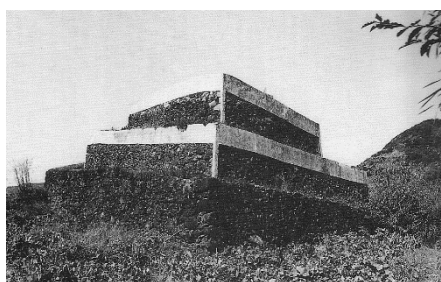
23 Plantas tipo de casas rurais. A rua fica em cima



25 *Mirante característico da Ilha de São Miguel*



26 *Caloura, Mirante*



27 *Capelas, Mirante*

“ (...) É esse o truque. Esses pequenos refúgios. Mas, como se costuma dizer, o melhor de estar fora é sempre regressar a casa. (...)”

No entanto, com larga tradição de ricas propriedades, São Miguel possui, “ (...) naturalmente, uma arquitetura ligada às grandes casas senhoriais que tanto surge nos espaços rurais como nos urbanos (...)”<sup>19</sup>. Assim, a tradição das luxuosas construções torreadas, das molduras ricas de pedra trabalhada ou das misteriosas simbologias nos guarnecimentos espalhou-se um pouco por toda a ilha, com destaque, para os arredores de Ponta Delgada. No entanto, noutras zonas da ilha é possível observar-se essas mesmas tradições, mas de uma forma mais humilde e contida, como na Relva ou Arrifes.

Ainda que possamos observar uma grande influência continental na chamada arquitetura erudita, a originalidade açoriana e o traço insular são assinalados na expressão dada pelos materiais, em particular pela pedra vulcânica negra (o basalto negro) e por uma estética, ao que parece, antissísmica, da qual sobressai nas fachadas, uma “rede” de faixas horizontais e verticais em cantaria. Assim, as grandes casas senhoriais, onde sobressaem as estufas para a cultura do ananás, possuem as suas torres de observação e o seu elemento carismático, que articula as culturas com as casas de quinta, o mirante. “ (...) São volumes maciços, de desenho simples, com acesso ao nível superior por intermédio de escadórios que os contornam em espiral (...)”<sup>20</sup>, muitas vezes construídos junto das estradas, delimitando a propriedades, ou simplesmente construídos para ocupação de terrenos para vinhas.

<sup>19</sup> Idem. p. 114

<sup>20</sup> Idem. p. 117

## HABITAÇÃO | “A zona oriental da ilha”

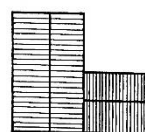
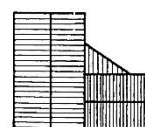
Como anteriormente referido, sendo a zona Este em que se insere a freguesia e o local a intervir, sentimos necessidade de demonstrar as variedades da habitação, no que respeita à sua organização. Posto isto, e estando presente sobre uma área que evidencia um maior número de variedade de tipos de habitação e formas de agregados, podemos dividir a mesma em três subzonas. A norte, entre a Achada e o Nordesteinho, com uma ocupação construída empena-a-empena ou com fraca dispersão, predomina a *casa integrada*. A nascente, do Nordeste a Água Retorta, encontram-se os exemplos mais antigos, nomeadamente, as *casas com cozinha separada*, tendendo o tipo de *agregado rural* para uma aproximação entre os espaços de habitar e os abrigos de animais. Por fim, a sul, do Faial da Terra à Ribeira Quente, encontra-se novamente a construção empena-a-empena. Porém, em certas ocasiões, podemos observar casas com cozinha dissociada e um tipo de agregado, em pátio, com ligação entre o quintal e a rua através de uma passagem coberta ao lado da habitação ou por baixo de um dos quartos.

- Casa integrada, apresenta planta dobrada, dois compartimentos para a frente e dois para trás, sendo que um dos quais é a cozinha, bem como medidas constantes e repetitivas. Possui dois tipos de variantes, ambas com telhados separados, um para cada compartimento da casa. Na primeira variante, sobre cada um dos dois corpos definidos por quatro paredes de pedra assenta um telhado de duas águas paralelas entre si, organizando-se com um “*layout*” característico das casas integradas: entrada por um corredor central que distribui para os diversos espaços. A outra variante possui igualmente duas coberturas separadas, mas as águas dos telhados estão orientadas perpendicularmente entre si.



Zona Este da ilha

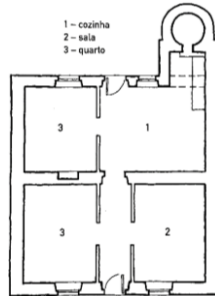
28 Mapa da Ilha de São Miguel



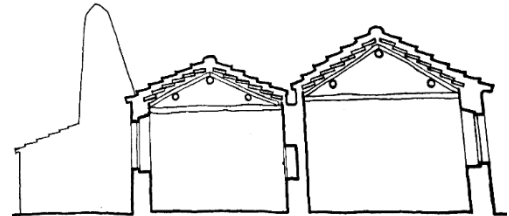
29 Esquemas das principais relações cozinha/quartos da zona oriental

“ (...) Sabe tão bem regressar a casa. Poder ir ouvir o mar a bater nas rochas negras, e passear no meio de verde e vacas. (...) ”

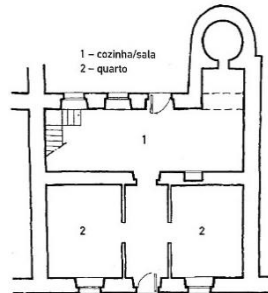
O volume de trás, mais alto, tem no piso térreo apenas a cozinha e, sobre ela, a falsa com uma única janela orientada para as traseiras.



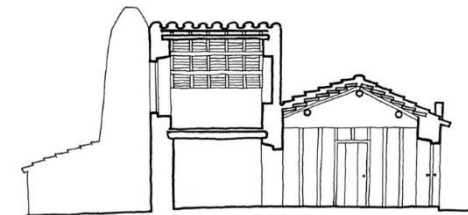
**30** Planta da casa da Achada



**31** Corte da casa da Achada



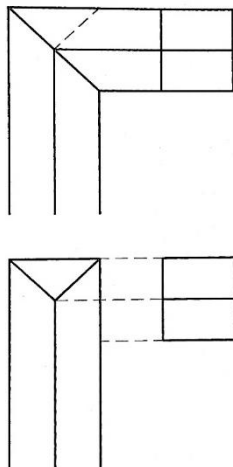
**32** Planta de casa na Feteira Pequena



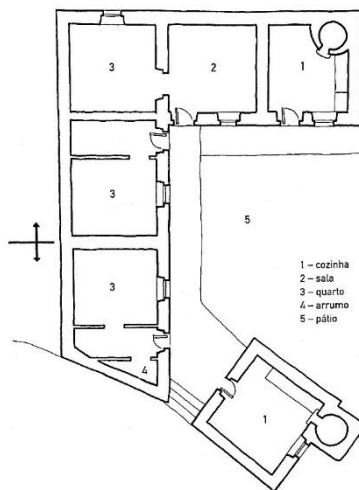
**33** Corte de casa na Feteira Pequena

“ (...) Poder ir ouvir o silêncio para o pé das lagoas, e depois ir para uma tasquinha barulhenta conversar com um senhor, sobre como o tempo está a virar (sim, o mito das quatro estações num dia, é verdadeiro) (...) ”

- Casa com cozinha separada, é composta por uma primeira habitação, caiada, constituída por duas partes distintas: à esquerda o quarto e à direita a cozinha com o volume do forno saliente mas ainda sem chaminé. A segunda habitação, em pedra à vista, forma um, “L” em planta. Possui num dos extremos a cozinha, fazendo-se o acesso aos outros espaços da habitação pelo exterior. O forno, sem chaminé, é interior à cozinha e deixa o fumo escoar-se por entre as telhas vãs da cobertura. Em relação aos quartos, enquanto um só tem acesso pelo exterior, o outro, está ligado diretamente à sala.



34 Esquema da hipótese de ampliação da casa de pedra à vista

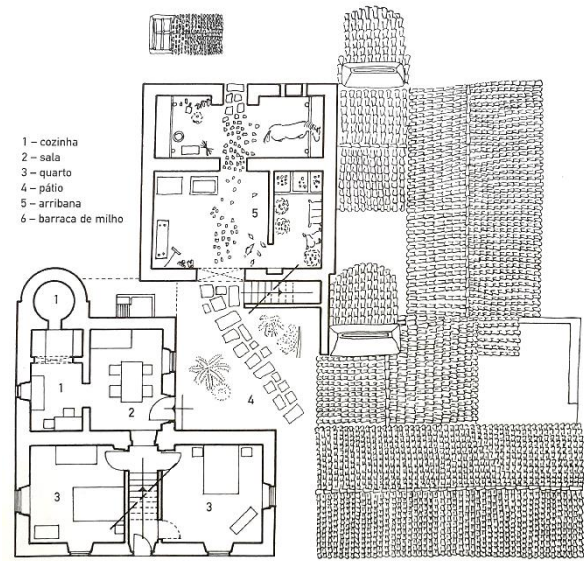


35 Nordeste, planta de duas casas com cozinha dissociada

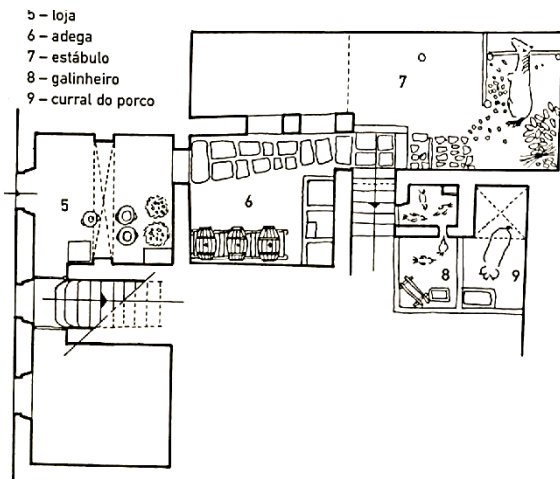
- Agregados rurais, na zona leste da ilha variam, desde os que integram na mesma construção lojas de animais e espaço doméstico, até aos mais subdivididos que separam essas funções por vários edifícios. Um bom exemplo da diversidade acima referida, encontra-se em Santo António do Nordestinho, que se apresenta organizado por três casas e uma arribana dispostas à volta de um pátio ao qual se tem acesso unicamente por uma estreita passagem entre duas das habitações. A arribana é constituída por dois pisos, tendo no térreo o espaço para os animais e, no superior, a casa de despejo. Outro exemplo situado na vila do Nordeste, é a casa com dois pisos e fachada de características urbanas, tendo duas entradas no rés-do-chão: uma para habitação e outra para a loja. Esta última, depois de se atravessar todos os baixos da casa incluindo a adega, dá acesso ao estábulo.

Sobre este, situa-se a casa de despejo. A expressão do conjunto, as suas diversas funções e a própria tipologia do espaço aproximam-se muito das casas rurais existentes em toda a região norte do Continente.

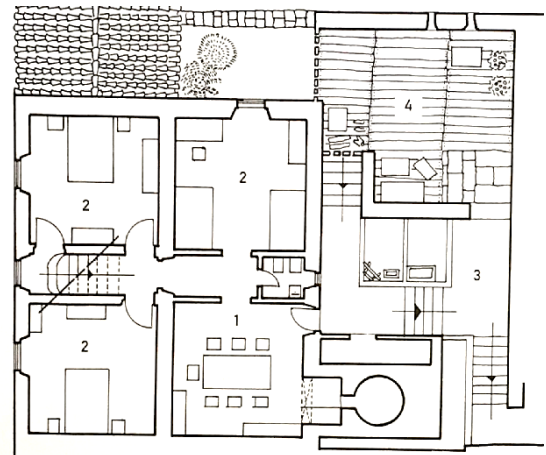
“ (...) Não há melhor terapia. Voltar para a família, para os amigos, para os vizinhos e para os nossos hábitos. (...) ”



36 Planta do conjunto de Santo Antônio do Nordeste



38 Planta do agregado de Nordeste

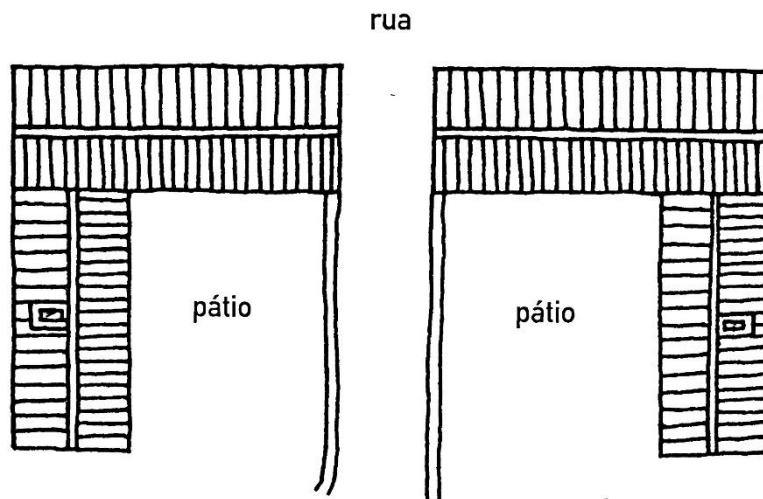


37 Planta do agregado de Nordeste



39 Corte do agregado de Nordeste

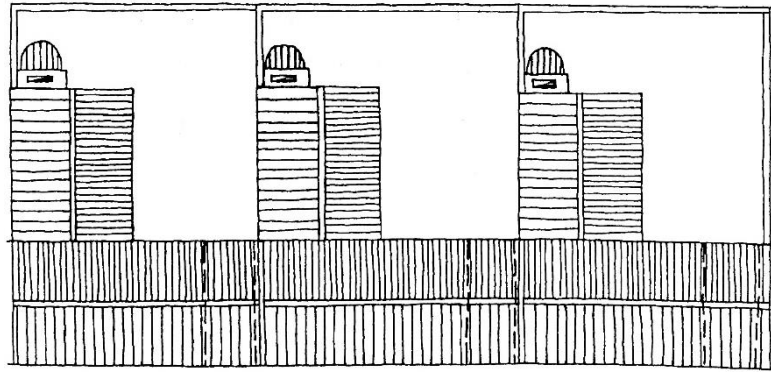
- Casa com pátio, frequente em Água Retorta ou na Lomba da Pedreira, compõe-se por dois volumes perpendiculares entre si, sem comunicação interna, virando as costas à rua, e definindo um pequeno pátio. A cozinha dispõe-se ao longo do pátio, estendendo-se na casa de despejo em cujo interior se pode ver o volume do forno.



40 Esquema das casas com pátio e da sua relação com a rua

- Casa com cozinha perpendicular e passagem em arco, é frequentemente encontrada nas lombas da Povoação. Cada agregado tem um pátio, ao qual se acede por uma passagem direta, a partir da rua, terminada na maior parte das vezes, em arco, enquadrado pelos volumes das sucessivas cozinhas. Sobre a passagem, situa-se um quarto ou espaço de arrumos, sendo a própria passagem um local com possível arrumação para os utensílios domésticos bem como para a guarda de alfaias.

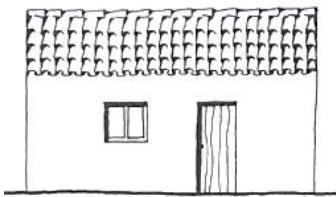
“ (...) Não há nada como a nossa casa, é verdade. O que também é verdade é que São Miguel é bonito por ser de tão pura Natureza, por estar quase intato e recheado do mais verde que podemos ver. (...) ”



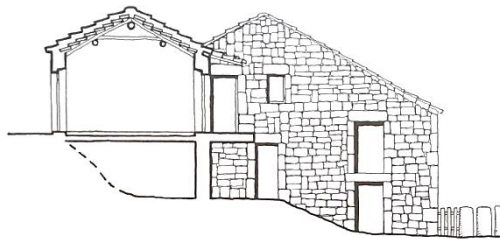
41 Esquema de um conjunto de casas das lombas da Povoação

“ (...) O Homem é apenas um passageiro neste enorme ecossistema, e por isso, a sua pegada é pequena, o que implica que na minha e muitas outras profissões (...) ”

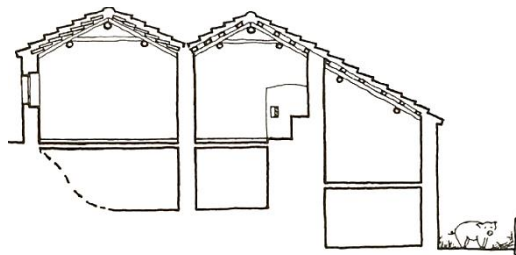
- Casa com alpendre, possui também a cozinha perpendicular por trás do corpo dos quartos, tendo relação direta com rua, surgindo normalmente encostadas em pena-a-empena. O acesso dos quartos à cozinha faz-se pelo exterior, abrigado por pequeno telheiro de forma triangular. Por fim, a casa de despejo está na continuidade do corpo da cozinha e é, geralmente, rematada pelo curral do porco.



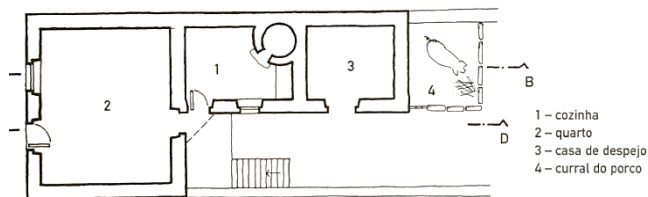
45 Água Retorta, alçado de casa com alpendre



42 Água Retorta, corte de casa com alpendre



43 Água Retorta, corte de casa com alpendre



44 Água Retorta, planta de casa com alpendre

- 1 - cozinha
- 2 - quarto
- 3 - casa de despejo
- 4 - curral do porco

#### IV | ARQUIPÉLAGO, ILHA E FREGUESIA.



## O PAÇO DO MILHAFRE

*“À beira da água fiz erguer meu Paço  
Da Rei-Saudade das distantes milhas:  
Meus olhos, minha boca eram as ilhas;  
Pranto e cantiga andavam no sargaço.*

*Atlântico, encontrei no meu regaço  
Algas, corais, estranhas maravilhas!  
Fiz das gaivotas minhas próprias filhas,  
Tive pulmões nas fibras do mormaço.*

*Enchi nfusas nas salgadas ondas  
E oleiro fui que as lágrimas redondas  
Por fora fiz de vidro e, dentro, de água.*

*Os vagalhões da noite me salvavam  
E, com partes iguais de sal e mágoa,  
Minhas altas janelas se lavavam.”<sup>21</sup>*

Vitorino Nemésio

---

<sup>21</sup> NEMÉSIO, Vitorino - *O Bicho Harmonioso*. In <http://www.jornaldepoesia.jor.br/vito01.html>. 1901 – 1978

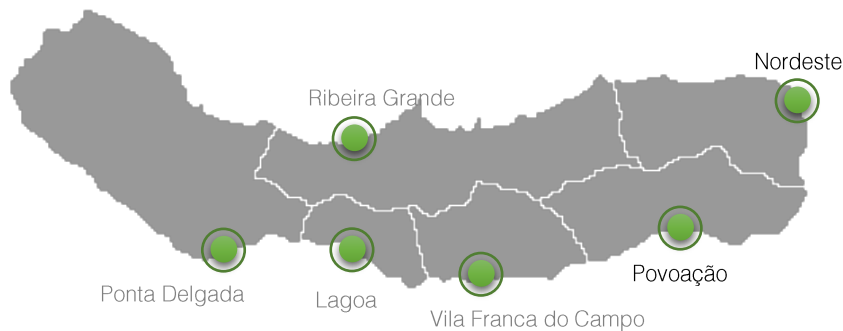




46 *Vista sobre a freguesia do Faial da Terra*



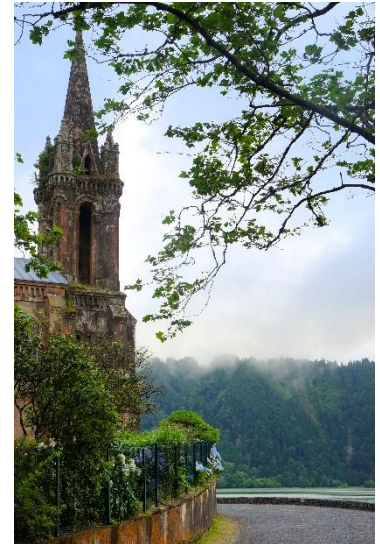
Localizados no extremo leste da ilha de São Miguel, os concelhos do Nordeste e da Povoação, apresentam uma área total de 211,30 km<sup>2</sup> e baixa densidade populacional.



47 Mapa da Ilha de São Miguel

O concelho do Nordeste situa-se na costa norte/nordeste da ilha, entre a Ribeira da Salga (a poente) e a Grota da Fonte (a nascente). A circundá-lo está o concelho da Ribeira Grande a oeste e a sudeste (pela serra) o da Povoação. A sua área total é de 101 km<sup>2</sup>, mais precisamente 10.151 hectares. O concelho da Povoação, com aproximadamente 110.30 km<sup>2</sup> de área, situa-se a Sudeste da ilha, distando 60 km da cidade de Ponta Delgada. É delimitado pelos municípios de Vila Franca do Campo (a poente), da Ribeira Grande (a norte) e do Nordeste (nascente).

Geologicamente, a área abrangida pelos dois concelhos do Nordeste e da Povoação é formada por três zonas vulcânicas distintas: o complexo vulcânico do Nordeste, que se estende desde a Algarvia ao Faial da Terra, correspondendo à parte mais antiga da ilha, cuja atividade vulcânica, iniciada há cerca de 4 milhões de anos, há muito que está extinta.



48 Igreja na Lagoa das Furnas em São Miguel



49 Centro interpretativo da Lagoa das Furnas em São Miguel

“ (...) não é o sítio ideal para se começar. É demasiado “pequeno”, como se diz no falar coloquial. (...) ”

“ (...) É a triste realidade que enfrentamos nos dias de hoje, mas é também o propulsor para outra aventura que tenho a certeza que só pode correr bem. (...) ”

Trata-se de uma área de vulcanismo exclusivamente basáltico e fissural, onde pontuam pequenos cones vulcânicos; o complexo vulcânico da Povoação, cuja atividade está igualmente extinta, corresponde a um grande edifício vulcânico traquítico (ou silicioso) com caldeira, a qual tem cerca de 6,4 km de diâmetro médio e está atualmente aberta a sul. O interior da caldeira exhibe as famosas “sete Lombas da Povoação”, talhadas em rochas vulcânicas designadas de ignimbrito e que são habitualmente chamadas de “Pedra da Lomba” e o complexo vulcânico das Furnas com idade bastante mais recente e inferior a 1 milhão de anos. Corresponde igualmente, a um vulcão poligenético silicioso, cujo topo apresenta um complexo de caldeiras, resultante de vários episódios de colapso. Evidencia-se neste complexo uma lagoa de considerável dimensão, a lagoa das Furnas, e diversos campos fumarólicos (no centro da freguesia, junto à lagoa e ao longo do vale da Ribeira Quente), testemunho do vulcanismo secundário que subsiste neste importante vulcão ativo, mas adormecido, dos Açores. A última erupção do vulcão das Furnas remonta ao ano de 1630.



**50** *Lagoa das Furnas em São Miguel*

A região das Terras do Priolo é assim designada devido ao nome da ave Priolo, uma espécie endémica em São Miguel ameaçada de extinção e das mais raras em toda a Europa. A região é definida por um magnífico património geológico com grande interesse científico e turístico, com destaque para a caldeira do Vulcão das Furnas, o vale da Ribeira do Faial da Terra e a Fajã do Calhau. Alguns elementos caracterizam este património tais como: vulcões, caldeiras, lagoas, campos lávicos, fumarolas, águas termais, grutas e algares vulcânicos, fajãs, escarpas de falha e depósitos fossilíferos marinhos, entre muitos outros.

Nos dois concelhos podemos observar ainda algumas Áreas Protegidas do Parque Natural da Ilha de São Miguel (PNISM), como a Reserva Natural do Pico da Vara, a Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies da Tronqueira e Planalto dos Graminhais.

“ (...) E que se torna mais fácil quando sei que terei sempre o meu cantinho guardado nesta ilha que está para sempre marcada no meu coração. É o desejo de regressar à ilha que me faz andar, que me faz viver. (...) ”



51 Lagoa das Furnas em São Miguel



52 Vista aérea da freguesia do Faial da Terra

A freguesia designada “Presépio da Ilha” situa-se no vale onde corre a ribeira do Faial da Terra e que divide a localidade a meio. O nome desta freguesia, com todos os seus atributos naturais, advém da afluência de Faia-da-terra existente no lugar onde foi implantada. Contudo, nem sempre foi assim; estima-se que nos princípios do séc. XVI, a terra fértil e a beleza do vale atraíram os primeiros povoadores que depressa fizeram produzir os terrenos, criando os seus próprios meios de subsistência. O mar também foi muito precioso para esta comunidade, pois foi outrora uma das principais zonas baleeiras da ilha de São Miguel, possuindo, atualmente, o único porto possível de se reabilitar com alusão a essa mesma época. O trilho do Sanguinho, inserido na proposta de projeto que posteriormente será apresentada, é um local predileto de passagem dos turistas devido à beleza e riqueza das plantas endémicas e à atração que os costumes locais despertam. Com cerca de 377 habitantes, o Faial da Terra vive, essencialmente, da agropecuária.

“ (...) E sei que, mesmo que o meu regresso definitivo não esteja próximo, o meu último desejo será regressar a casa, e terminar esta bela vida, no mesmo sítio onde ela começou: naquele pedacinho de sonho, quase utópico, e passar os meus dias envolto de natureza e retribuir tudo o que aprendi quando vivi em São Miguel ”



53 Caminho do Trilho do Sanguinho



54 Cascata do Trilho do Sanguinho

V | O TURISMO



*“O turismo é a vivência das emoções proporcionadas pelas características dos recursos existentes fora do local de residência habitual do turista e o conjunto de atividades socioeconómicas indispensáveis para que essa vivência se concretize”<sup>22</sup>*

Vieira

---

<sup>22</sup> VIEIRA, J. - *Planeamento e ordenamento territorial do turismo: Uma perspetiva*. Editorial Verbo. Lisboa. 2007





55 Parque Terra Nostra, Furnas



O turismo na Região Autónoma dos Açores é considerado um dos grandes pilares de desenvolvimento estratégico, visto que o potencial e as oportunidades visíveis no arquipélago são facilmente aproveitáveis e sustentáveis. “ O crescimento do turismo desde a década de 60 tem sido espelhado em diversos estudos, que revelam igualmente a enorme capacidade de criação de riqueza deste sector”<sup>23</sup>. Os traços únicos do território enaltecem ainda mais as potencialidades do sector turístico como alavanca e motor para o desenvolvimento económico e social. Para além das conhecidas potencialidades naturais que os Açores possuem, aliam-se a estas, uma identidade rural bastante vincada e presente nos dias de hoje, que proporcionam igualmente oportunidades para o turismo no espaço rural, artesanato, artes e ofícios e sua recuperação e vitalização, possuindo os agentes turísticos um papel determinante e crucial nesta promoção e divulgação.



56 Lagoa de São Brás, Maia

---

<sup>23</sup> PONTE, João Crispim Carvalho Lourenço Borges - *Caracterização do green business no sector do turismo na Região Autónoma dos Açores*. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Ambiente, Saúde e Segurança, Departamento de Biologia, Universidade dos Açores, Ponta Delgada. 2010

Ao longo dos anos, mais concretamente entre os anos de 2000 e 2012, o número de visitantes manteve-se estável, assistindo-se apenas a um ligeiro aumento até 2014. Em Março de 2015, com a liberalização do espaço aéreo dos Açores, que coincidiu com o início dos voos “low cost”, observou-se um crescimento acentuado de visitantes<sup>24</sup>, sobretudo na ilha de São Miguel que, por um lado, gerou mais receitas e oportunidades de crescimento de negócio, mas por outro criou novos paradigmas e ameaças.

Imanente a esta nova realidade, e aliado ao novo quadro comunitário de incentivos (Portugal 2020), iniciou-se um ciclo de investimento em todas as tipologias de estabelecimentos hoteleiros. Investimentos estes que não se verificaram apenas nos investidores locais (que investiram sobretudo nas modalidades de alojamento local e “hostels”), mas também nos grandes investidores externos, quer da hotelaria convencional, quer de estabelecimentos independentes, vendo agora uma oportunidade nos Açores, que antigamente não existia.



57 Estrada em São Miguel

---

<sup>24</sup> Entre Janeiro e Setembro de 2015, o número de dormidas atingiu um crescimento de 21%, em relação ao mesmo período de 2014 (Observatório do Turismo dos Açores. (2015). Hotelaria nos Açores: Análise Acumulada de Janeiro a Setembro de 2015. In <http://www.observatorioturismoacores.com/noticia.php?id=3285>)

Neste contexto, os empreendimentos turísticos no espaço rural, que em 2014 constituíam cerca de 10% do número de camas disponíveis nos Açores (observando-se um decréscimo para cerca de 8,5% no segundo semestre de 2016<sup>25</sup>), beneficiaram igualmente do aumento de turistas, constituindo assim, uma oportunidade de crescimento. No entanto, quando o número de visitantes estabilizar, ou eventualmente diminuir, e o número de novos estabelecimentos continuar a aumentar, estes empreendimentos rurais irão deparar-se com um novo panorama de concorrência, para o qual poderão não estar preparados, tanto no alojamento local (cujas normas de edificação e operação são menos exigentes, e cuja oferta de camas quadruplicou num espaço de dois anos<sup>26</sup>), bem como em relação à hotelaria tradicional, em que parte dos hotéis pertencem a cadeias ou grupos económicos. O turismo rural, normalmente de escala familiar, terá que se adaptar a esta nova realidade, tentando acompanhar de certa forma essa grande concorrência.



58 Parque Terra Nostra, Furnas



59 Lagoa das Furas, Furnas

---

<sup>25</sup> Observatório do Turismo dos Açores. (2016). Turismo no Espaço Rural nos Açores: 1º Semestre de 2016. In [http://www.observatorioturismoacores.com/wp-content/uploads/2016/09/TER\\_1º-Semestre-2016.pdf](http://www.observatorioturismoacores.com/wp-content/uploads/2016/09/TER_1º-Semestre-2016.pdf)

<sup>26</sup> Observatório do Turismo dos Açores. (2016). Alojamento Local nos Açores: 1º Semestre de 2016. In [http://www.observatorioturismoacores.com/wp-content/uploads/2016/10/Alojamento-Local-RAA\\_1º-S-2016.pdf](http://www.observatorioturismoacores.com/wp-content/uploads/2016/10/Alojamento-Local-RAA_1º-S-2016.pdf)

De acordo com a Organização Mundial do Turismo, “o turismo compreende as atividades que as pessoas realizam durante as suas viagens e estadas em locais fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, de negócios e outros”<sup>27</sup>. Na realidade portuguesa, o turismo é um dos sectores que mais contribui para a economia do país, tanto na criação de emprego, investimento e rendimento, no Produto Interno Bruto e na Balança de Pagamentos, como também no desenvolvimento de outras atividades interligadas com o mesmo. Apresentando uma oferta turística maioritariamente baseada no produto “Sol e Mar” desde da década de 60, “o turismo de hoje”, vive uma realidade em que o produto apresentado acima, já não se adequa totalmente as necessidades procuradas pelos turistas. É preciso diversificar e dinamizar a oferta turística, procurando a harmonização e aproveitamento do nosso território.

Relativamente aos Açores em particular, a diversificação da oferta turística torna-se fundamental para atrair mais visitantes, utilizando como produto nuclear o turismo de Natureza. Neste sentido, é imprescindível adotar a visão do turismo alternativo em vez do chamado turismo de massas. “ A massificação do turismo contribuiu para o aumento dos problemas ambientais nos destinos turísticos tradicionais, surgindo desta forma o turismo alternativo em oposição ao turismo de massas. No turismo alternativo as atividades predominantes são as que possuem um maior contato com a natureza em que o turista procura a autenticidade”<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> SANCHO, A., et. al. - *Introducción al turismo*. Organización Mundial do Turismo. Madrid. Espanha. 1998

<sup>28</sup> DIAS, R. - *Turismo sustentável e meio ambiente*. Atlas. São Paulo. 2003

De acordo com os autores Hunter e Green, citados por Moniz<sup>29</sup> “(...) a partir dos anos 80, registou-se um interesse crescente por formas de turismo alternativas ao turismo de massas tradicional e ao turismo urbano. Entre muitos fatores responsáveis pelo sucesso deste novo tipo de turismo os autores mencionam os seguintes: uma maior consciência dos impactos ambientais do turismo, uma maior ênfase na integração de políticas de proteção animal e de desenvolvimento económico, uma crescente procura de novas experiências turísticas por parte dos turistas e uma preocupação acrescida da indústria turística com as tendências futuras do mercado. Contudo os autores afirmam que não podemos confundir “turismo alternativo” com “turismo sustentável”, embora ambos estejam relacionados, na medida em que, o primeiro possa ser um meio para atingir o segundo (...).”



60 *Vista da Costa Sul, Povoação*

---

<sup>29</sup> MONIZ, A. - *A sustentabilidade do turismo em ilhas de pequena dimensão: O caso dos Açores*. Dissertação para obtenção do grau de Doutor em Ciências Económicas e Empresariais na especialidade de desenvolvimento económico e social e economia pública. Universidade dos Açores. Ponta Delgada. 2006

Assim, podemos afirmar que o turismo alternativo é considerado um turismo responsável, que contribui para economia local, tendo em vista a sustentabilidade a longo prazo, incluindo preocupações ambientais e a minimização dos impactos sobre as sociedades e culturas locais, assumindo, segundo Vieira<sup>30</sup>, uma grande importância, pelo facto deste tipo de turista proporcionar três vezes mais receitas do que o turista convencional, consumindo de preferência serviços e produtos que geram maior valor para a economia, tendo um impacto sobre o ambiente nove vezes inferior ao turismo de massas, gerando dez vezes mais emprego.



61 *Lagoa do Fogo, Ribeira Grande*

O projeto que adiante será apresentado, pretende inserir-se no conceito do turismo alternativo, na medida em que grande parte da aldeia será reabilitada, aproveitando a arquitetura existente, atribuindo-lhe condições para habitação temporária e permanentemente, incorporando atividades agrícolas, como criação de gado e hortas, não só para criar condições tendo em vista a sustentabilidade a longo prazo da aldeia, como também para permitir aos turistas uma experiência única de interação com o que se realmente publicita e é a imagem dos Açores, a Natureza e tudo o que a constitui.

---

<sup>30</sup> VIEIRA, J. - *Planeamento e ordenamento territorial do turismo: Uma perspetiva estratégica*. Editorial Verbo. Lisboa. 2007

“Tourism is in many respects a form of escapism”<sup>31</sup>



62 Lagoa das Sete Cidades

Inserindo-se a proposta num espaço rural e numa zona com baixa densidade populacional, procurámos entender o conceito e o que se entende por turismo rural e como pode a agricultura, setor primário da região dos Açores, influenciar e interligar com o conceito a abordar. Tradicionalmente, a agricultura e a silvicultura eram fundamentais para a vida rural. Ambas eram as principais fontes de trabalho e rendimento na economia rural, tendo uma grande influência sobre as tradições e estilos de vida. Juntamente com as decisões dos agricultores, a silvicultura e a agricultura, foram determinantes para o “desenho” e uso do espaço rural. Assim sendo, com o passar do tempo, o território rural adaptou-se às mudanças impostas por pressões económicas, nomeadamente financeiras, sociais e ambientais, levando a uma transição económica no setor.

---

<sup>31</sup> LANE, B. - *What is Rural Tourism?*. In *Journal of Sustainable Tourism*. Volume 2. 1994. Cit. PLOG, S.C. - *Leisure Travel: Making it a Growth Market Again*. John Wiley & Sons. New York. 1991

No rural, como complemento às atividades agrícolas, foram introduzidas muitas atividades características dos territórios urbanos, levando a que o campo passasse a ser mais do que agricultura, incorporando atualmente, atividades tão diversas, como serviços, indústria transformadora, comércio de bens, serviços sociais, indústria de construção, entre muitos outros. Estes serviços “não-agrícolas” representam, assim, uma outra forma de obter rendimentos nas áreas rurais, além de que ajudam a promover essas mesmas áreas e melhoram o bem-estar dos locais, através, por exemplo, das atividades de lazer e do turismo rural.

A verdade é que atualmente, a agricultura não pode ser a única base constituinte da economia nas zonas rurais, pois segundo CALADO, L.; RODRIGUES, A; SILVEIRA, P.; e DENTINHO, T., “a possibilidade de incorporar novas alternativas à paisagem rural tem sido uma estratégia adotada por muitos países para limitar a migração das zonas rurais para a cidade, melhorando a sua qualidade de vida através de salários mais altos e uma maior diversidade de atividades e funções”<sup>32</sup>. Com a existência de problemas na agricultura ao longo dos anos, muitos agricultores tem apostado na diversificação deste sector, olhando para o turismo rural como uma opção atrativa e viável, podendo de acordo com Silva<sup>33</sup>, identificar-se três grupos de diferentes proprietários: “ um primeiro grupo ligado a famílias nobres que se juntam à atividade sobretudo para manter e recuperar propriedades antigas de família, especialmente palácios e casas senhoriais; um segundo grupo que inclui agricultores que procuram ganhar algum dinheiro com as instalações, como celeiros e pequenas quintas e por fim um terceiro grupo de pessoas que adquire e restaura antigas casas em aldeias tradicionais, com o intuito de as usar para práticas de turismo,

---

<sup>32</sup> CALADO, L.; RODRIGUES, A; SILVEIRA, P.; e DENTINHO, T. - *Rural Tourism associated with agriculture as na economic alternative for the farmers*. In European Journal of Tourism, Hospitality and Recreation. Volume 2. Nº1. 155 – 174. 2011

<sup>33</sup> SILVA, L. (2006). *O turismo em espaço rural: um estudo da oferta e dos promotores*. In CIES e-Working Paper. nº16. 2006

com o apoio do governo, gerando assim, uma outra fonte de rendimento”.

Como qualquer outro tipo de atividade económica, o turismo rural tem consequências, nomeadamente na degradação do ambiente causado pelo depósito irregular de lixo, no ruído causado por certas atividades motorizadas, na degeneração da cultura local, devido à interação da comunidade local com os turistas de diversos países, entre muitos outros, levando a que o turismo rural exija profissionalismo por parte dos proprietários e das identidades responsáveis de modo a minimizar as consequências apresentadas acima.

Em certas regiões com características semelhantes aos Açores, o turismo revelou-se um importante motor de transformação e desenvolvimento económico e social, principalmente nas regiões ultraperiféricas da União Europeia, como as ilhas Canárias e Madeira, especializadas no setor do turismo, apresentando taxas elevadas de desenvolvimento, enquanto em regiões como os Açores, que se desenvolveram principalmente com base no setor primário, o desenvolvimento não se deu à mesma velocidade, embora, atualmente, conheça uma nova dinâmica, como já foi referido, devido à abertura do espaço aéreo.

Com as mudanças nos ciclos económicos ao longo dos tempos nos Açores, muitas das importantes atividades desapareceram, deixando para trás um património abandonado. Um dos bons exemplos foi o ciclo da laranja, que perdeu a sua viabilidade económica, como anteriormente mencionámos, levando à adaptação por parte dos agricultores. Esta adaptação motivou a produção de um outro tipo de produto, tornando-os em pequenos proprietários agrícolas, envolvendo-os, entre outros, no setor leiteiro, atualmente predominante na ilha.

Estas e outras mudanças foram “responsáveis” pelo abandono dos edifícios rurais, deixando-os sem utilização. É neste contexto que alguns destes edifícios estão a ser recuperados para a realização de turismo rural. Citando Joaquim<sup>34</sup>, “ (...) os Açores têm lugar para a recuperação dos espaços rurais para o turismo rural, a fim de aumentar a oferta neste setor, mantendo o seu valor económico e utilizando o valor potencial destas áreas (...) “. A integração da arquitetura local, da gastronomia, da música tradicional, dos jogos e produtos locais, no roteiro turístico, pode ser a estratégia para enriquecer as experiências turísticas nessas áreas, mantendo os registos dessas tradições, não deixando que desapareçam junto da população mais velha.



**63** *Plantação de chá da Gorreana, Ribeira Grande*

Esta extinção dos registos do Património deve ser precavida para manter as memórias históricas e o valor que os mesmos representam para a identidade do turismo rural. Por conseguinte, representará uma vantagem relevante na valorização de um determinado local para o turista e para a população local.

---

<sup>34</sup> JOAQUIM, S. - *O Papel do Turismo para a convergência dos Açores*. Dissertação de Mestrado em Gestão Pública, Departamento de Economia e Gestão. Universidade dos Açores. Ponta Delgada. 2004

Complementando as informações acima referidas, Joaquim<sup>35</sup> refere-se ao Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores, mencionando o objetivo de redefinir o posicionamento dos Açores no turismo, no que respeita ao desenvolvimento sustentável, integrando simultaneamente as atividades turísticas. O mesmo autor refere outros objetivos, como a melhoria da qualidade do produto turístico e regional e a preservação do património natural e cultural. Assim, o turismo rural pode ser visto como uma forma de intervenção no território, uma vez que contribui para a proteção do ambiente, como também para a conservação do património natural, histórico e cultural do meio rural. Desta maneira, o turismo rural pode beneficiar a população local envolvida nas atividades turísticas, de uma forma direta ou indireta, em maior ou menor escala, através das decisões políticas e de gestão das especificidades do turismo.



64 Lagoa de São Brás, Maia

---

<sup>35</sup> Idem

Por fim, procurando oferecer uma definição do que se entende por turismo rural, citamos Lane<sup>36</sup> que afirma que “ (...) À primeira vista, esta é uma pergunta simples. Turismo rural é o turismo que tem lugar no campo. Mas como muitos outros comentadores anteriores assinalaram, numa reflexão mais profunda, uma simples definição de turismo rural é inadequada para muitos propósitos. Do mesmo modo, em que é difícil de produzir uma definição mais complexa que se aplique a todas as zonas rurais em todos os países (...) ”



65 Vista sobre a Costa Sul, Faial da Terra

---

<sup>36</sup> LANE, B. - *What is Rural Tourism?* . In *Journal of Sustainable Tourism*. Volume 2. 1-2, 7-21. 1994

De acordo com Moniz<sup>37</sup>, “os termos “turismo sustentável” (sustainable tourism) e “desenvolvimento sustentável do turismo” (sustainable tourism development) aparecem pela primeira vez no final da década de 80, na sequência da rápida adoção no vocabulário da expressão “desenvolvimento sustentável” (sustainable development) ”.

Em 1987, a partir do Relatório Brundtland “*Our Common Future*”, realizado a pedido da Assembleia Geral das Nações Unidas, define-se o conceito de Desenvolvimento Sustentável, como o desenvolvimento que satisfaz as necessidades atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades. Este conceito incluía inicialmente dois aspetos importantes: o da solidariedade intergeracional e o da satisfação de necessidades humanas, que levaram a uma mudança de paradigma (um dos maiores desafios na tomada de decisões passou a ser o ter em conta os direitos dos que ainda não existem e não se podem defender) e a uma reflexão sobre quais as necessidades humanas e, conseqüentemente, quais os valores a serem defendidos pela sociedade.

O desenvolvimento do conceito levou a que se ponderasse a sustentabilidade como um meio para alcançar um desenvolvimento humano estável.

---

<sup>37</sup> MONIZ, A. - *A sustentabilidade do turismo em ilhas de pequena dimensão: O caso dos Açores*. Dissertação para obtenção do grau de Doutor em Ciências Económicas e Empresariais na especialidade de desenvolvimento económico e social e economia pública. Universidade dos Açores. Ponta Delgada. 2006

As opções estratégicas para alcançar este objetivo foram a obtenção de maiores níveis de sustentabilidade nos planos sociais, ambiental e económico. Os critérios para alcançar esses níveis deviam incluir medidas de mudança que fossem entendidas como socialmente aceitáveis e desejáveis, ambientalmente viáveis, economicamente realizáveis e utilizando tecnologias apropriadas.



**66** *Cascata, Nordeste*

De acordo com Cunha<sup>38</sup>, “ (...) o turismo tornou-se numa atividade que, além dos aspetos económicos, tem de passar a dar mais atenção e englobar os aspetos não materiais da vida, tais como, os valores humanos, o fortalecimento da cultura, e a preservação do património natural (...)”. Desta maneira, Vieira<sup>39</sup> afirma que, “ (...) o desenvolvimento turístico deverá focalizar a melhoria da qualidade de vida da população local suportada pelo desenvolvimento económico e pelo bem-estar físico e social (...)”

---

<sup>38</sup> CUNHA, L. - *Perspetivas e tendências do turismo*. Edições Universitárias Lusófonas. Lisboa. 2003

<sup>39</sup> VIEIRA, J. - *Planeamento e ordenamento territorial do turismo: Uma perspetiva estratégica*. Editorial Verbo. Lisboa. 2007

O “futuro” é, efetivamente e de modo inevitável, “comum”, na medida em que nem os fenómenos de desenvolvimento, nem os ambientais e demográficos, se definam às fronteiras de um país.

Nas últimas décadas, começaram a surgir novas vias de desenvolvimento do turismo, tanto na procura como na oferta. Os chamados “novos turistas” procuram espaços maioritariamente intatos pelo Homem, tanto a nível ambiental como numa maior integração das características sociais e culturais locais. Por sua vez, esses espaços recetores procuram vias alternativas de desenvolvimento que permitam reduzir os efeitos negativos do turismo sobre o meio, que assegurem uma mais vasta diversidade de formas turísticas e, sobretudo, que integrem de uma forma equilibrada as necessidades dos turistas e as das populações locais.



67 *Vista sobre Ponta Delgada*

Desta maneira, a Organização Mundial do Turismo (OMT) define turismo sustentável, como um turismo que gere os recursos de modo a que as necessidades económicas, sociais e estéticas sejam preenchidas, mantendo a integridade cultural e ambiental, partindo do conceito mais amplo de desenvolvimento sustentável e aplicando a um setor de natureza internacional como é o da atividade turística.

Na proposta, teremos como grande objetivo apresentar um programa projetual que responda às características acima apresentadas, de modo a que num futuro próximo, sejam alcançadas condições ideais para tornar a aldeia do Trilho do Sanguinho, uma aldeia sustentável e como menos apoios exteriores possíveis. Posteriormente serão descritas as estratégias tanto a nível programático, como também as estratégias a nível de projeto de arquitetura.



68 *Vista sobre uma planície, São Miguel*

## VI | CASOS DE ESTUDO



## RECONVERSÃO DE UM PALHEIRO EM CORTEGAÇA |

*“João Mendes Ribeiro”*

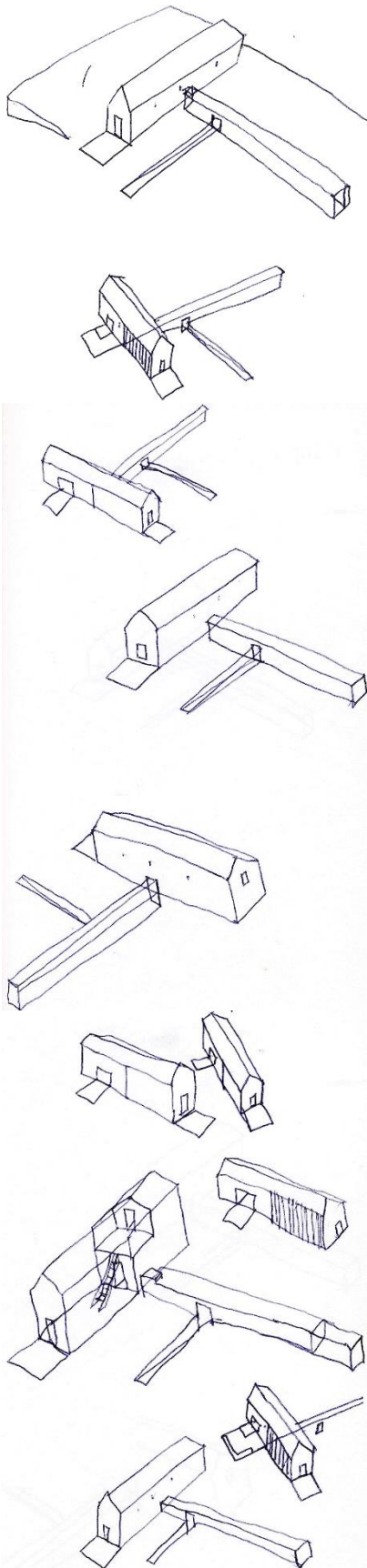
Localização: Cortegaça, Mortágua, Portugal | Ano do Projeto: 2000 | Fotografia: FG + SG – Fotografia de Arquitetura, Edgar Martins, João Mendes Ribeiro



69 *Reconversão de um palheiro*

O projeto iniciou-se com o objetivo de recuperar o palheiro, transformando-o numa habitação unifamiliar de pequenas dimensões. O edifício apresenta uma estrutura espacial elementar, semi-arruinada, cuja intenção do cliente era criar mais conforto, qualificar os espaços e favorecer a relação com o terreno e com a envolvente existente, sem que se perdesse a identidade do conjunto.

A casa em si é organizada a partir da estrutura elementar do palheiro, de volumetria pura, simples e bem dimensionada, recordando os traços e os espaços das construções tradicionais do campo, tentando tanto quanto possível, manter a identidade da arquitetura vernacular.



70 Sketch da reconversão de um palheiro

A distribuição da mesma, influenciada pela intenção de manter as fachadas e a cobertura, é elementar, constituída no piso térreo pela sala de jantar e estar e pela cozinha, estando os quartos e as respetivas instalações sanitárias no piso superior. A localização estratégica da escada de acesso ao piso superior permite uma separação e a circulação possível entre os espaços.

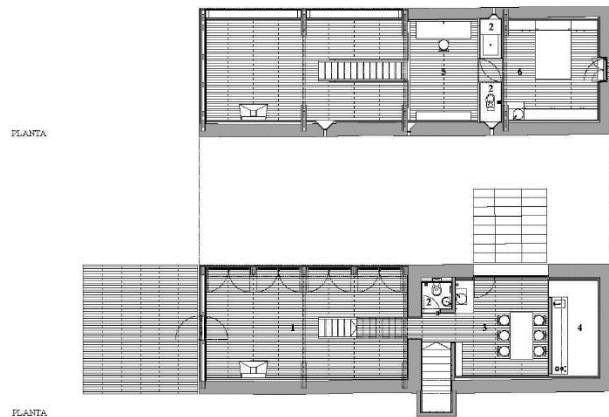
A sala de estar com a sua altura dupla, torna-se no espaço “central” da casa, onde é possível, através do grande paramento de vidro protegido do sol por réguas de madeira, observar-se sobre o jardim e sobre a paisagem circundante.

A proposta, como anteriormente foi referido, procura, sempre que possível, respeitar a estrutura de uso pré-existente. O tratamento interior procura diferenciar porém, nos seus acabamentos, as estruturas pré-existentes que se mantêm e os novos elementos arquitetónicos que se propõem. A cor e a textura dos materiais ajudam para vincar a contraposição dos elementos – a madeira, a pedra nos paramentos verticais e a telha na cobertura. No seu interior, o arquiteto optou por utilizar a cor branca, em busca de intimidade e conforto, contrastando com o pavimento em madeira de tom claro.

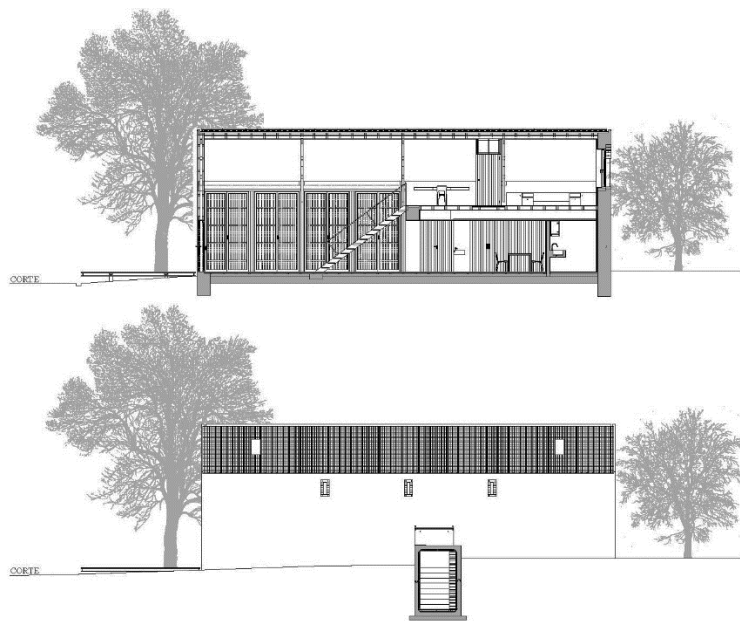
A ligação entre os dois edifícios, palheiro e a casa existente, é realizada através de uma galeria (substituindo o muro de fecho do logradouro) fechando assim o terreno à rua. O acesso ao palheiro foi alterado, procurando, segundo o arquiteto, uma entrada que não fosse imediata, consentido a aproximação através de uma zona de articulação que oferece contato com as construções envolventes.

Tal como no projeto de reconversão em estudo, pretendemos na aldeia do Trilho do Sanguinho manter, sempre que possível, a identidade da arquitetura local, integrando a madeira com a pedra basáltica existente, tornando-a no novo elemento arquitetónico, que vai funcionar como uma “caixa” que se insere dentro da ruína.

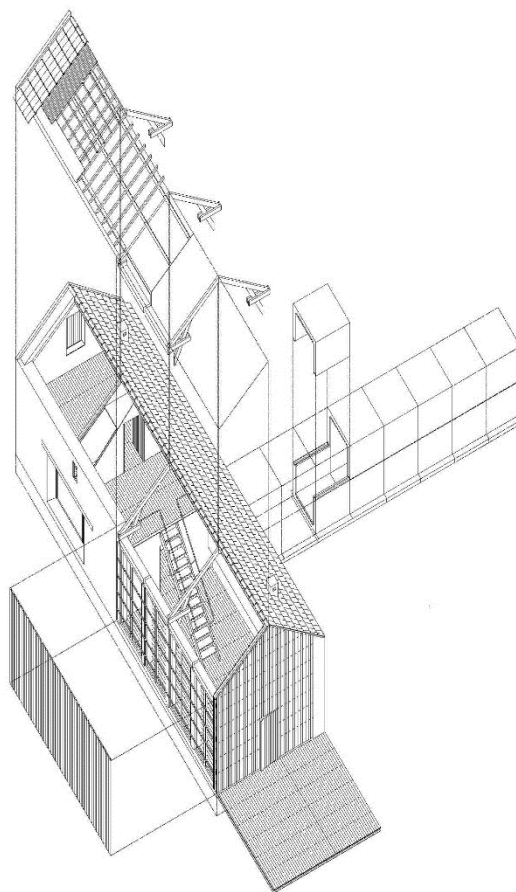
Mesmo nas casas que atualmente são habitadas, mas que serão à mesma, objeto de reabilitação, a madeira encontra-se presente: no interior, em diversos elementos, tais como, as asnas à vista, o revestimento no pavimento e em grande parte do mobiliário; no exterior nos caixilhos e vãos das casas basálticas.



71 | 72 *Planta da reconversão de palheiro*



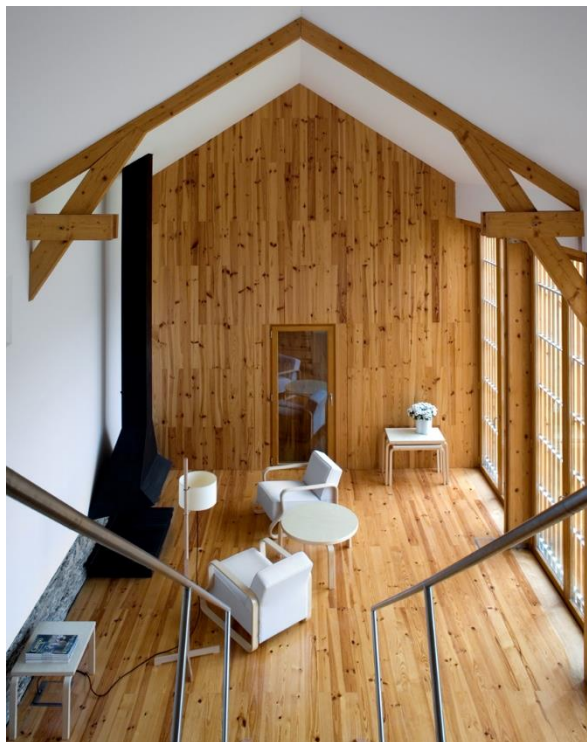
73 | 74 *Corte da reconversão de palheiro*



75 Axonometria da reconversão de palheiro



76 Reconversão de um palheiro



77 Reconversão de um palheiro

INTERPRETATION CENTRE OF WORLD HERITAGE  
LANDSCAPE | “SAMI-Arquitetos”

Localização: Pico, Portugal | Ano do Projeto: 2009 | Fotografia:  
FG + SG – Fotografia de Arquitetura

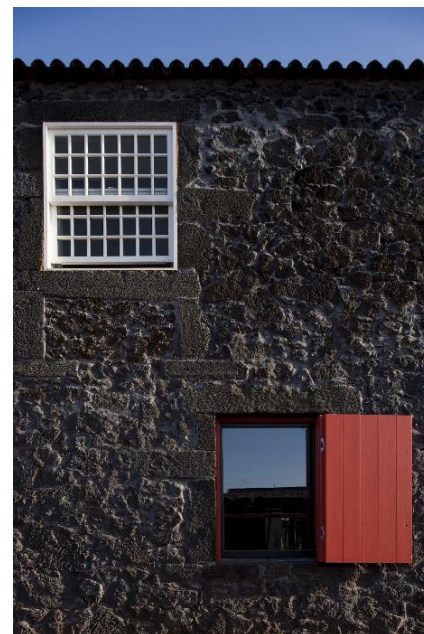


78 Interpretation Centre of World Heritage Landscape

Situada numa paisagem classificada como Património da Humanidade pela UNESCO, na ilha do Pico, nos Açores, a casa rural existente remonta ao séc.XVIII e tem sido desde então, associada ao cultivo da vinha.

De acordo com os arquitetos, na sua adaptação a Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha, tornou-se fundamental manter o ambiente de Casa Solarenga e explorar a alternância entre este ambiente e o ambiente dos novos espaços, que aproveitando a estrutura existente, pudessem complementá-la.

No piso térreo, para evitar o desenho de vãos na fachada existente, propuseram um espaço expositivo, revestido pelo exterior com vidro escurecido, com o propósito de prolongar a imagem maciça do próprio edifício.



79 Interpretation Centre of World Heritage Landscape

O seu reforço estrutural foi feito com recurso a argamassas à base de cal, especificamente produzidas para este edifício e varões de aço rigorosamente aplicados junto dos elementos pré-existentes de madeira.

Enquanto os espaços antigos têm os seus elementos construtivos como pontos fundamentais de identificação, os espaços propostos possuem um revestimento uniforme nas paredes e tetos, de cor branca, transformando-se em espaços contínuos que tornam mais clara a leitura do pré-existente sem quebrar a sua lógica inicial.

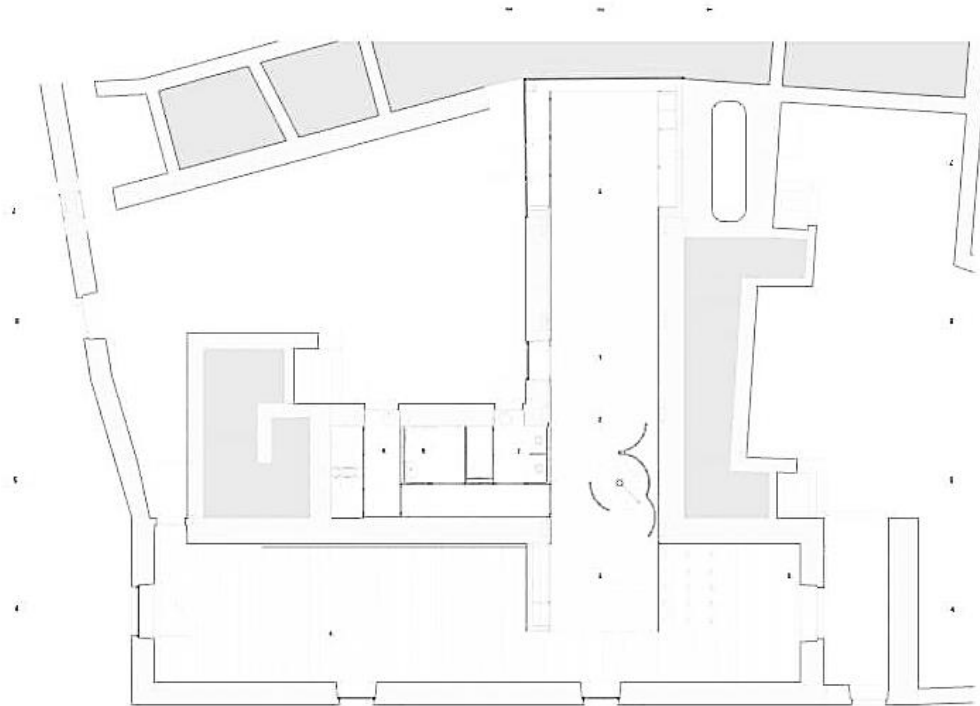
Da mesma forma como foi importante neste caso de estudo, preservar a identidade da casa existente, deixando e tratando a pedra basáltica, também na nossa proposta de intervenção, foi decidido, que todas as casas teriam, devido ao mesmo propósito, o (preto do) basalto à vista. Tivemos também como exemplo, o modo de organizar o interior de um centro expositivo, visto que na proposta a apresentar, incorporámos um corpo arquitetónico com semelhante objetivo.



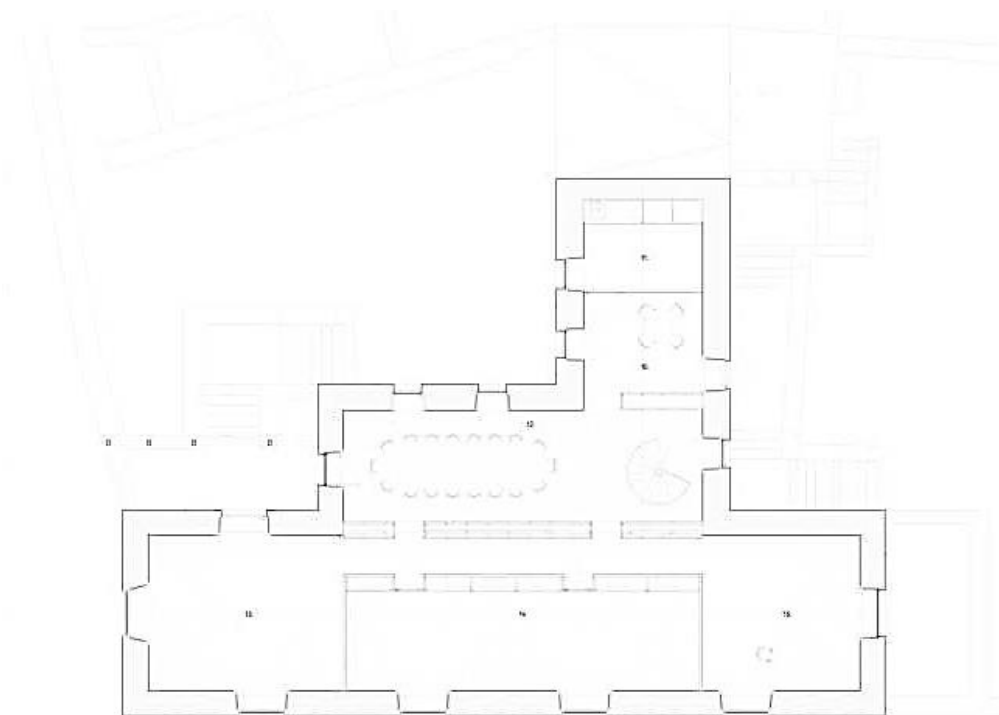
80 *Interpretation Centre of World Heritage Landscape*



81 *Interpretation Centre of World Heritage Landscape*



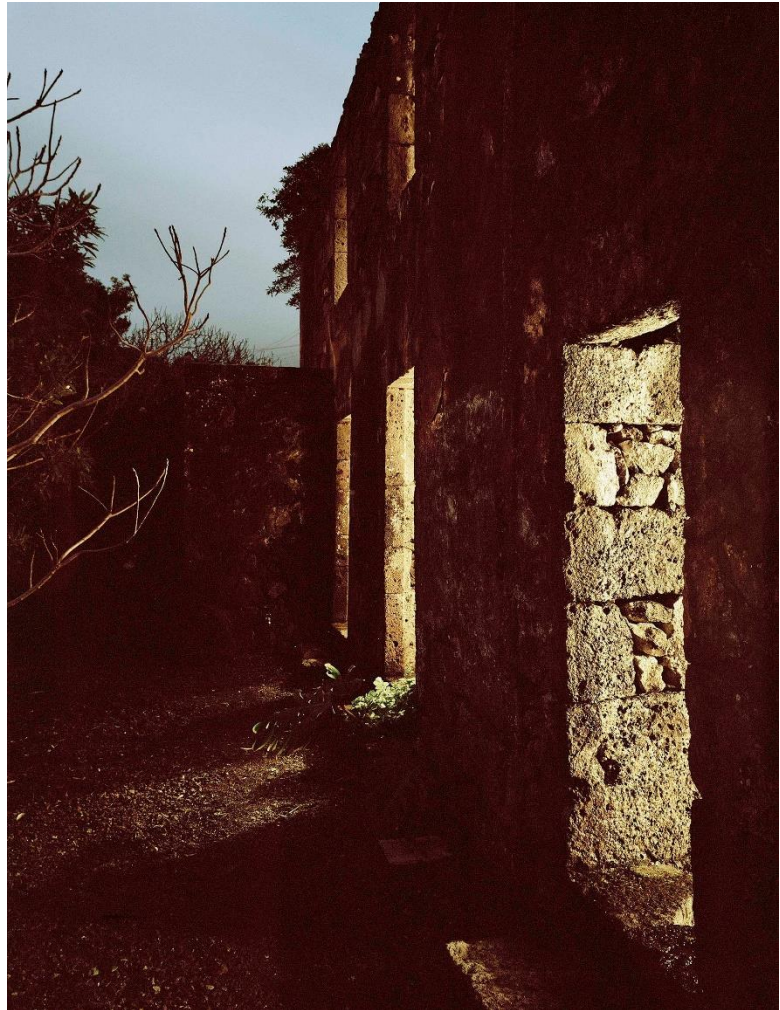
82 *Planta do Interpretation Centre of World Heritage Landscape*



83 *Planta do Interpretation Centre of World Heritage Landscape*

## E/C HOUSE | “SAMI-Arquitetos”

Localização: Pico, Portugal | Ano do Projeto: 2013 | Fotografia:  
Paulo Catrica



84 *E/C House*

O projeto surgiu a pedido do cliente, que solicitou uma intervenção numa ruína, com o propósito de pensar numa casa de férias que valorizasse a própria ruína, oferecendo possibilidades de vivências mais diversas e complexas.

O seu desenho começou desde de início por ser influenciado pela inclinação que o terreno oferecia, fazendo com que os arquitetos, optassem por desenhar todas as coberturas com características de “deck”, de modo a que fosse possível utilizá-las como espaços de estar e de contemplação.



85 *E/C House*

A casa em si, moldada no interior das paredes de pedra, foi desenhada com vãos de alguma dimensão, para permitir a entrada de mais luz e o usufruto da paisagem circundante. Estes vãos alinham e por vezes desacertam dos vãos pré-existentes da ruína, reproduzindo enquadramentos e relações com o limite inicial da casa.



86 *E/C House*

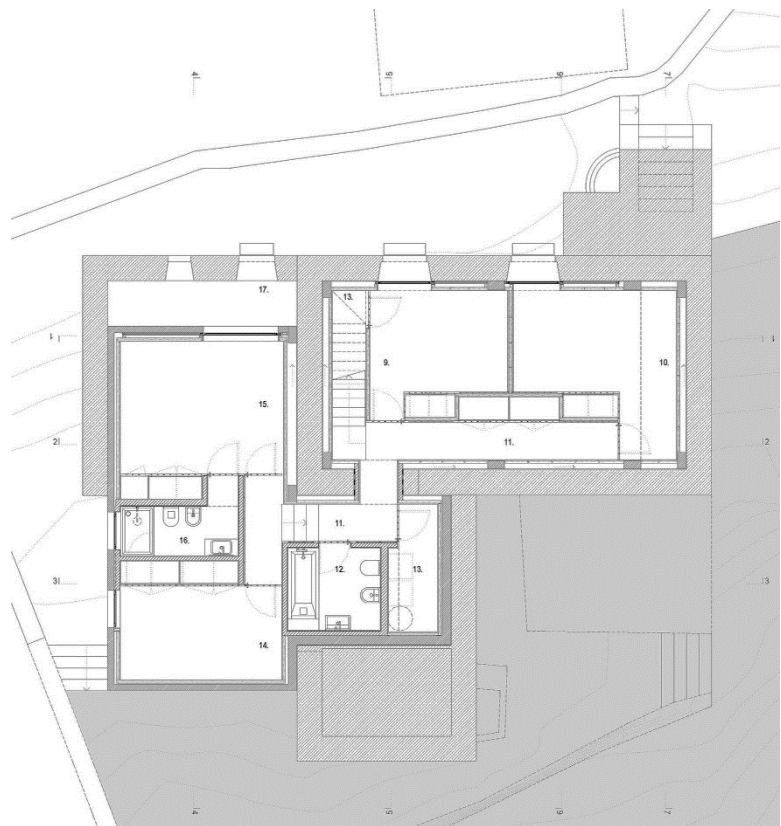


87 *E/C House*

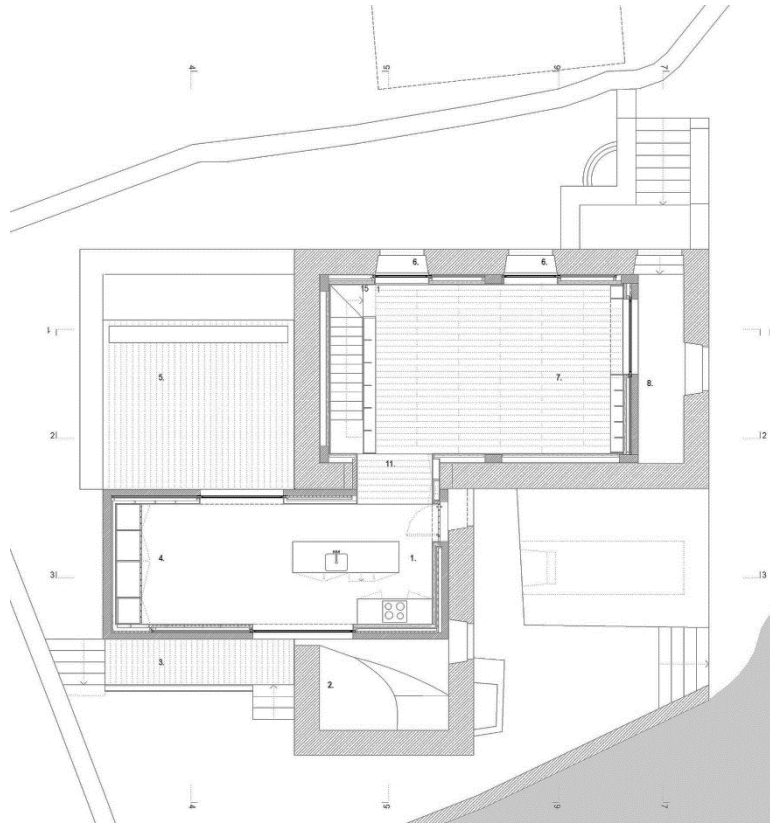


88 *E/C House*

Tal como na E/C House, o conceito de “admirar” a ruína foi um dos pontos importantes da nossa proposta. O ponto referido serviu de “base” como intervenção nas ruínas, na medida em que, em todas as ruínas que foram reabilitadas, e como já foi mencionado, através da colação de uma “caixa” em madeira, que se molda às paredes existentes, procurámos não esquecer o limite existente. Tornando possível, por vezes, poder observá-lo através de molduras criadas na madeira no interior da casa, que deixam transparecer em certos pontos como era a ruína inicialmente.



89 *Planta da E/C House*



90 Planta da E/C House



91 E/C House

## PICO DO REFÚGIO | “Luís Bernardo Brito e Abreu”

Localização: São Miguel, Portugal | Ano do Projeto: 2005-2008 |  
Fotografia: Vários



92 *Pico do Refúgio*

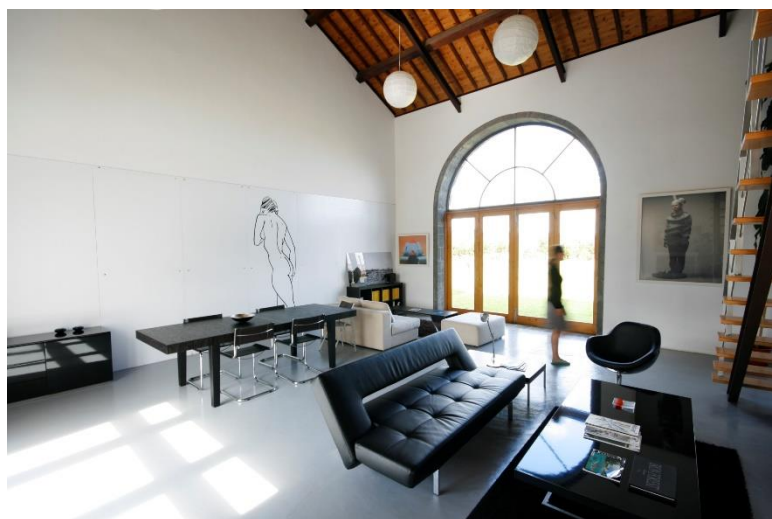
O projeto do Pico do Refúgio iniciou-se através de uma reabilitação, que entre 2005 e 2008, tornou um edificado do séc. XVI, num empreendimento turístico no espaço rural na ilha de São Miguel.

Consistiu na beneficiação da casa principal e remodelação de todas as restantes infraestruturas da quinta para alojamento, escola de mergulho, piscina e espaços comuns. De acordo com o arquiteto, toda a intervenção teve em conta a preservação do traçado exterior dotando os interiores de uma organização e estilo contemporâneo.

O empreendimento é, nos dias de hoje, constituído por 8 unidades de alojamento T1, com áreas compreendidas entre os 55 e 110 m<sup>2</sup>, distribuídas ao longo da quinta.

No edifício da antiga fábrica de chá, além da recepção e da piscina, encontram-se 3 *lofts* e 3 apartamentos e 2 *lofts* junto à casa principal, que representam o grosso do empreendimento turístico.

Sendo o Pico do Refúgio um projeto de sucesso e estabilidade no setor do turismo rural, com vista a num futuro próximo, integrar parte agrícola na sua quinta, na nossa proposta, tentámos perceber os pontos fundamentais para tal sucesso, percebendo como projetar da melhor maneira a distribuição, em termos programáticos, da aldeia do Trilho do Sanguinho.

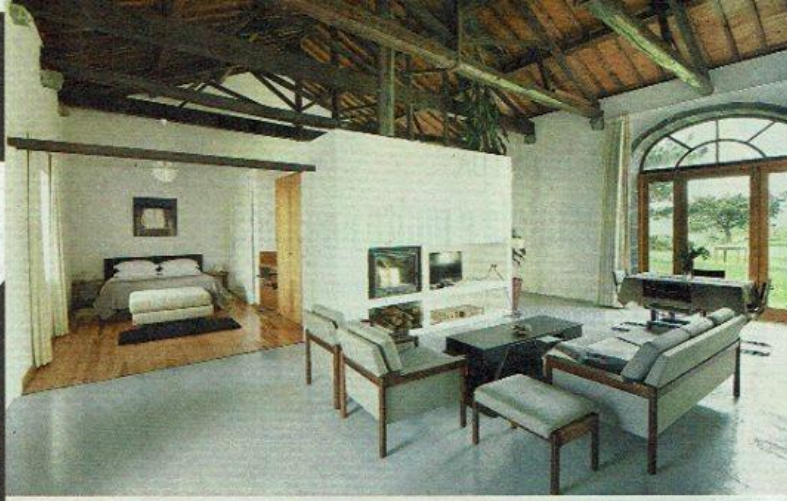


93 *Pico do Refúgio*



94 *Pico do Refúgio*

ESCAPAR



## Pico do Refúgio – Casas de Campo São Miguel

### Os Açores no centro do mundo

Na ilha açoriana, longe de invasões e atrações turísticas, Bernardo Brito e Abreu transformou uma quinta do século XVII num lugar de tranquilidade e de artes

A ideia de Bernardo Brito e Abreu é desenhar novos espaços dentro da propriedade do Pico do Refúgio. Um deles, garante o futuro arquiteto, há de ser uma galeria.



Está cheia de histórias, esta quinta – Bernardo Brito e Abreu conta – nos algumas, à volta da mesa comprida de madeira, na sala que em tempos serviu de cave de vinhos e que agora recebe quem chega ao Pico do Refúgio –

Casas de Campo. Aqui mesmo, ao pequeno-almoço, já as terão ouvido também os hóspedes deste turismo na costa norte de São Miguel, nos Açores. A herdade, construída no início do século XVII, foi forte de milícias, quinta de laranjais e fábrica de chá. Hoje, quem aqui chega vem em busca de tranquilidade e encontra-a em passeios por estes 20 hectares, com o mar mesmo ali ao lado, mas também em mergulhos na piscina ou banhos de sol quando o tempo ajuda. E se o clima pedir aconchego, não faltam lareiras por cá.

Bernardo Brito e Abreu, antigo marinheiro e atual estudante de arquitetura, não quis deixar ao abandono a quinta da família. Transformou as casas ali existentes em cinco lofts e três apartamentos, todos T1 com cozinha aberta para a sala, todos confortáveis e todos muito bonitos. Nas paredes, saltam à vista desenhos, quadros e fotografias – alguns são resultado das residências artísticas de um mês que ali se organizam.

A realizadora Cláudia Varejão foi a mais recente hóspede-artista do Pico do Refúgio e por lá já passaram, entre outros, o artista plástico Miguel Palma, os fotógrafos Daniel Blaufuks e António Júlio Duarte, o bailarino e coreógrafo Gustavo Cirriaco e o músico Thurston Moore. No final da residência, deixam uma obra, que Bernardo expõe nas áreas comuns. “A coleção de arte e design do Pico do Refúgio é para os hóspedes”, sublinha.

A ideia das residências é uma outra história das que este lugar tem. O historiador de arte Luís Bernardo Leite de Ataíde, bisavô de Bernardo, fazia da quinta a sua casa de campo, tal como, depois, o fez também a sua avó, a pintora Maria Luísa Ataíde. Mas foi sobretudo a mãe de Bernardo que o inspirou: Luísa Constantina, escultora e professora de arte, viveu aqui e convidava, com frequência, os seus alunos. “Ter aqui residências é como fazer aquilo que a minha mãe fazia quando era viva e trazia artistas e estudantes de arte que vinham para cá acampar. Lembro-me de ser pequeno e de estar aqui com eles. É como um legado. Acredito que as pessoas devem continuar a vir”, afirma. Os Açores no centro do mundo, pois. E da tranquilidade, também. **VI Gabriela Lourenço**

Roda do Pico 5, Rabo de Peixe, Ribeira Grande, São Miguel, Açores > T. 296 491 062 > a partir de €76

## VII | O TRILHO COMO LUGAR DE **INTERVENÇÃO**



Açores

*“Há um intenso orgulho  
Na palavra Açor  
E em redor das ilhas  
O mar é maior*

*Como num convés  
Respiro amplidão  
No ar brilha a luz  
Da navegação*

*Mas este convés  
É de terra escura  
É de lés a lés  
Prado agricultura*

*É terra lavrada  
Por navegadores  
E os que no mar pescam  
São agricultores (...)”<sup>40</sup>*

Sophia de Mello Breyner

---

<sup>40</sup> BREYNER, S. - *O Nome das Coisas*. Morais Editores. Lisboa.1977





96 *Caminho do Trilho do Sanguinho*

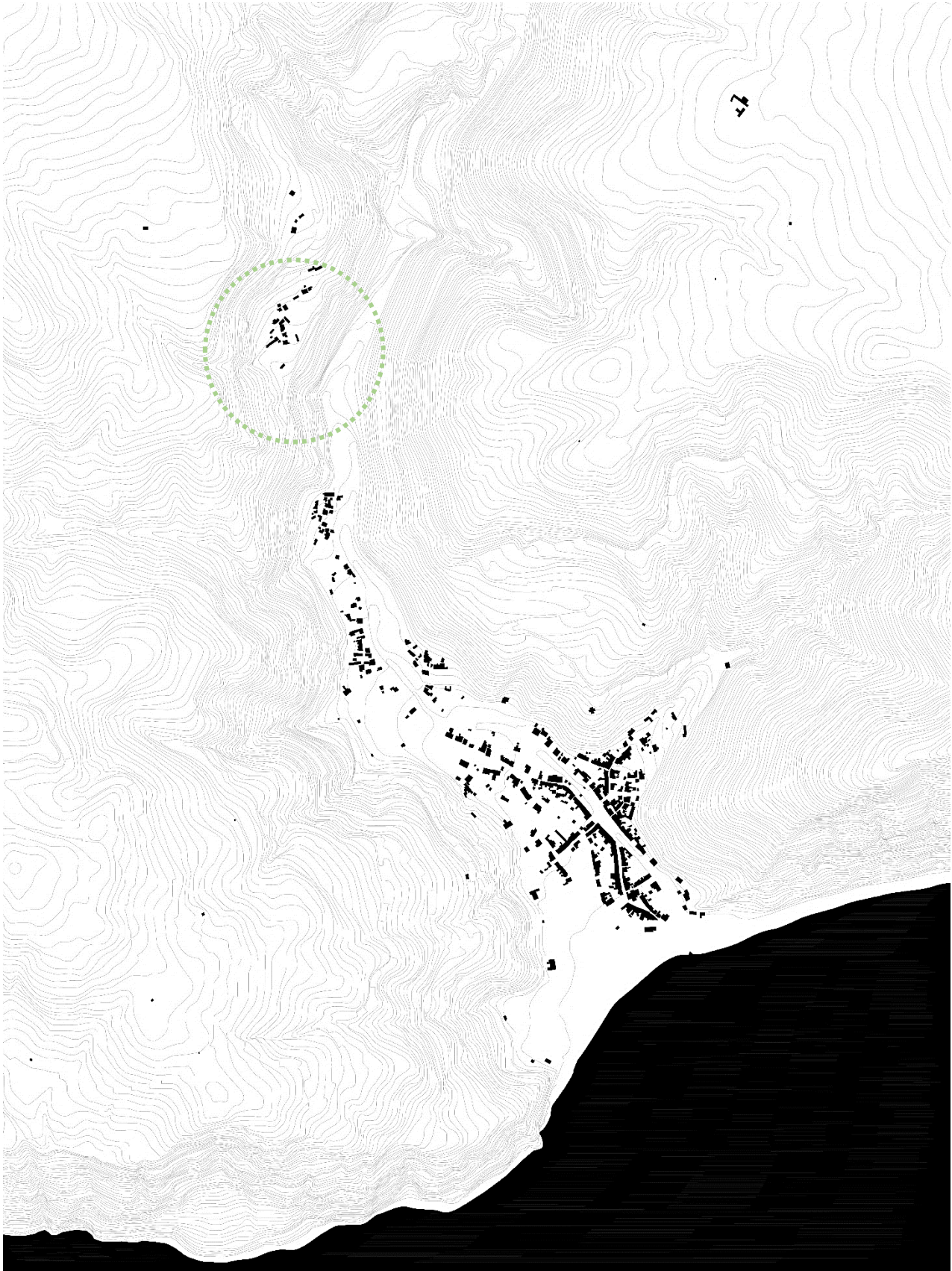


## ENQUADRAMENTO | “A aldeia do Trilho do Sanguinho”

Como anteriormente referido, o projeto insere-se numa aldeia na freguesia do Faial da Terra, que possui cerca de 377 habitantes, de acordo com os censos de 2011.

A aldeia, situada a noroeste da freguesia, está inserida no Trilho do Sanguinho e é constituída por 22 casas, estando praticamente desabitada. Outrora, a aldeia possuiu cerca de 300 habitantes que por força da falta de condições financeiras, sentiram-se obrigados a sair da mesma, emigrando ou simplesmente procurando outros pontos na ilha. Hoje em dia, há 11 casas reabilitadas, encontrando-se as restantes em ruínas. Porém, a intervenção nas 11 casas foi realizada de uma forma muito superficial, cuidando apenas do seu exterior, mantendo praticamente intacto o seu interior. Consequentemente a proposta incluirá essas mesmas casas, oferecendo-lhes uma diferente identidade, tanto a nível exterior como funcional.

O trilho, de categoria circular e de dificuldade média, possui cerca de 4.5 km levando cerca de 2 horas até ser concluído. Tendo início junto a uma paragem de estacionamento, desenvolve-se num primeiro momento ao longo da ribeira da freguesia, passando posteriormente, para caminhos de terra e cerrada vegetação, em que podemos encontrar como exemplos predominantes o Incenso e a Acácia. Na parte final do trilho podemos ficar maravilhados com a presença de uma cascata que nos oferece uma água limpa e apelativa a quem desejar refrescar-se, passando por fim, pela aldeia em estudo e terminando na freguesia do Faial da Terra.



97 Planta de localização da freguesia do Faial da Terra



98 Vista aérea sobre a freguesia do Faial da Terra



99 Terreno na aldeia do Trilho do Sanguinho



100 Vista sobre a freguesia do Faial da Terra



101 *Riacho na aldeia do Trilho do Sanguinho*



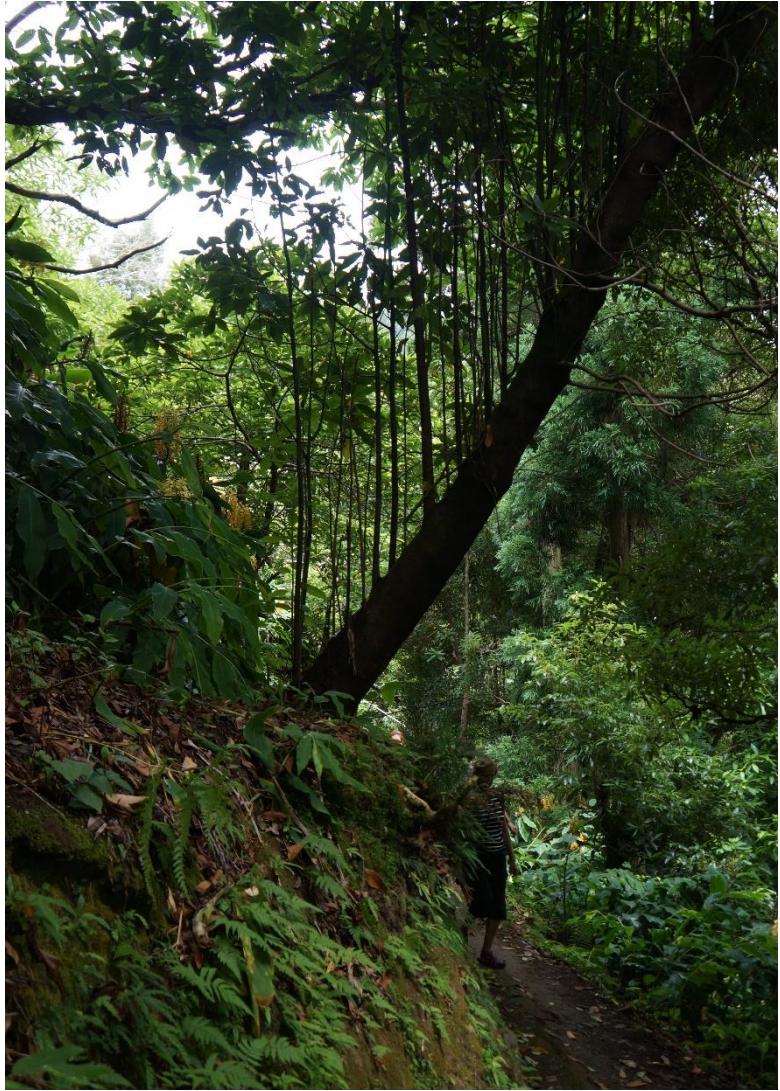
102 *Lavrador a mudar as vacas de terreno*



103 *Entrada de uma horta na aldeia do Trilho do Sanguinho*



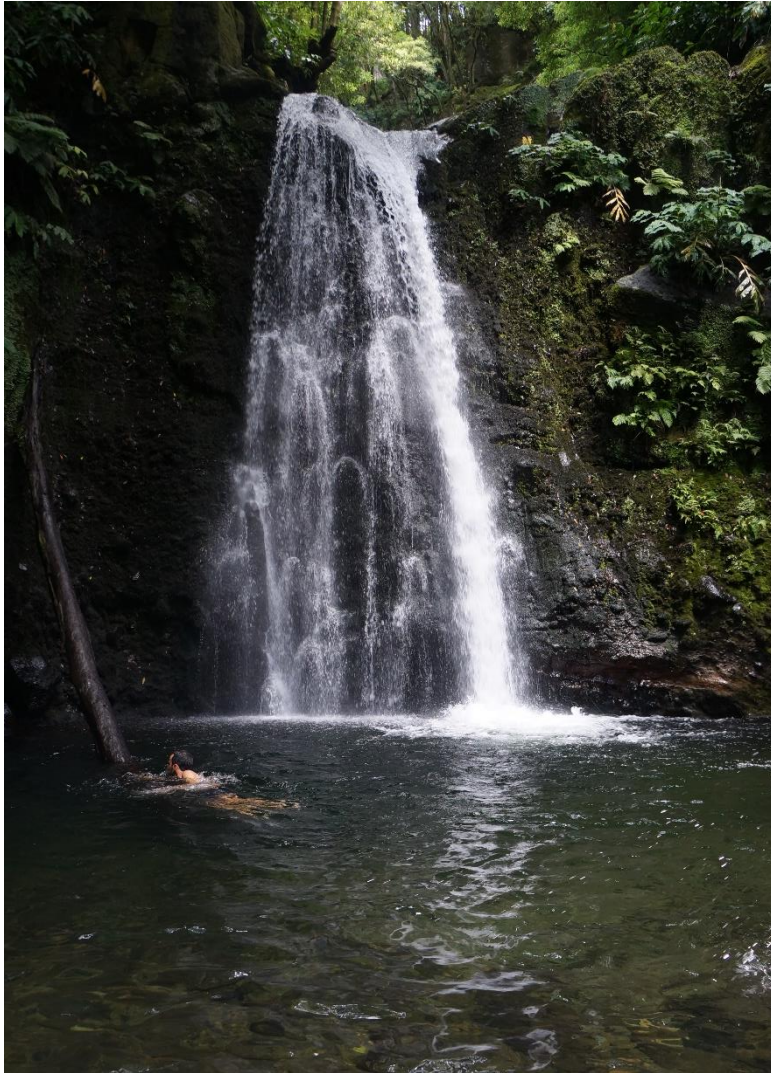
104 *Percurso para a aldeia do Trilho do Sanguinho*



105 *Trilho do Sanguinho*



106 *Aldeia do Trilho do Sanguinho*



107 *Cascata do Trilho do Sanguinho*



108 *Aldeia do Trilho do Sanguinho*



109 *Aldeia do Trilho do Sanguinho*



110 *Trilho do Sanguinho*

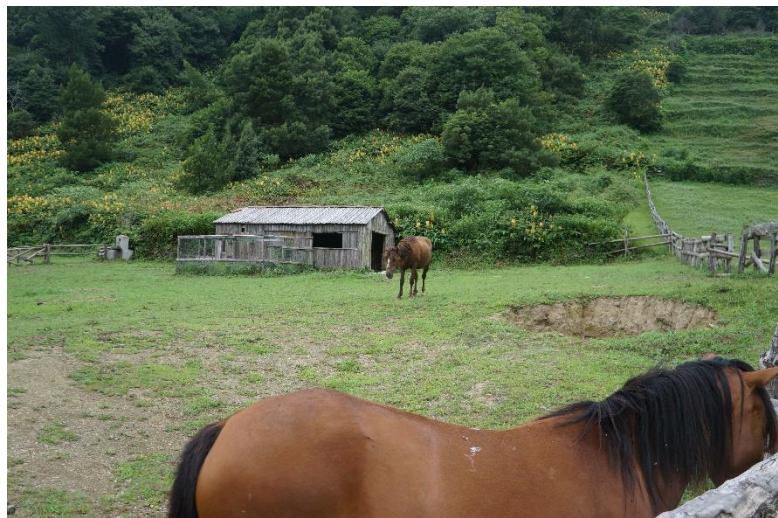
Encontrando-se a aldeia numa situação de abandono, em que parte das 11 casas rehabilitadas são utilizadas exclusivamente no Verão, pensámos que a nossa intervenção pudesse, numa primeira fase, tentar perceber como poderíamos tornar esta aldeia sustentável a longo prazo, bem como manter a sua utilização ao longo de todo o ano. Posto isto, propusemos um esquema que organizasse os espaços da aldeia, dos mais públicos para os menos públicos (visto que se insere num trilho acessível a todos), de modo a interligar o programa proposto com a realidade existente.



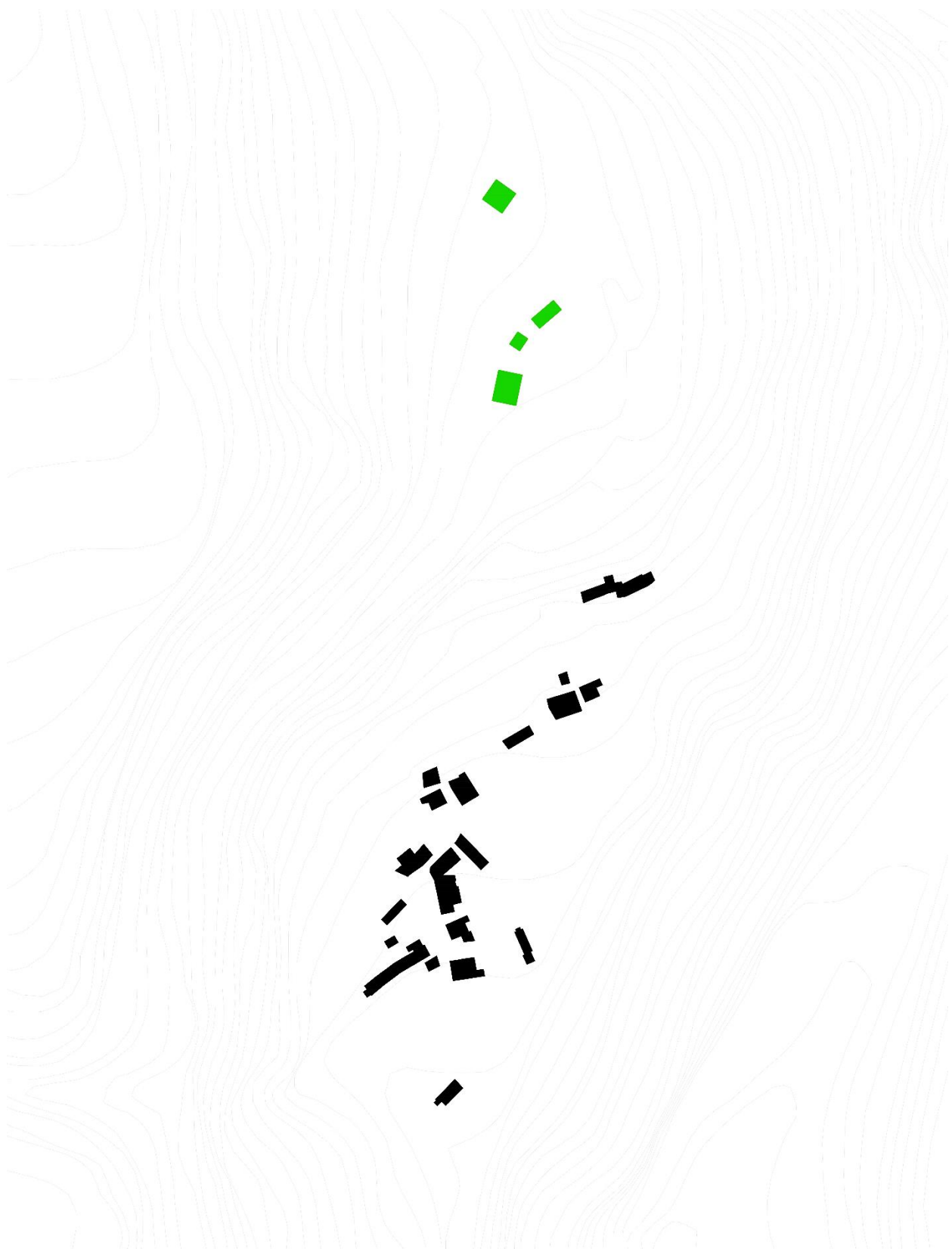
111 Planta esquemática para mostrar o conceito utilizado

Assim, a aldeia englobará atividades ligadas: à produção, como a agricultura e criação de gado; ao desporto, como o birdwatching, cicloturismo, equitação, geocaching e percursos pedestres; ao turismo rural, possuindo um serviço de receção, de cafetaria/bar, de cozinha experimental e 10 casas disponíveis para alugar; à habitação, possuindo 3 casas para os zeladores (que se irão inserir em trabalhos da aldeia, como a agricultura, tratamento do gado ou a limpeza do trilho); à cultura, com um espaço de exposições e informações sobre os trilhos da ilha; e por fim, ao bem-estar pessoal possuindo um pequeno espaço em que o turista poderá relaxar e meditar, com os sons e fragâncias da ilha enquanto aprecia a verdejante paisagem da aldeia.

Na planta que se segue, indicamos os novos corpos arquitetónicos, nomeadamente o mirante e os estábulos para a criação de vacas, porcos e burros, que complementarão a reabilitação das casas e ruínas existentes na aldeia.



112 *Estábulos na aldeia do Trilho do Sanguinho*



**113** *Planta esquemática para mostrar a localização dos novos edifícios propostos*

Com base no esquema anteriormente apresentado distribuímos o programa pela aldeia tentando respeitar o conceito que referimos no subcapítulo anterior.

Assim, e visualizando a planta que se segue, observamos a existência de um mirante (1), elemento característico da construção vernacular açoriana, que simboliza o início da aldeia. Marca o local de chegada dos turistas, que numa cota superior, poderão usufruir da vista sobre a freguesia e a sua envolvente.

Numa cota inferior ao mirante, mas salvaguardando a distância às casas existentes, propusemos a construção de estábulos (2) destinados à criação de gado, tanto para usufruto da aldeia como também para enriquecer a experiência do turista no local a visitar. Um bom exemplo, é a possibilidade de, através do burro, o turista descer à casa que alugou, à semelhança do que se fazia antigamente. Ou então, poder ir buscar os ovos ao galinheiro pela manhã juntamente com o zelador ou até mesmo aprender o processo da ordenha. Acreditamos que todos estes exemplos podem contribuir para o que realmente se procura numa viagem aos Açores: a essência do local e o contato com a Natureza em todo o seu esplendor.

Ao caminhar em direção às casas o turista depara-se com a receção (3), em que pode encontrar um pequeno espaço de bar interligado com a zona de exposições e espaço de audiovisuais. Enquanto espera pelo “check-in”, pode subir ao piso superior, onde encontrará um novo corpo em madeira agregado ao torreão existente. Trata-se um espaço mais íntimo, podendo a pessoa aproveitar para ler ou tomar um chá típico da ilha.



**114** *Planta esquemática para identificar os vários edifícios constituintes da aldeia*

Ainda antes da chegada às casas, encontramos dois espaços de comércio (4 e 5), que foram desenhados de modo a que o turista possa não só comprar, como também provar e informar-se acerca dos produtos tradicionais açorianos, desde comida ao artesanato.

Passando pelas casas dos zeladores (6,7 e 8), o turista pode usufruir da cafetaria/bar (9), com zona de jogos e música à noite, ou simplesmente almoçar/jantar na cozinha experimental (10), tendo uma experiência próxima com o “chef” e aprender como confeccionar os melhores pratos açorianos.

Por fim, encontram-se as casas para turismo rural (11,12,14,15,16,17,18) com diversas tipologias e um pequeno espaço de reflexão e meditação (13).



115 *Sem título*

## VIII | A PROPOSTA



*“ (...) Do ponto de vista construtivo, esta arquitetura enquadra-se genericamente na tradição da casa meridional, mediterrânica, sendo determinante o uso da pedra e da telha cerâmica e complementar o uso da madeira (...) ”*<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> TOSTÕES, Ana; SILVA, Filipe Jorge; CALDAS, João Vieira; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; BARCELOS, Nuno; MESTRE, Vítor – *Arquitectura Popular dos Açores*. Ordem dos Arquitectos. 2ª Edição. Lisboa. 2007. p. 541





116 *Aldeia do Trilho do Sanguinho*



De acordo com o programa apresentado anteriormente, além de propormos os novos corpos arquitetónicos, como o mirante e os estábulos, realizámos dois tipos de intervenções para as casas existentes. Nas casas que atualmente se encontram reabilitadas, foram, de acordo com a sua nova função atribuída, alterados os seus interiores, tendo sido removidas as paredes originais em tabique. Assim foi possível tornar o espaço amplo, oferecendo uma organização que cumpra com as necessidades impostas pelo programa.

Em termos de tipologia trata-se de um conjunto de edifícios, a maior parte dos quais com apenas um ou, no máximo, dois pisos com áreas limitadas.

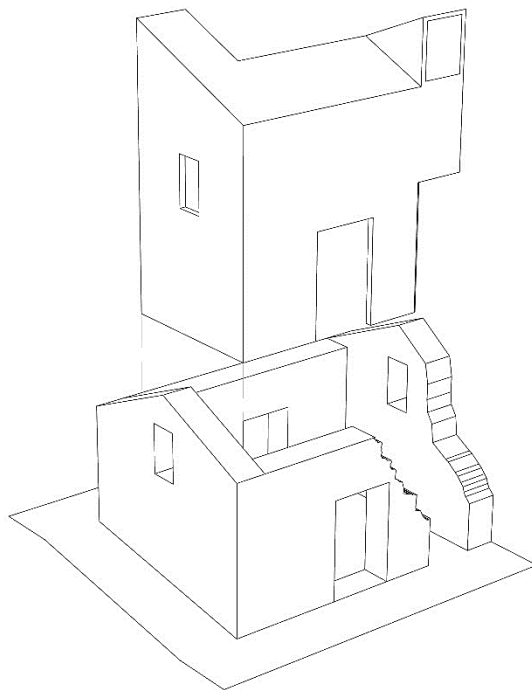
Do ponto de vista estrutural, os elementos resistentes são constituídos pelas paredes exteriores de grande espessura em alvenaria ordinária ou aparelhada, em fachadas e empenas, fundadas em terreno firme rochoso, a uma cota próxima da superfície.

As coberturas são em estrutura de asna tradicional em madeira, assente na maior parte dos casos sobre a alvenaria de pedra das paredes exteriores de fachada. Em algumas situações, nas zonas dos vãos das janelas, estas asnas assentam diretamente sobre a verga de madeira destes mesmos vãos. Há casos, ainda, em que a estrutura se desenvolve longitudinalmente, recorrendo a peças de grande secção que apoiam nas paredes de empena e suportam o vigamento de madeira que por sua vez serve ao revestimento da cobertura.

Em todas as casas é possível encontrarmos vestígios da existência de um forno.

No seu exterior decidiu-se que em algumas casas haveria necessidade de retirar o atual reboco de cor branca, de modo a que em todas as casas da aldeia fosse possível visualizar o basalto negro que originalmente compunha a paisagem local.

Nas ruínas, o método de intervenção utilizado consistiu na introdução de uma “caixa”, constituída por uma estrutura leve em aço revestida em madeira, moldando-se às paredes basálticas da ruína. Optou-se pela madeira como revestimento, por uma questão de “ligação” com a envolvente existente e pelo contraste que se observa na presença do basalto negro. Como anteriormente referido, em alguns casos é possível observar-se a ruína original através de molduras criadas na “caixa” de madeira introduzida.

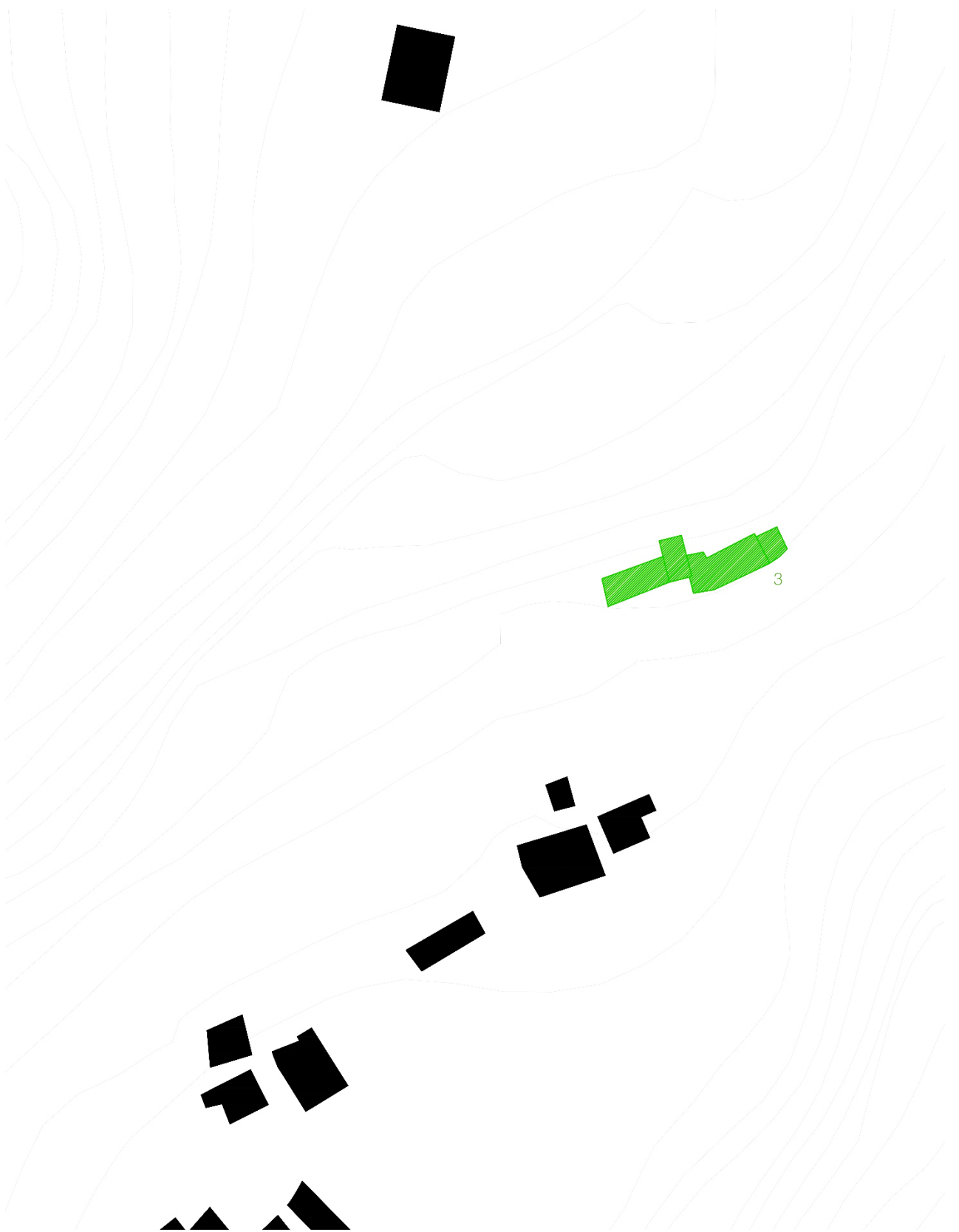


117 Axonometria explicativa da intervenção nas ruínas

Em certos exemplos, recorreu-se à ligação entre duas ou mais casas, de modo a oferecer uma tipologia que uma vez mais cumprisse com o programa pensado, tanto para as casas em questão, como para a aldeia.

Sempre que possível optámos por organizar o espaço interior das ruínas através de um “motor” constituído pela cozinha e por uma instalação sanitária, juntando assim as “águas” da casa.

As plantas das casas que posteriormente iremos apresentar possuem duas cores de “*hatch*”: o preto, representando tudo o que é original, nomeadamente a estrutura das casas e ruínas; o cinzento, representando tudo o que de novo se introduziu, como a estrutura da “caixa”, acessos verticais, paredes divisórias interiores e mobiliário. Optou-se por este método de representação para ajudar o leitor a ter uma melhor perceção das intervenções propostas.



118 *Planta de localização da casa Natália, Torreão e Ruína (3)*

## CASA NATÁLIA, TORREÃO E RUÍNA (3) | “Receção e Espaço de Cultura”

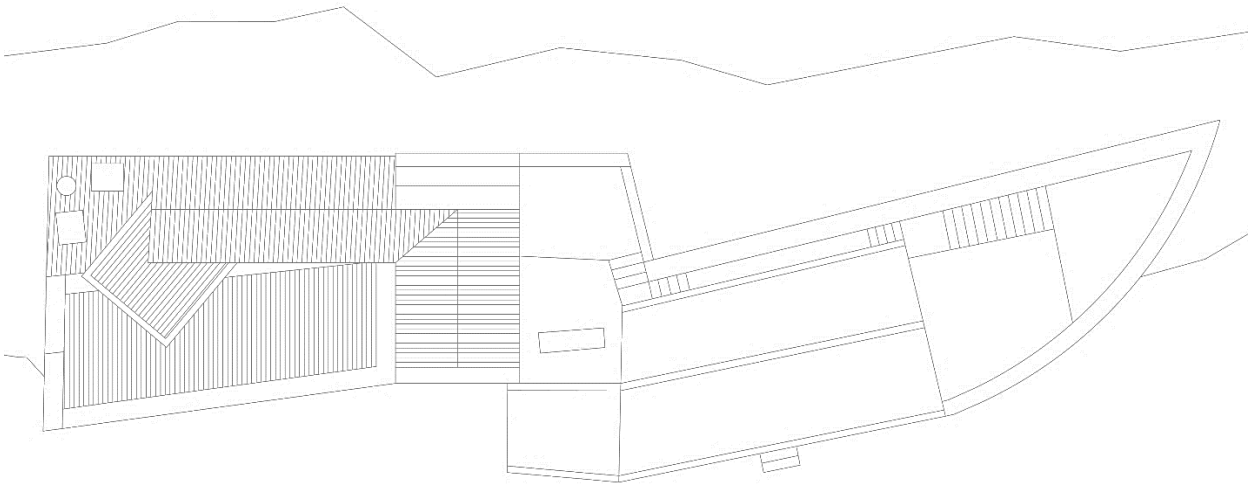
Como o próprio título indica, este caso é um exemplo em que se optou por criar ligação entre três casas que originalmente eram independentes.

A casa Natália e o Torreão estão atualmente reabilitados embora se encontrem fechados. O terceiro edifício é uma ruína que se apresenta degradada.

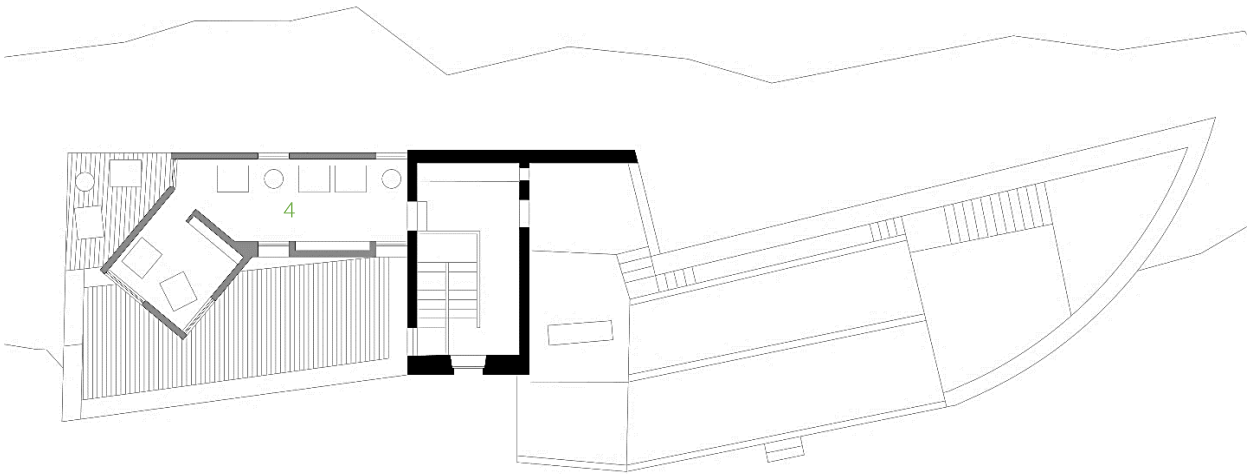
Assim, ao definirmos que este conjunto englobaria a receção da aldeia e o espaço cultural, sentimos a necessidade de criar uma ligação entre os três edifícios por considerarmos os espaços originais insuficientes para as funções acima apresentadas. Assim sendo, o conjunto possui uma zona de bar (1), alojada na ruína existente, uma receção (2) que se encontra ligada à zona de exposições e audiovisuais (3), localizados na casa Natália e por último um espaço de cariz mais íntimo para leitura ou lazer no novo edifício proposto (4) agregado ao Torreão existente, em que o acesso vertical se realiza através do último. (Ver desenhos à escala no Anexo I)



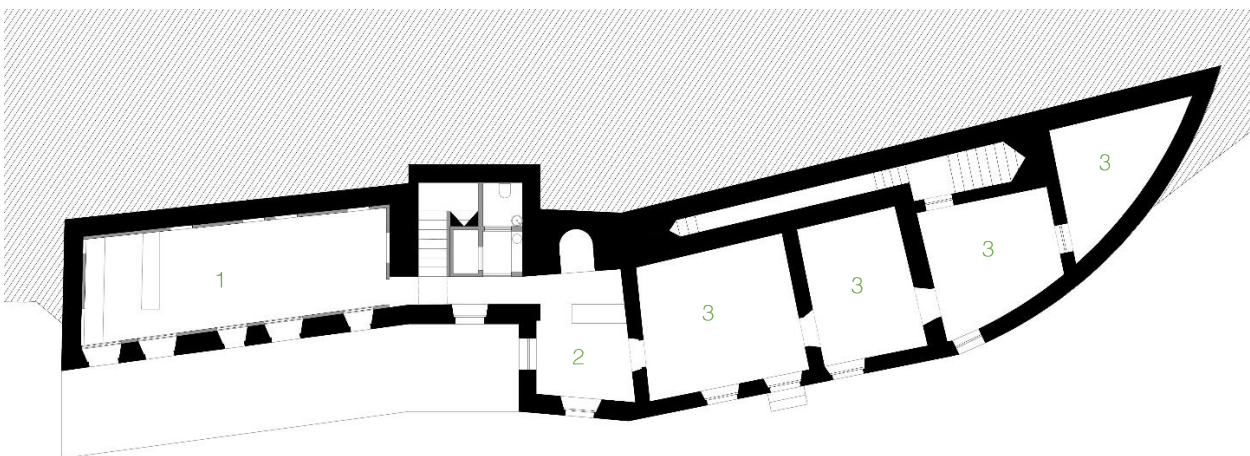
119 Fotografia da casa Natália, Torreão e Ruína (3)



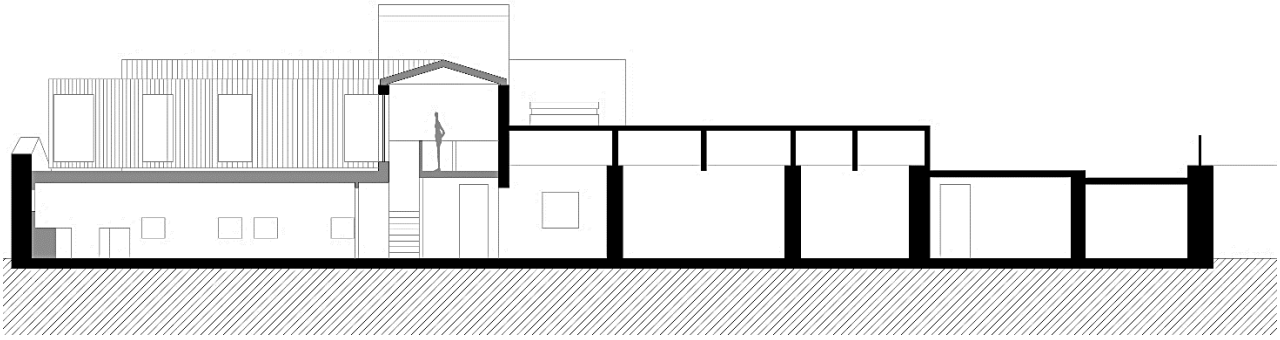
120 Planta de cobertura da casa Natália, Torreão e Ruína (3)



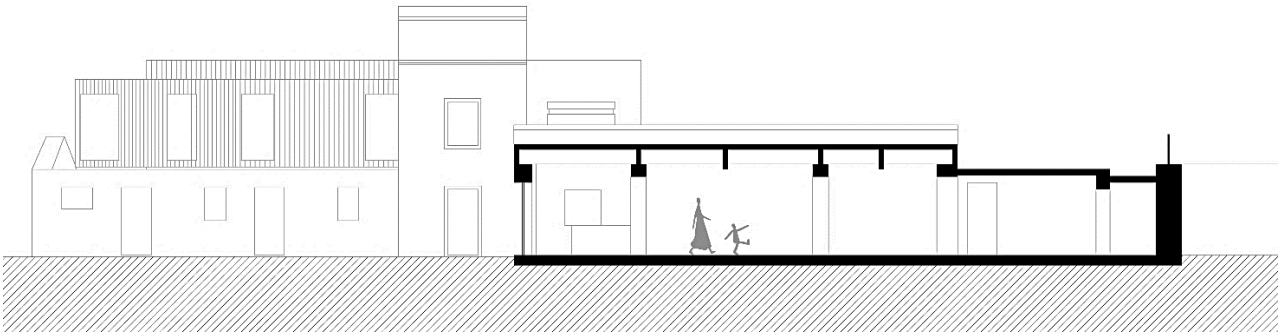
121 Planta piso 1 da casa Natália, Torreão e Ruína (3)



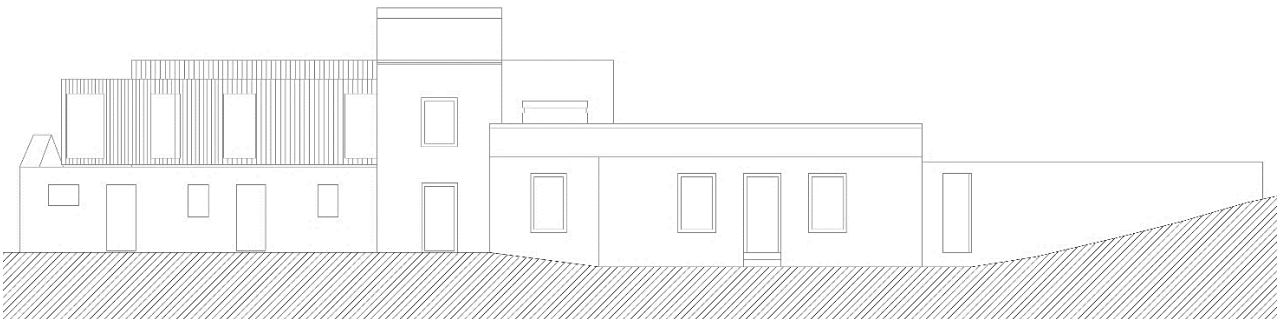
122 Planta piso térreo da casa Natália, Torreão e Ruína (3)



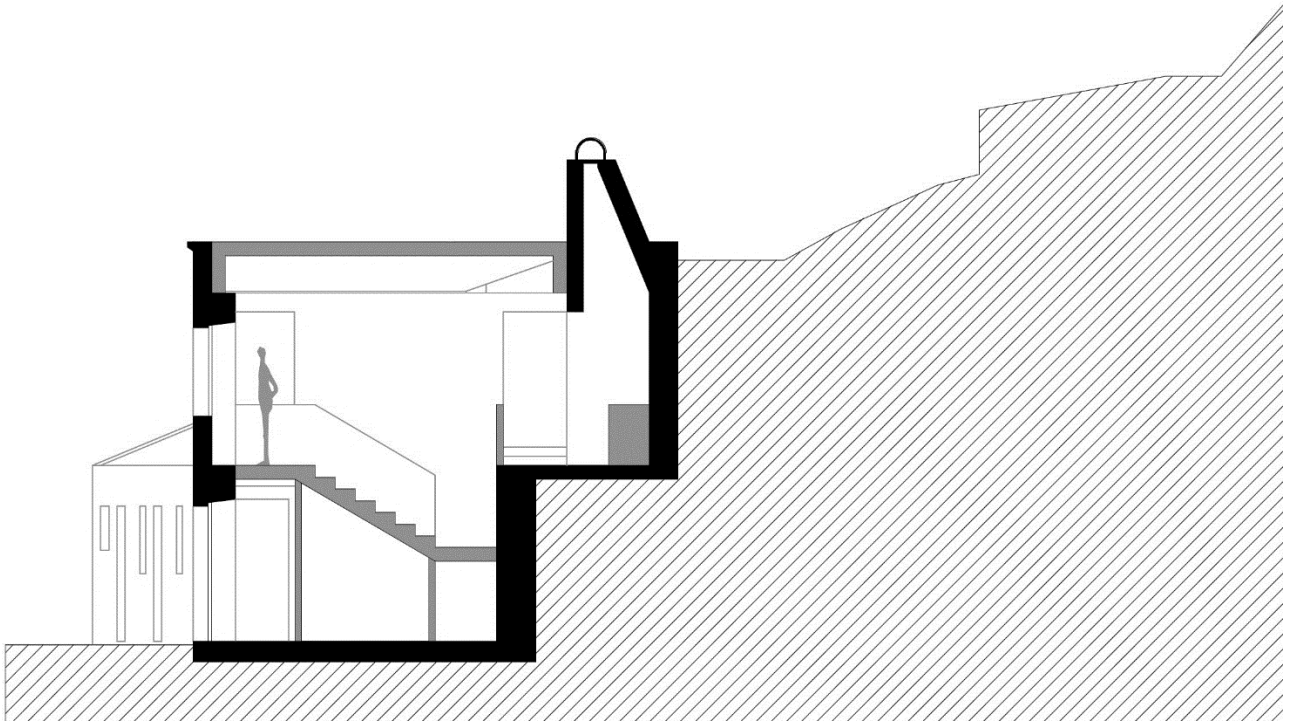
123 Corte longitudinal da casa Natália, Torreão e Ruína (3)



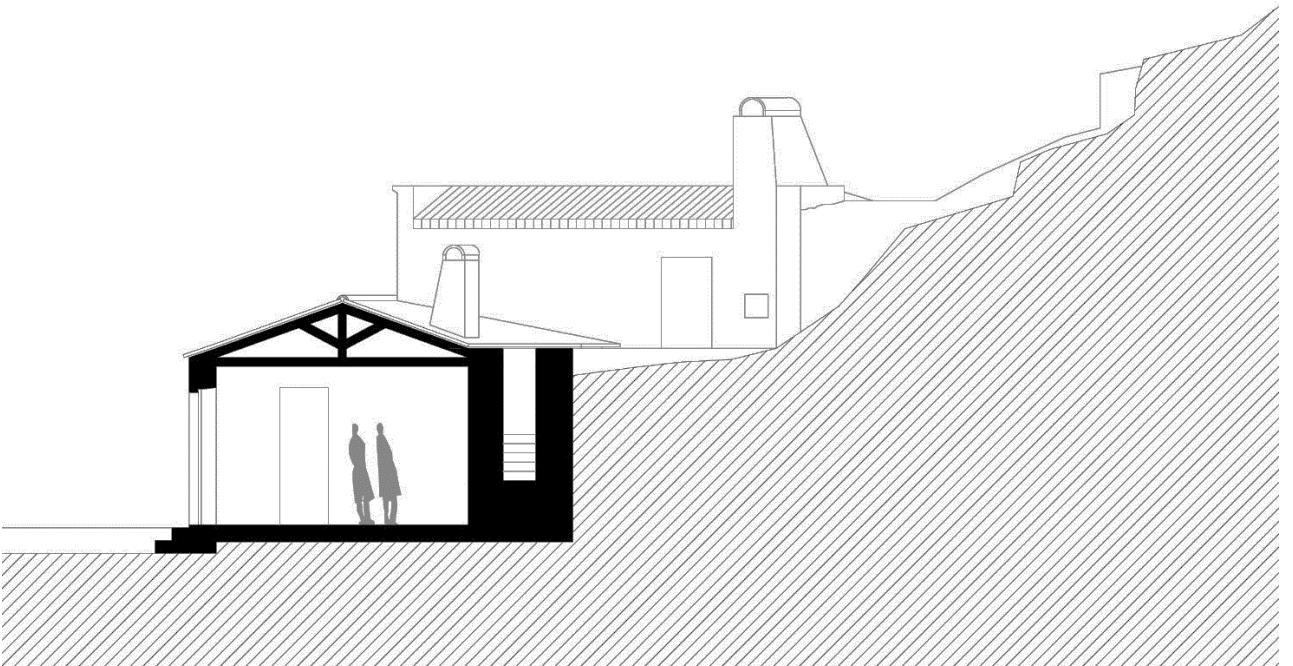
124 Corte longitudinal da casa Natália (3)



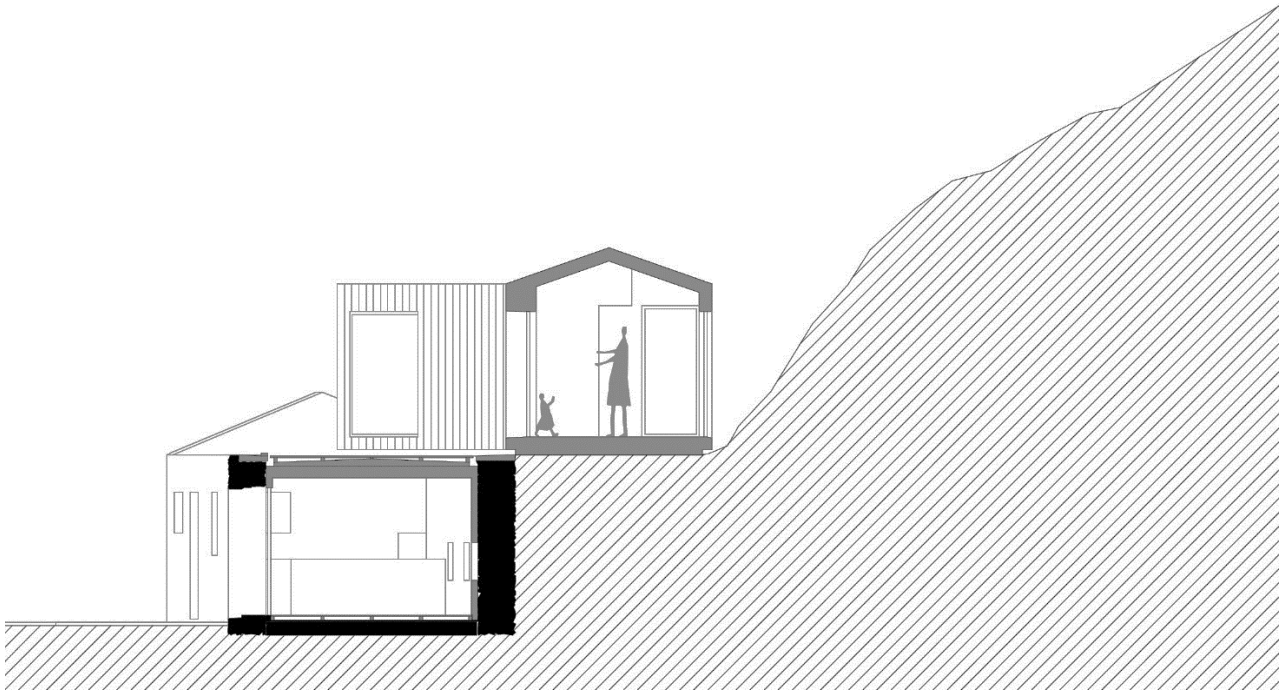
125 Alçado da casa Natália, Torreão e Ruína (3)



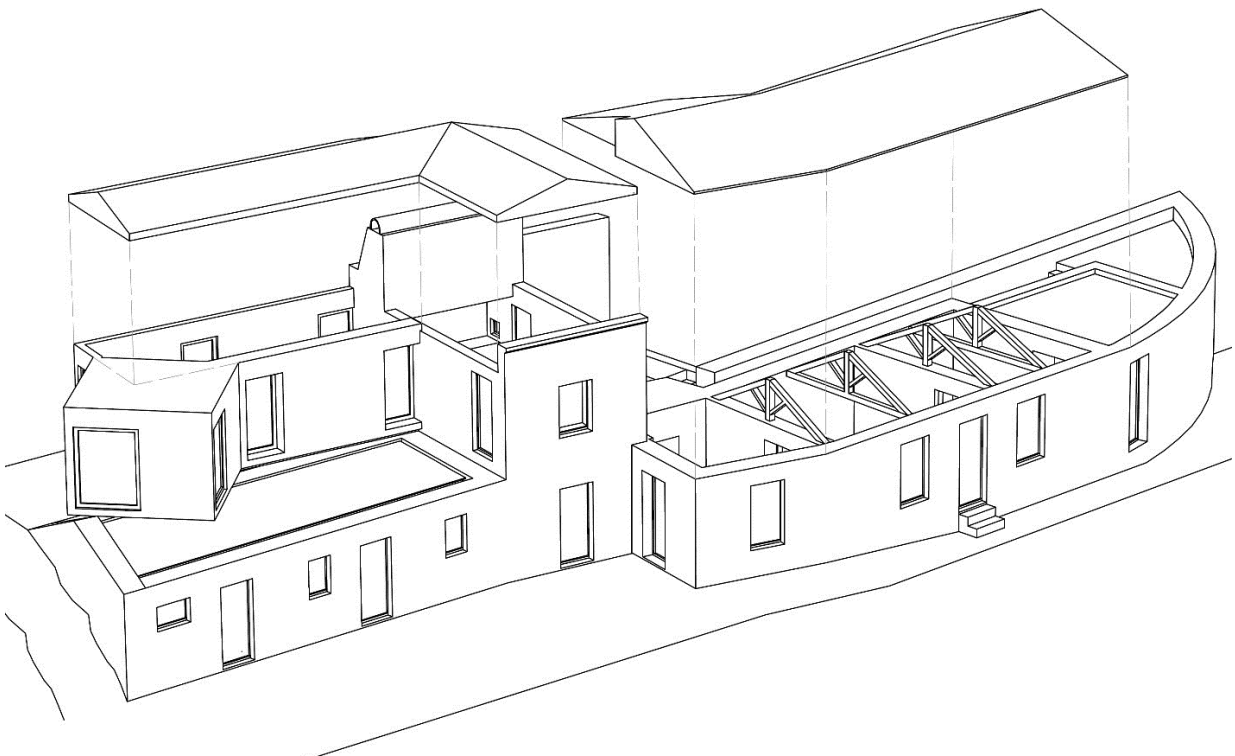
126 Corte Transversal do Torreão (3)



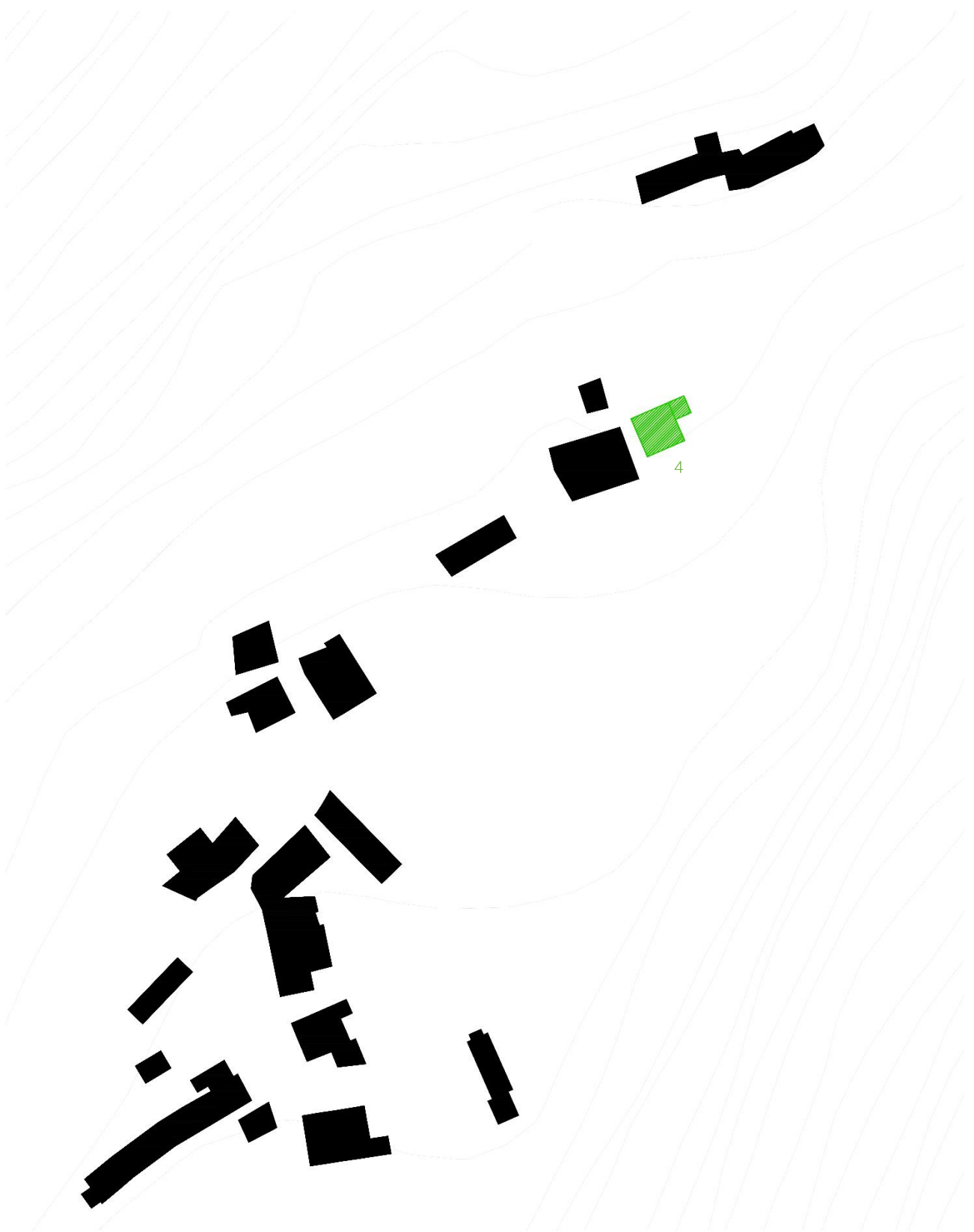
127 Corte Transversal da casa Natália (3)



128 Corte Transversal da Ruína (3)



129 Axonometria da casa Natália, Torreão e Ruína (3)



130 *Planta de localização da ruína (4)*

## RUÍNA (4) | “Espaço de comércio”

Edifício que atualmente se encontra em ruína e que se propôs para espaço de comércio. É constituído por um piso único tirando partido de um duplo pé-direito. Devido à sua dimensão, pensámos que poderia ser um espaço comercial complementar ao edifício que de seguida iremos apresentar (5). No seu interior podemos encontrar um balcão de atendimento e prateleiras de exposição que percorrem praticamente todas as paredes do edifício. (Ver desenhos à escala no Anexo I)



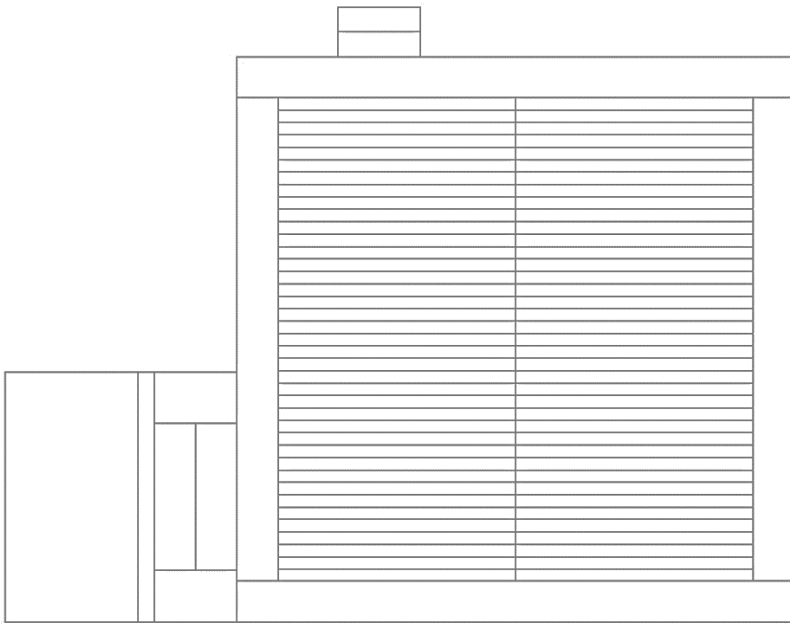
131 Interior da ruína (4)



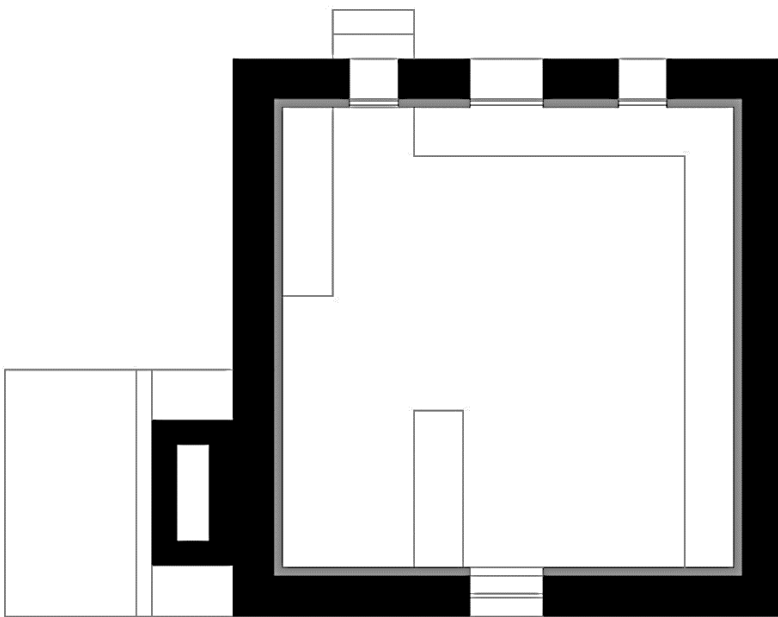
132 Interior da ruína (4)



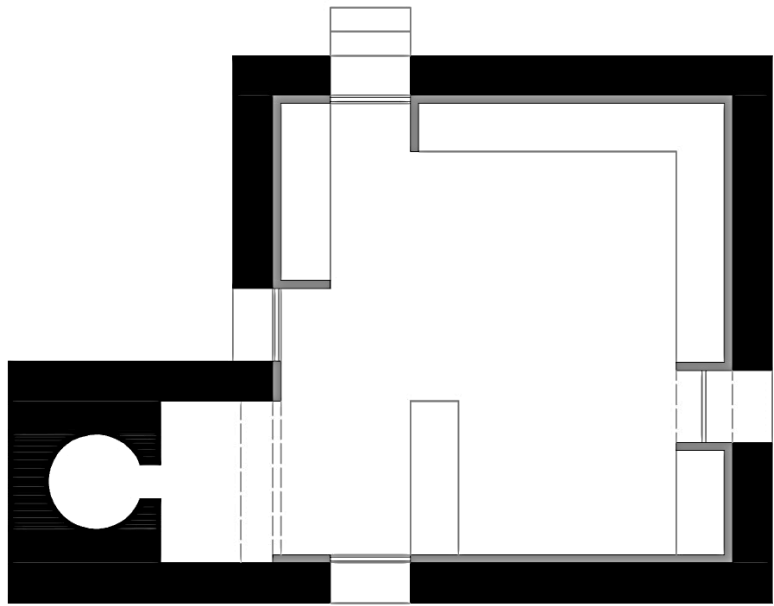
133 Exterior da ruína (4)



134 *Planta de cobertura da ruína (4)*



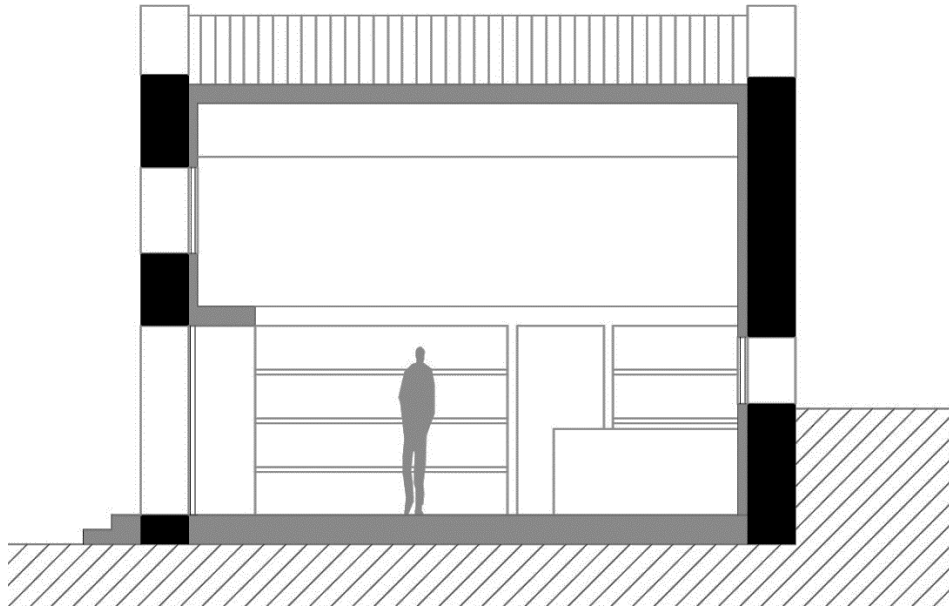
135 *Planta à cota 3.50 da ruína (4)*



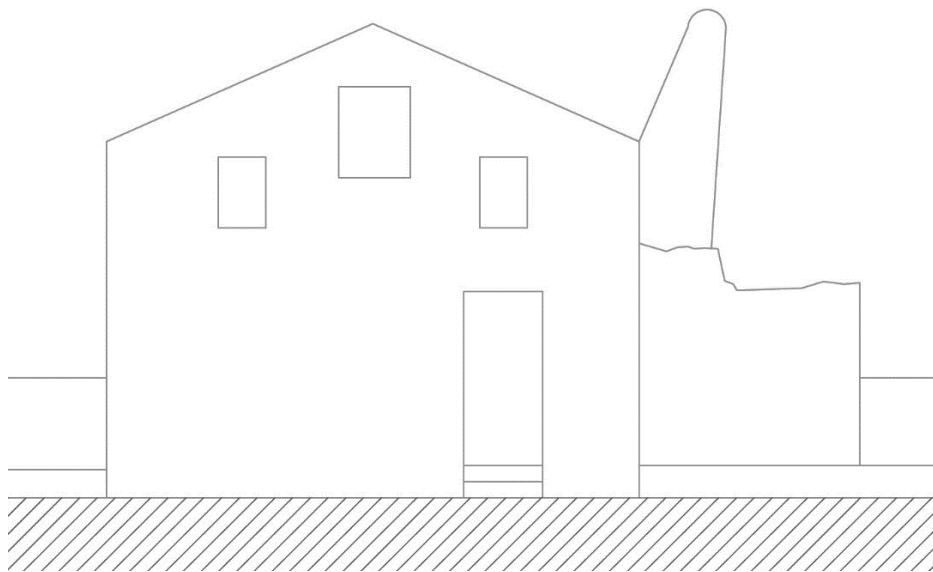
136 Planta piso térreo da ruína (4)



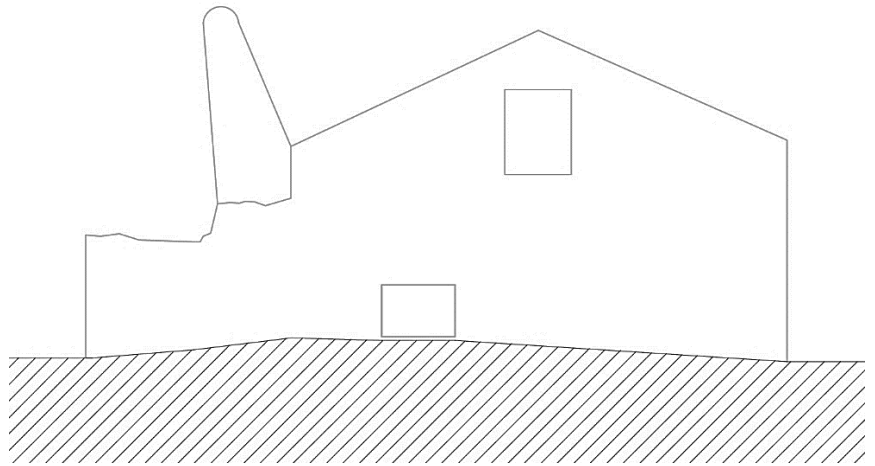
137 Corte transversal da ruína (4)



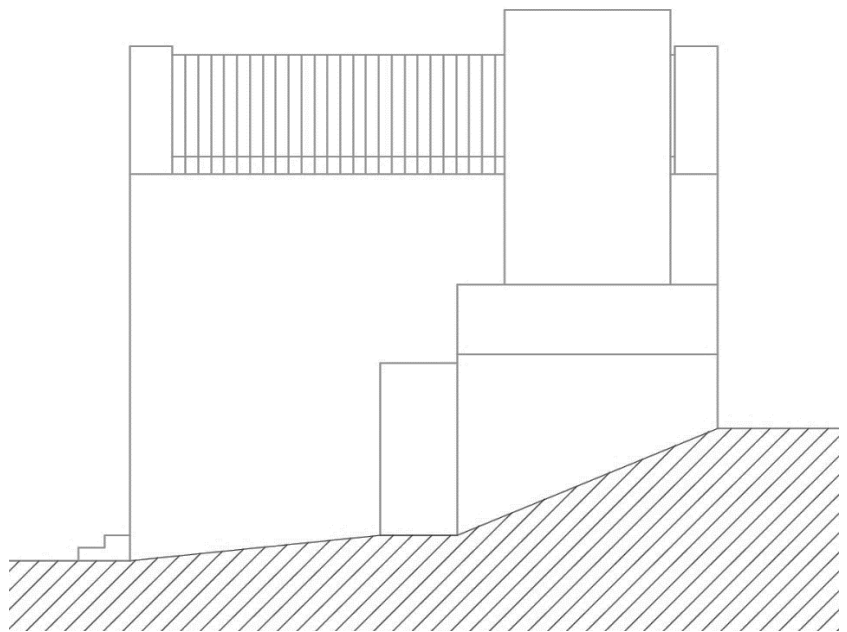
138 Corte longitudinal da ruína (4)



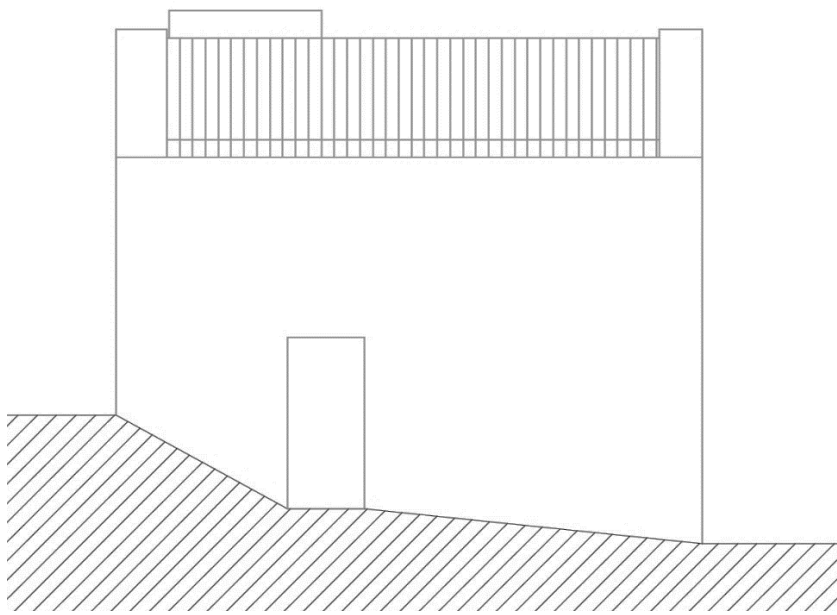
139 Alçado tardo da ruína (4)



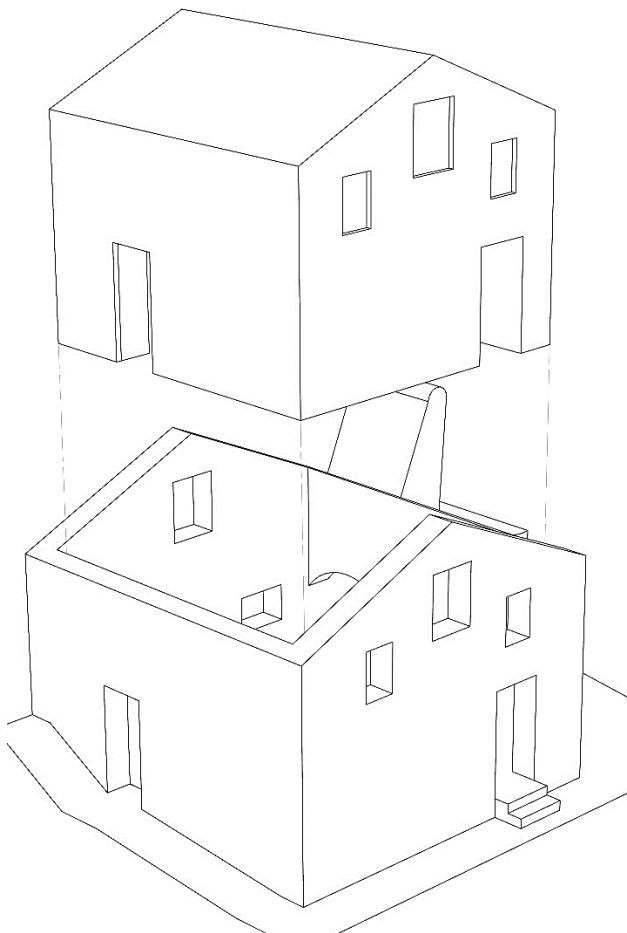
140 Alçado principal da ruína (4)



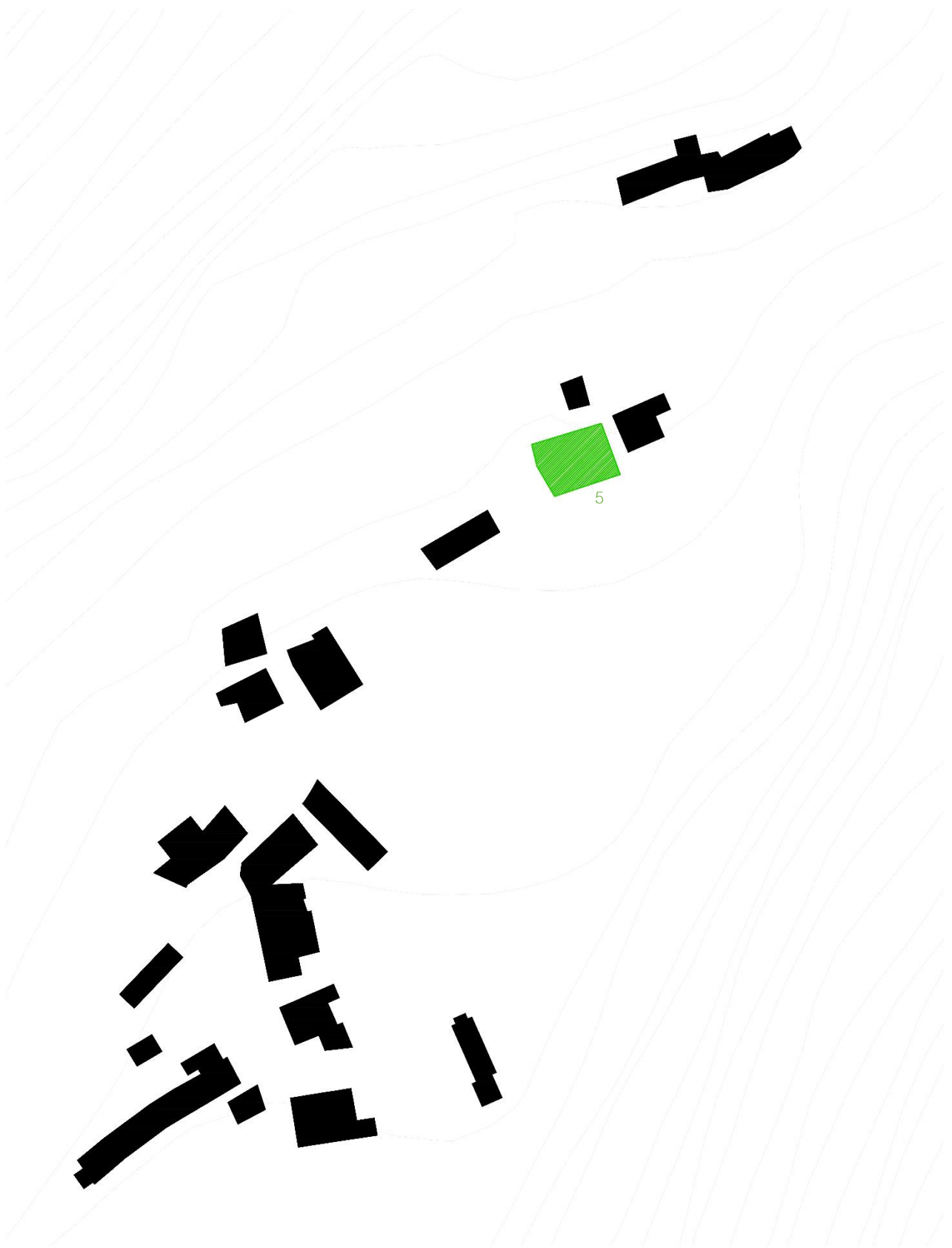
141 Alçado lateral esquerdo da ruína (4)



142 Alçado lateral direito da ruína (4)



143 Axonometria da ruína (4)



144 Planta de localização da ruína (5)

## RUÍNA (5) | “Espaço de comércio”

Edifício que atualmente se encontra em ruína e que se propôs para espaço de comércio. Aproveitou-se o desnível existente com cerca de 2,50 metros para se fazer um piso em mezzanine criando relações visuais entre a cota superior e a cota mais baixa. O turista terá possibilidade de usufruir de um espaço de estar (1) em que poderá provar os produtos antes de comprar. No piso de cota mais baixa, além de ter uma bancada em que se servirá cafés, chás e bebidas locais, possui uma despensa (2) e uma instalação sanitária para o staff (3). (Ver desenhos à escala no Anexo I)



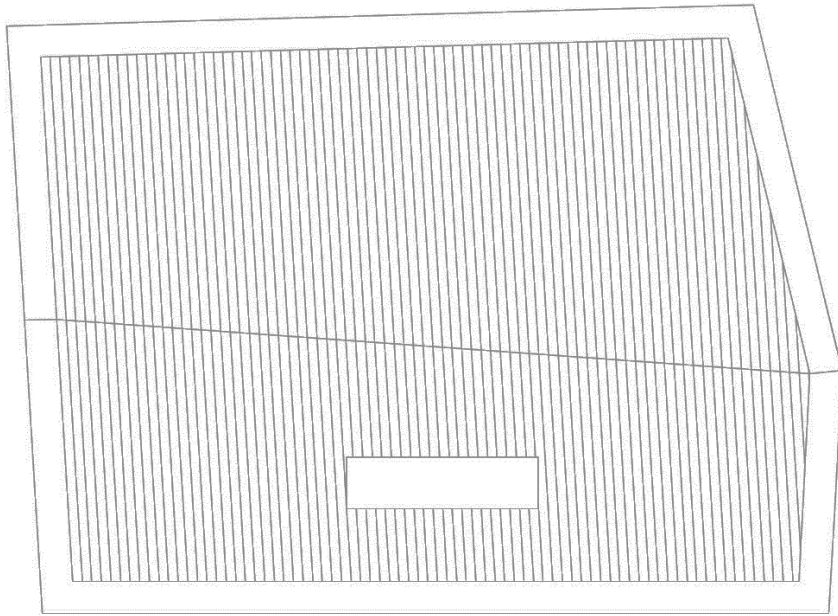
145 Interior da ruína (5)



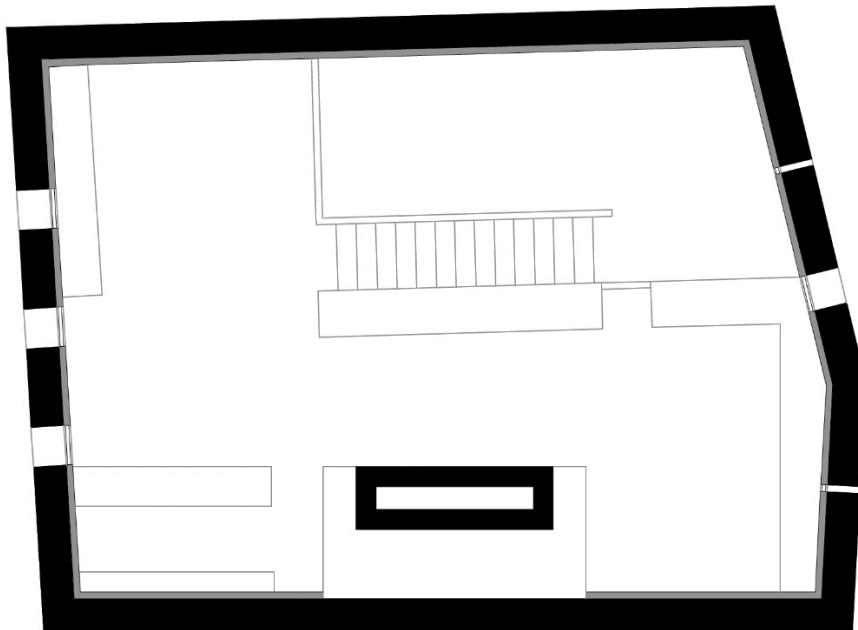
146 Interior da ruína (5)



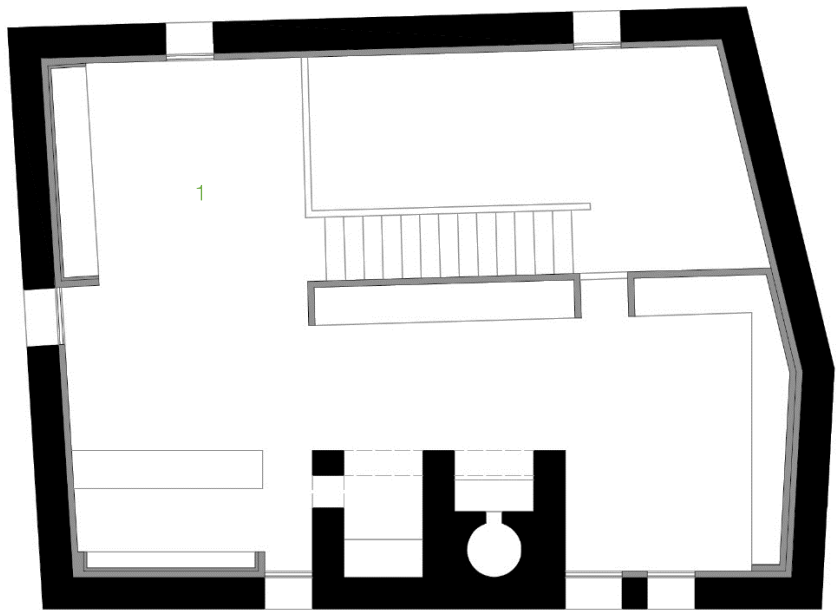
147 Exterior da ruína (5)



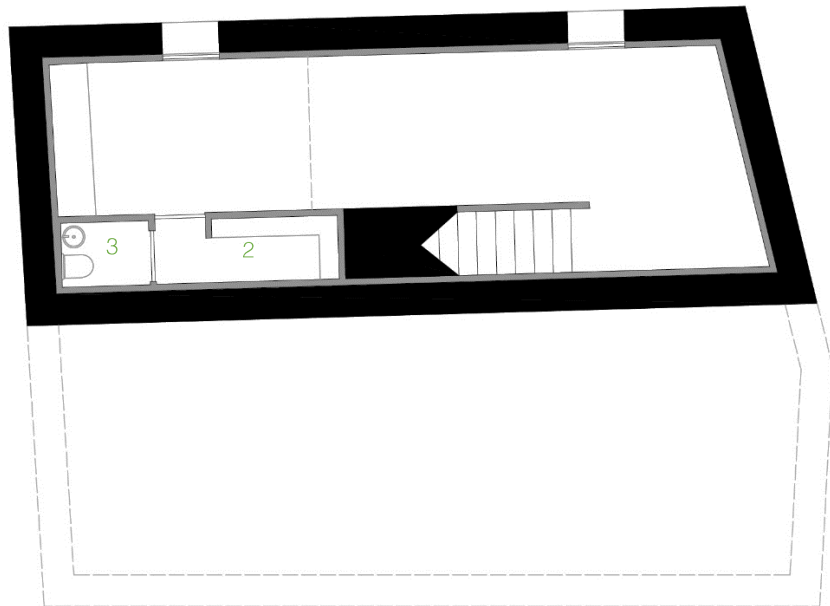
148 *Planta de cobertura da ruína (5)*



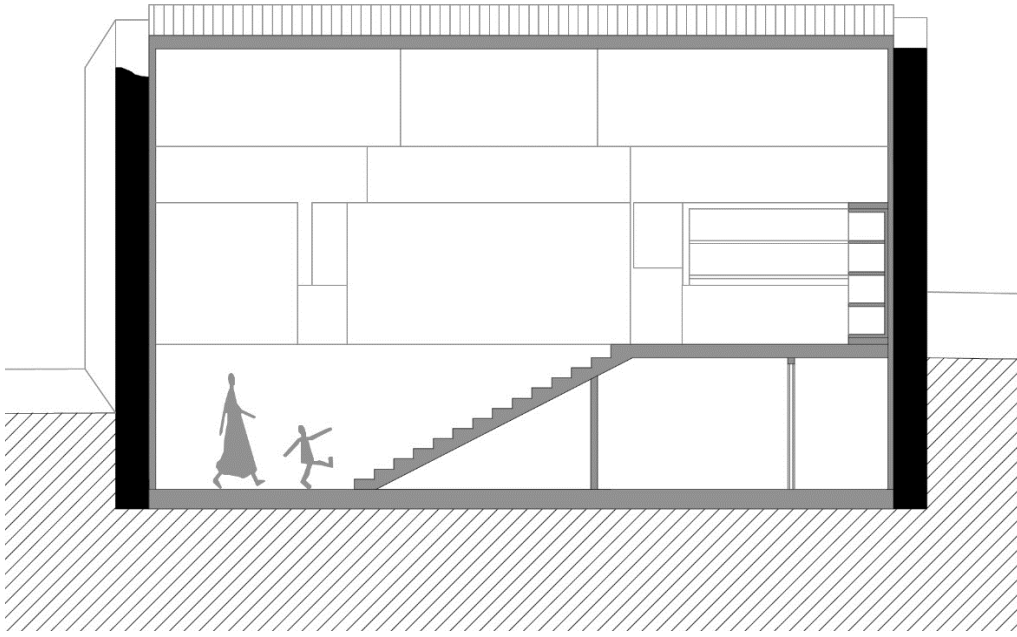
149 *Planta à cota 3.90 da ruína (5)*



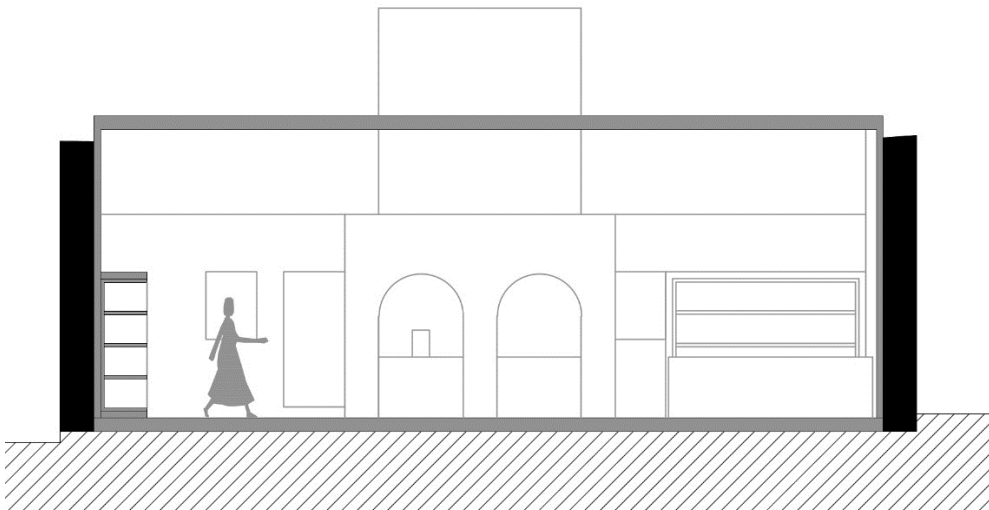
150 Planta piso térreo da ruína (5)



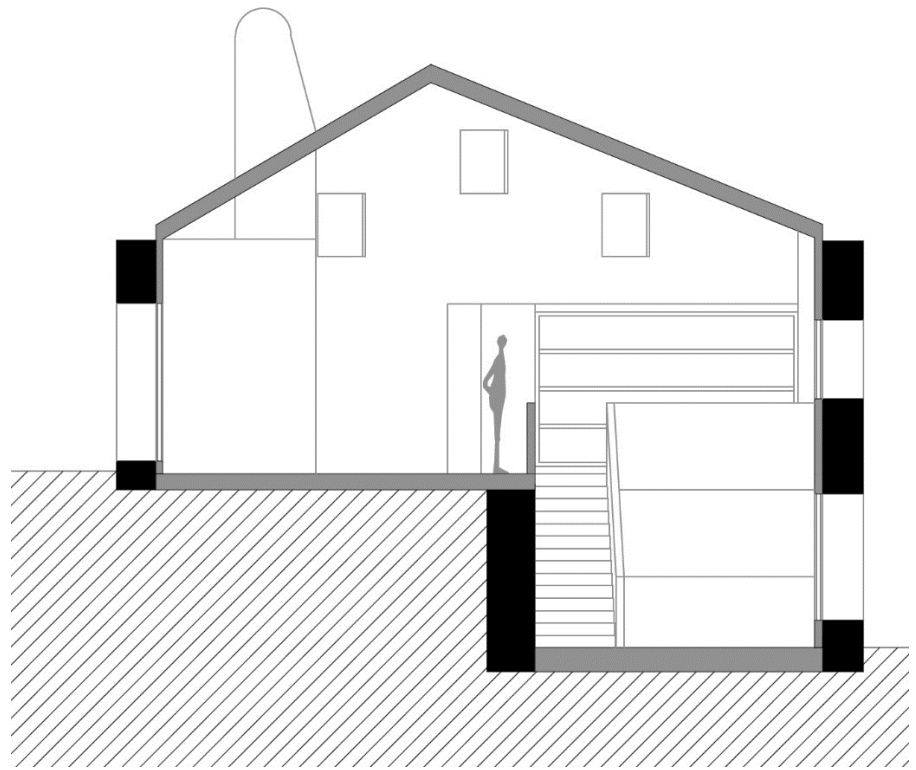
151 Planta piso -1 da ruína (5)



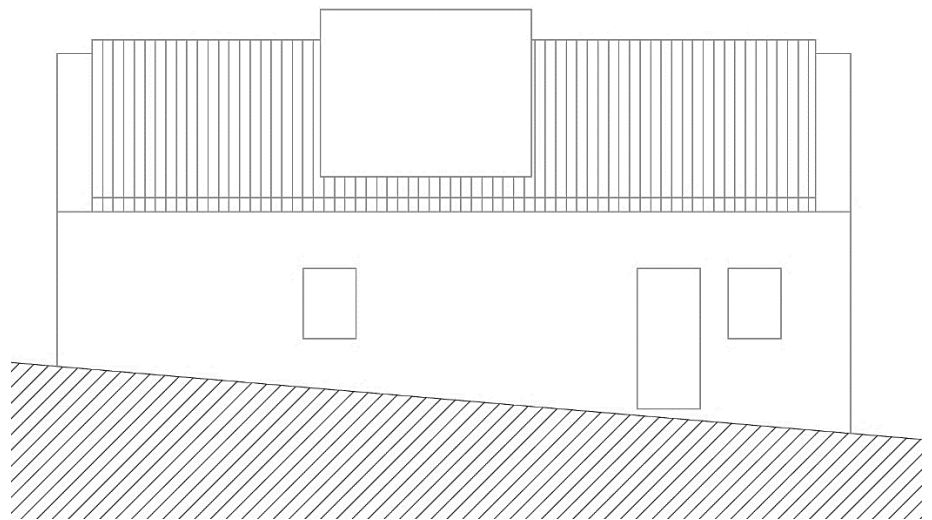
152 Corte longitudinal da ruína (5)



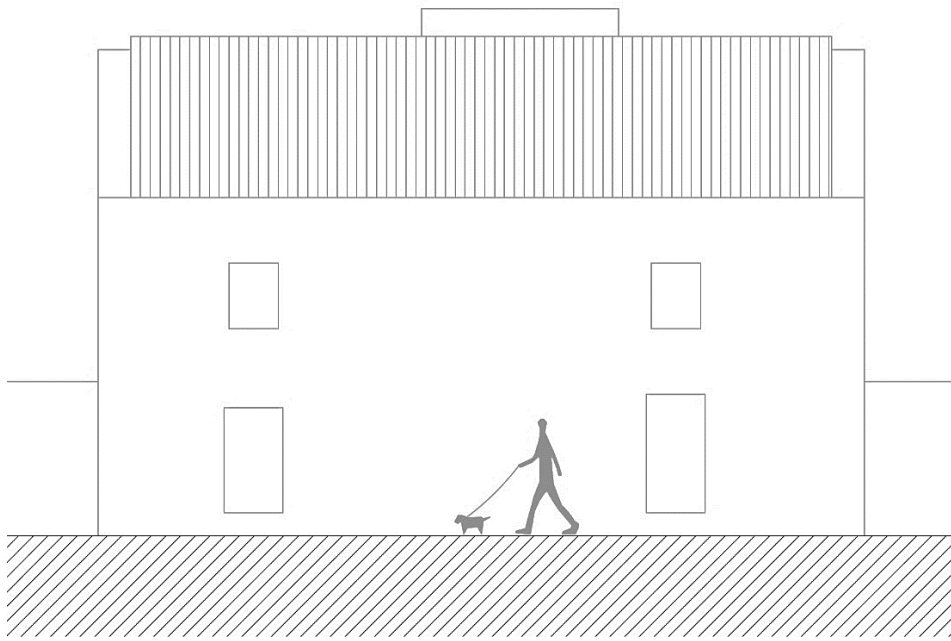
153 Corte longitudinal da ruína (5)



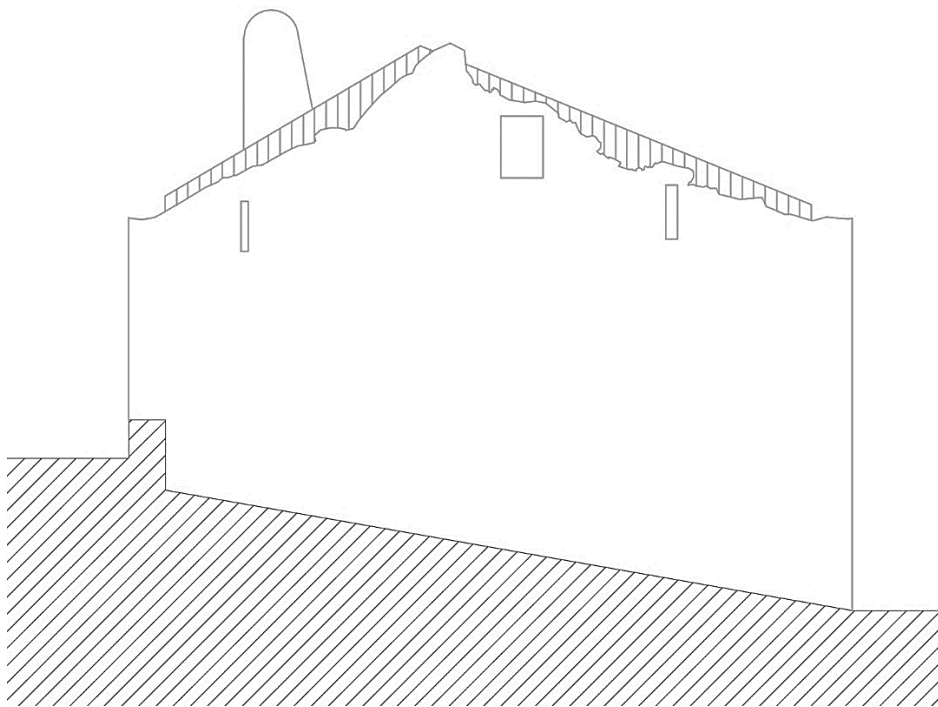
154 Corte transversal da ruína (5)



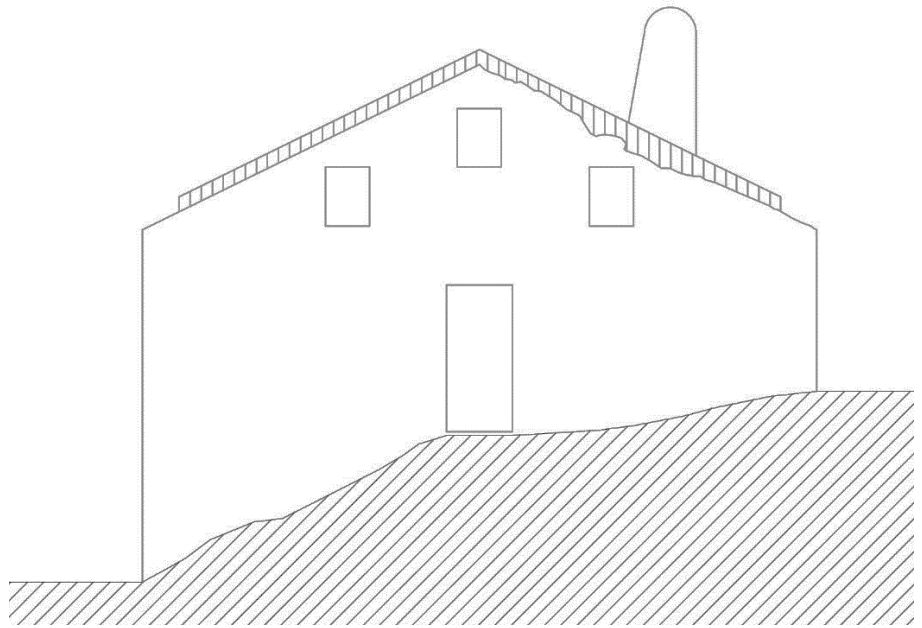
155 Alçado principal da ruína (5)



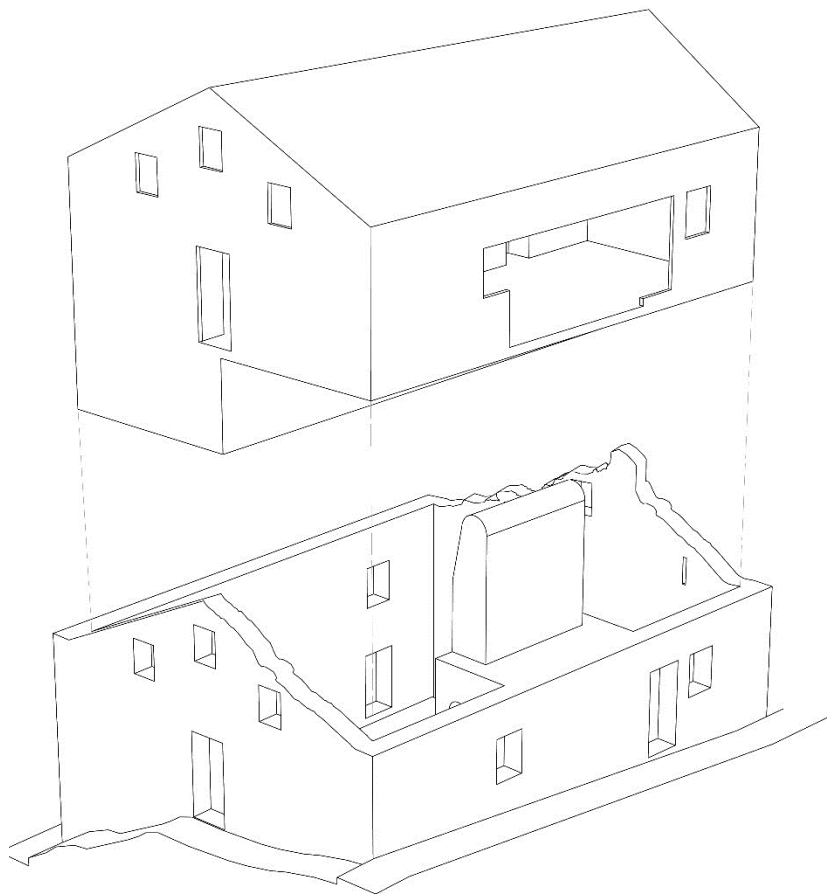
156 Alçado tardoz da ruína (5)



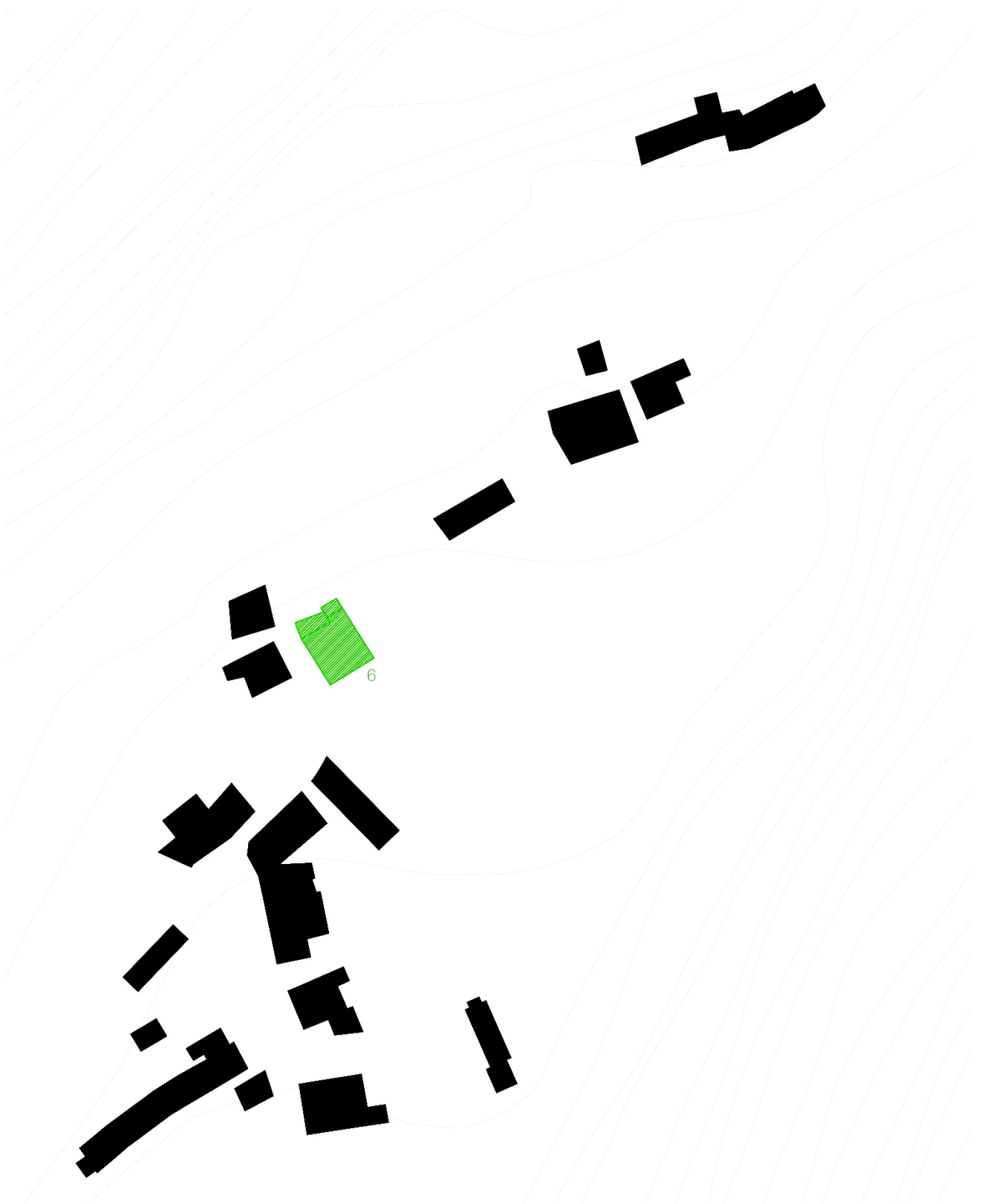
157 Alçado lateral direito da ruína (5)



158 Alçado lateral esquerdo da ruína (5)



159 Axonometria da ruína (5)



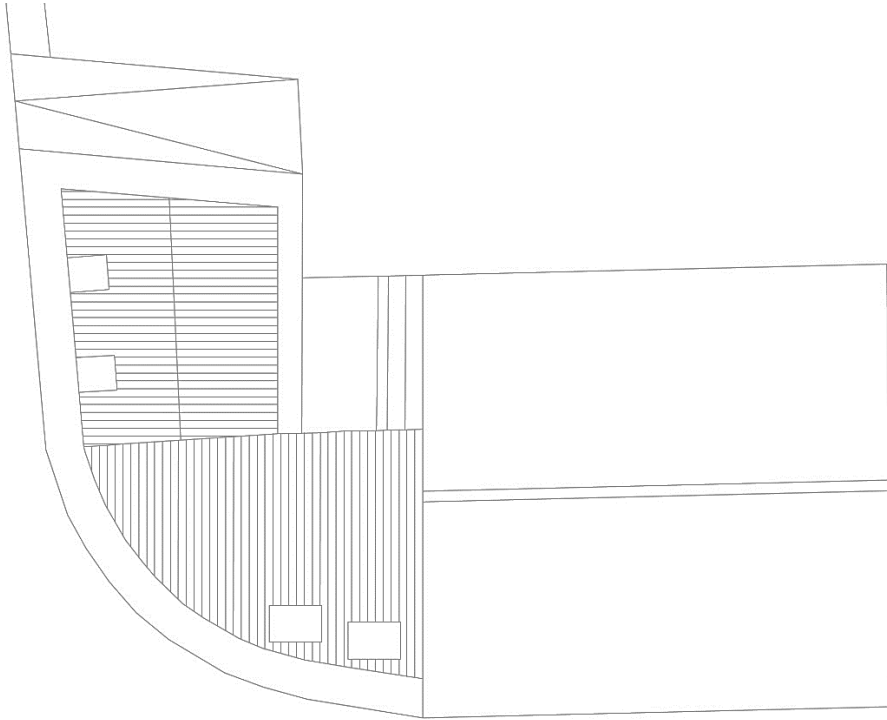
160 Planta de localização da casa Araújo Grande (6)

## CASA ARAÚJO GRANDE (6) | “Casa do zelador”

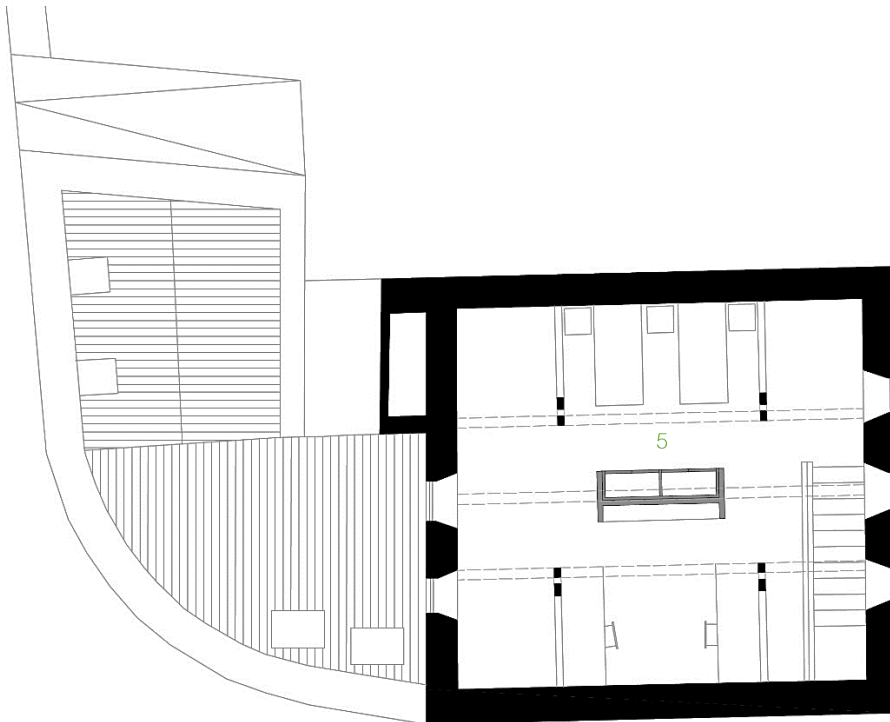
Edifício de cariz habitacional que faz parte do conjunto de três casas propostas para albergarem os zeladores. A casa é composta por dois pisos: o primeiro, constituído por cozinha (1), sala de estar (2), instalações sanitárias (3) e um quarto de casal (4); o segundo, por um segundo quarto com duas camas de solteiro (5); O conceito destas casas passa por vendê-las a zeladores a baixo custo com a contrapartida de que os mesmos, teriam de executar funções na aldeia, como cuidar do gado, tratar das hortas ou ajudar a limpar o trilho. (Ver desenhos à escala no Anexo I)



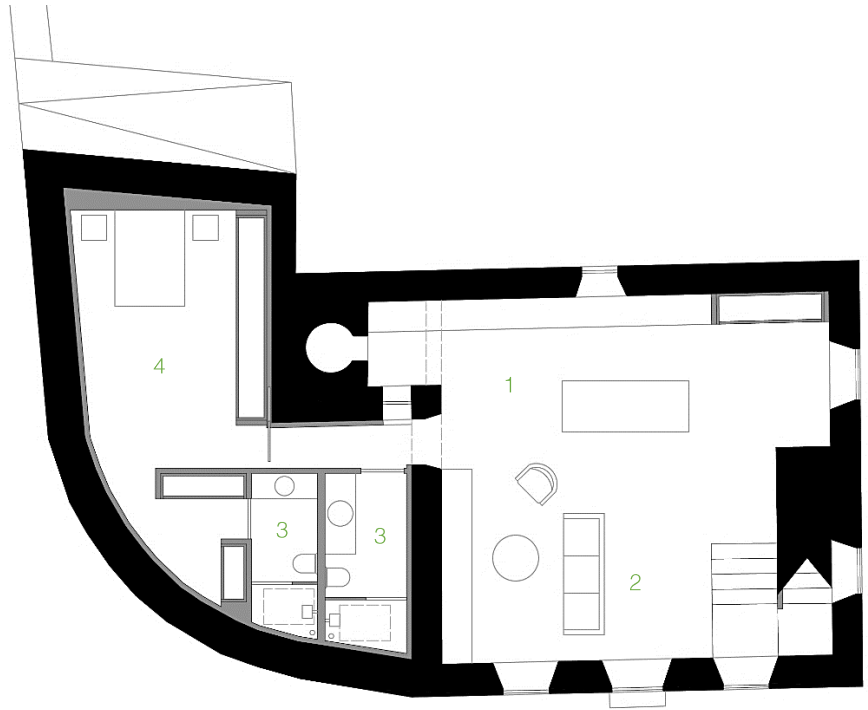
161 Exterior da casa Araújo Grande (6)



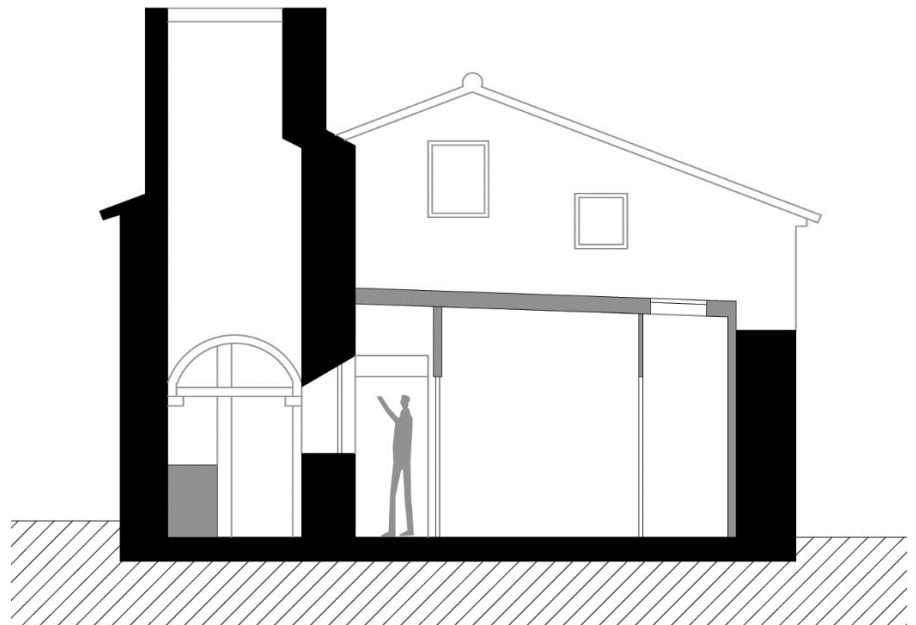
162 *Planta de cobertura da casa Araújo Grande (6)*



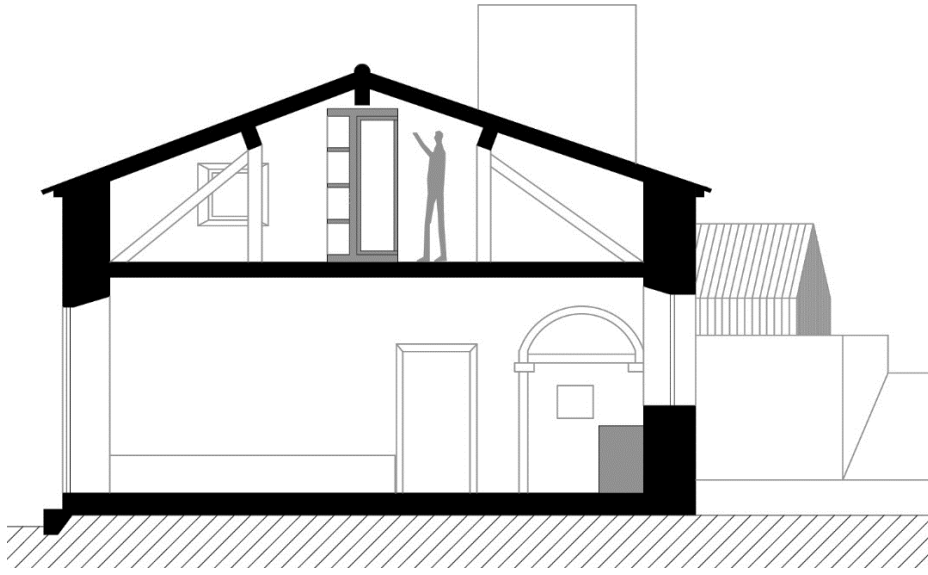
163 *Planta piso 1 da casa Araújo Grande (6)*



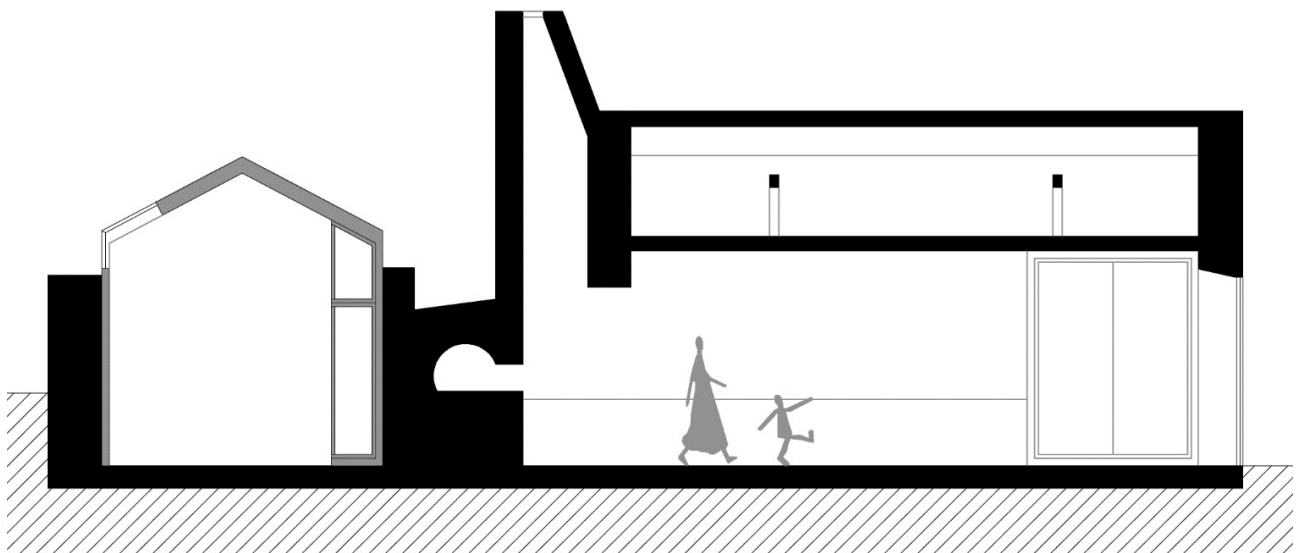
164 Planta piso térreo da casa Araújo Grande (6)



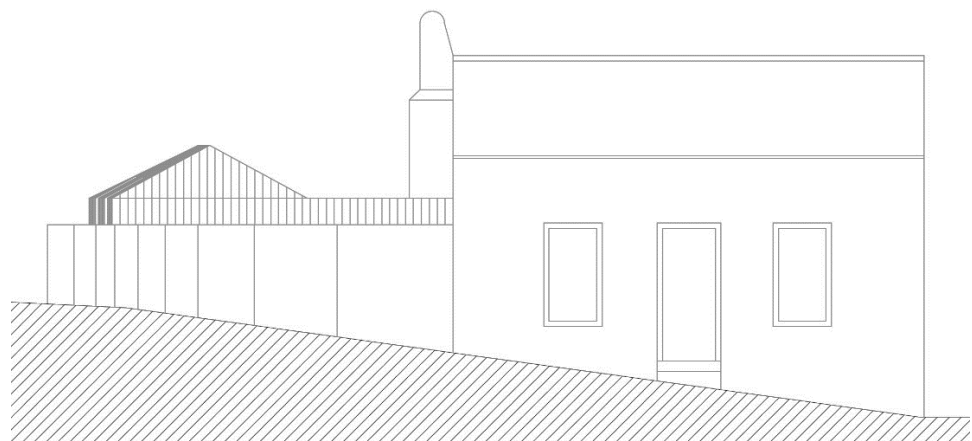
165 Corte transversal da casa Araújo Grande (6)



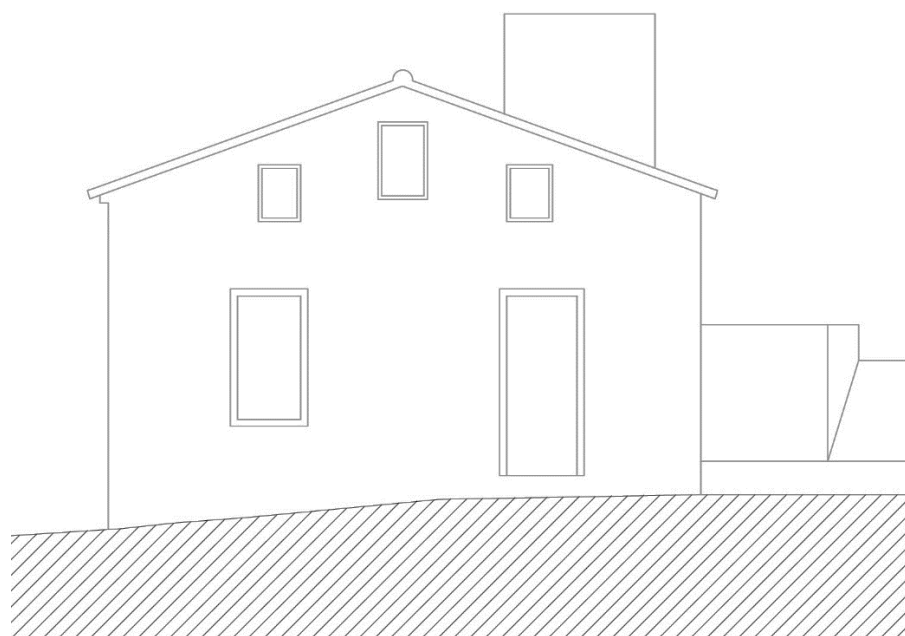
166 Corte transversal da casa Araújo Grande (6)



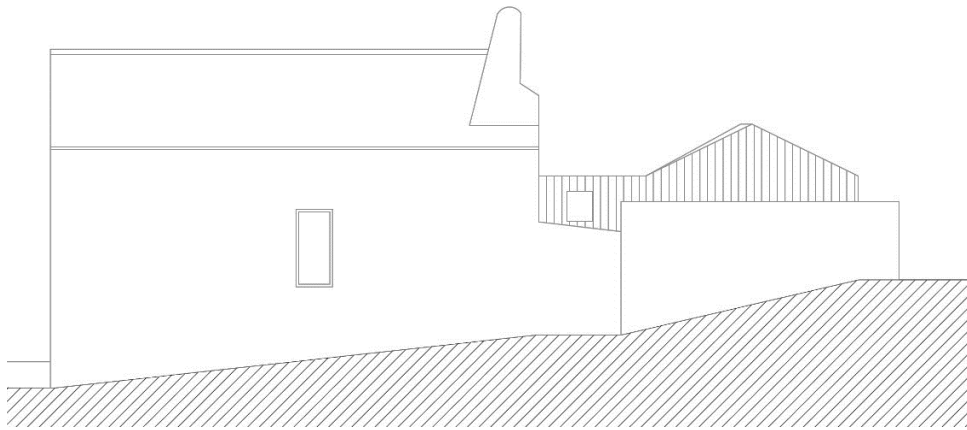
167 Corte longitudinal da casa Araújo Grande (6)



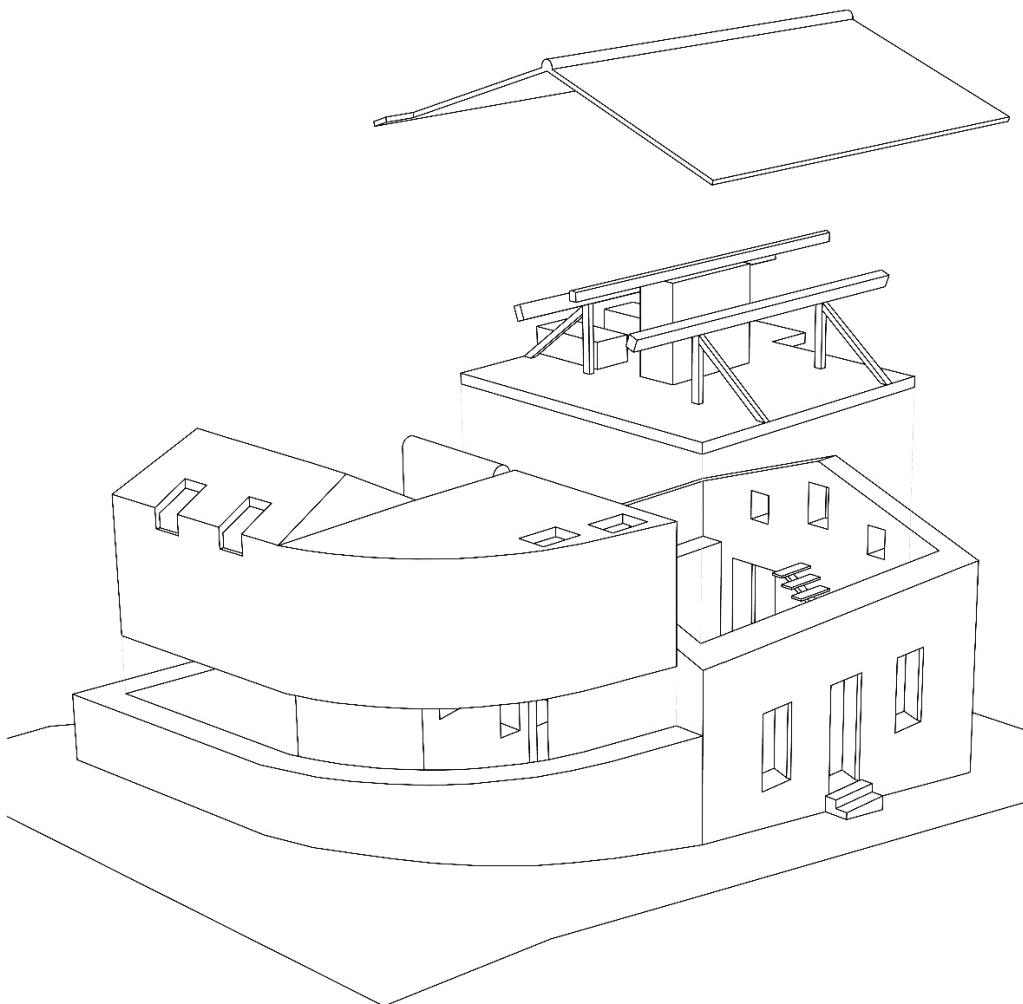
168 Alçado principal da casa Araújo Grande (6)



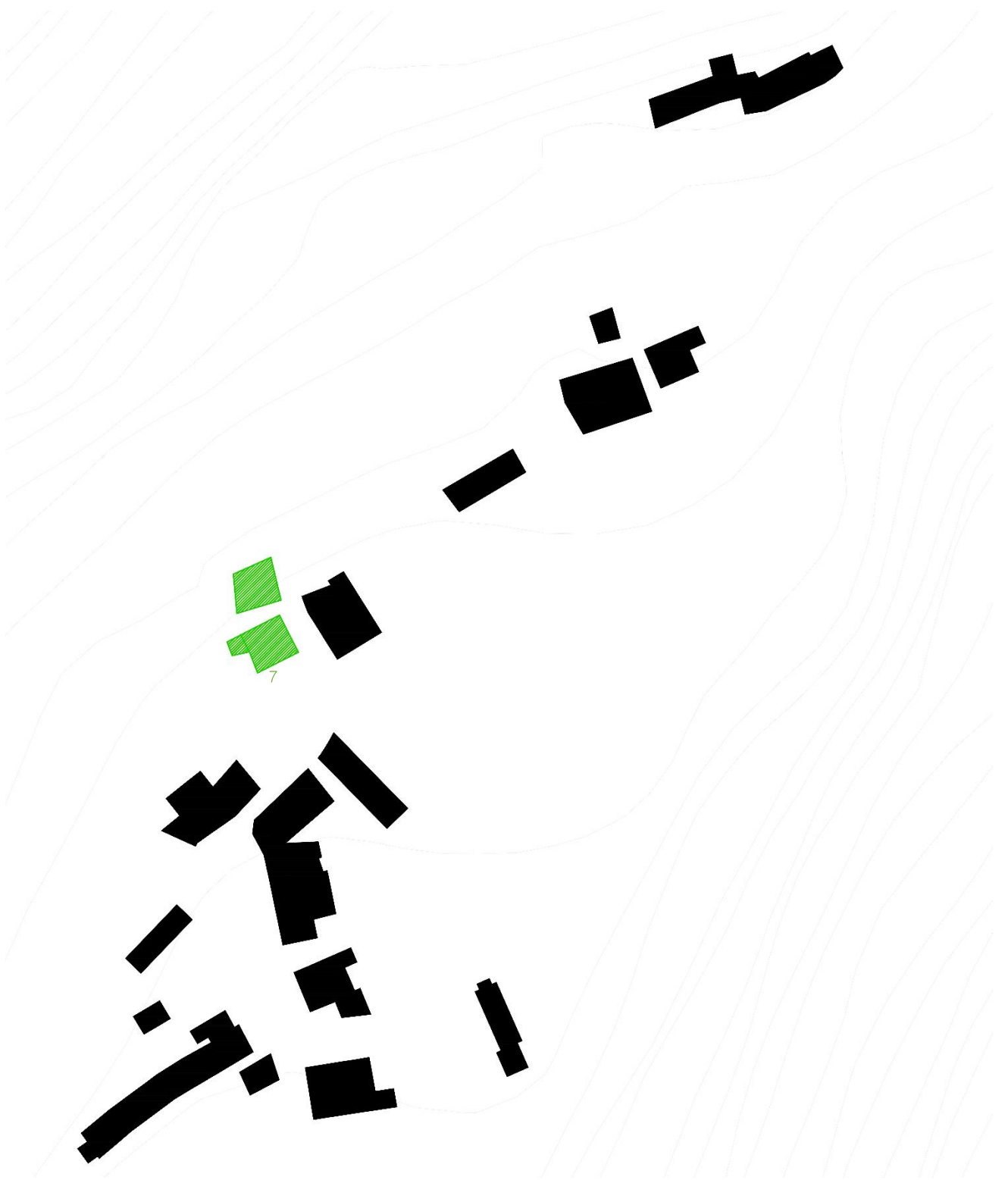
169 Alçado lateral direito da casa Araújo Grande (6)



170 Alçado tardo da casa Araújo Grande (6)



171 Axonometria da casa Araújo Grande (6)



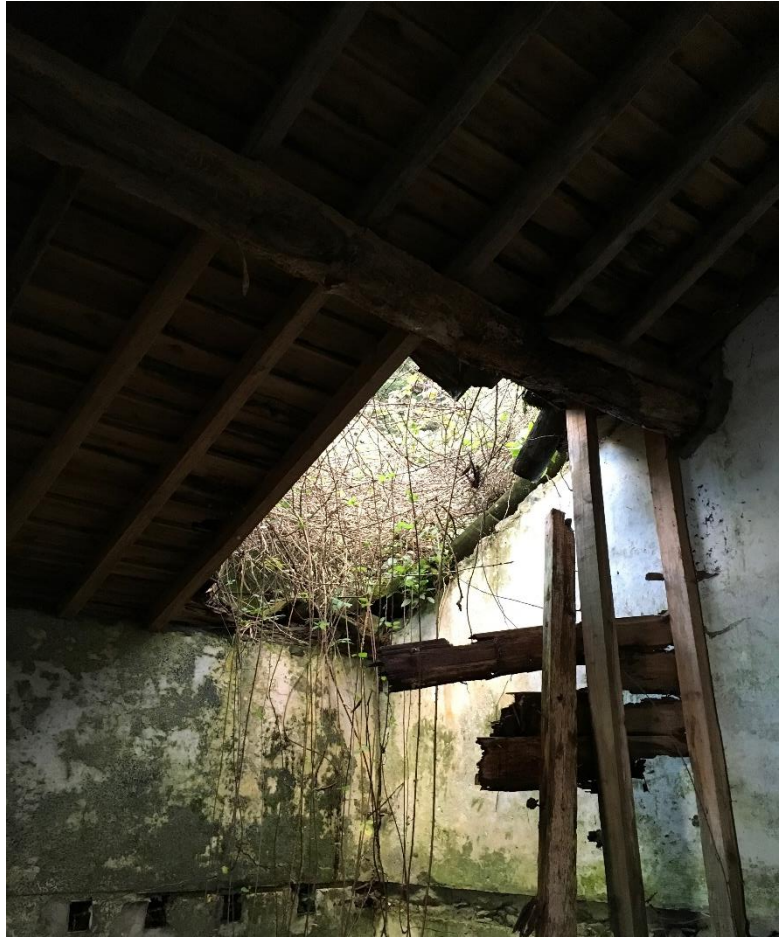
172 *Planta de localização das ruínas (7)*

## RUÍNA (7) | “Casa do zelador”

Edifício de cariz habitacional que faz parte do conjunto de três casas propostas para albergarem os zeladores. Neste exemplo, optámos por juntar duas ruínas existentes, criando uma ligação entre as mesmas podendo dividir a casa no seu todo em duas partes: uma primeira parte, constituída no primeiro piso por cozinha (1) e instalação sanitária (2), estando a sala de estar (3) no piso superior em mezzanine; a segunda parte da casa é constituída no primeiro piso por uma instalação sanitária (4) e por um quarto de casal (5), podendo encontrar no segundo piso um quarto com cama de solteiro (6) e espaço flexível (7) que tanto pode servir de escritório com um outro quarto de solteiro. (Ver desenhos à escala no Anexo I)



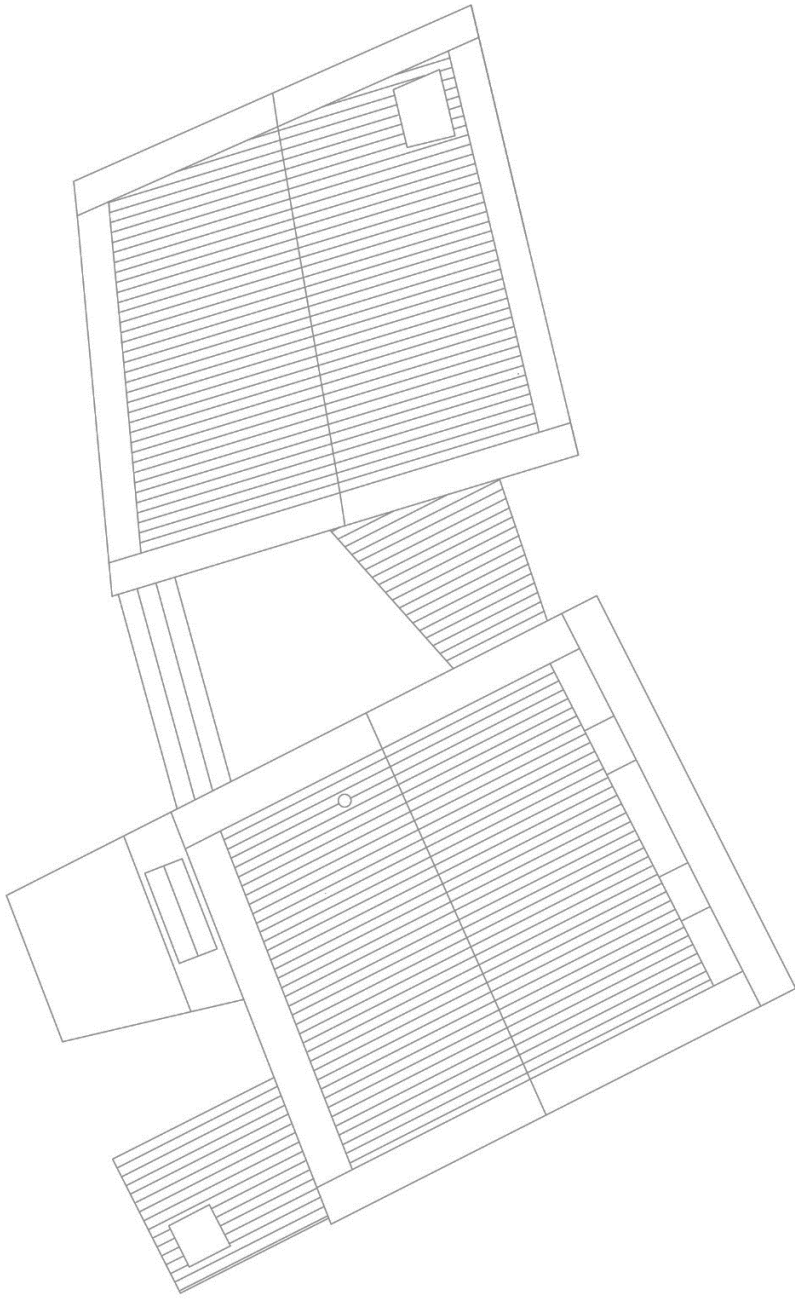
173 Exterior das ruínas (7)



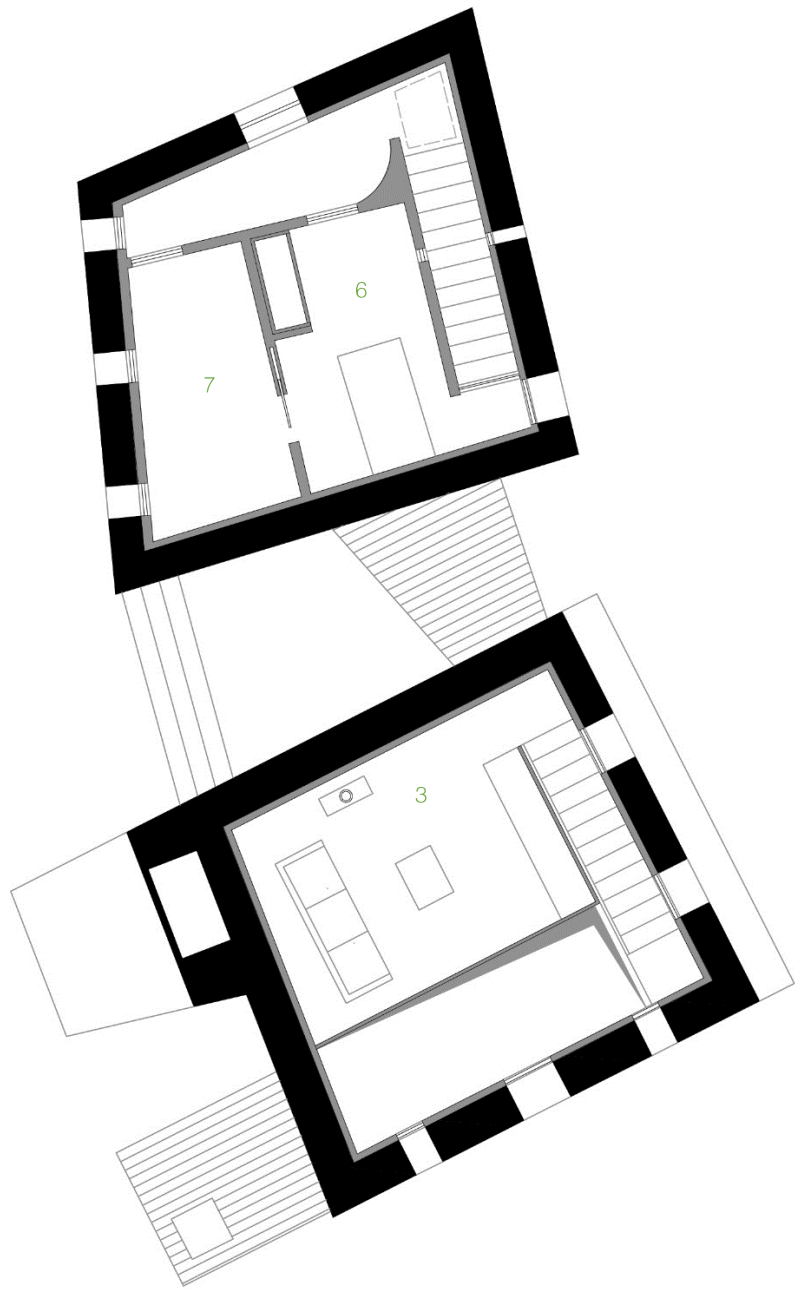
174 Interior das ruínas (7)



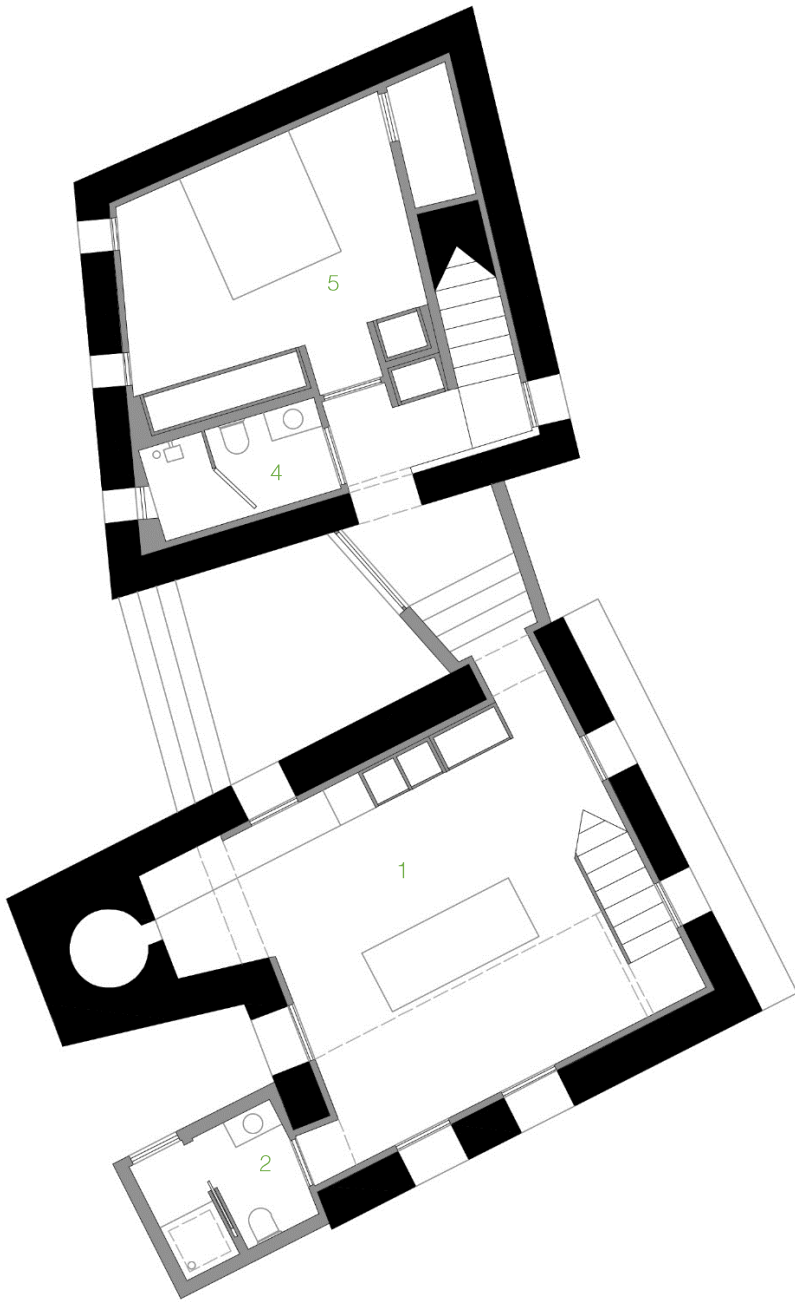
175 Exterior das ruínas (7)



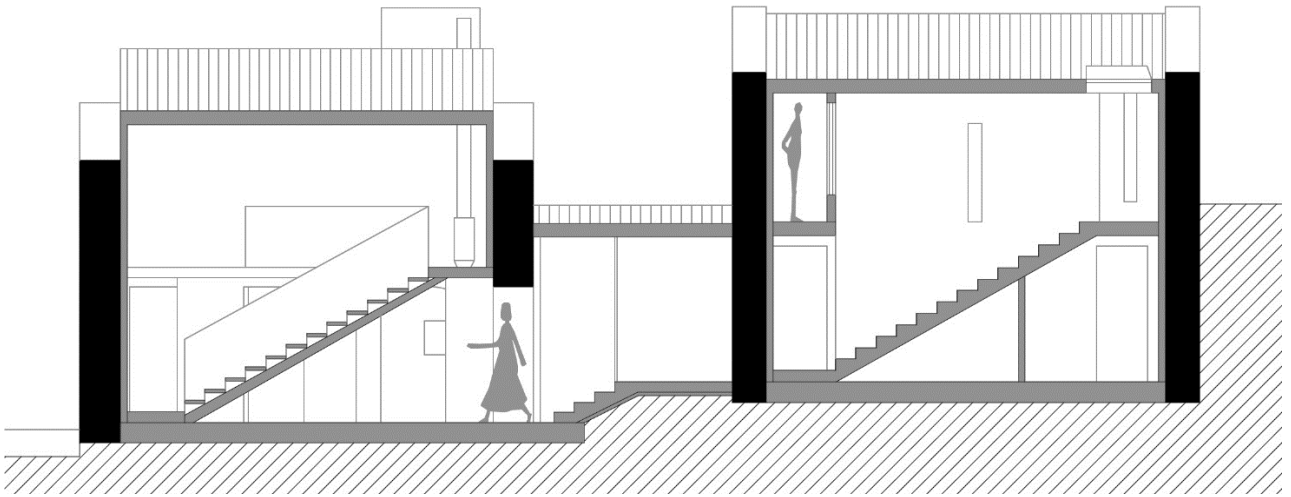
176 *Planta de cobertura das ruínas (7)*



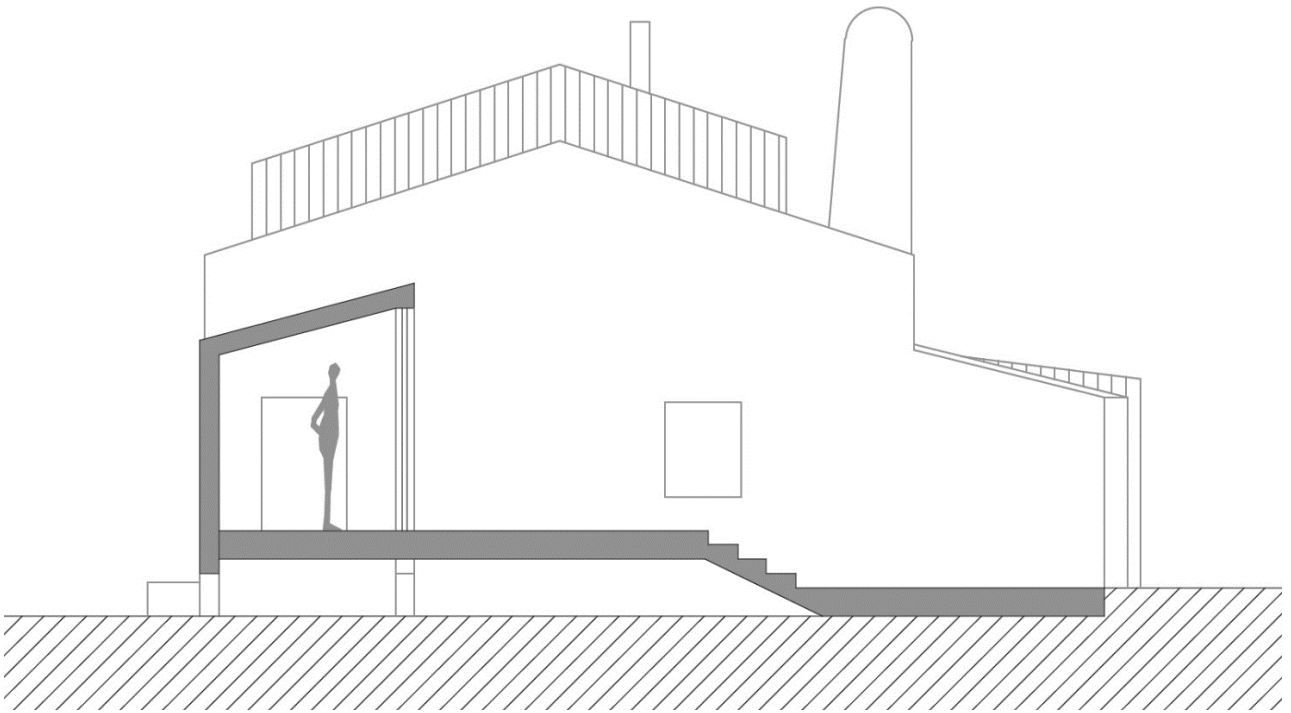
177 Planta piso 1 das ruínas (7)



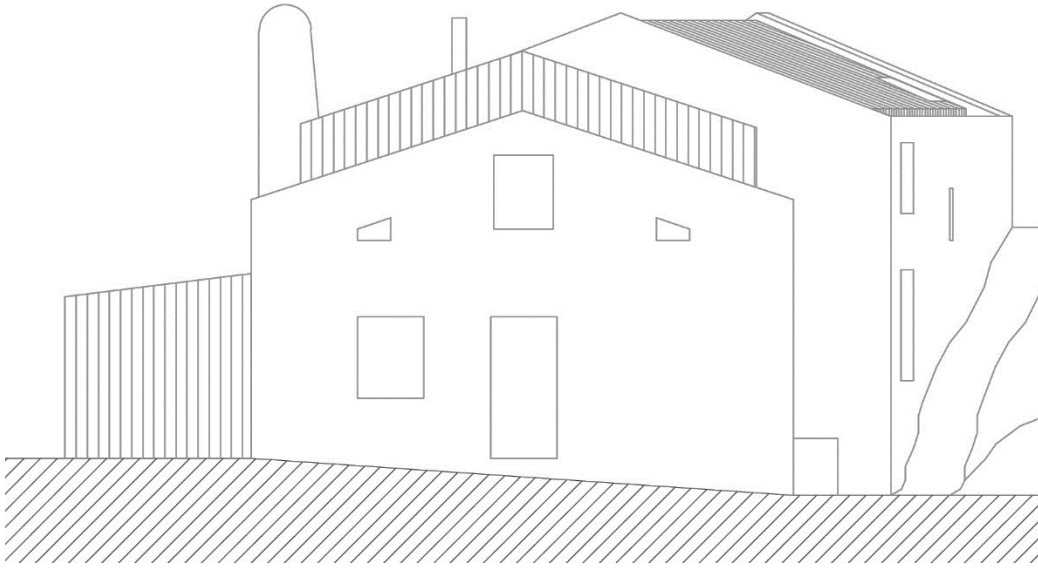
178 *Planta piso térreo das ruínas (7)*



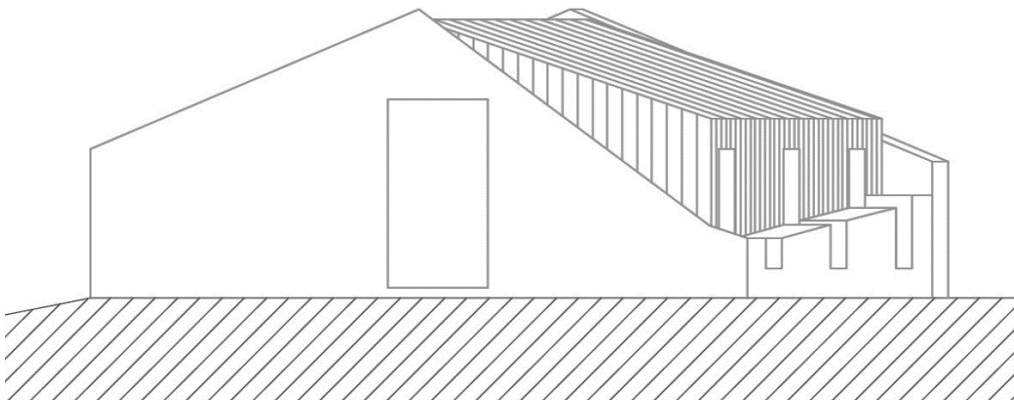
179 *Corte longitudinal das ruínas (7)*



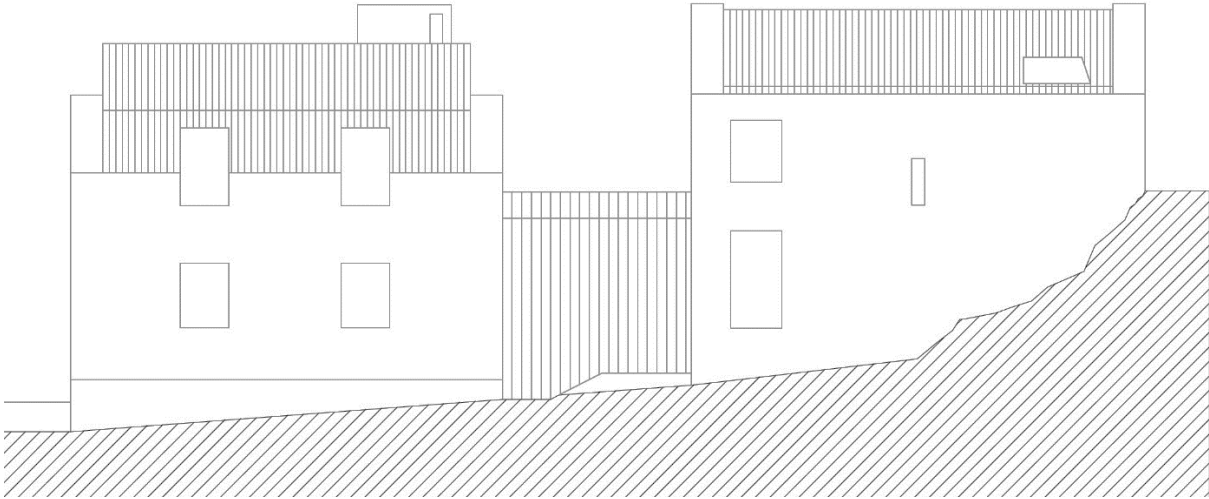
180 *Corte transversal das ruínas (7)*



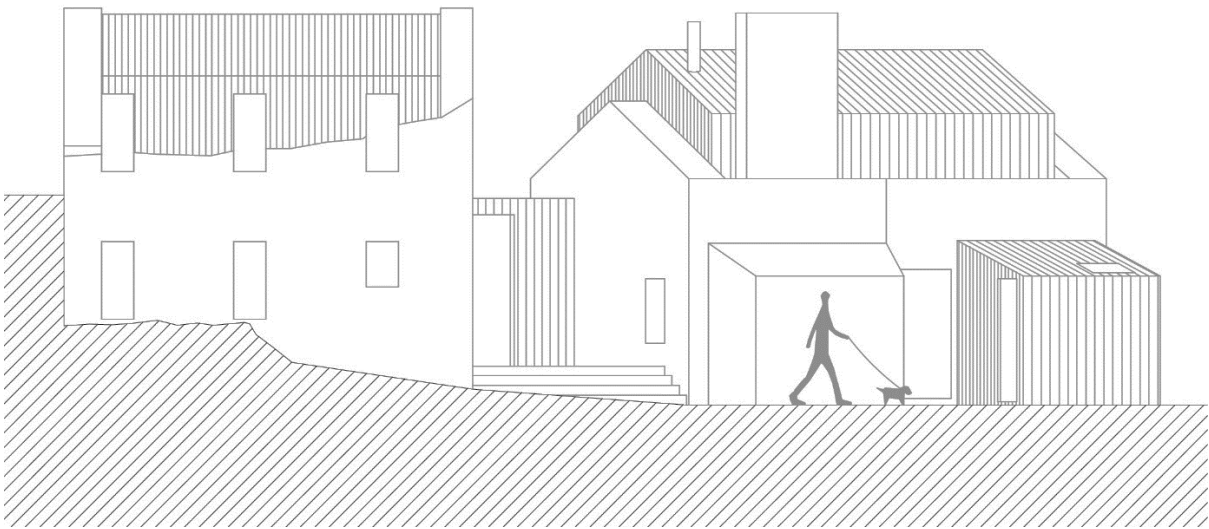
181 Alçado principal das ruínas (7)



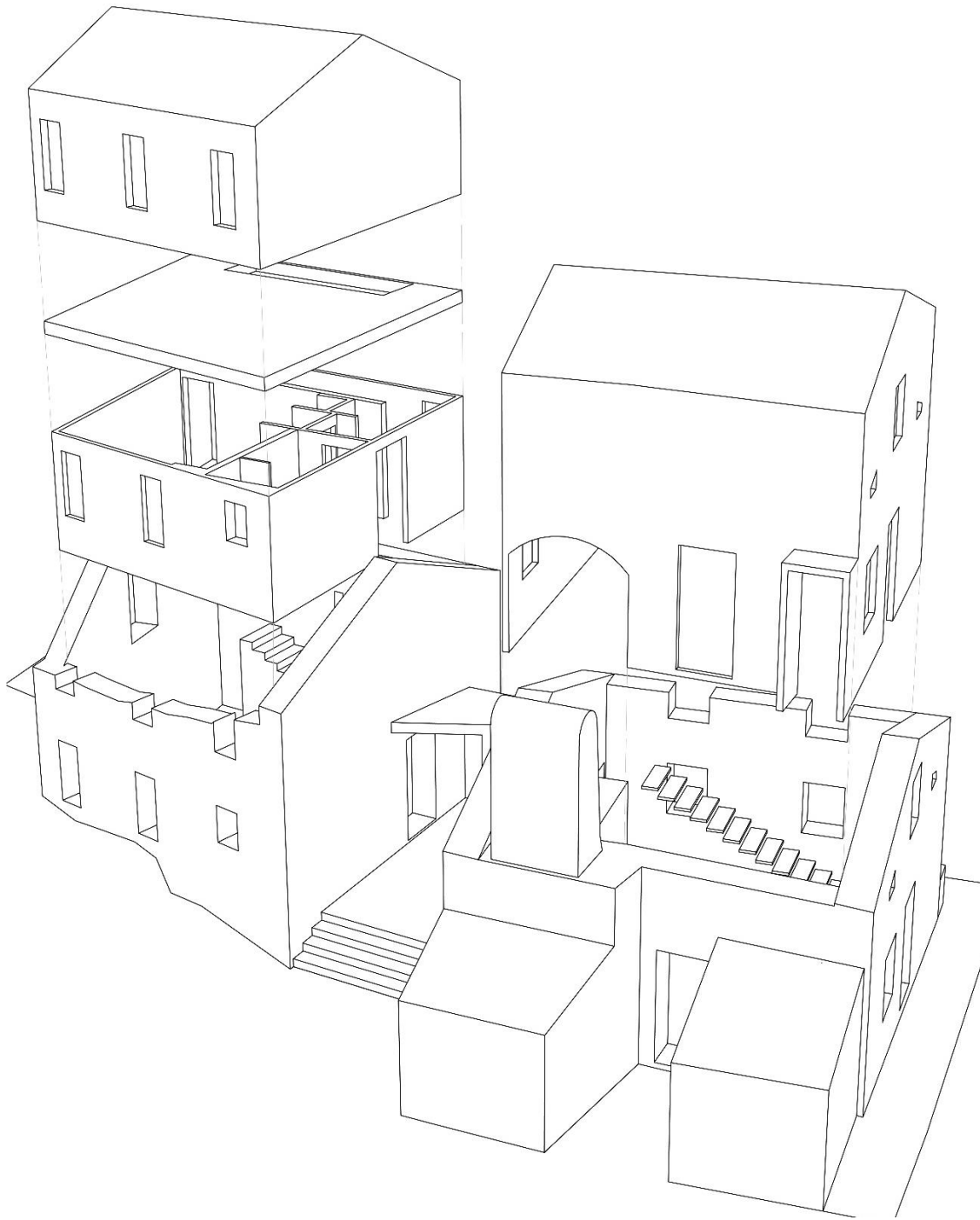
182 Alçado tardoz das ruínas (7)



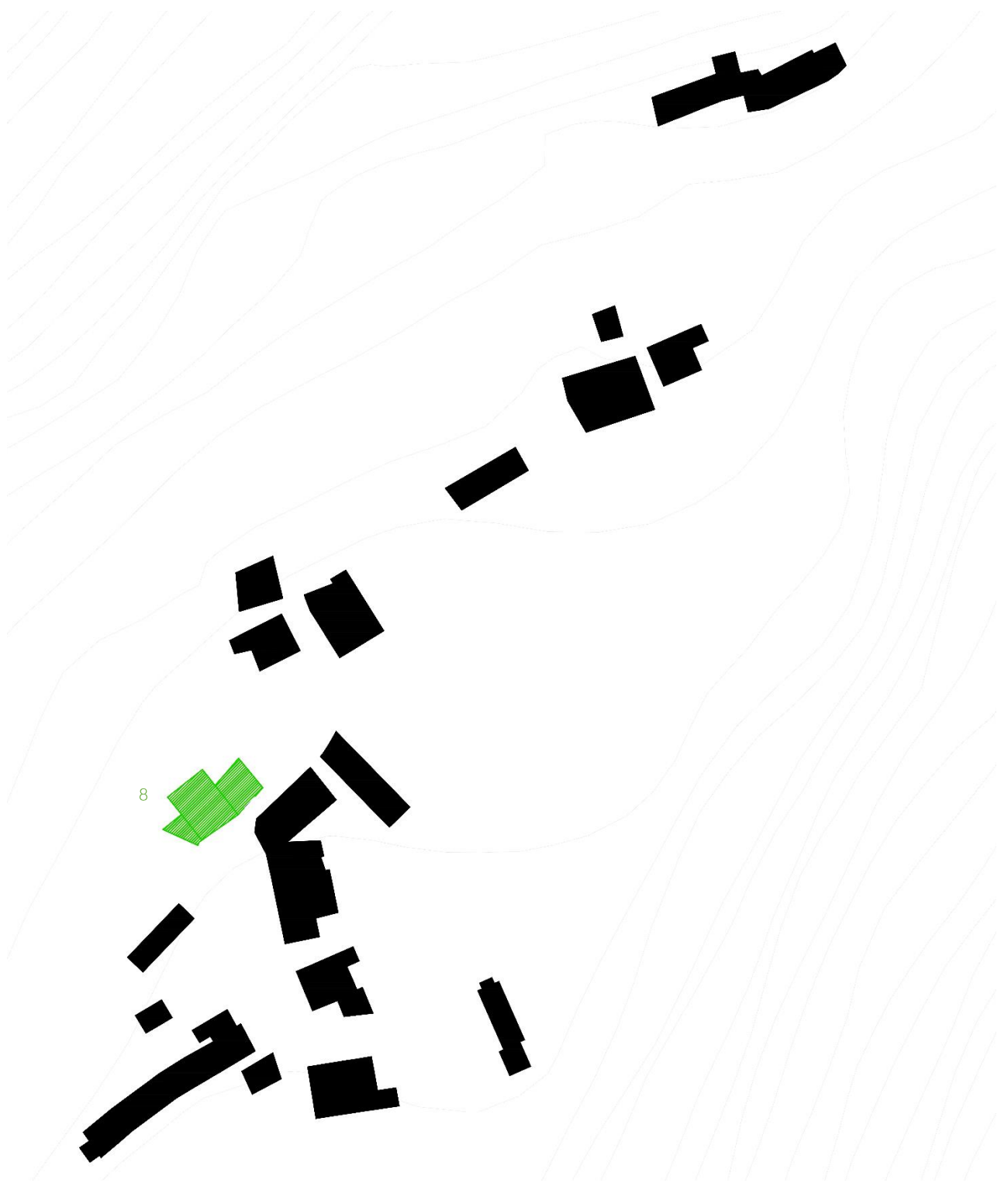
183 Alçado lateral direito das ruínas (7)



184 Alçado lateral esquerdo das ruínas (7)



185 Axonometria das ruínas (7)



186 *Planta de localização da casa José Branco (8)*

JOSÉ BRANCO (8) | “Casa do zelador”

Edifício de cariz habitacional que faz parte do conjunto de três casas propostas para albergarem os zeladores. É constituído por três pisos. A entrada principal da casa faz-se através da cota intermédia (piso 1) que depois distribui para o piso de menor (piso térreo) e maior cota (piso 2). O piso térreo é constituído por um quarto de casal (1), enquanto no piso 1 observamos a cozinha (2), sala de estar (3), instalação sanitária (4). Por fim no piso 2 encontramos outro quarto com cama de casal (5). (Ver desenhos à escala no Anexo I)



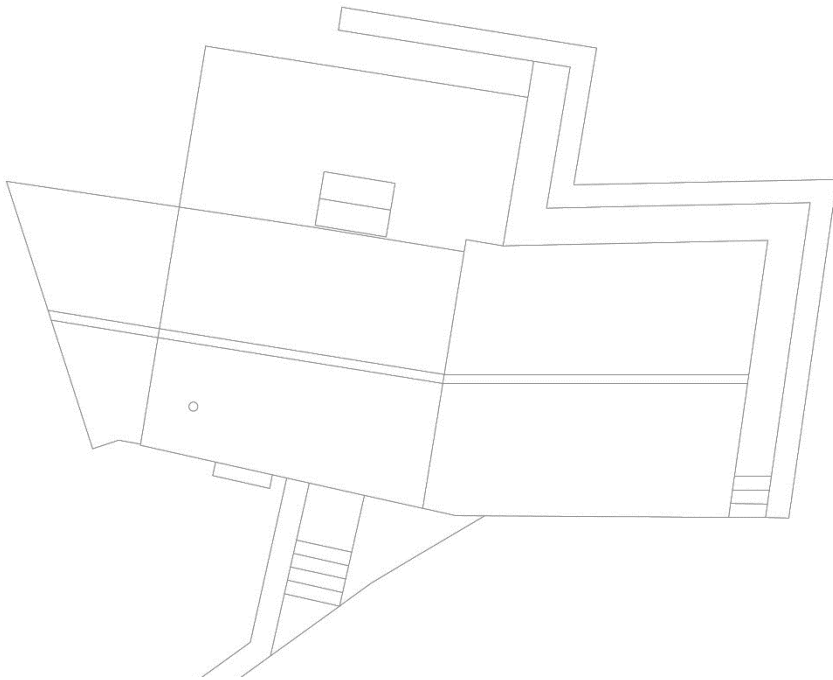
187 Exterior da casa José Branco (8)



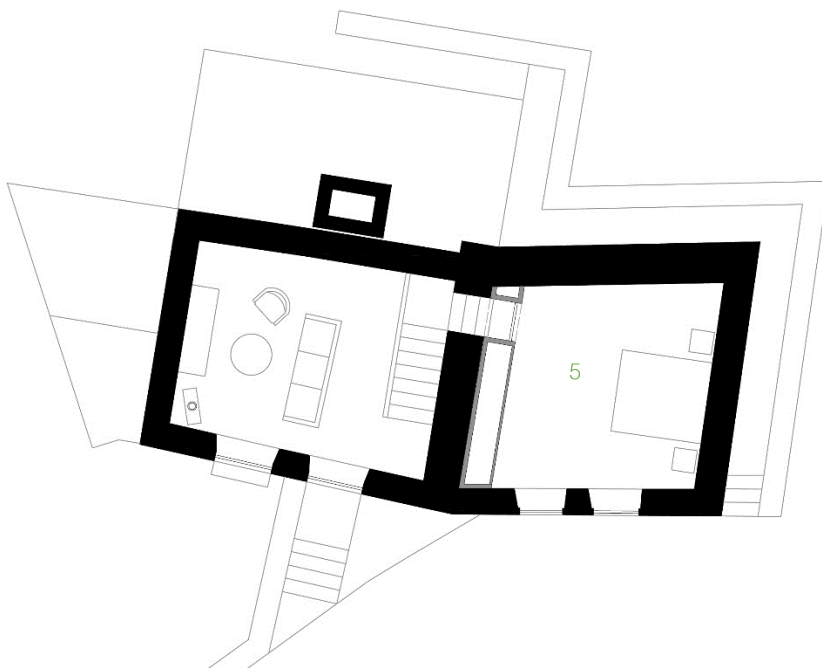
188 Exterior da casa José Branco (8)



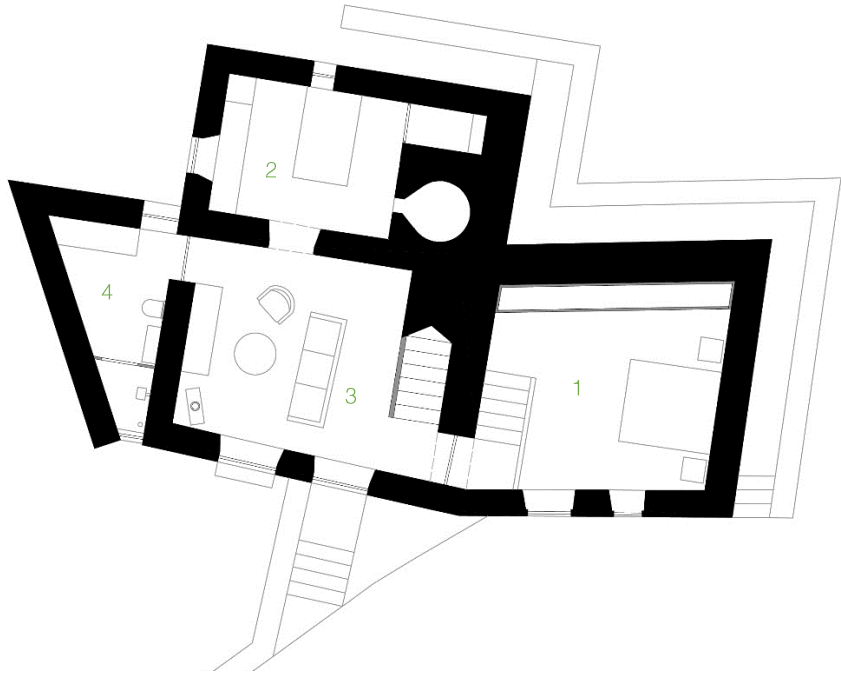
189 Exterior da casa José Branco (8)



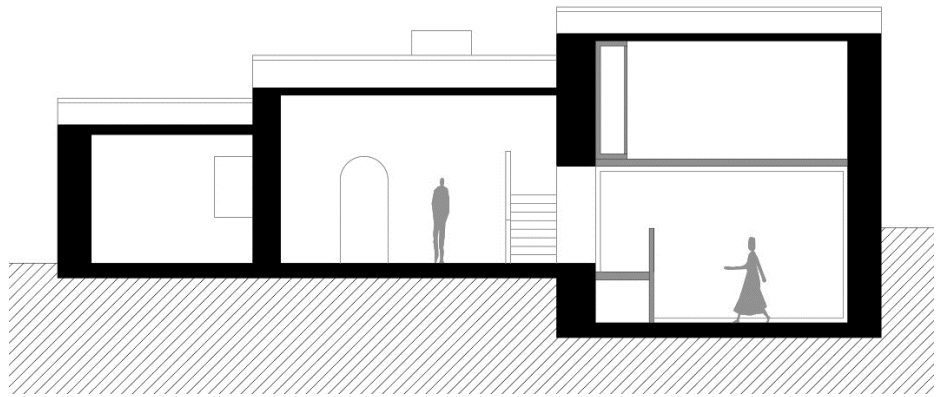
190 *Planta de cobertura da casa José Branco (8)*



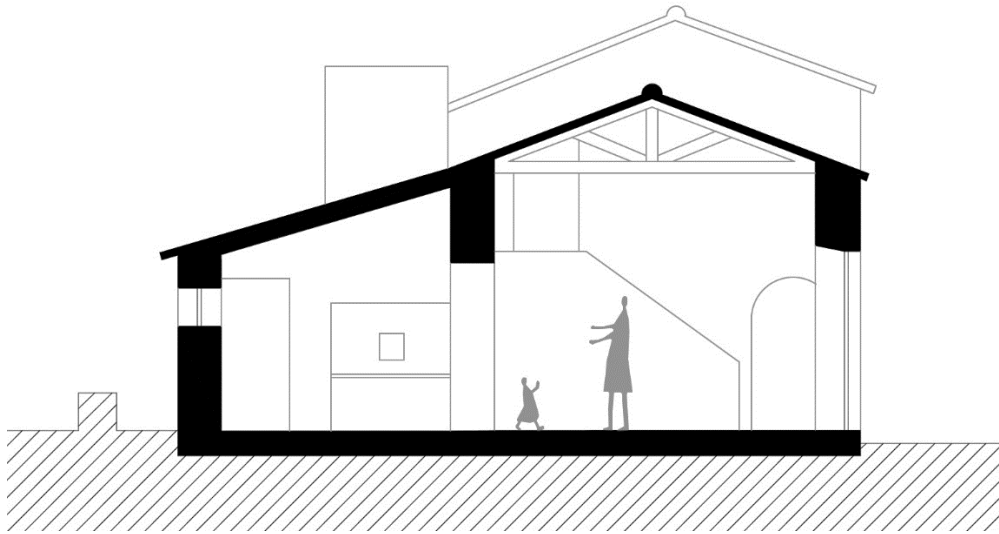
191 *Planta piso 1 da casa José Branco (8)*



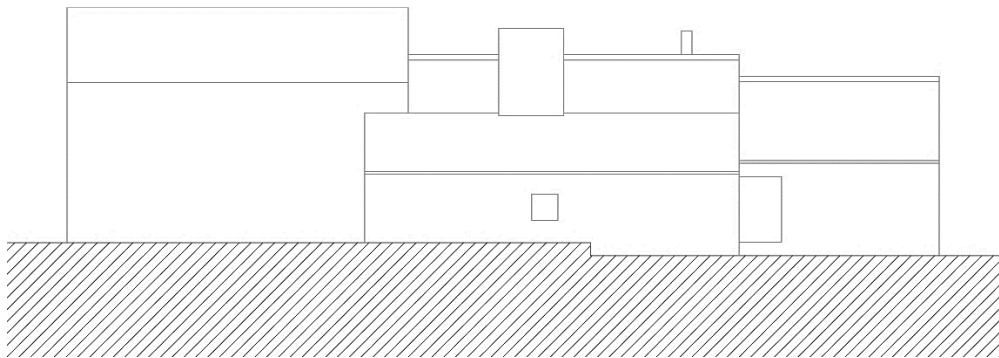
192 Planta piso térreo da casa José Branco (8)



193 Corte longitudinal da casa José Branco (8)



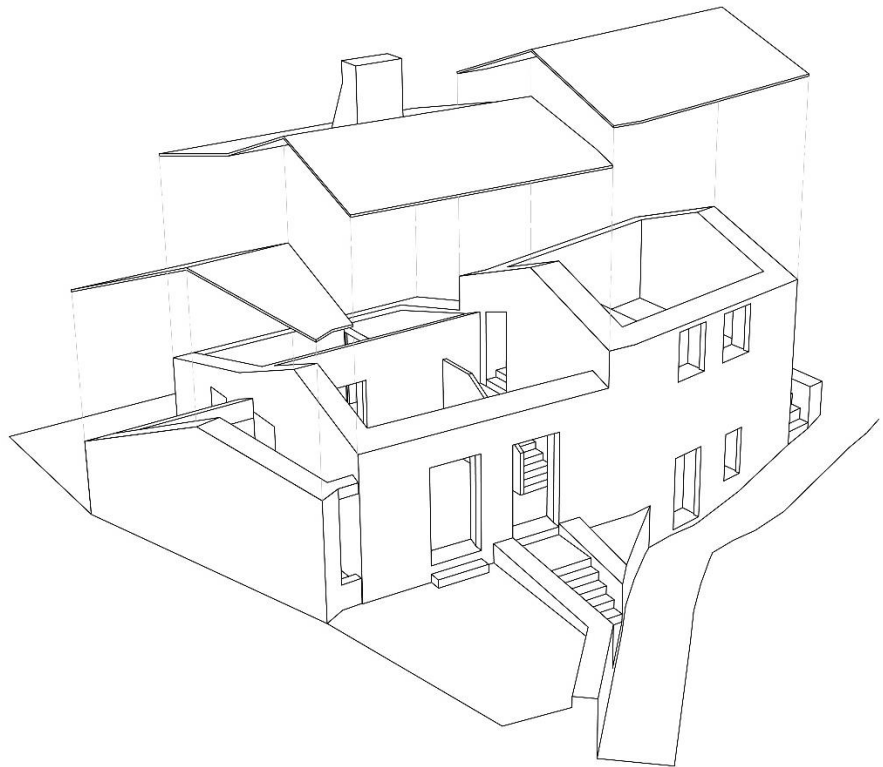
194 Corte transversal da casa José Branco (8)



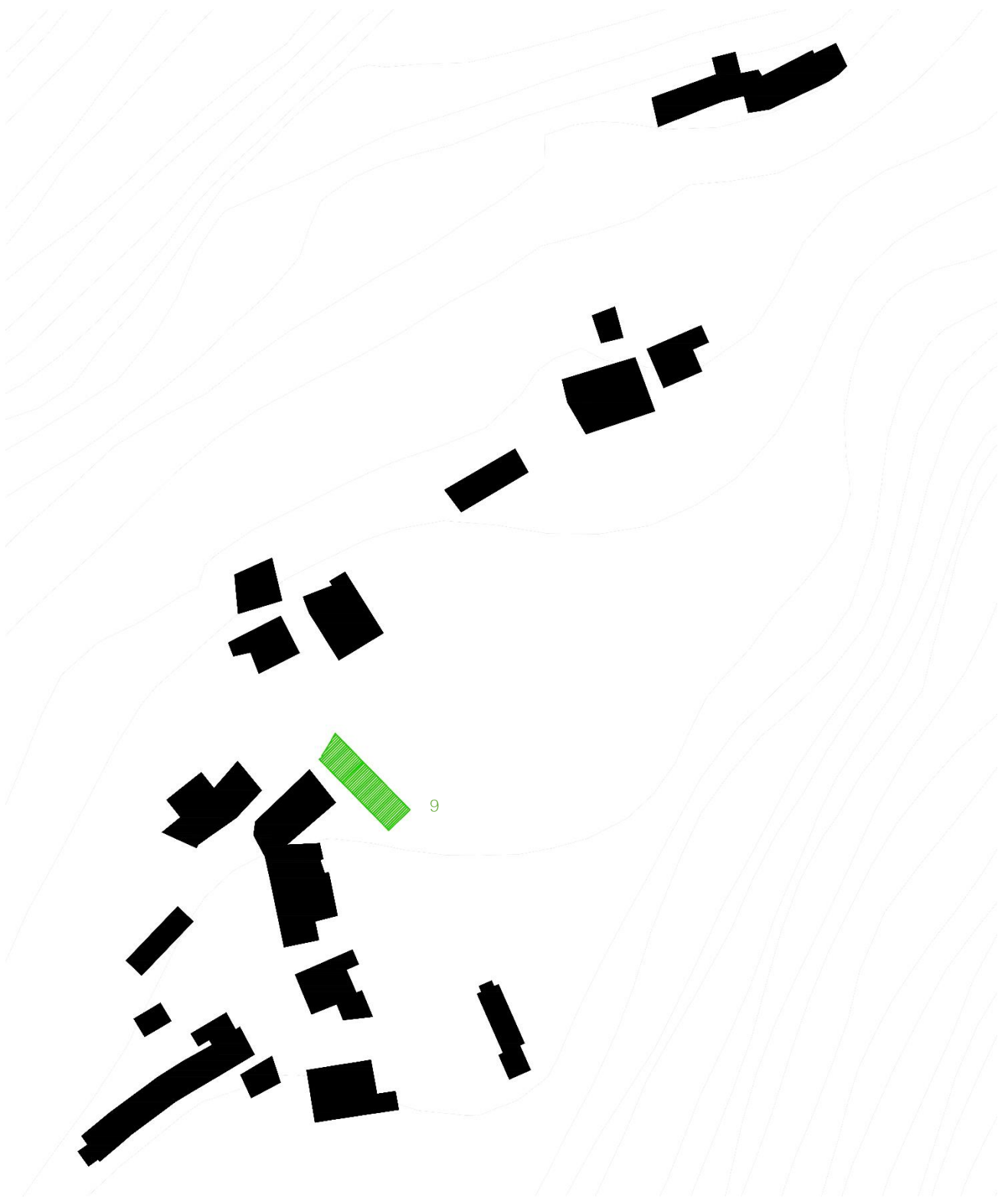
195 Alçado tardo da casa José Branco (8)



196 Alçado principal da casa José Branco (8)



197 Axonometria da casa José Branco (8)



198 *Planta de localização da ruína (9)*

## RUÍNA (9) | “Cafeteria/Bar”

Edifício que atualmente se encontra em ruína sendo constituído por dois pisos em que propusemos que desempenhasse a função de cafeteria/bar. O piso térreo é constituído pela zona de bar (1) em que o turista poderá usufruir de uma zona de estar interior e uma zona de esplanada exterior (2). O piso inferior possui uma instalação sanitária (3) e uma zona de lazer (4). (Ver desenhos à escala no Anexo I)



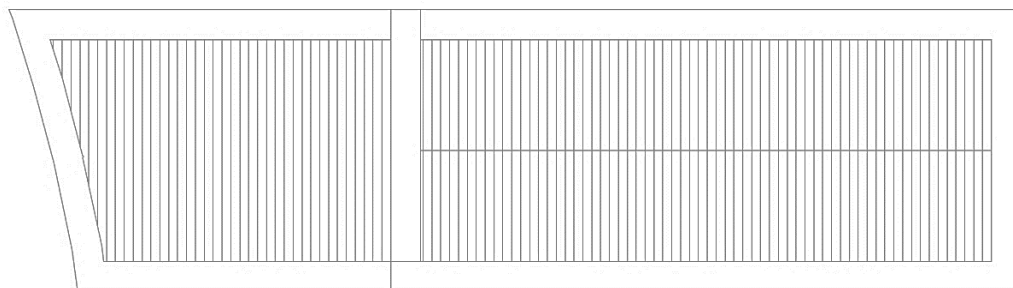
199 Exterior da ruína (9)



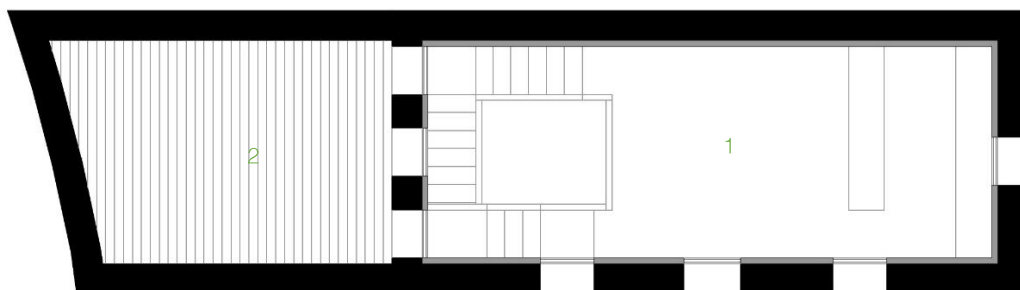
200 Exterior da ruína (9)



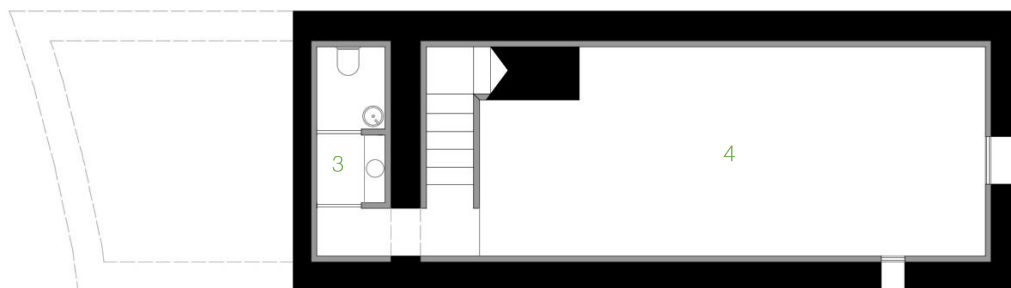
201 Exterior da ruína (9)



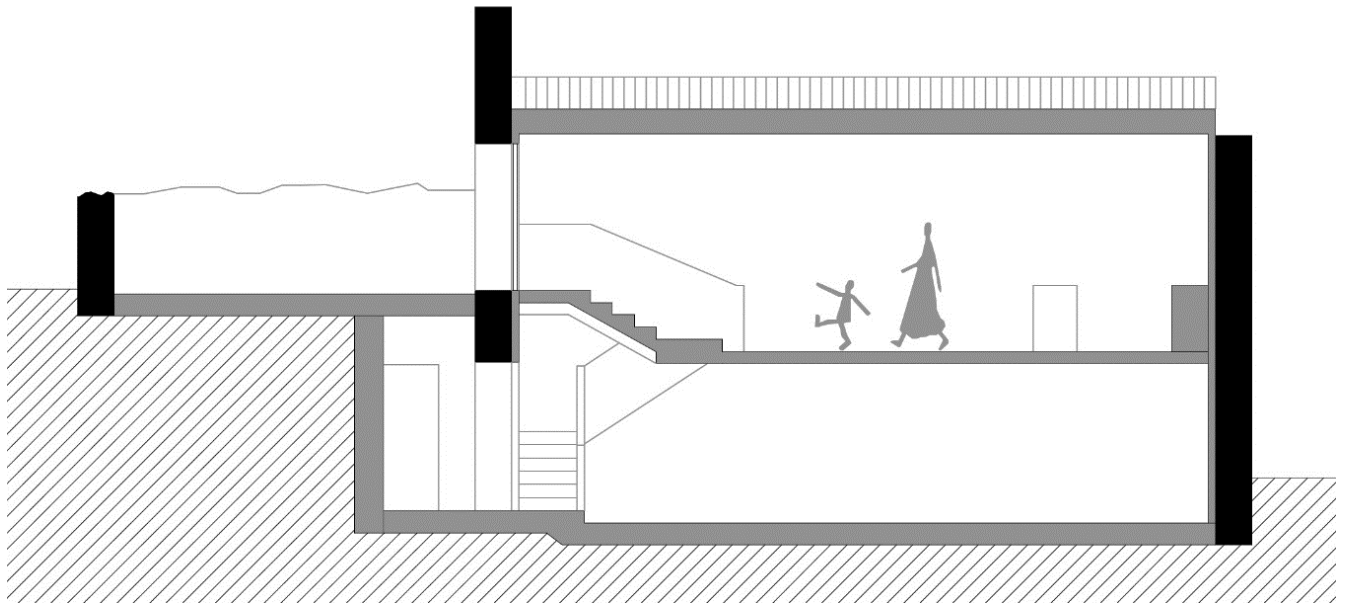
202 *Planta de cobertura da ruína (9)*



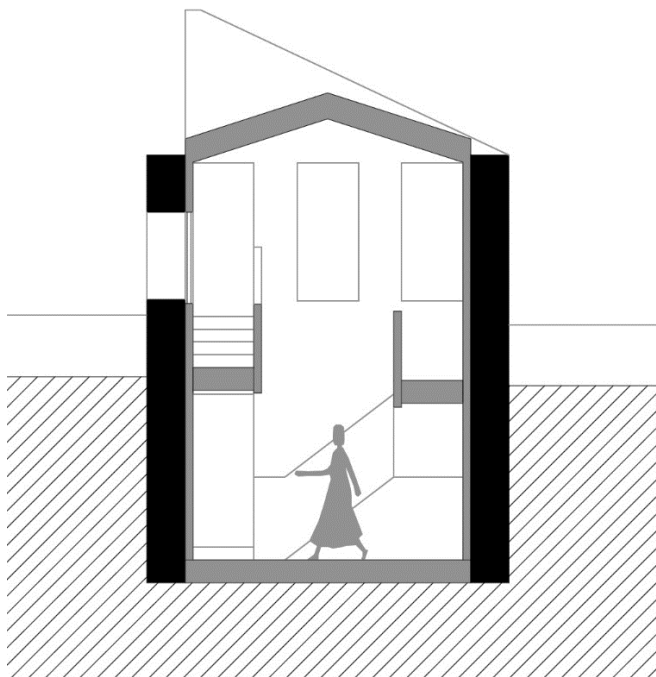
203 *Planta piso térreo da ruína (9)*



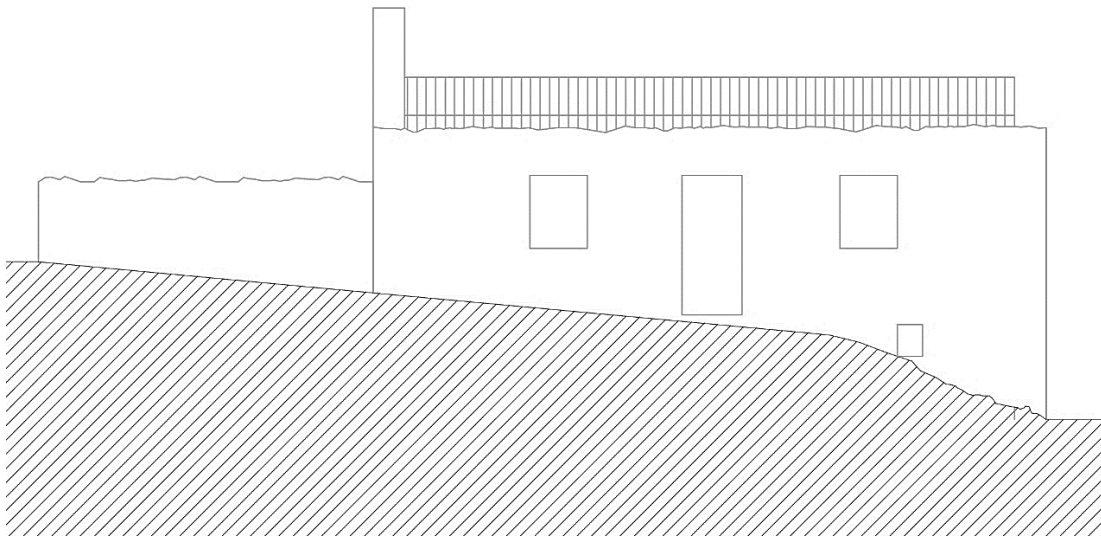
204 *Planta piso -1 da ruína (9)*



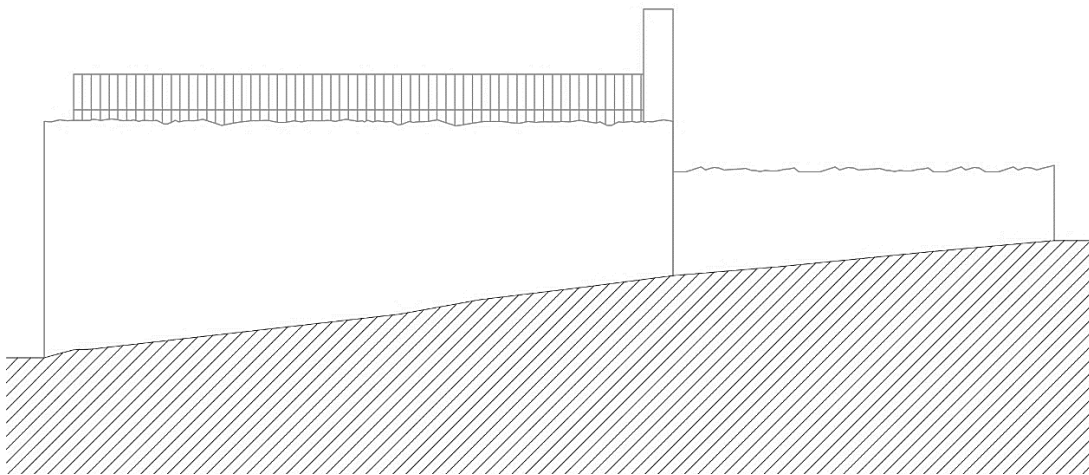
205 *Corte longitudinal da ruína (9)*



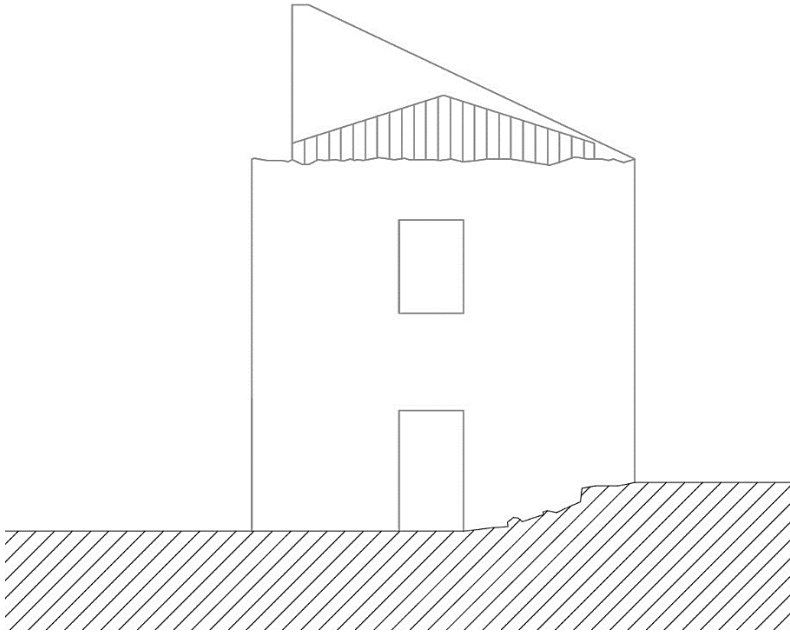
206 *Corte transversal da ruína (9)*



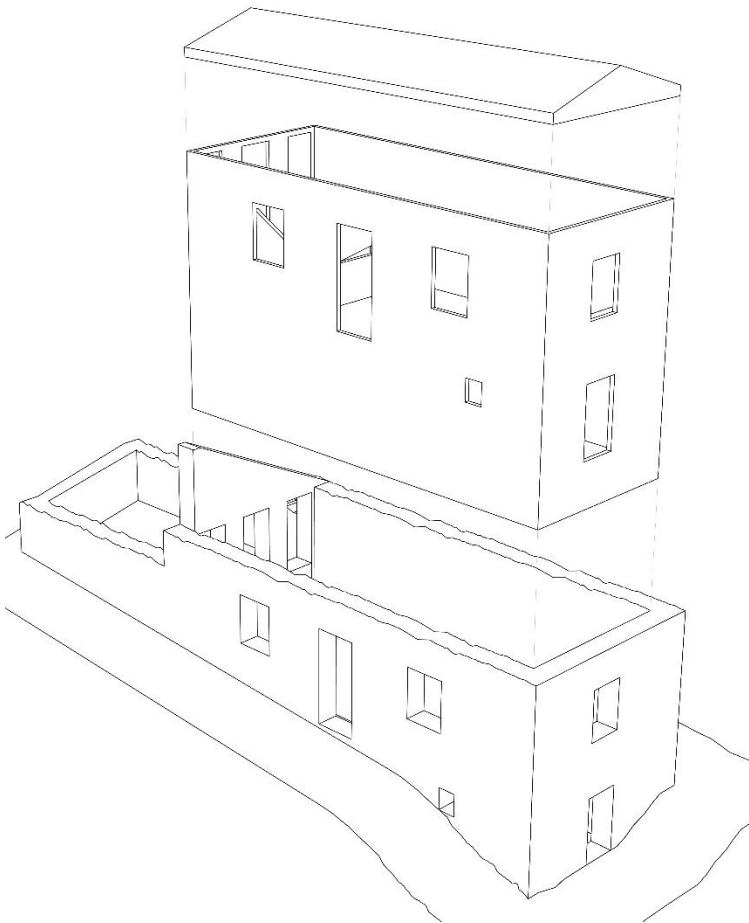
207 Alçado principal da ruína (9)



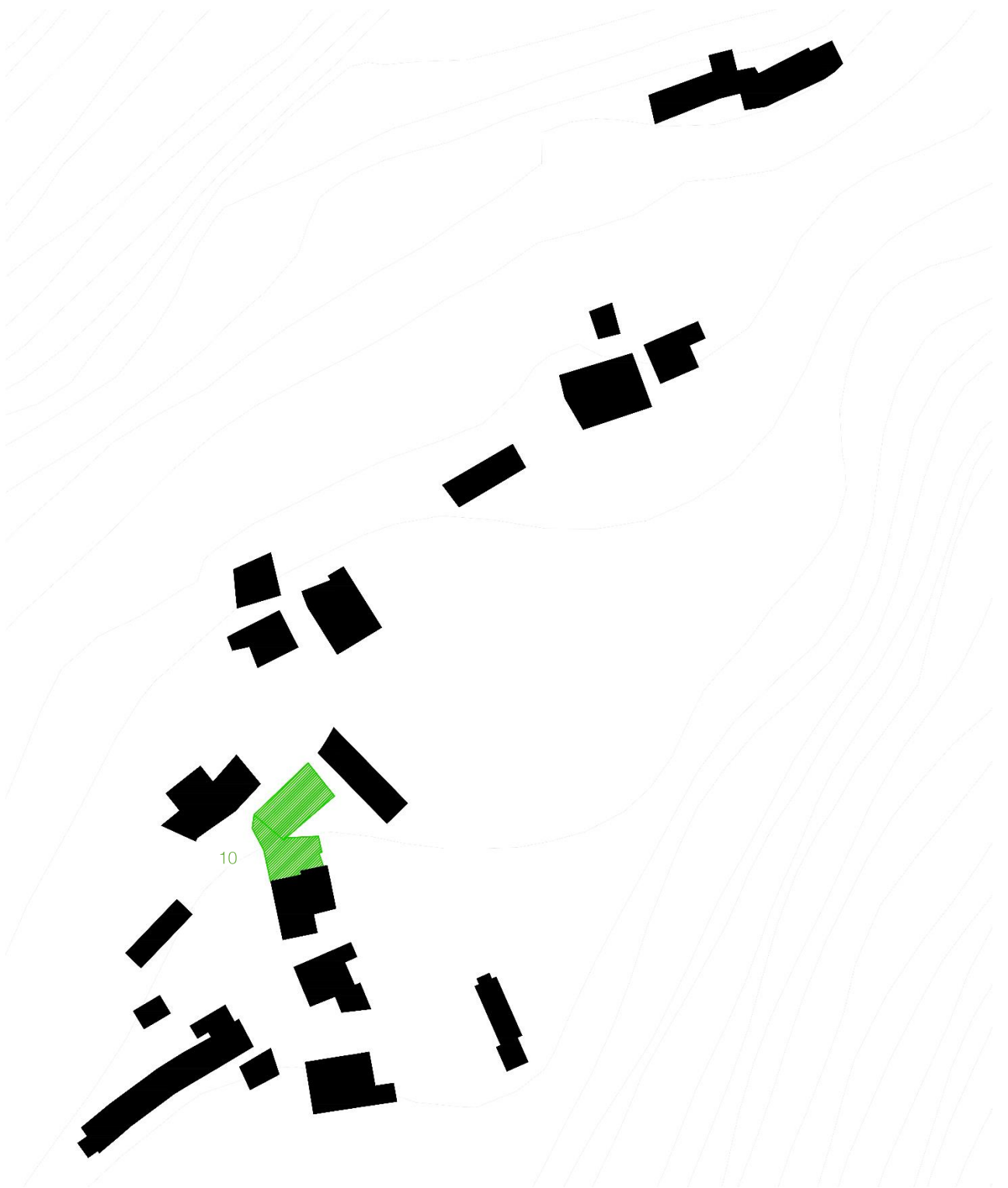
208 Alçado tardoz da ruína (9)



209 Alçado lateral direito da ruína (9)



210 Axonometria da ruína (9)



211 *Planta de localização das ruínas (10)*

## RUÍNA (10) | “Cozinha experimental”

Edifício que atualmente se encontra em ruína sendo constituído pela junção de duas ruínas. A primeira, implantada numa cota superior, possui dois pisos: o piso térreo destinado à parte da cozinha (1), englobando as despensas de secos (2), despensa de frios (3), zona de preparação de carne (4), de peixe (5) e de legumes (6), zona de copa suja (7), zona de confeção (8) e zona de empratamento (9). Possui ainda uma pequena mesa para almoços/jantares; o piso inferior composto pela zona de staff (10), por uma das salas de refeições (11) e pelas instalações sanitárias (12). O conceito desta cozinha experimental tem por base um funcionamento pouco comum, isto é, ser uma cozinha em que o cliente pode experimentar e visualizar a confeção dos pratos açorianos em contato próximo com um “chef”, ajudando a enriquecer a experiência no local.

A segunda ruína, implantada numa cota inferior, foi desenhada com o objetivo de completar a primeira com o espaço de sala de refeições (13). (Ver desenhos à escala no Anexo I)



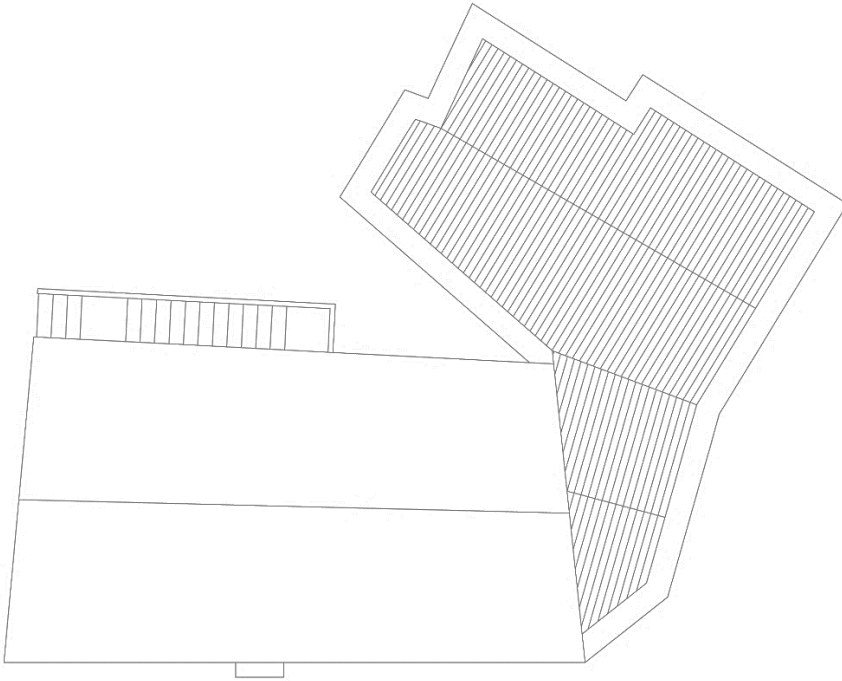
212 Exterior das ruínas (10)



213 Exterior das ruínas (10)



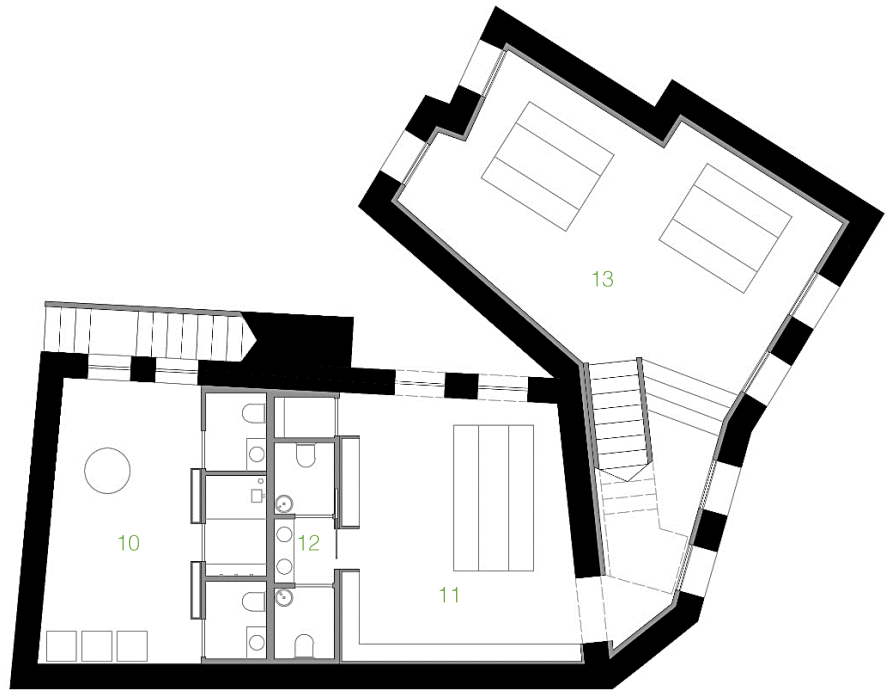
214 Exterior das ruínas (10)



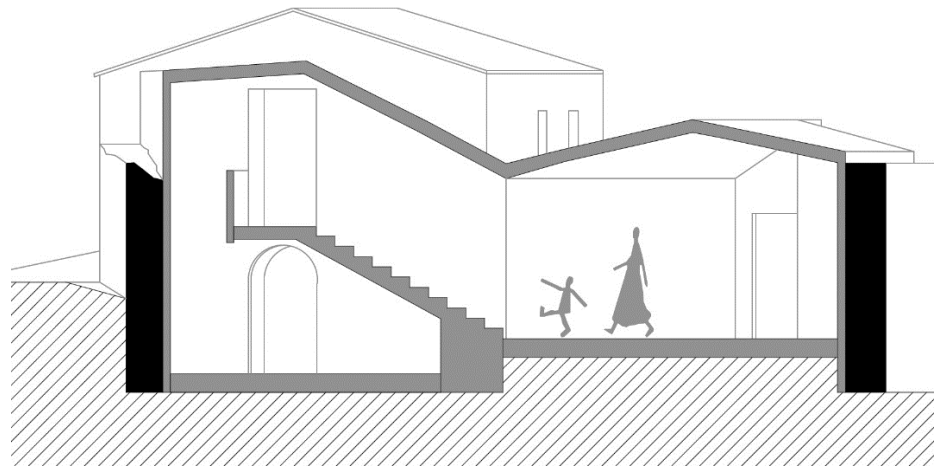
215 *Planta de cobertura das ruínas (10)*



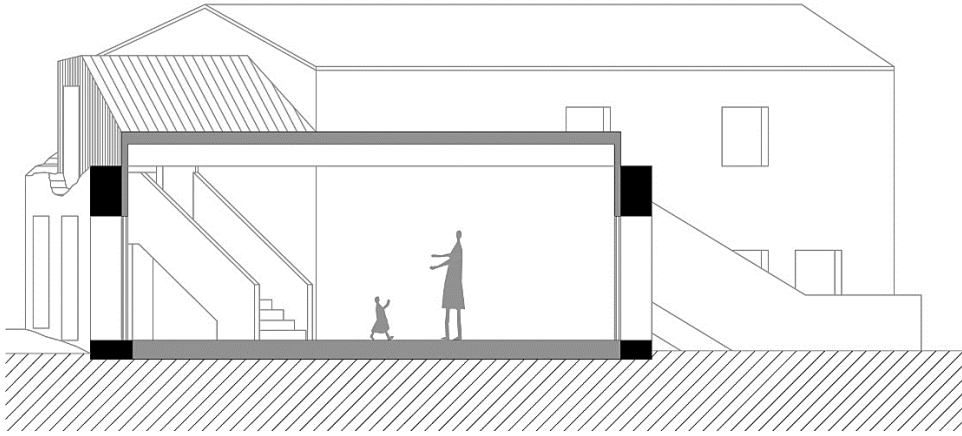
216 *Planta piso térreo das ruínas (10)*



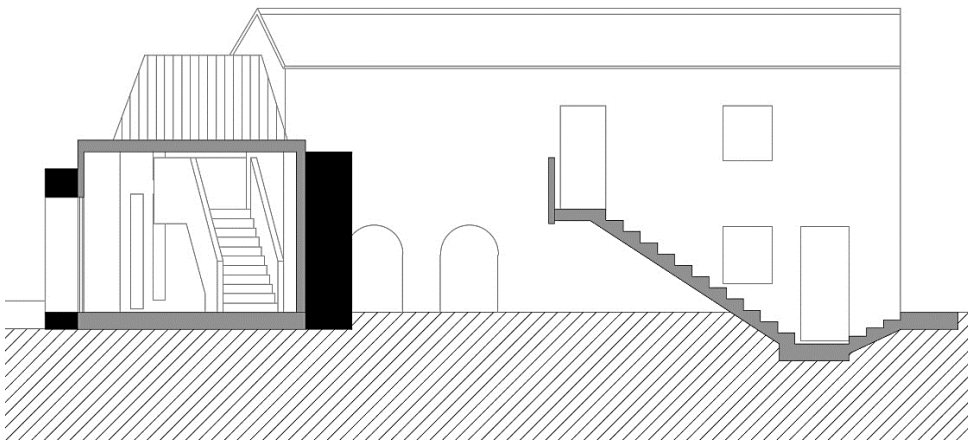
217 Planta piso -1 das ruínas (10)



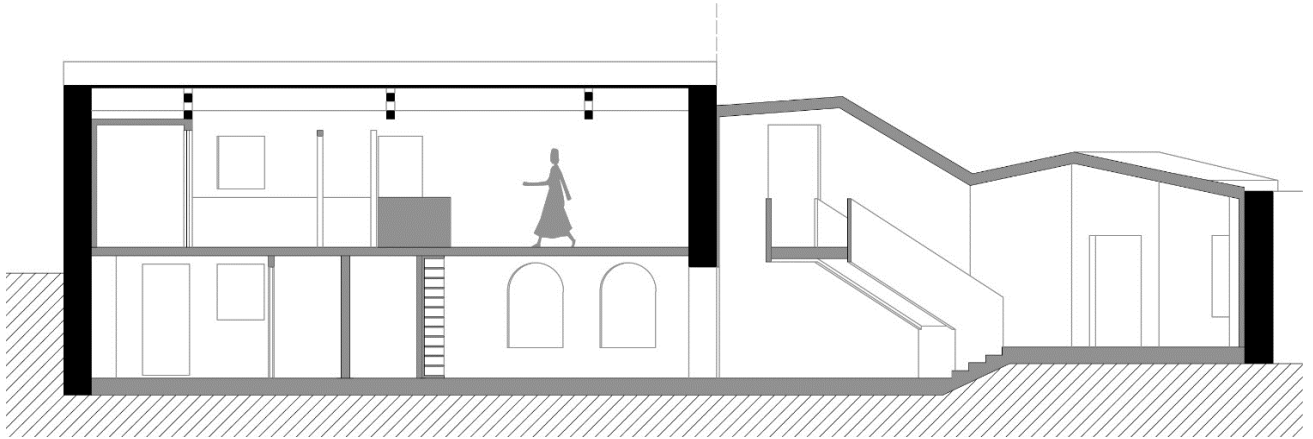
218 Corte longitudinal das ruínas (10)



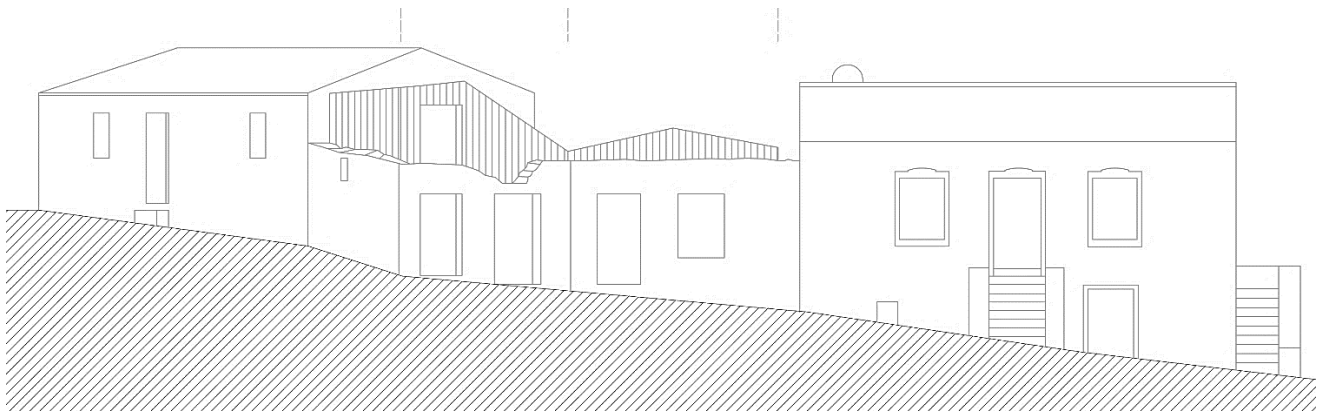
219 *Corte longitudinal das ruínas (10)*



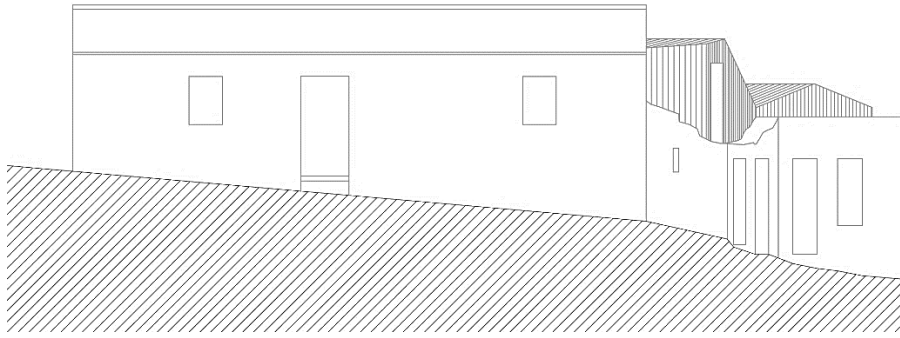
220 *Corte longitudinal das ruínas (10)*



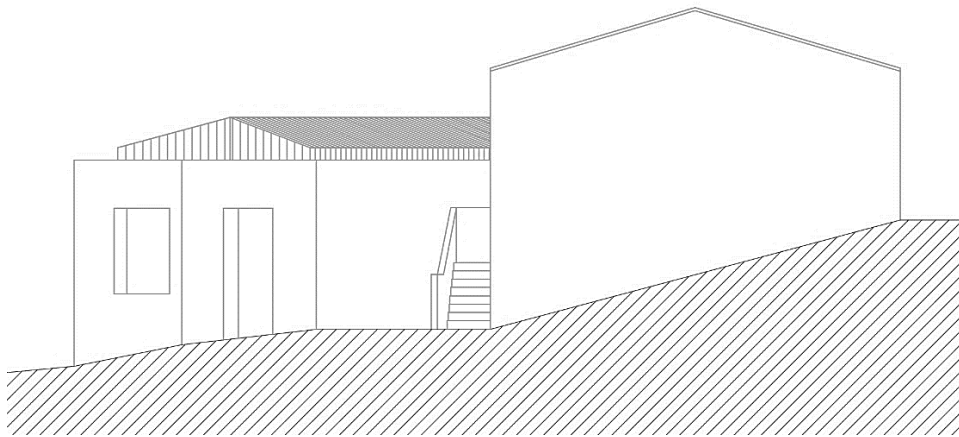
221 Corte longitudinal das ruínas (10)



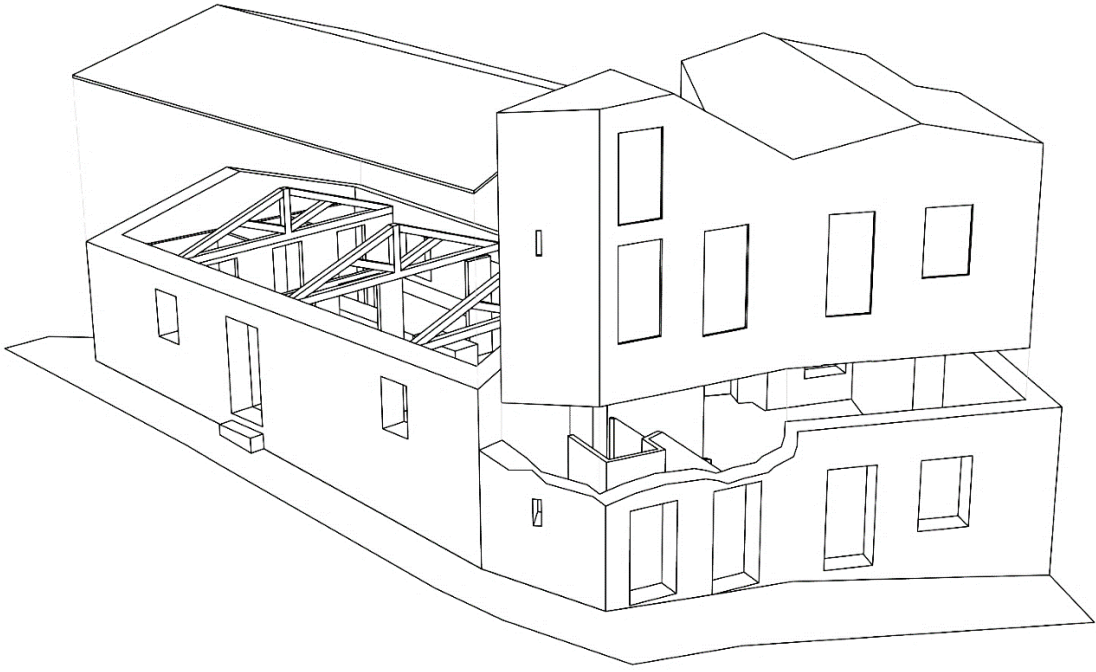
222 Corte longitudinal das ruínas (10)



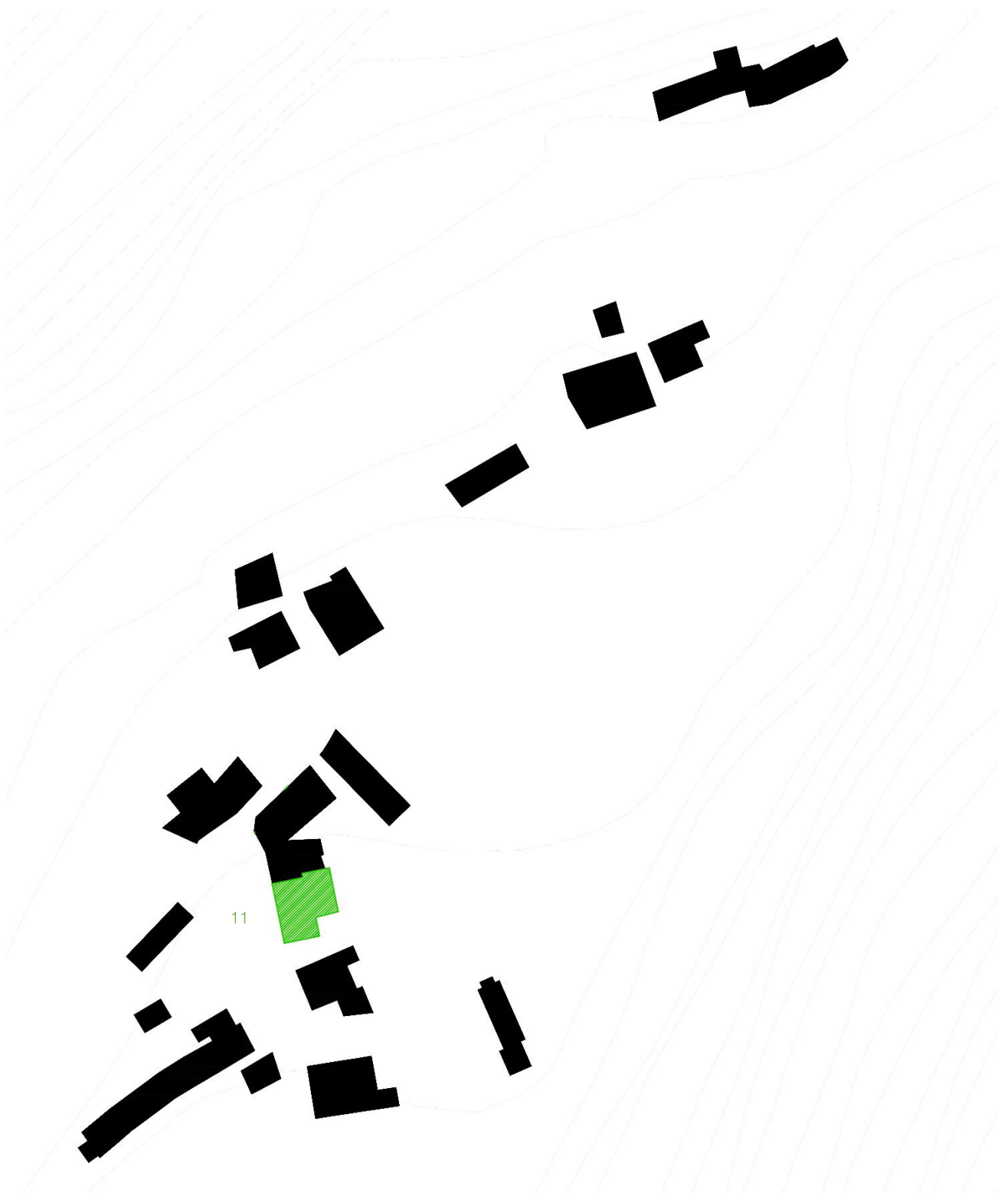
223 Alçado principal das ruínas (10)



224 Alçado lateral esquerdo das ruínas (10)



225 Axonometria das ruínas (10)



226 Planta de localização da casa Armando Clara (11)

ARMANDO CLARA (11) | “Turismo rural”

Edifício que atualmente se encontra reabilitado e que propomos que se destine ao turismo rural. É constituído por dois pisos: o piso térreo formado pela cozinha (1), sala de estar com uma pequena zona de leitura (2) e instalação sanitária (3); o segundo piso formado por dois quartos com cama de casal (4) e uma instalação sanitária (5). (Ver desenhos à escala no Anexo I)



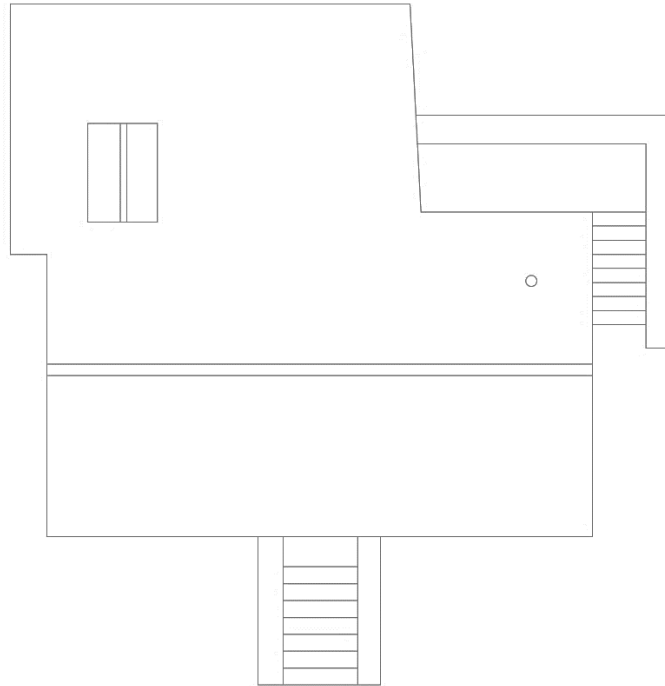
227 Exterior da casa Armando Clara (11)



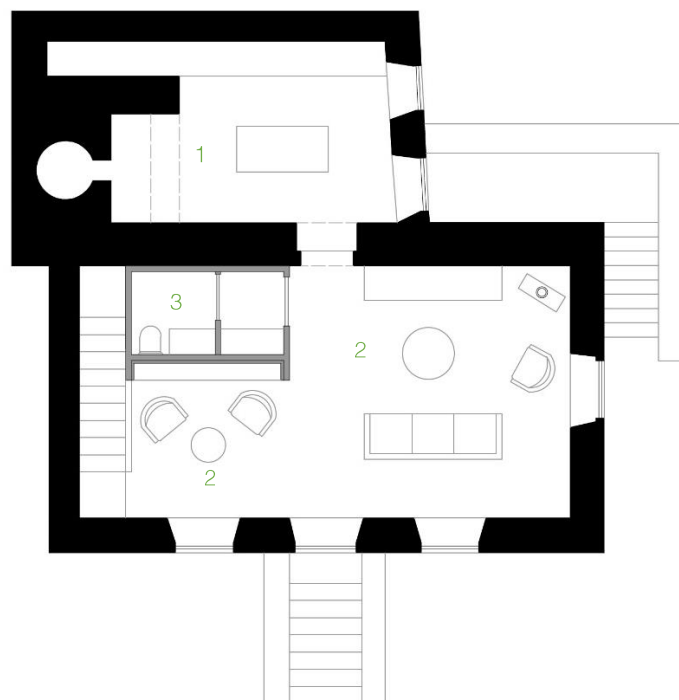
228 Exterior da casa Armando Clara (11)



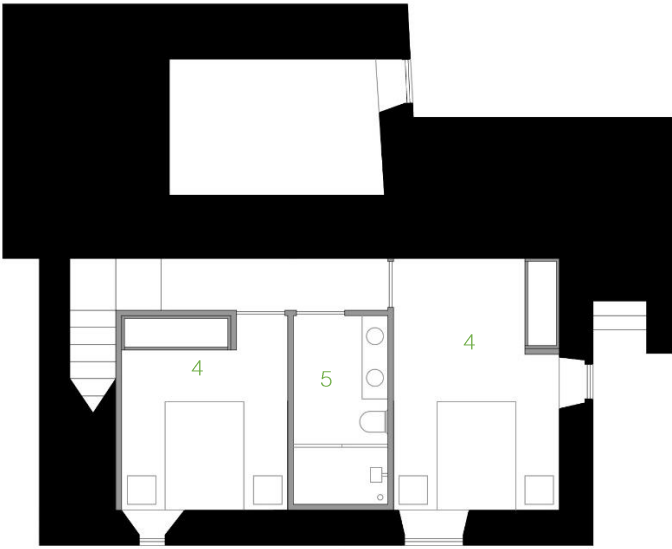
229 Exterior da casa Armando Clara (11)



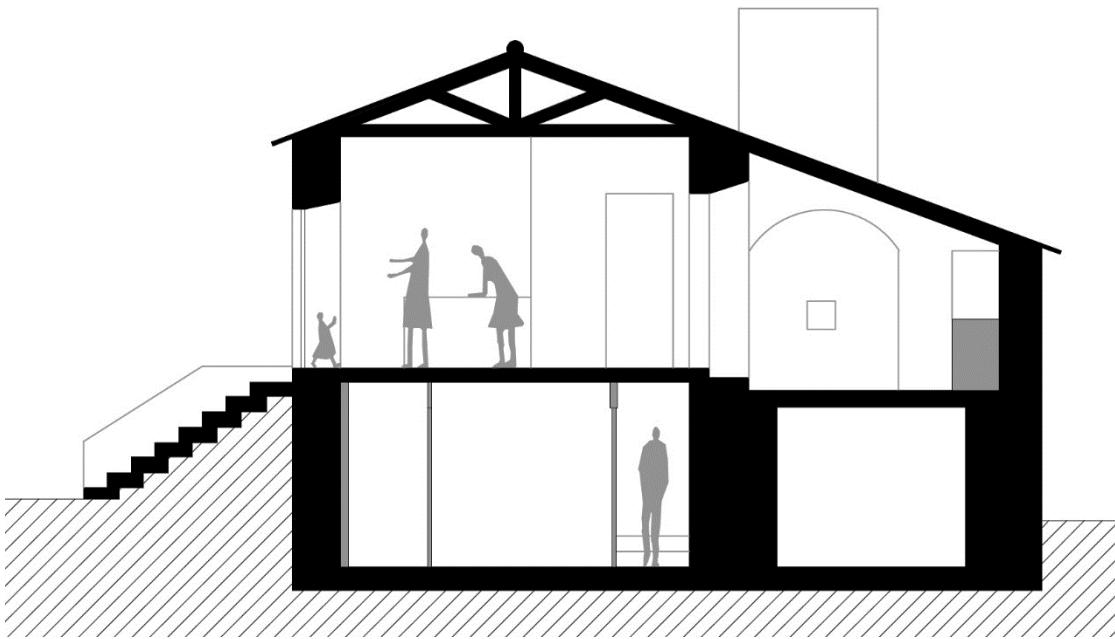
230 Planta de cobertura da casa Armando Clara (11)



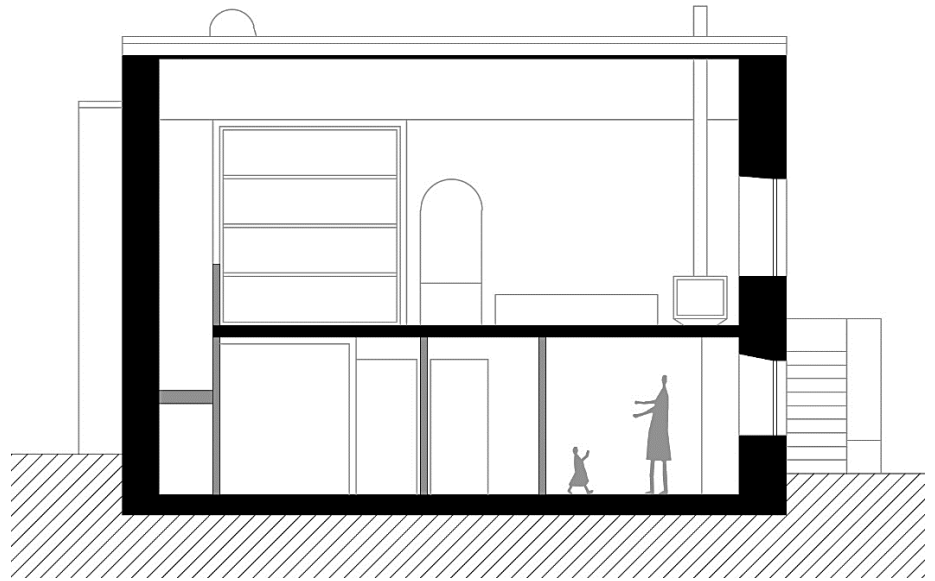
231 Planta piso térreo da casa Armando Clara (11)



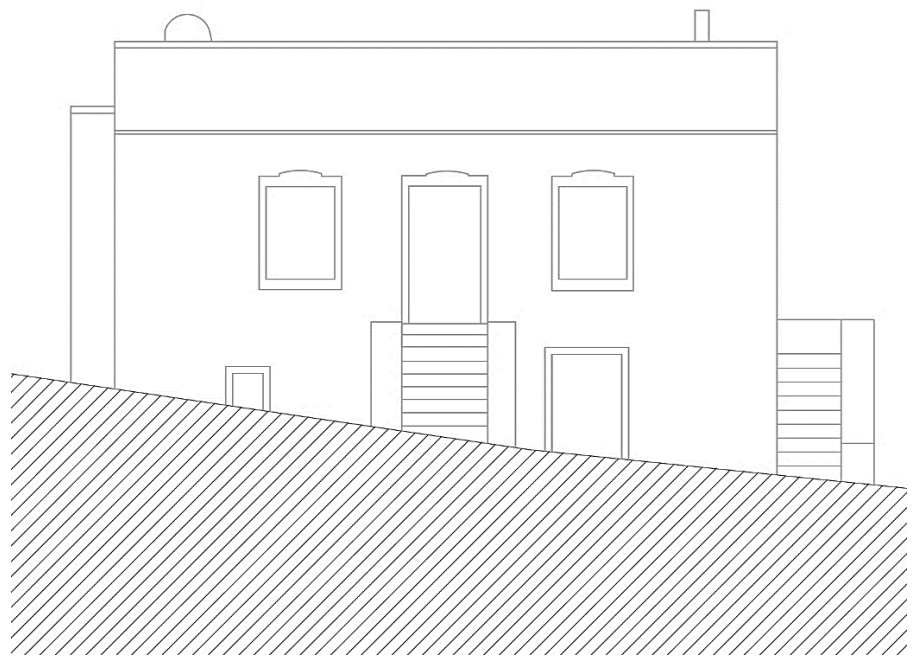
232 Planta piso -1 da casa Armando Clara (11)



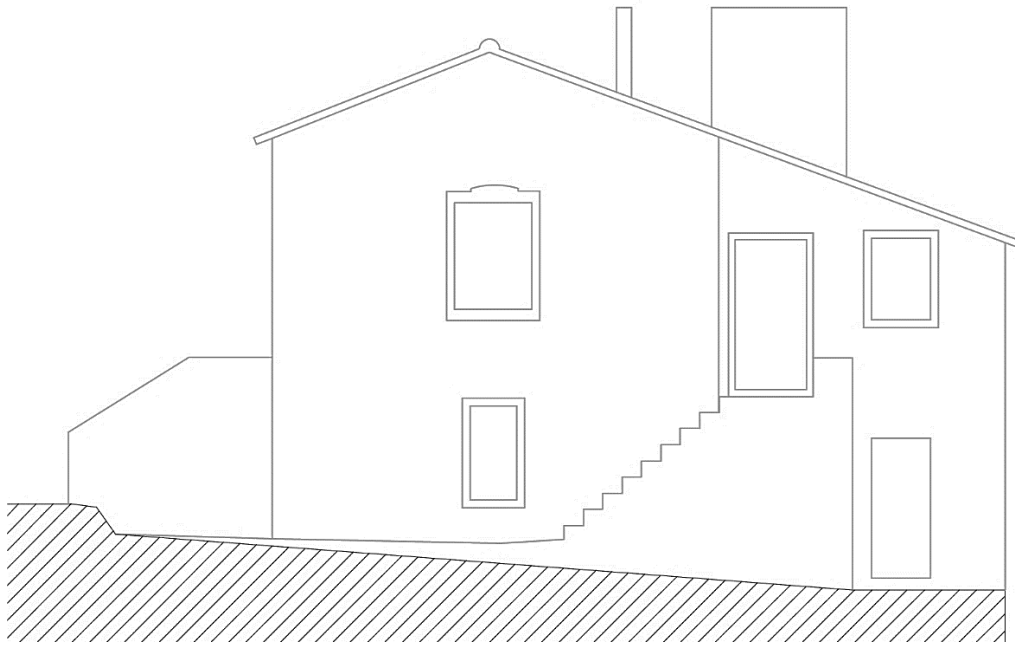
233 Corte transversal da casa Armando Clara (11)



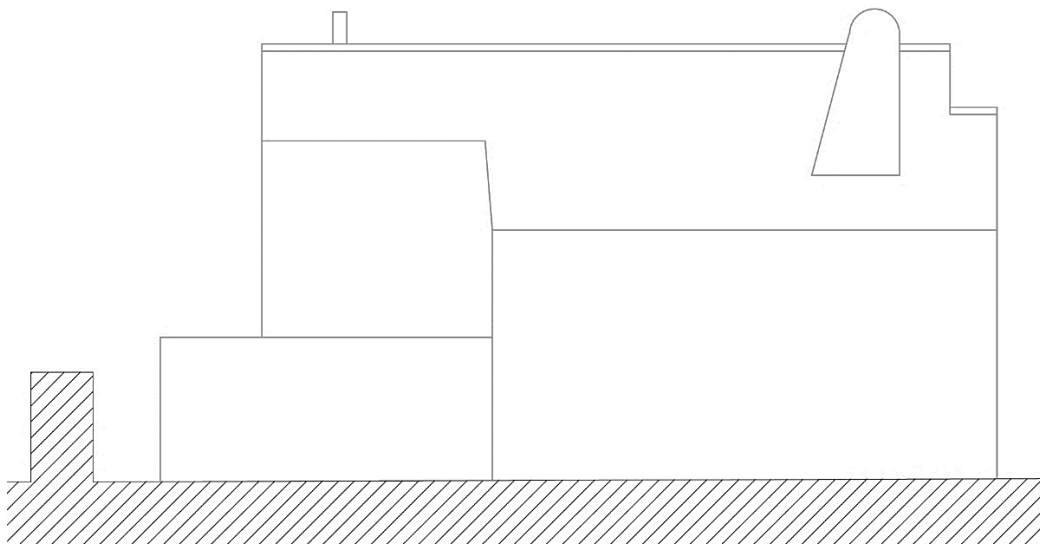
234 Corte longitudinal da casa Armando Clara (11)



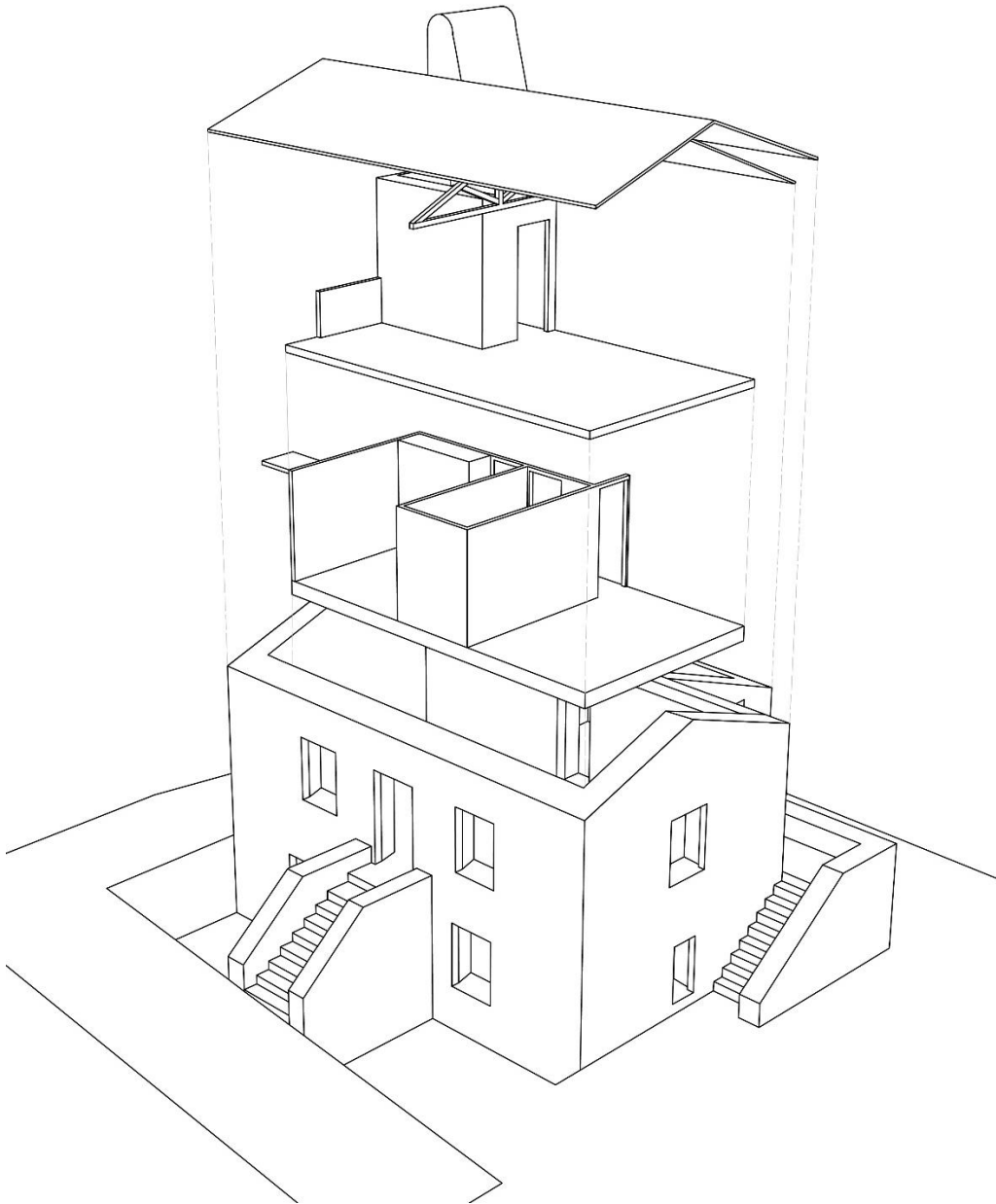
235 Alçado principal da casa Armando Clara (11)



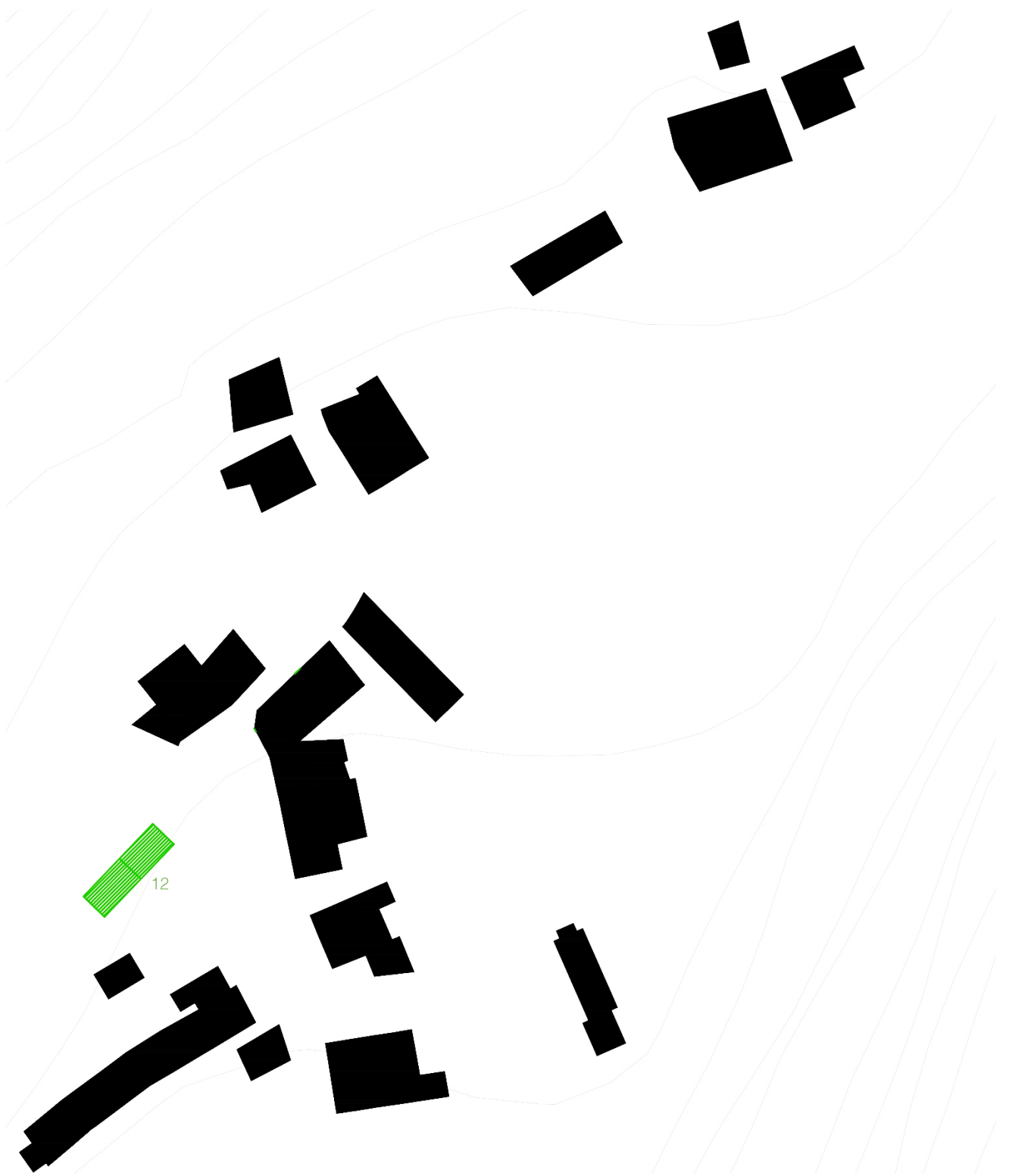
236 Alçado lateral direito da casa Armando Clara (11)



237 Alçado tardo da casa Armando Clara (11)



238 Axonometria da casa Armando Clara (11)



239 Planta de localização das ruínas (12)

## RUÍNA (12) | “Turismo rural”

Edifício que atualmente se encontra em ruína e que propomos que se destine ao turismo rural. É constituído pela junção de duas ruínas de um único piso cada. A entrada é feita pela sala de estar que se encontra ligada diretamente com a cozinha (1). O resto da casa é constituída por uma instalação sanitária (2) e por um quarto com cama de casal (3). (Ver desenhos à escala no Anexo I)



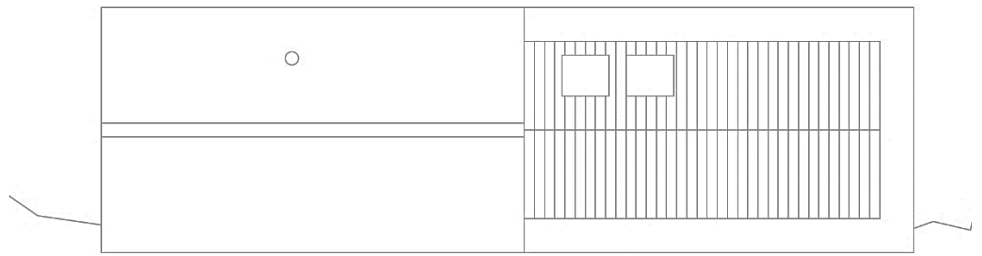
240 Exterior das ruínas (12)



241 Exterior das ruínas (12)



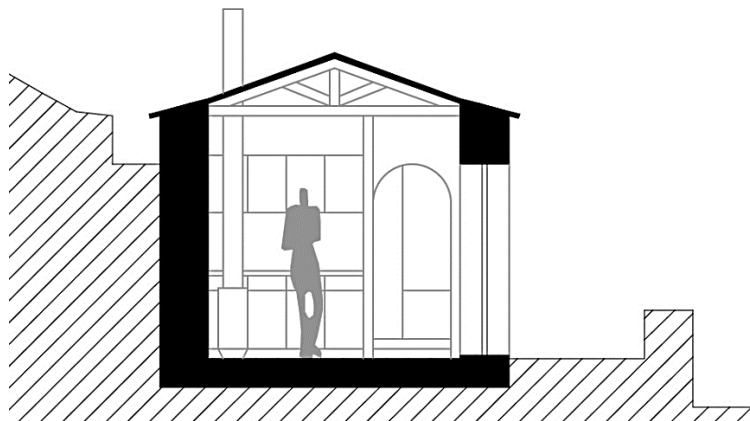
242 Exterior das ruínas (12)



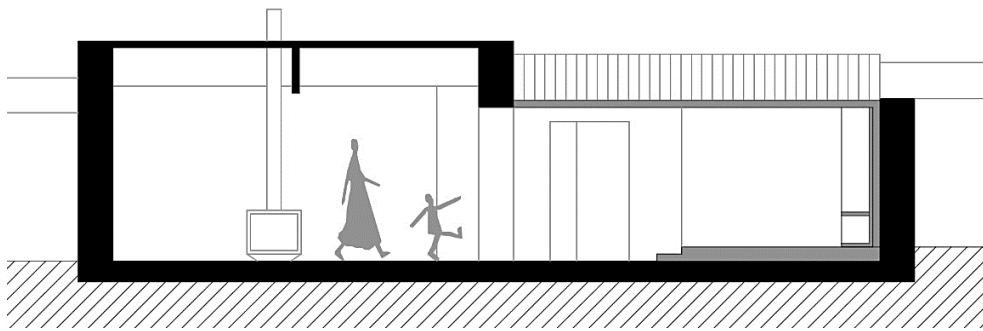
243 *Planta de cobertura das ruínas (12)*



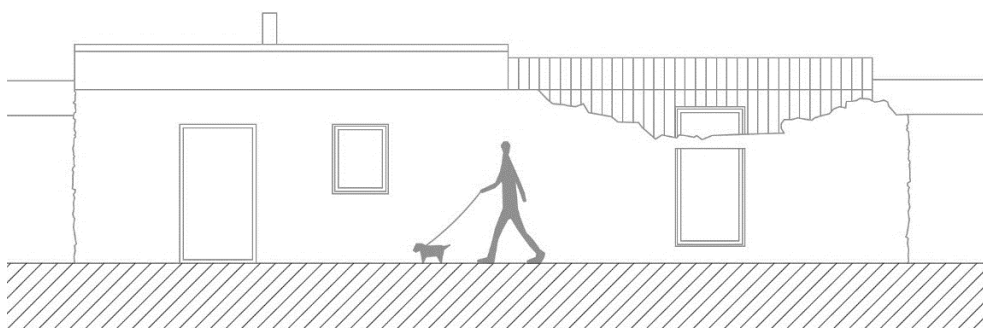
244 *Planta piso térreo das ruínas (12)*



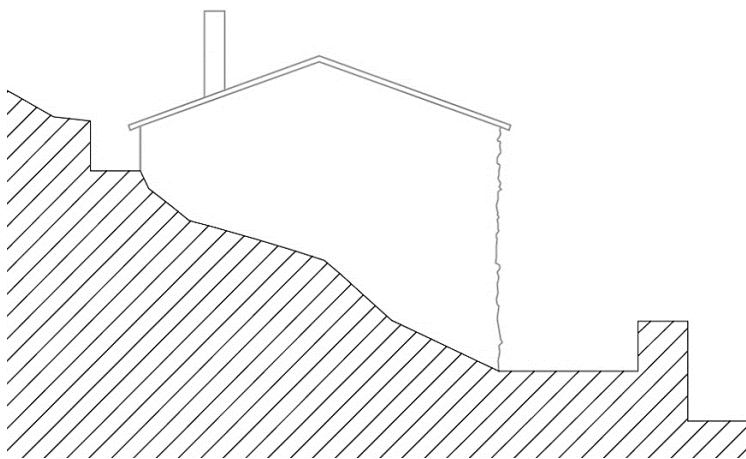
245 *Corte transversal das ruínas (12)*



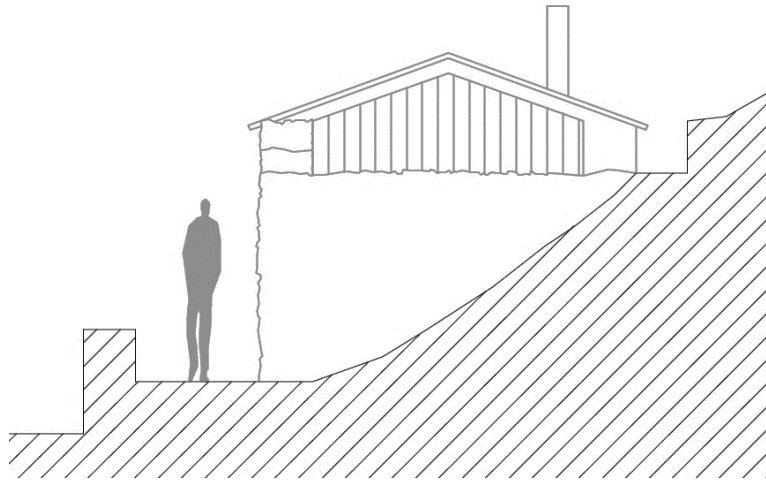
246 Corte longitudinal das ruínas (12)



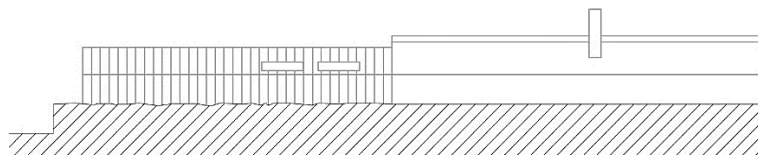
247 Alçado principal das ruínas (12)



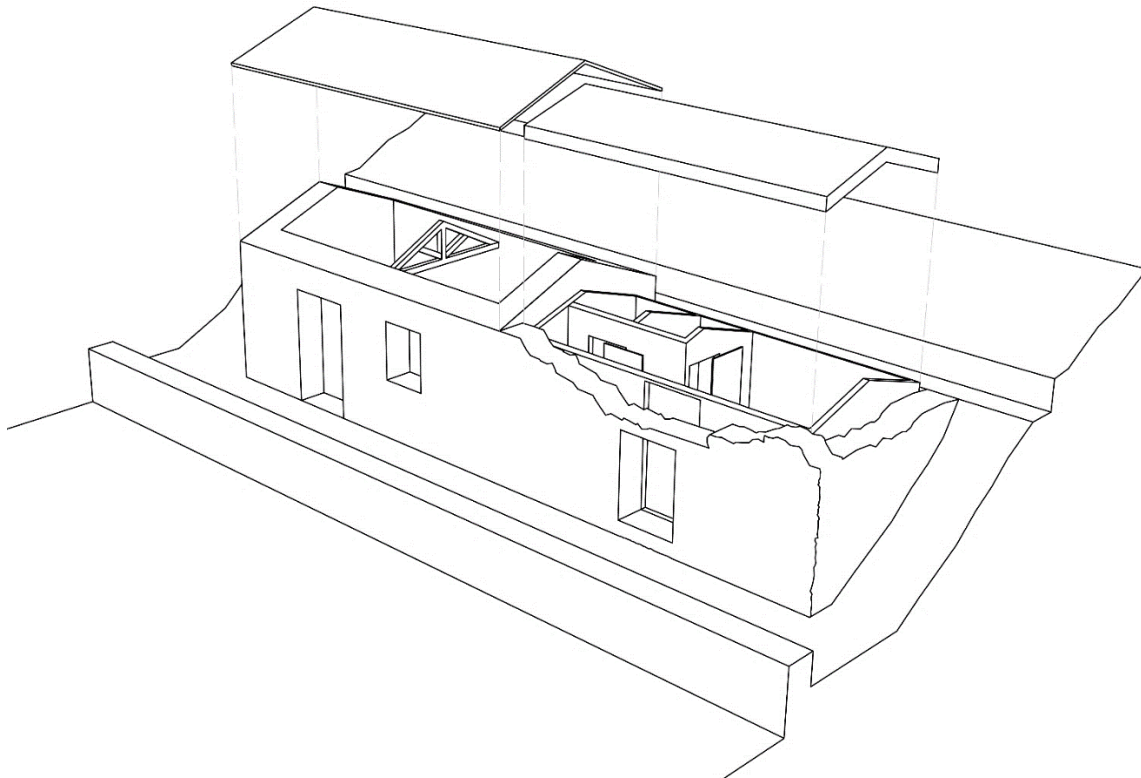
248 Alçado lateral esquerdo das ruínas (12)



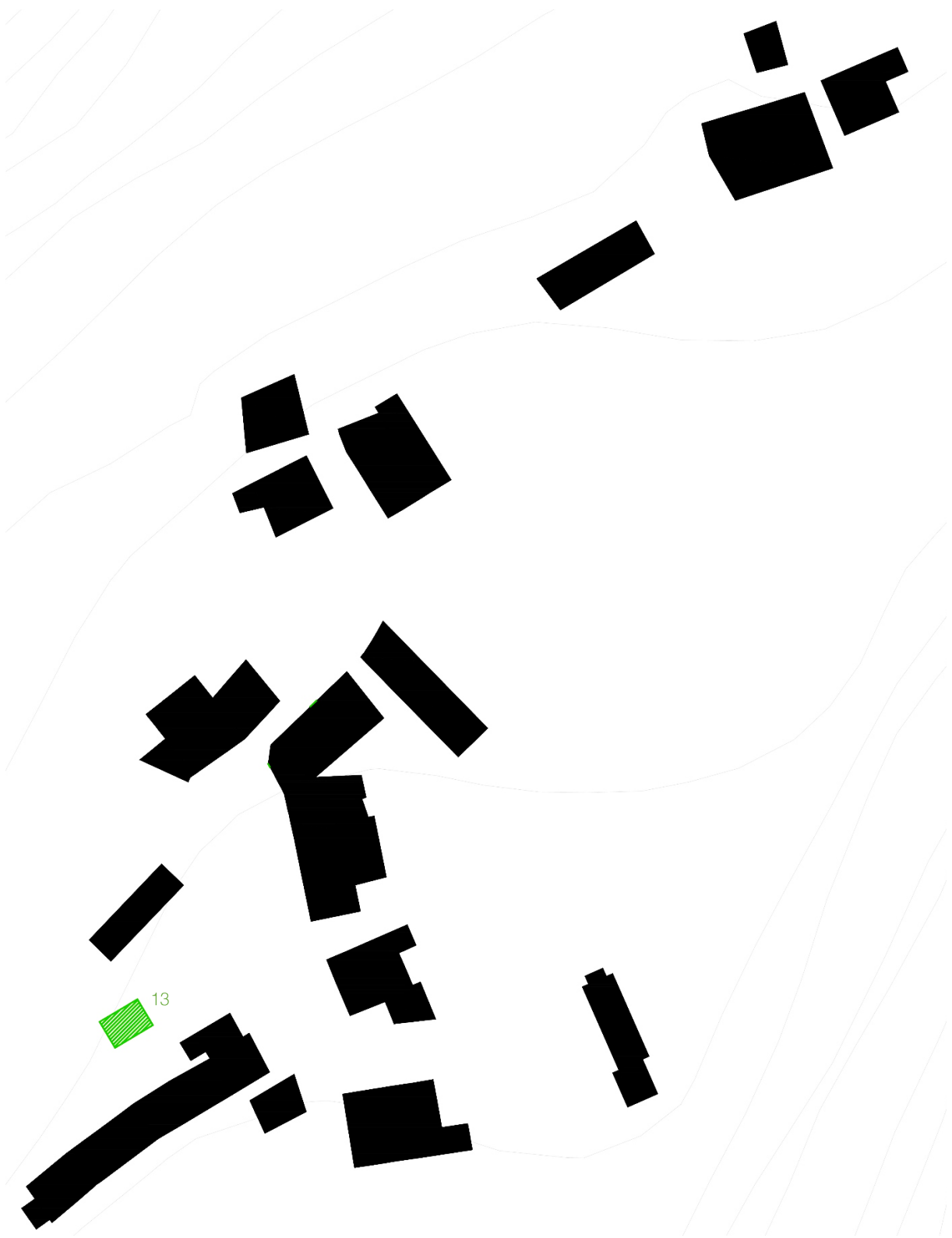
249 Alçado lateral direito das ruínas (12)



250 Alçado lateral esquerdo das ruínas (12)



251 Axonometria das ruínas (12)



252 Planta de localização da ruína (13)

## RUÍNA (13) | “Espaço de meditação”

Edifício que se encontra atualmente em ruína e que propomos que se destine a espaço de meditação. Aqui, o turista poderá usufruir dos típicos chás da ilha, bem como de cheiros e sons oriundos das florestas de São Miguel, enquanto observa a paisagem envolvente e os feixes de luz vindos de Norte e Sul captados pelas claraboias do edifício. (Ver desenhos à escala no Anexo I)



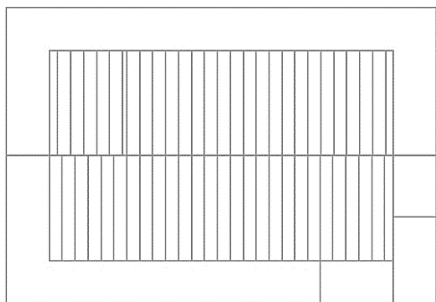
253 Exterior da ruína (13)



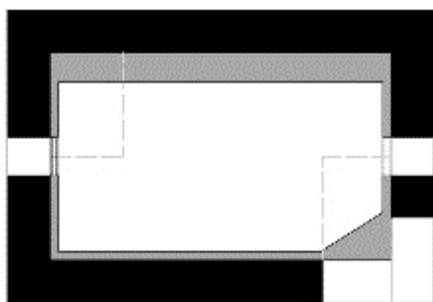
254 Exterior da ruína (13)



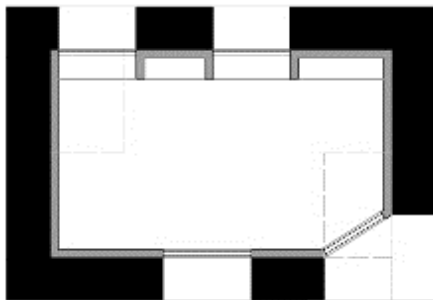
255 Exterior da ruína (13)



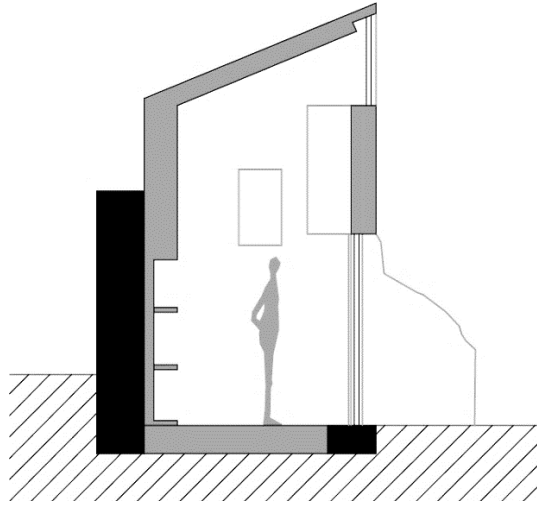
256 *Planta de cobertura da ruína (13)*



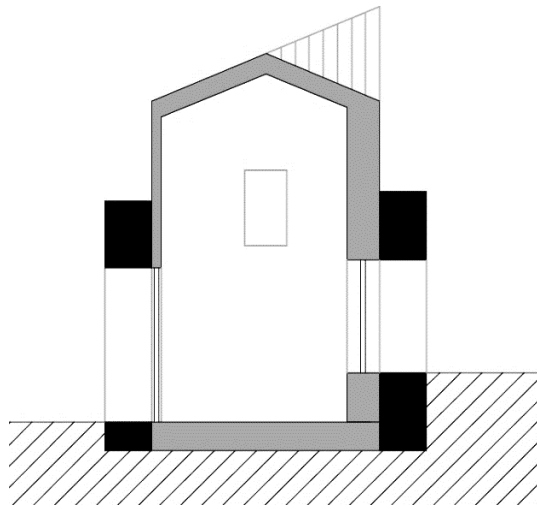
257 *Planta à cota 2.20 da ruína (13)*



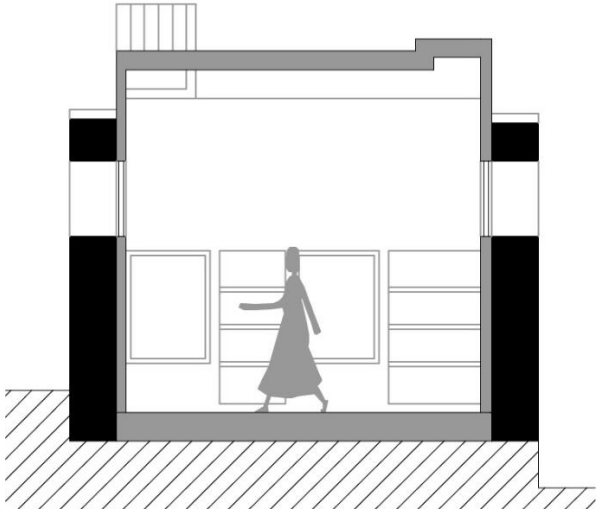
258 *Planta piso térreo da ruína (13)*



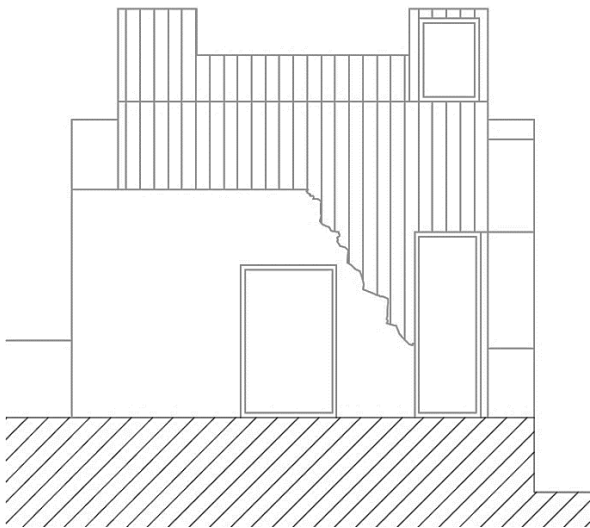
259 Corte transversal da ruína (13)



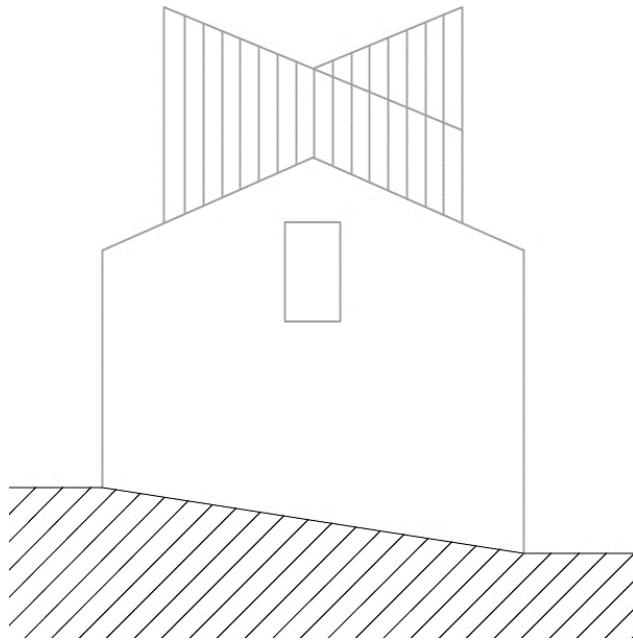
260 Corte transversal da ruína (13)



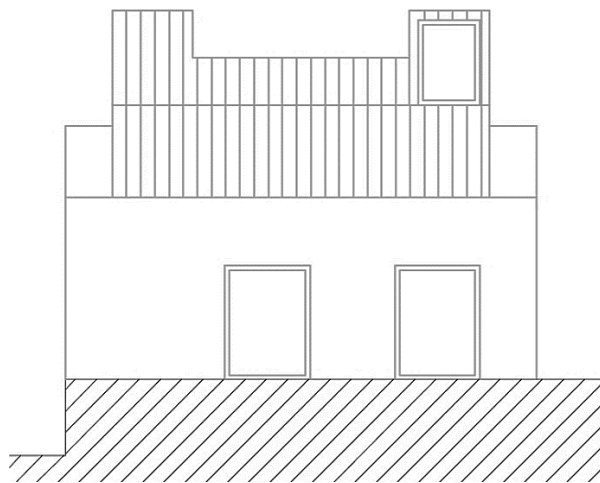
261 Corte longitudinal da ruína (13)



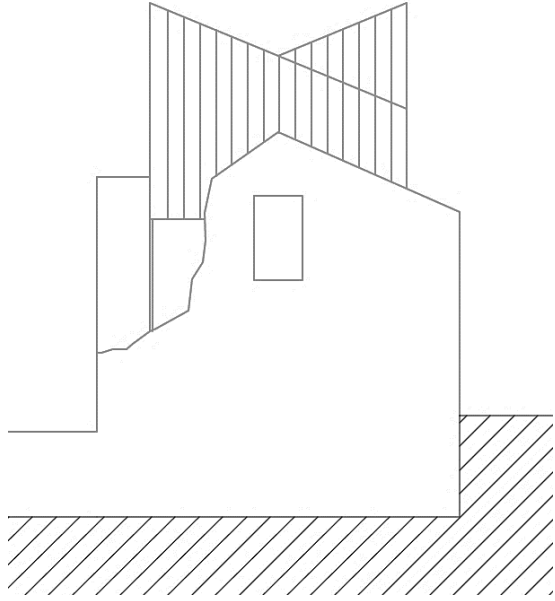
262 Alçado principal da ruína (13)



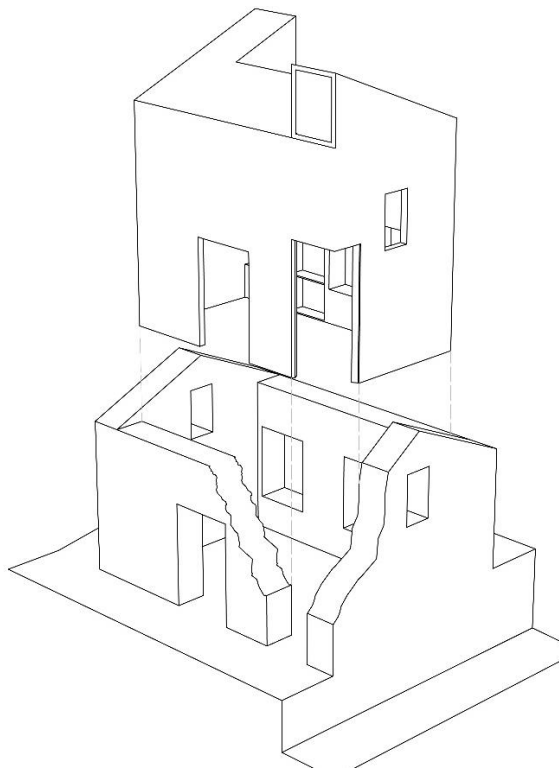
263 Alçado lateral esquerdo da ruína (13)



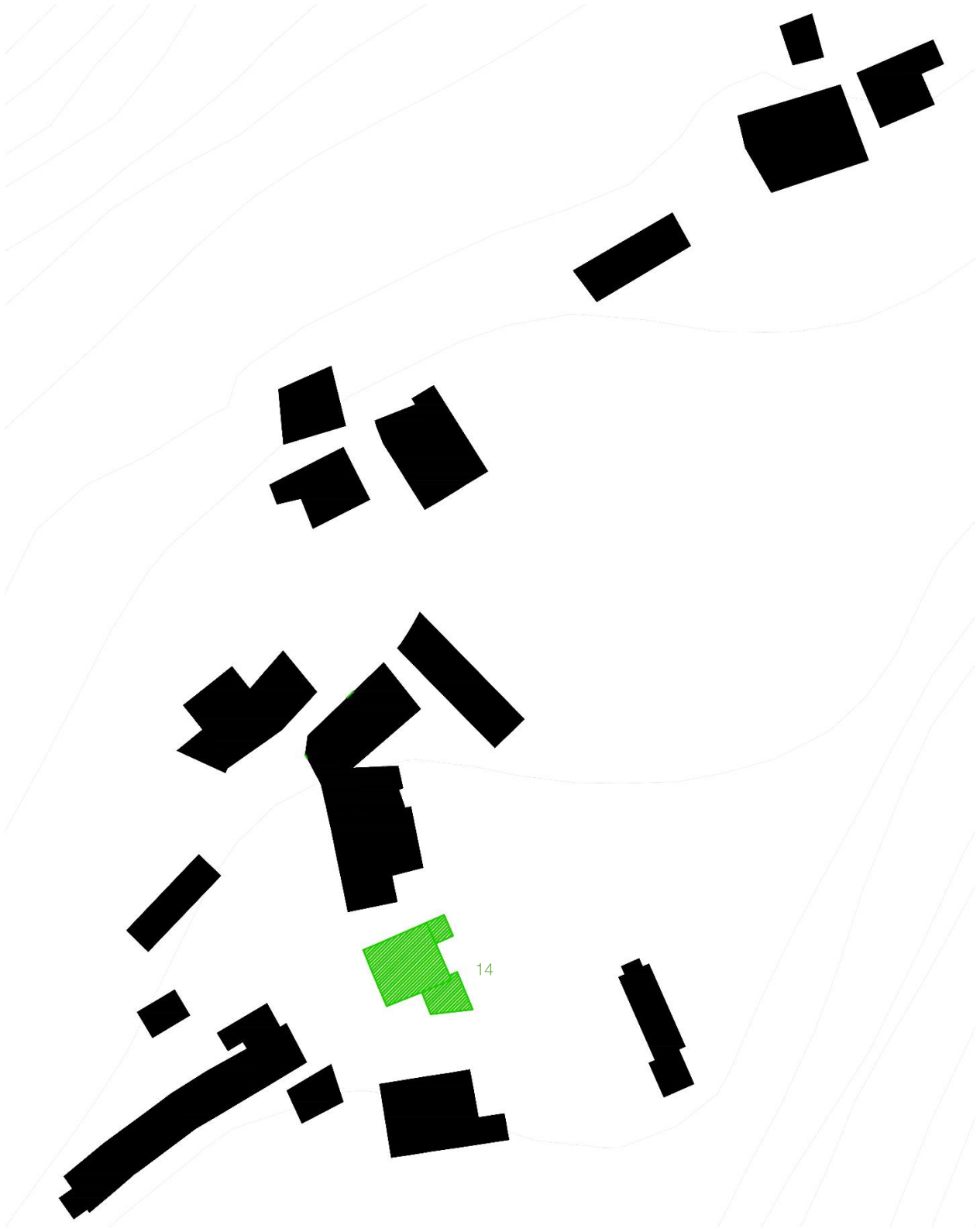
264 Alçado tardez da ruína (13)



265 Alçado lateral direito da ruína (13)



266 Axonometria da ruína (13)



267 Planta de localização da casa Conceição Pequena (14)

## CONCEIÇÃO PEQUENA (14) | “Turismo rural”

Edifício que atualmente se encontra reabilitado e que propomos que se destine ao turismo rural. É composto por um único piso, em que na parte da frente da casa encontramos a cozinha ligada diretamente com a sala (1), ficando o quarto com cama de casal (2) e a instalação sanitária (3) para a parte de trás, na zona mais privada da casa. (Ver desenhos à escala no Anexo I)



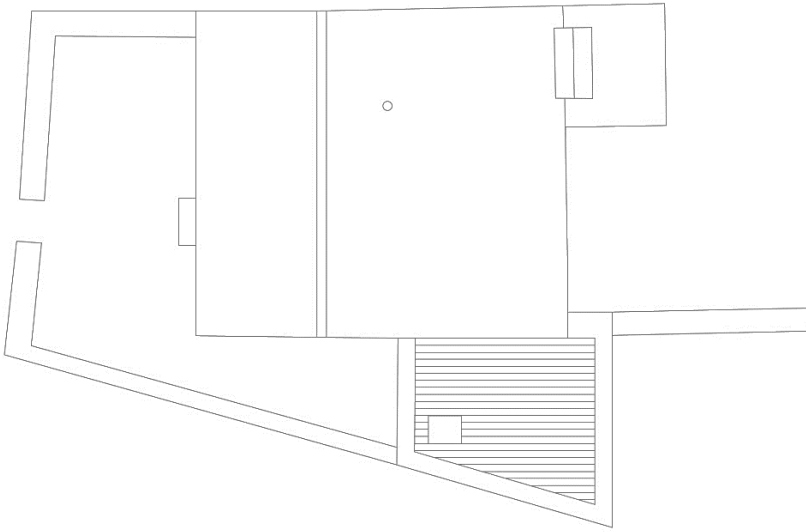
268 Exterior da casa Conceição Pequena (14)



269 Exterior da casa Conceição Pequena (14)



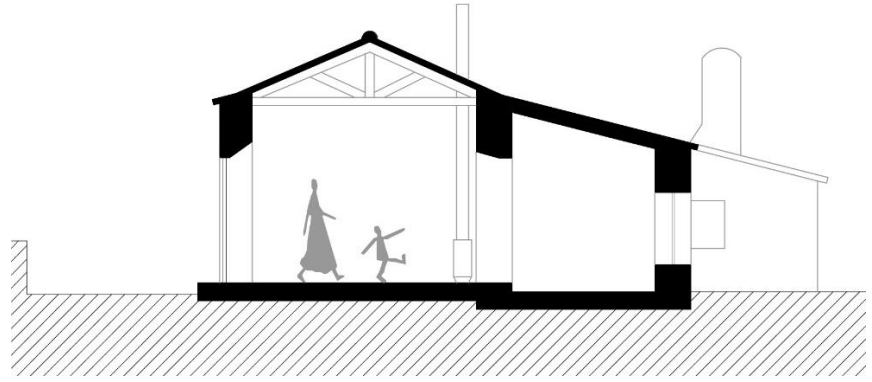
270 Exterior da casa Conceição Pequena (14)



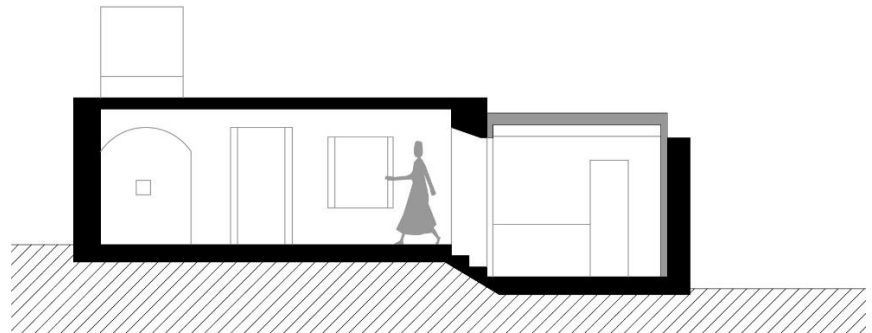
271 Planta de cobertura da casa Conceição Pequena (14)



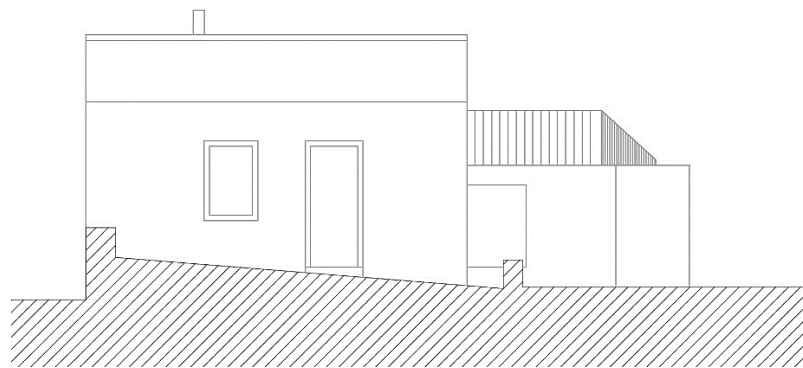
272 Planta piso térreo da casa Conceição Pequena (14)



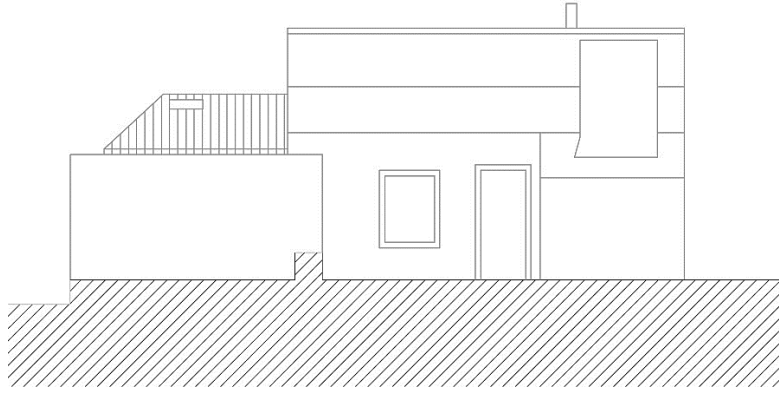
273 Corte transversal da casa Conceição Pequena (14)



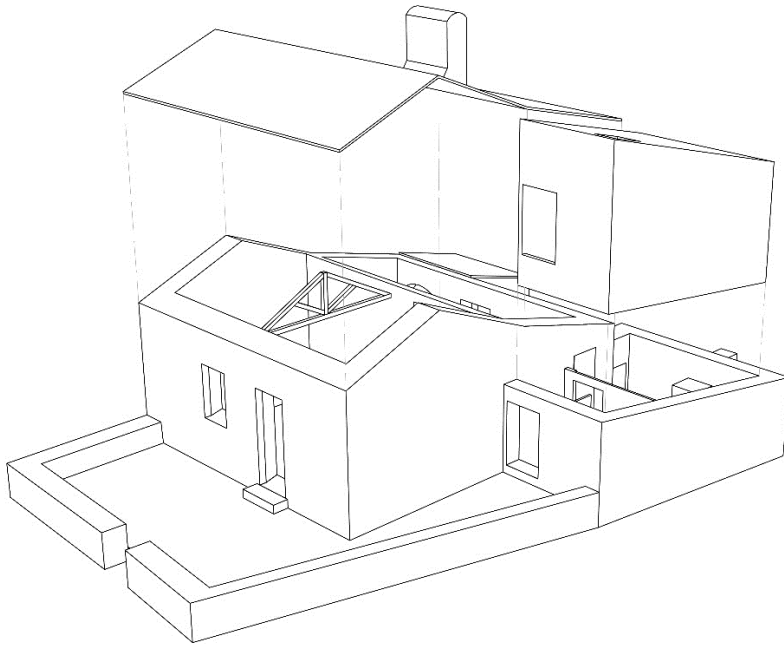
274 Corte longitudinal da casa Conceição Pequena (14)



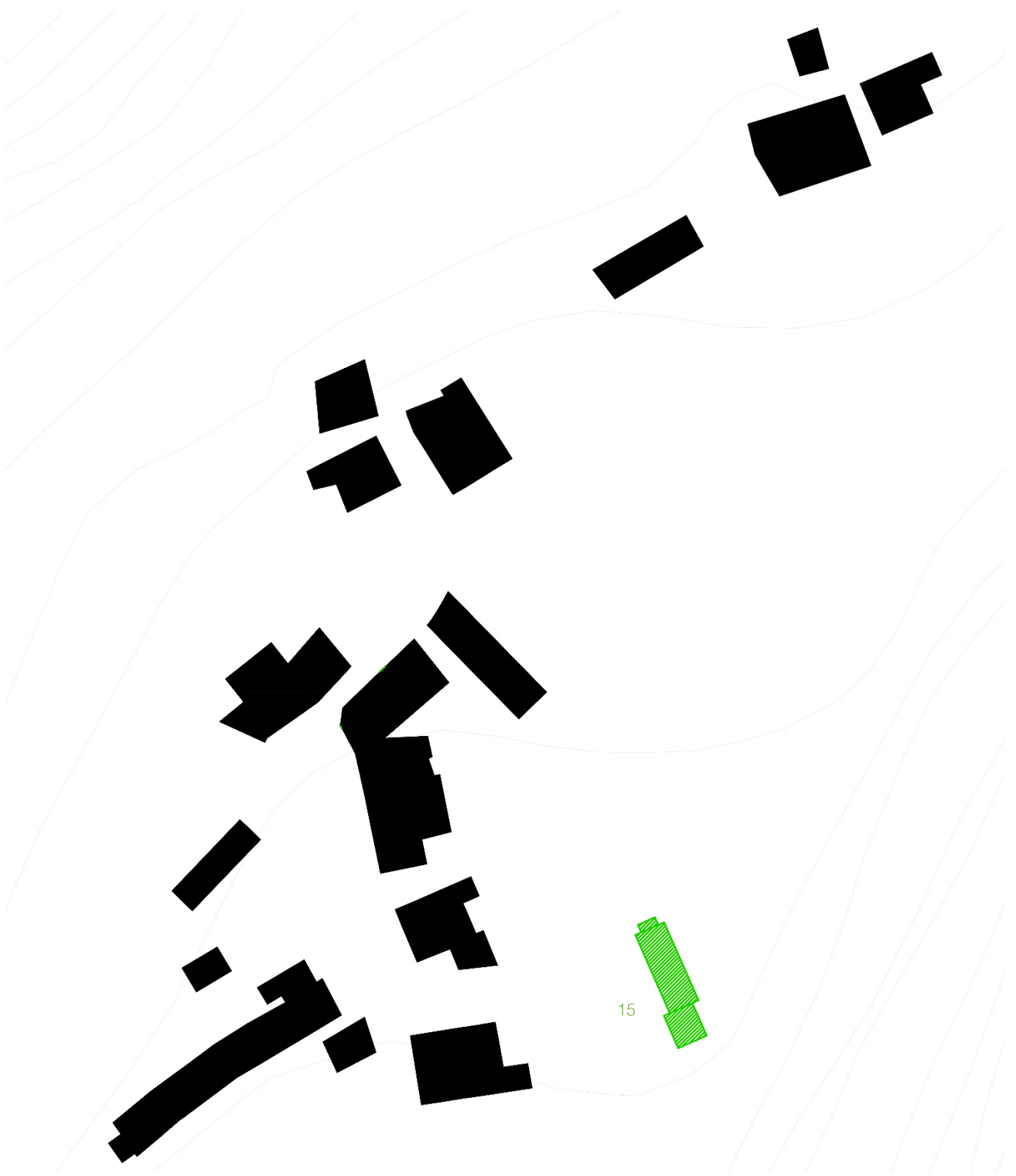
275 Alçado principal da casa Conceição Pequena (14)



276 Alçado tardoz da casa Conceição Pequena (14)



277 Axonometria da casa Conceição Pequena (14)



278 *Planta de localização da ruína (15)*

## ANEXO (15) | “Turismo rural”

Edifício que atualmente se encontra reabilitado e que propomos que se destine a turismo rural. É constituído pela junção de dois espaços anteriormente destinados a anexos, cada um com apenas um piso. No primeiro anexo podemos encontrar a cozinha (1), instalação sanitária (2) e um quarto com cama de casal (3), ficando a sala de estar (4) localizada no segundo anexo. (Ver desenhos à escala no Anexo I)



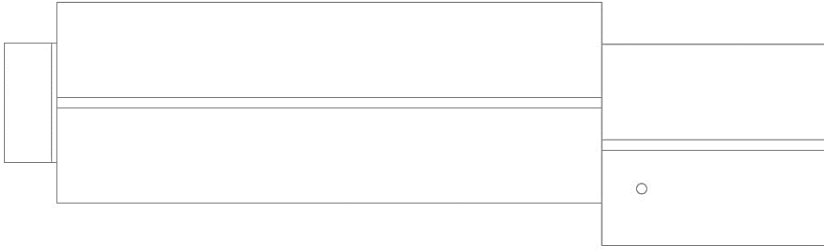
279 Exterior da ruína (15)



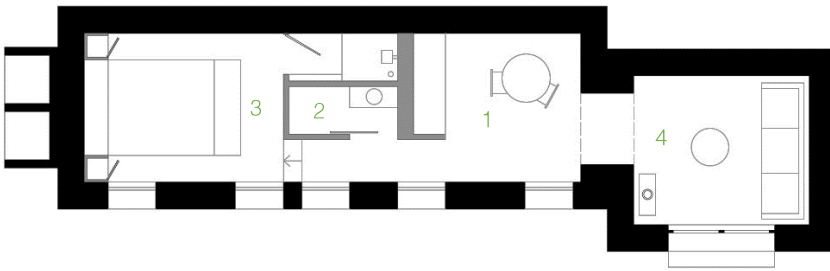
280 Exterior da ruína (15)



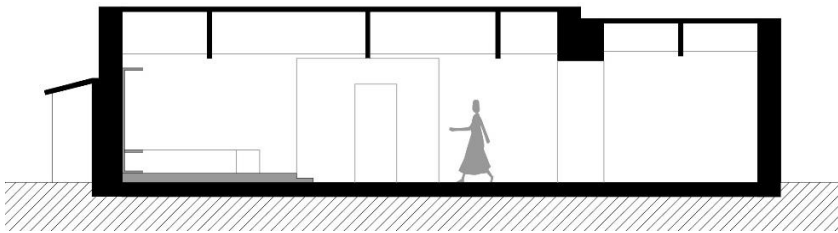
281 Exterior da ruína (15)



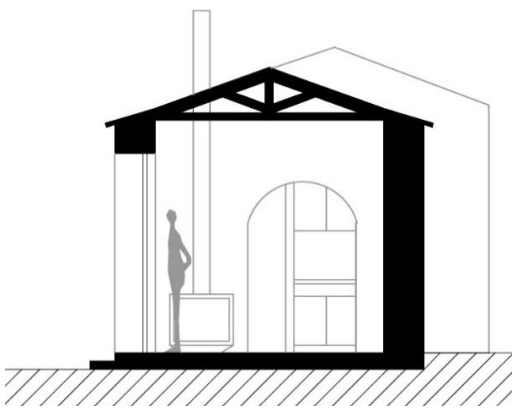
282 *Planta de Cobertura (15)*



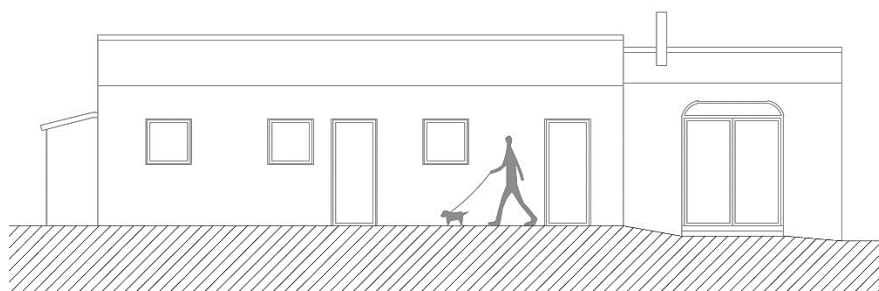
283 *Planta piso térreo da ruína (15)*



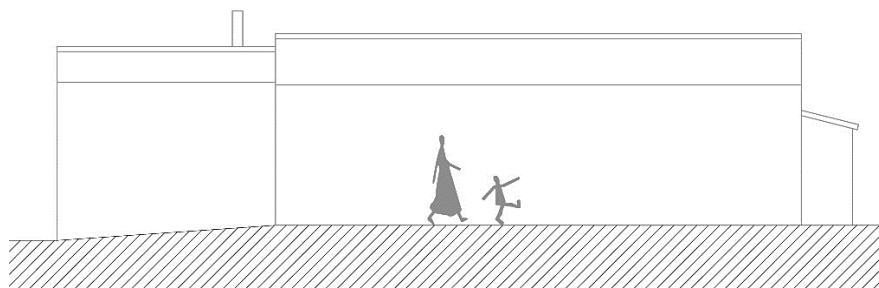
284 *Corte longitudinal da ruína (15)*



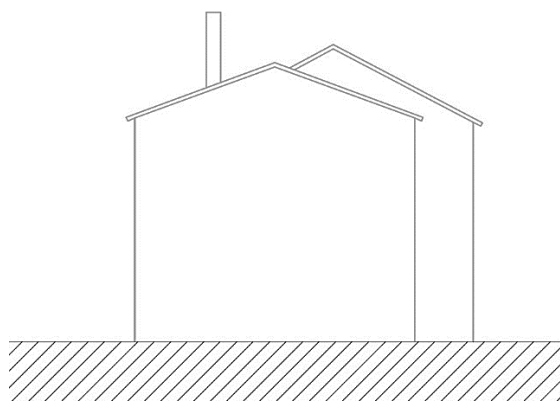
285 *Corte transversal da ruína (15)*



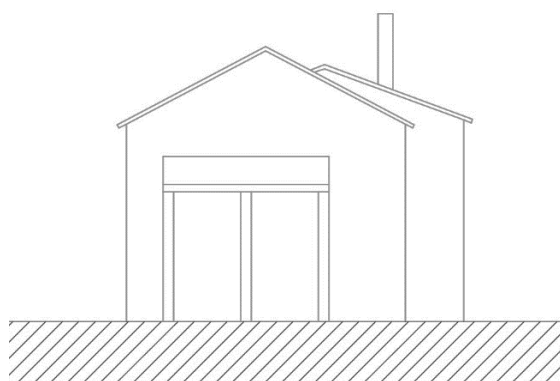
286 Alçado principal da ruína (15)



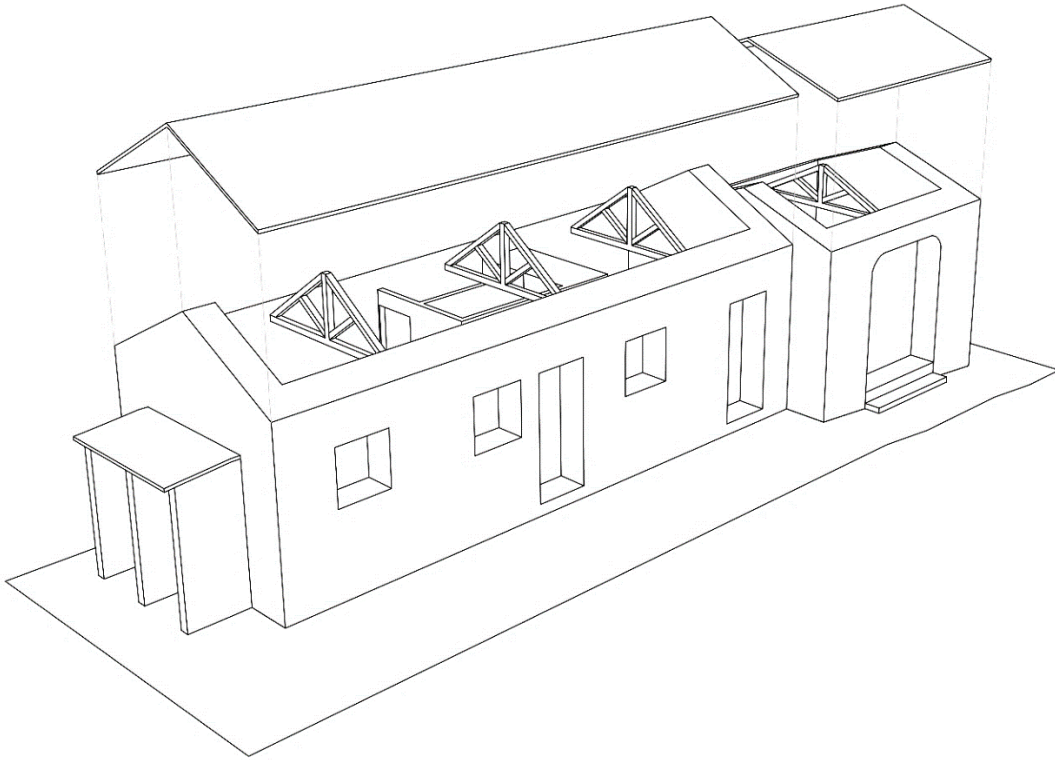
287 Alçado tardoz da ruína (15)



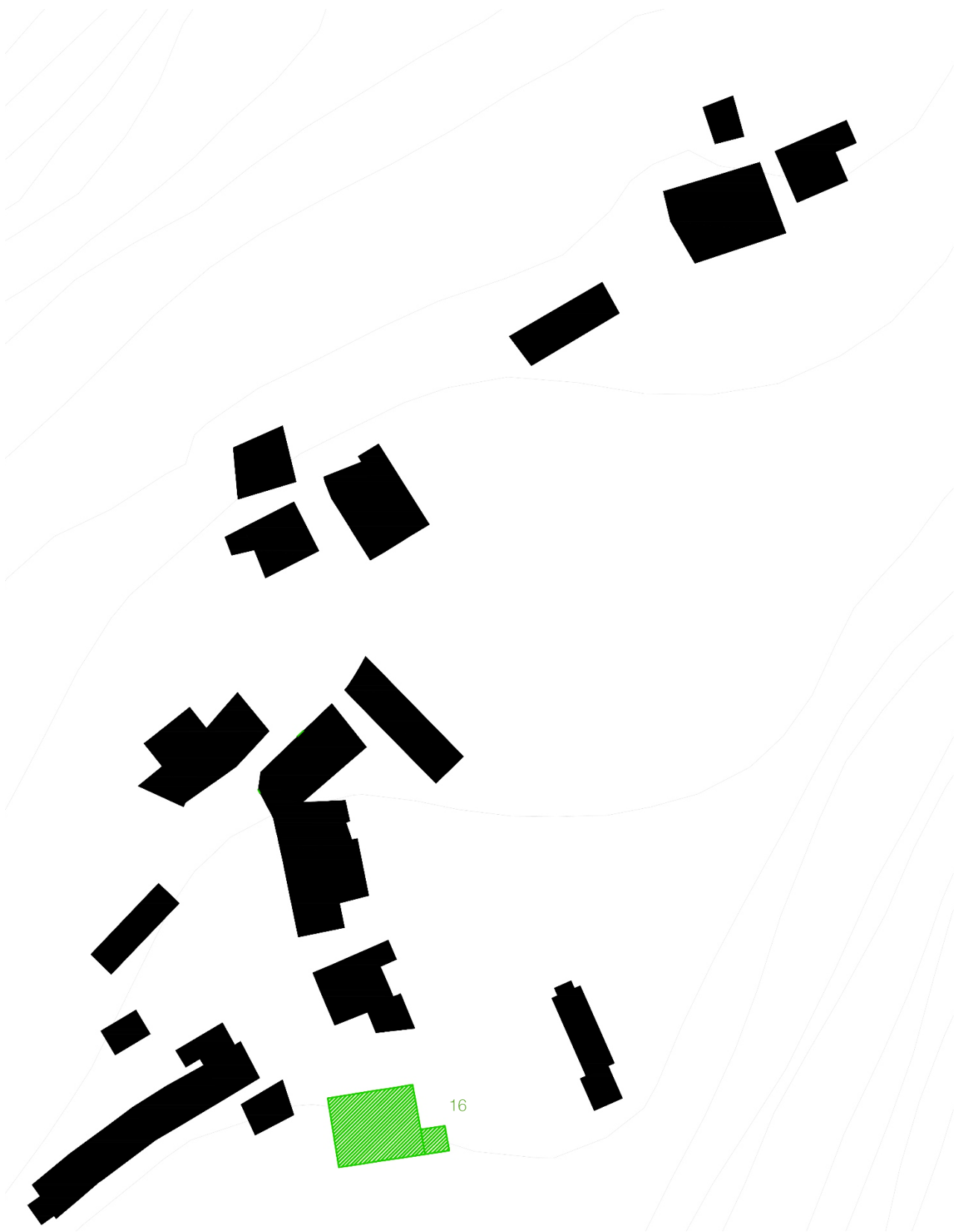
288 Alçado lateral direito da ruína (15)



289 Alçado lateral esquerdo da ruína (15)



290 Axonometria da ruína (15)



291 *Planta de localização da casa Conceição Grande (16)*

## CONCEIÇÃO GRANDE (16) | “Turismo rural”

Edifício que atualmente se encontra reabilitado e que propomos que se destine a turismo rural. É constituído por dois pisos: o primeiro onde se encontra a cozinha (1), sala de estar (2) e instalação sanitária (3); o segundo piso formado por um quarto com cama de casal (4) e uma segunda instalação sanitária (5). (Ver desenhos à escala no Anexo I)



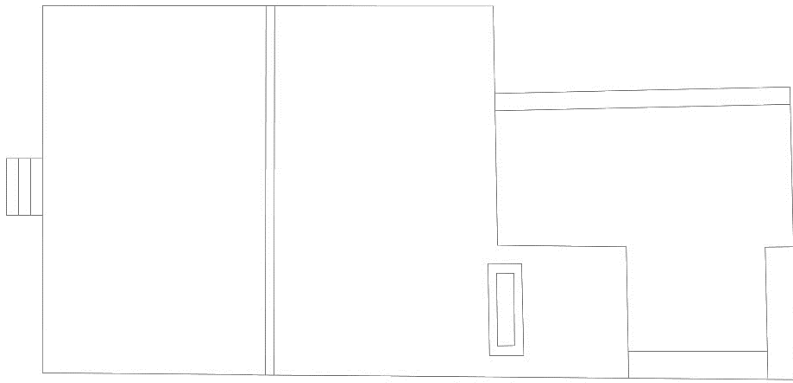
292 Exterior da casa Conceição Grande (16)



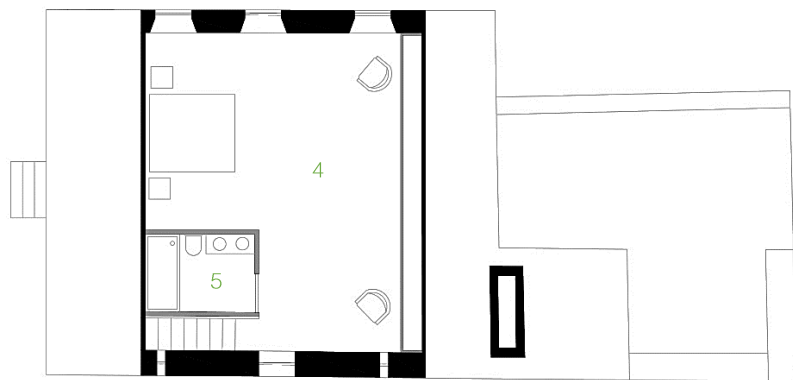
293 Exterior da casa Conceição Grande (16)



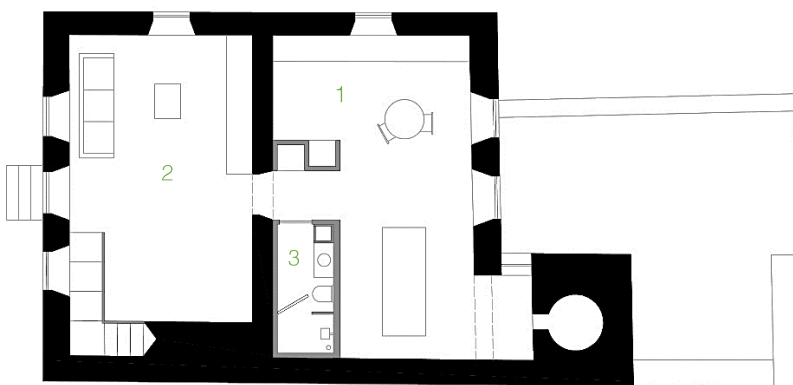
294 Interior da casa Conceição Grande (16)



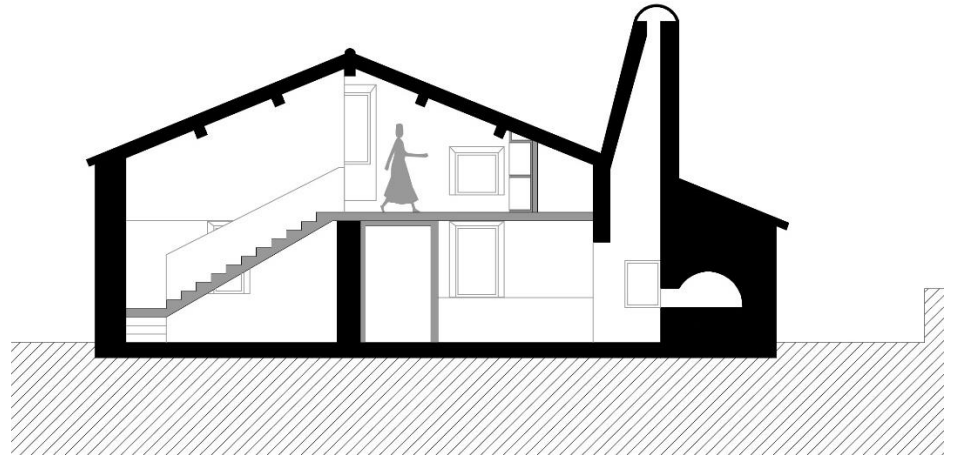
295 *Planta de cobertura da casa Conceição Grande (16)*



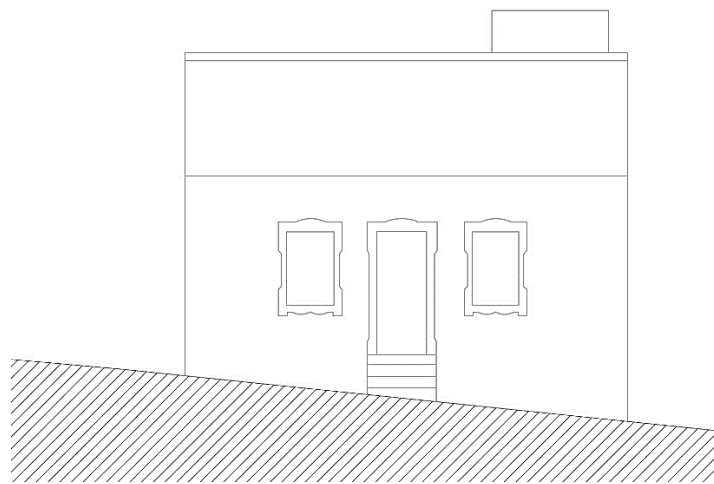
296 *Planta piso 1 da casa Conceição Grande (16)*



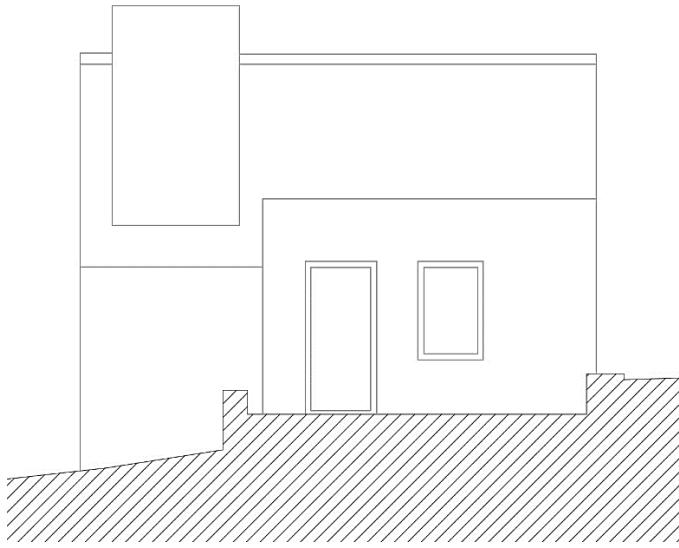
297 *Planta piso térreo da casa Conceição Grande (16)*



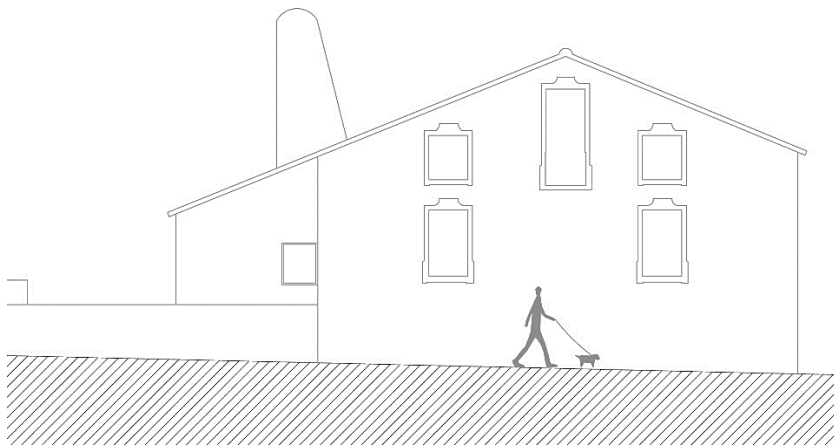
298 Corte longitudinal da casa Conceição Grande (16)



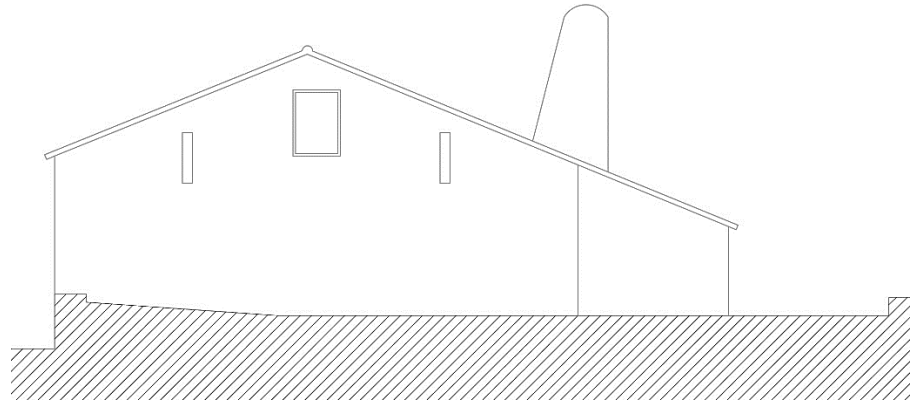
299 Alçado principal da casa Conceição Grande (16)



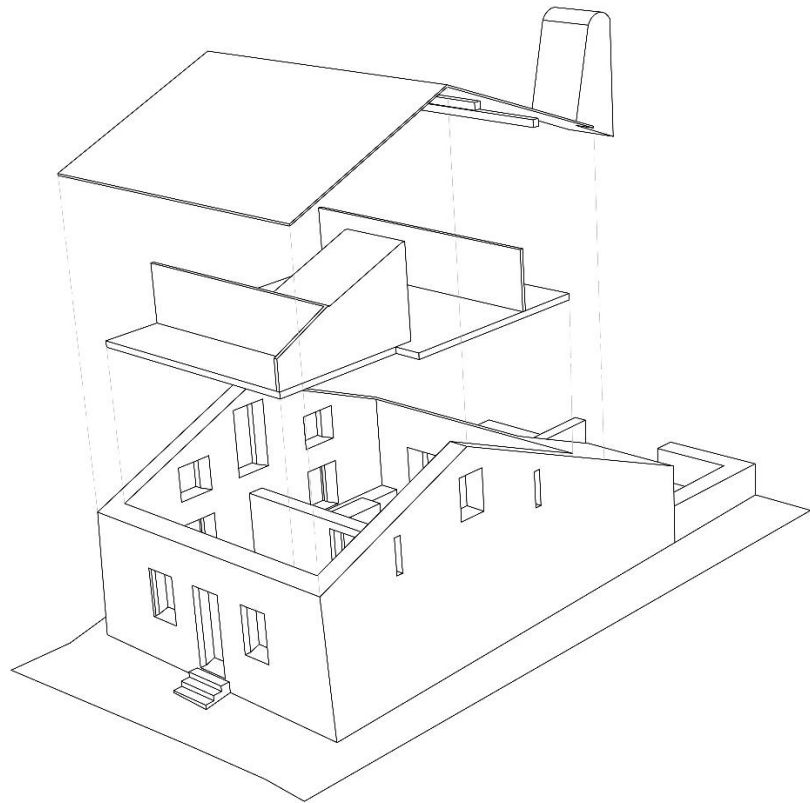
300 Alçado tardez da casa Conceição Grande (16)



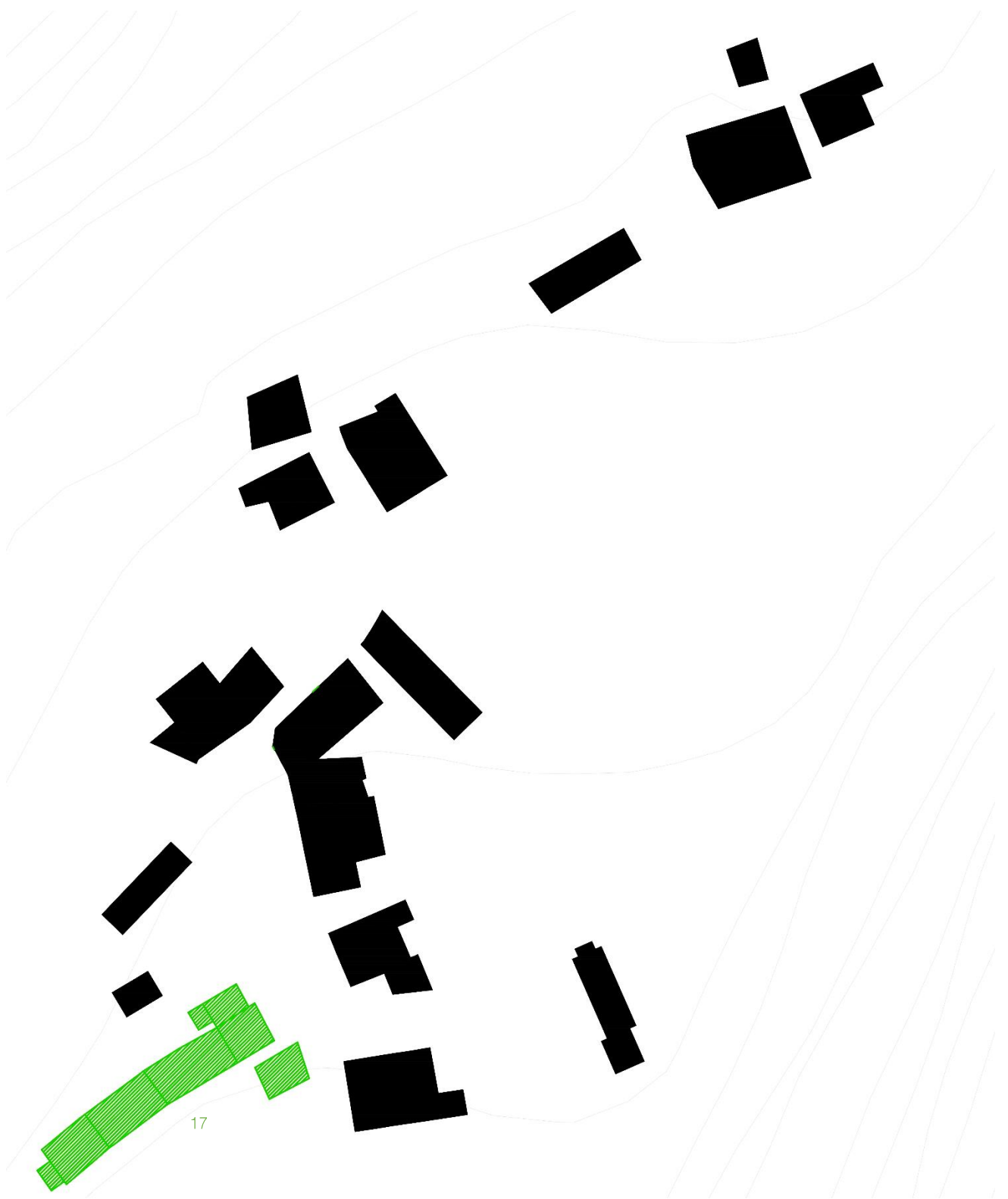
301 Alçado lateral esquerdo da casa Conceição Grande (16)



302 Alçado lateral direito da casa Conceição Grande (16)



303 Axonometria da casa Conceição Grande (16)



304 Planta de localização da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)

MANUEL FESTA, MANUEL REBELO, JOSÉ FESTA E  
ANEXO (17) | “Turismo rural”

Edifícios que atualmente se encontram reabilitados e que propomos que se destinem ao turismo rural. O conjunto é formado por três casas independentes, partilhando uma ou mais empenas e um anexo.

A primeira casa, Manuel Festa, é constituída por dois pisos: o primeiro, composto pela cozinha (1), instalação sanitária (2), sala de estar (3) e um pequeno anexo (4); o segundo, por um quarto com cama de casal (5).

A segunda casa, Manuel Rebelo, é constituída por dois pisos: o primeiro, composto pela cozinha (1), instalação sanitária (2) e sala de estar (3); o segundo, por uma pequena zona de leitura (4) e um quarto com cama de casal (5).

A terceira casa, José Festa, é constituída igualmente por 2 pisos: o primeiro, composto pelo quarto com cama de casal (5) e instalação sanitária (2); o segundo, pela cozinha (1) e sala de estar (3).

O anexo, devido à sua pequena dimensão, propomos que o espaço seja dividido pelo quarto (5), por uma pequena *kitchenette* (1) e uma instalação sanitária (2). (Ver desenhos à escala no Anexo I)



305 Exterior da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)



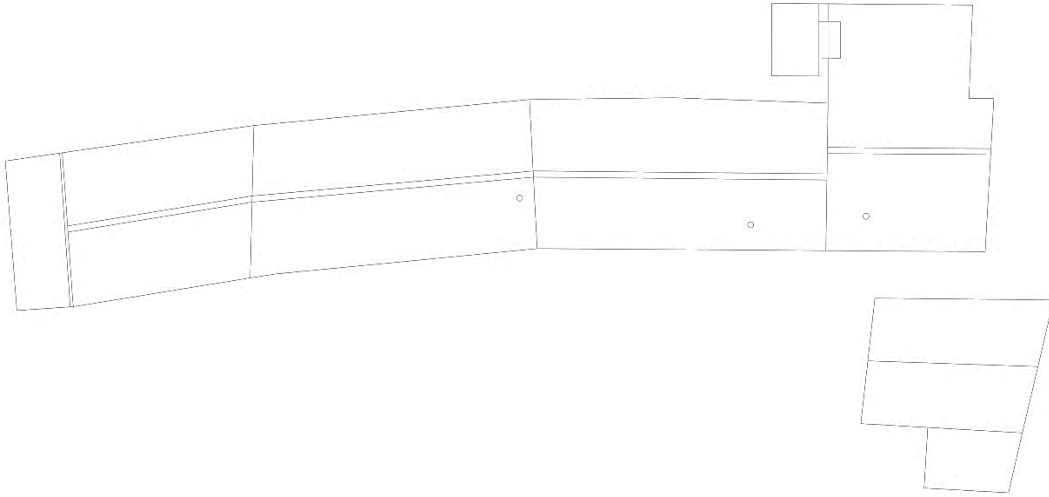
306 Exterior da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)



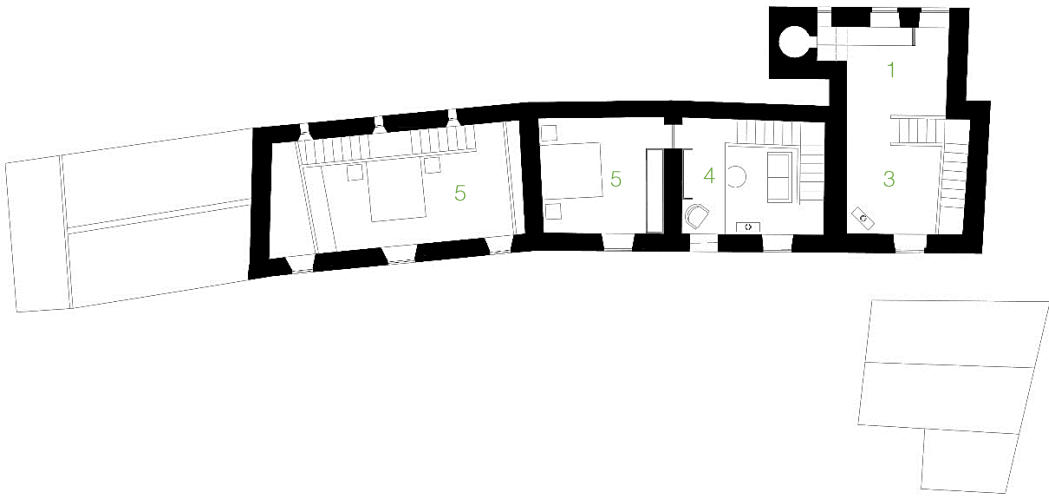
307 Exterior da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)



308 Exterior da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)



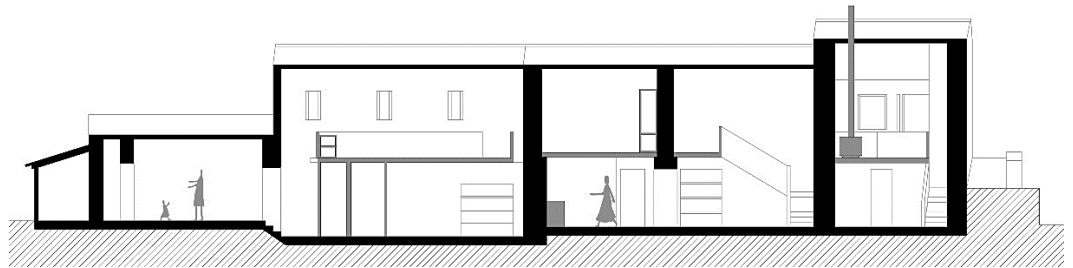
309 *Planta de cobertura da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)*



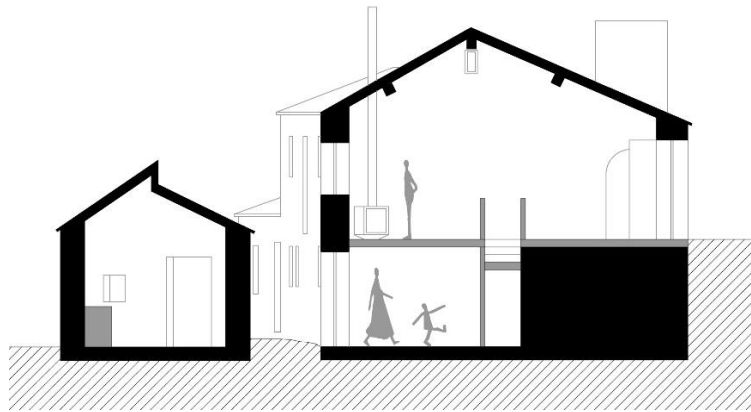
310 *Planta piso 1 da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa 17)*



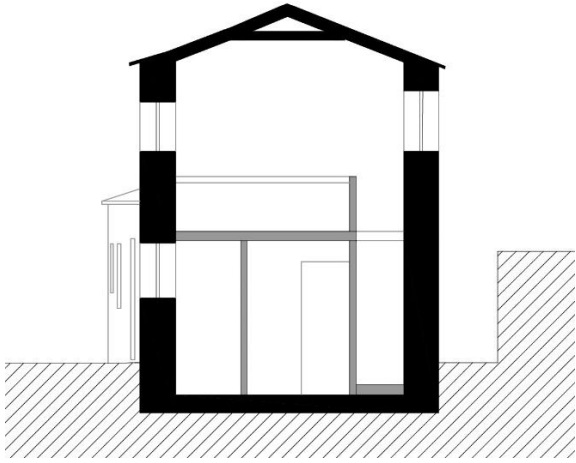
311 Planta piso térreo da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)



312 Corte longitudinal da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo e José Festa (17)

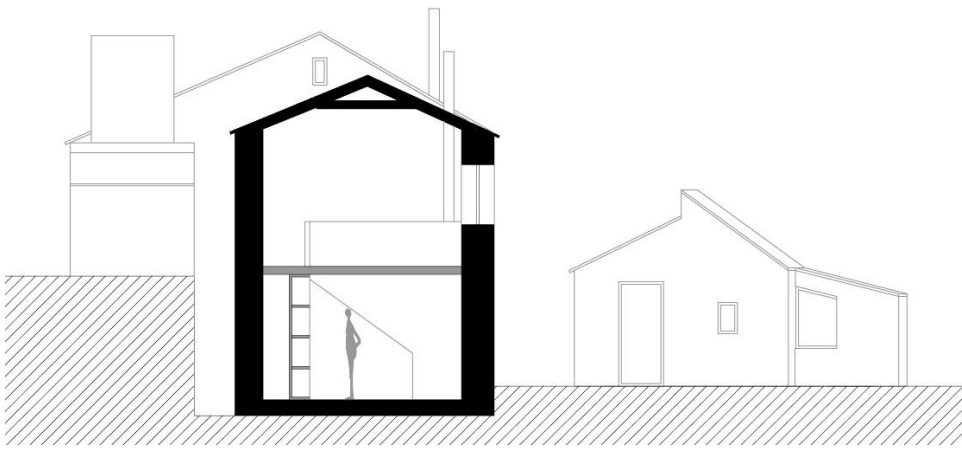


313 Corte transversal da casa José Festa e Anexo (17)

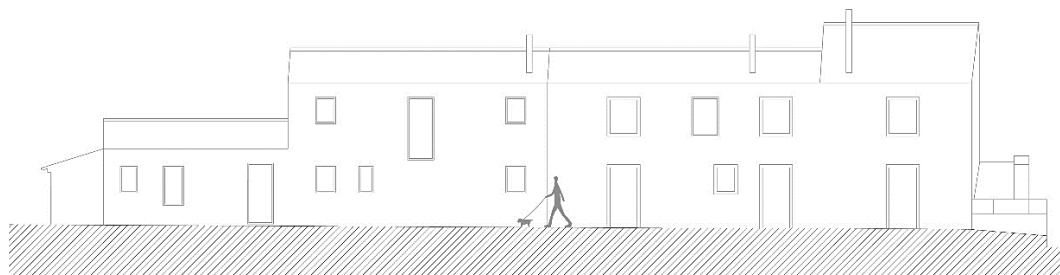


Figura

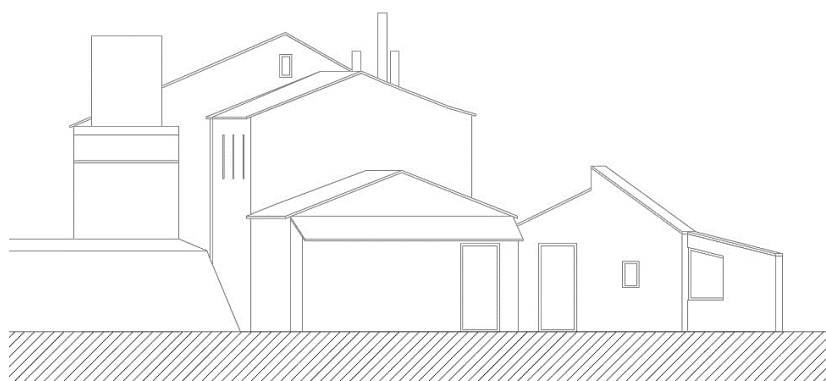
314 Corte transversal da casa Manuel Festa (17)



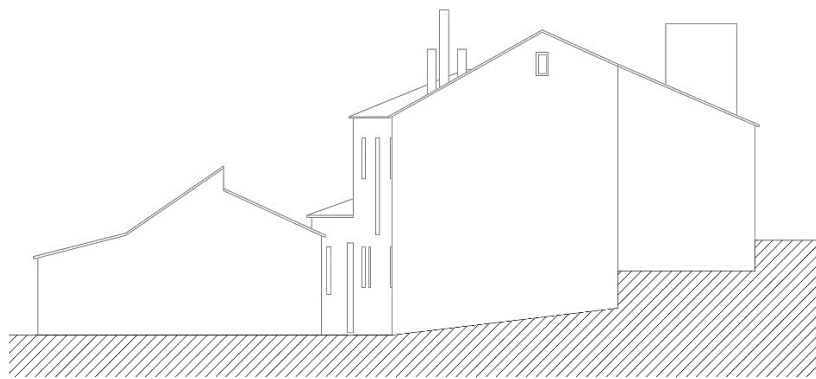
315 Corte transversal da casa Manuel Rebelo (17)



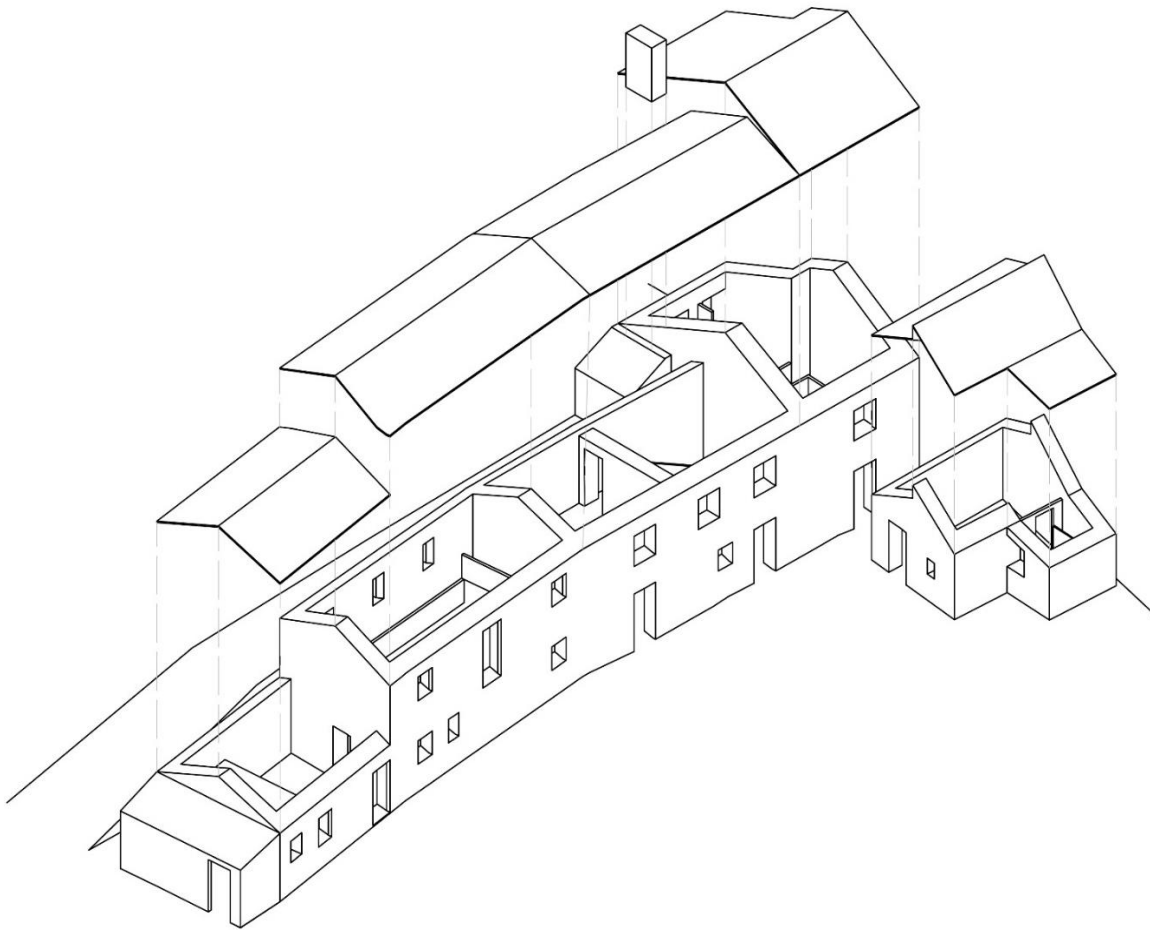
316 Alçado principal da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo e José Festa (17)



317 Alçado lateral esquerdo da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)



318 Alçado lateral direito da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)

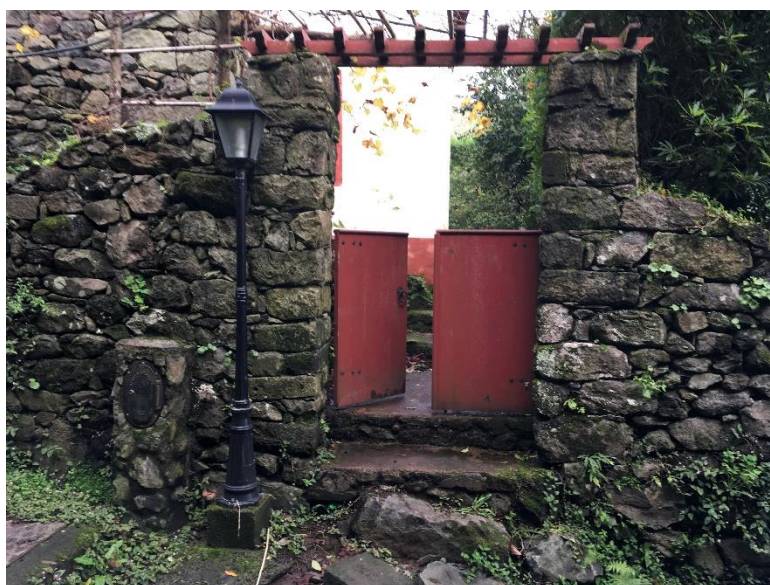


319 Axonometria da casa Manuel Festa, Manuel Rebelo, José Festa e Anexo (17)

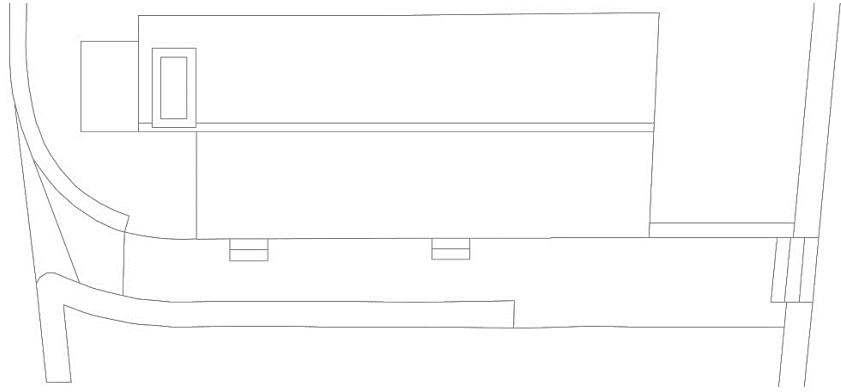


320 *Planta de localização da casa João Moleiro (18)*

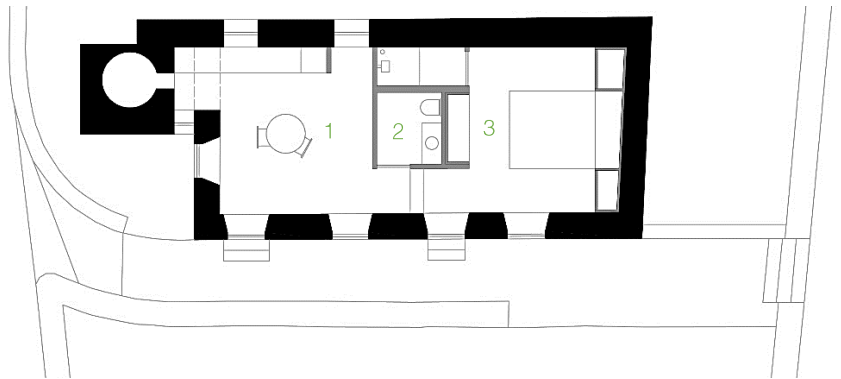
Edifício que atualmente se encontra reabilitado e que propomos que se destine ao turismo rural. É constituído por um único piso em que a entrada é feita pela cozinha/sala de estar (1), estando a instalação sanitária (2) e o quarto com cama de casal (3) na parte mais privada da casa. Na maioria das intervenções realizadas foi pensado que a instalação sanitária fosse independente do duche, tornando assim, possível a utilização simultânea dos mesmos. (Ver desenhos à escala no Anexo I)



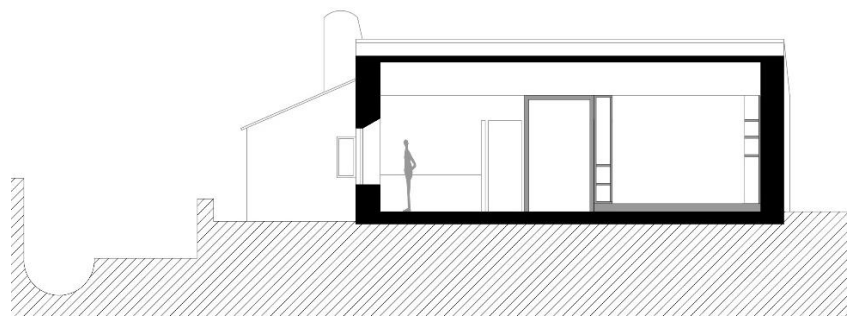
321 Exterior da casa João Moleiro (18)



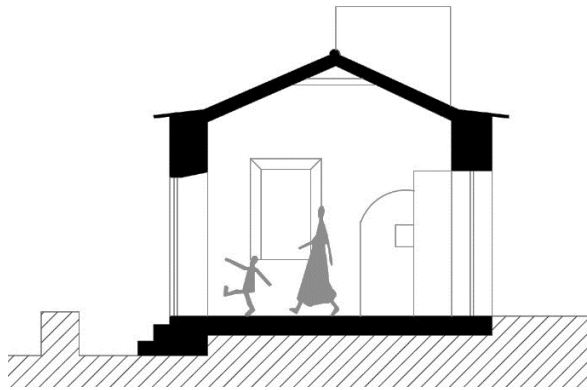
322 *Planta de cobertura da casa João Moleiro (18)*



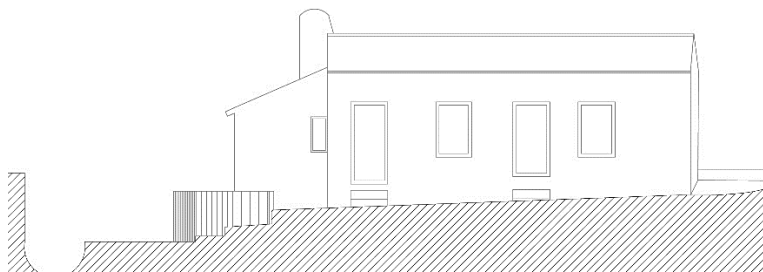
323 *Planta piso térreo da casa João Moleiro (18)*



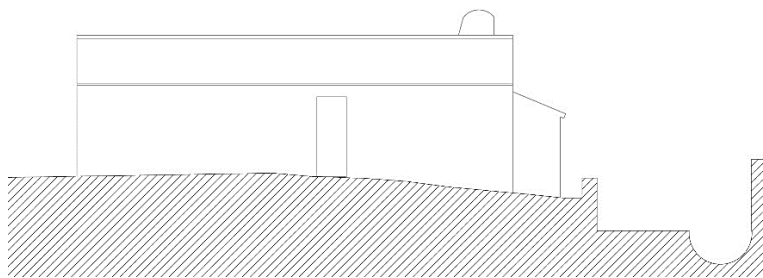
324 *Corte longitudinal da casa João Moleiro (18)*



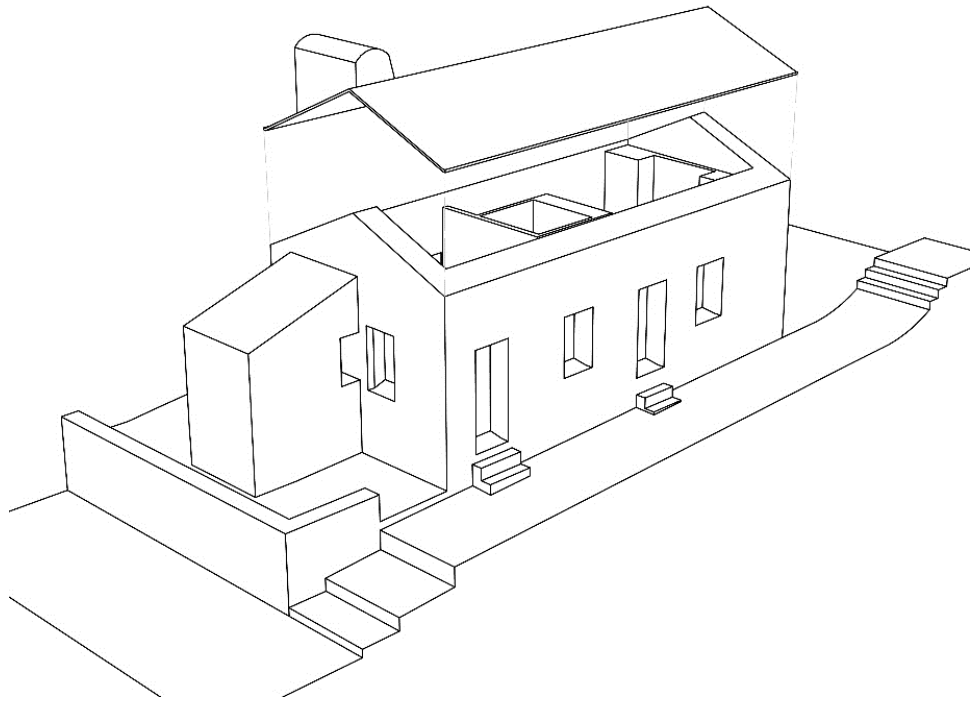
325 Corte transversal da casa João Moleiro (18)



326 Alçado principal da casa João Moleiro (18)



327 Alçado tardoz da casa João Moleiro (18)



328 Axonometria da casa João Moleiro (18)



## IX | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu de uma preocupação pessoal com a liberação do espaço aéreo da Região Autónoma dos Açores, que se traduziu numa oportunidade de crescimento para o setor do turismo da Região. Com esta realidade, realizaram-se investimento em hotéis de cinco estrelas a pensar nos promotores que anteriormente não se deslocavam à ilha por falta destes equipamentos, abriram-se *hostels*, bares e observou-se um crescimento significativo nos chamados alojamentos locais, em que muitos deles foram as próprias pessoas que reabilitaram a sua própria garagem.

Com estes fatores levantamos certas questões acerca destes investimentos que pouco ou nada se relacionam com a Natureza e que não trazem, na nossa visão, uma experiência genuína do que deve ser a visita aos Açores. Assim, de que modo pode o turismo rural sustentável ser viável no desenvolvimento do turismo nos Açores? De que forma a arquitetura vernacular açoriana pode influenciar e dar resposta às exigências do turismo de hoje? Será a particularidade de habitar o trilho uma nova forma de potenciar o turismo rural nos Açores?

O projeto procurou dar resposta aos problemas enunciados, através de um programa que prevê diversas atividades e serviços ligados ao quotidiano açoriano, salvaguardando a relação turista/Natureza. Interveio-se procurando a memória do existente, implementando um olhar contemporâneo e fomentado uma nova experiência em que o turista poderá realmente sentir o significado de “pertencer” às ilhas de Bruma.

Em conclusão, podemos afirmar que o programa proposto é pequeno em extensão de modo a tornar esta aldeia completamente sustentável num futuro próximo, porque acreditamos que o turismo rural poderá ser uma, se não a principal, vertente do desenvolvimento do turismo nos Açores. No entanto, temos consciência de que o turismo num determinado lugar só funciona na sua plenitude quando existe um equilíbrio, sendo necessário a existência de outros tipos de turismo.

Lançamos o projeto como uma visão base, acreditando que no futuro se poderá expandir para outras pequenas aldeias nos restantes trilhos ou mesmo nas restantes oito ilhas do Arquipélago, tornando o turismo, o espelho desta ilha envolta de Natureza.



## X | BIBLIOGRAFIA

### AÇORES

**ALMEIDA**, Rui Miguel Goulart de – *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel Séculos XV a XVIII*. Presidência do Governo Regional dos Açores/ Direção Regional da Cultura. 2012

**ATAÍDE**, Luís Bernardo Leite de – *Etnografia, Arte e Vida antiga dos Açores*. Volume I. Presidência do Governo/ Direção Regional da Cultura. 2011

**ATAÍDE**, Luís Bernardo Leite de – *Etnografia, Arte e Vida antiga dos Açores*. Volume II. Presidência do Governo/ Direção Regional da Cultura. 2011

**ATAÍDE**, Luís Bernardo Leite de – *Etnografia, Arte e Vida antiga dos Açores*. Volume III. Presidência do Governo/ Direção Regional da Cultura. 2011

**ATAÍDE**, Luís Bernardo Leite de – *Etnografia, Arte e Vida antiga dos Açores*. Volume IV. Presidência do Governo/ Direção Regional da Cultura. 2011

**BRITO**, Raquel Soeiro de – *São Miguel – a Ilha Verde Estudo Geográfico (1950 – 2000)*. Fábrica de Tabaco Micaelense, SA. COINGRA – Companhia Gráfica dos Açores, Lda. EDA – Empresa de Eletricidade dos Açores, SA. Universidade dos Açores. Ponta Delgada. Abril de 2004

**FERNANDES**, José Manuel - *Arquitectura Contemporânea nos Açores*. Presidência do Governo Regional dos Açores / Direção Regional dos Açores. 2009

**FERNANDES**, José Manuel – *Cidades e Casas da Macaronésia*. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 2ª Edição. 1996

**FERNANDES**, José Manuel – *História Ilustrada da Arquitectura dos Açores*. Instituto Açoriano de Cultura Angra do Heroísmo. 2008

**MARTINS**, Francisco Ernesto de Oliveira – *Ambientes Açorianos da Época dos Descobrimentos à das Viagens e Emigração*. Marinho Matos Eurosigno Publicações, LDA. Ponta Delgada. 1992

**TOSTÕES**, Ana; **SILVA**, Filipe Jorge; **CALDAS**, João Vieira; **FERNANDES**, José Manuel; **JANEIRO**, Maria de Lurdes; **BARCELOS**, Nuno; **MESTRE**, Vítor – *Arquitectura Popular dos Açores*. Ordem dos Arquitectos. 2ª Edição. Lisboa. 2007

## TURISMO

**CUNHA, L.** - *Introdução ao turismo*. 3ª edição. Editorial Verbo. Lisboa. 2007

**CUNHA, L.** - *Perspetivas e tendências do turismo*. Edições Universitárias Lusófonas. Lisboa. 2003

**DIAS, R.** - *Turismo sustentável e meio ambiente*. Atlas. São Paulo. 2003

**HUNTER, C; GREEN, H.** - *Tourism and the environment: a sustainable relationship?* – Ilustrada. 1995

**JOAQUIM, S.** - *O Papel do Turismo para a convergência dos Açores*. Dissertação de Mestrado em Gestão Pública, Departamento de Economia e Gestão. Universidade dos Açores. Ponta Delgada. 2004

**MEID** - *Plano estratégico nacional do turismo: Propostas para revisão no horizonte 2015*. Turismo de Portugal, I.P. - Ministério da Economia da Inovação e do Desenvolvimento. Lisboa. 2011

**MONIZ, A.** - *A sustentabilidade do turismo em ilhas de pequena dimensão: O caso dos Açores*. Dissertação para obtenção do grau de Doutor em Ciências Económicas e Empresariais na especialidade de desenvolvimento económico e social e economia pública. Universidade dos Açores. Ponta Delgada. 2006

**OMT** - *Guia de desenvolvimento do turismo sustentável*. Organização Mundial do Turismo. Bookman. Porto Alegre. 2003

**PONTE**, João Crispim Carvalho Lourenço Borges - *Caracterização do green business no sector do turismo na Região Autónoma dos Açores*. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Ambiente, Saúde e Segurança, Departamento de Biologia, Universidade dos Açores, Ponta Delgada. 2010

**SANCHO**, A., et. al. - *Introducción al turismo*. Organización Mundial do Turismo. Madrid. Espanha. 1998

**VIEIRA**, J. - *Planeamento e ordenamento territorial do turismo: Uma perspetiva estratégica*. Editorial Verbo. Lisboa. 2007

#### ARTIGOS

**BALDACCHINO**, Godfrey; **FERREIRA**, Eduardo Costa Duarte – *Competing Notions of Diversity in Archipelago Tourism: Transport Logistics, Official Rhetoric and Inter – Island Rivalry in the Azores*. In *Island Studies Journal*. Volume 8. Nº1. 84-104. 2013

**CALADO**, Helena; **BRAGAGNOLO**, Chiara; **SILVA**, Susana F.; **PEREIRA**, Margarida – *A multi-scale analysis to support the implementation of a regional conservation policy in a small-island archipelago – the Azores, Portugal*. In *Journal of Coastal Research*. Nº70. 485-489. 2014

**CALADO**, L.; **RODRIGUES**, A; **SILVEIRA**, P.; e **DENTINHO**, T. - *Rural Tourism associated with agriculture as na economic alternative for the farmers*. In *European Journal of Tourism, Hospitality and Recreation*. Volume 2. Nº1. 155 – 174. 2011.

**CRUZ**, Azucena de la; **MELO**, Rita; **MOURATO**, Catarina; **FERREIRA**, Raquel; **TEODÓSIO**, Joaquim; **BOTELHO**, Rita; **FIGUEIREDO**, Filipe; **MEDONÇA**, Ana; **COSTA**, Luís T.; - *Participative management of tourism in protected areas: Case-study from Lands of Priolo, São Miguel, Azores. In Journal of Integrated Coastal Zone Management. Volume 2. N°14. 289-299. 2014*

**LANE**, B. - *What is Rural Tourism?. In Journal of Sustainable Tourism. Volume 2. 1994. Cit. PLOG, S.C. - Leisure Travel: Making it a Growth Market Again. John Wiley & Sons. New York.1991.*

**LANE**, B. - *What is Rural Tourism? . In Journal of Sustainable Tourism. Volume 2. 1-2, 7-21. 1994*

**LANE**, Bernard; **KASTENHOLZ**, Elisabeth – *Rural tourism: the evolution of practise and research approaches – towards a new generation concept?. In Journal of Sustainable Tourism. N°23. 1133-1156. 2015*

**MCELROY**, J.L. – *Tourism Development in Small Islands Across the World. In Geografiska Annaler. Volume 85. N°4. 231-242. 2003*

**POLIDO**, Alexandra; **JOÃO**, Elsa; **RAMOS**, Tomás B. – *Sustainability approaches and strategic environmental assessment in small islands: An integrative review. In Ocean and Coastal Management. N°96. 138-148. 2014*

**QUEIROZ**, R.E; **VENTURA**, M.A; **SILVA**, L. – *Plant diversity in hiking trails crossing Natura 2000 areas in the Azores:implications for tourism and nature conservation. In Biodivers Conserv. N°23. 1347-1365. 2014*

**QUEIROZ**, Rose Emília; **GUERREIRO**, José; **VENTURA**, Maria Anunciação – *Demand of the tourists visiting protected areas in small oceanic islands: the Azores case-study (Portugal)*. In *Environ Dev Sustain*. Nº16. 1119-1135. 2014

**QUEIROZ**, Rose Emília; **VENTURA**, Maria Anunciação; **GUERREIRO**, José Ângelo; **CUNHA**, Regina Tristão da – *Carrying capacity of hiking trails in Natura 2000 sites: a case study from North Atlantic Islands (Azores, Portugal)*. In *Journal of Integrated Coastal Zone Management*. Volume 2. Nº14. 233-242. 2014

**SANTARÉM**, Frederico; **SILVA**, Rubim; **SANTOS**, Paulo – *Assessing ecotourism potencial of hiking trails: A framework to incorporate ecological and cultural features and seasonality*. In *Tourism Management Perspectives*. Nº16. 190-206. 2015

**SILVA**, L. (2006). *O turismo em espaço rural: um estudo da oferta e dos promotores*. In *CIES e-Working Paper*. Nº16. 2006

**SILVA**, Luís; **LEAL**, João – *Rural tourism and national identity building in contemporary Europe: Evidence from Portugal*. In *Journal of Rural Studies*. Nº38. 109-119. 2015

## WEBGRAFIA

### AÇORES

<http://www.acorianooriental.pt/artigo/analise-critica>  
<http://www.acorianooriental.pt/noticias/ver/173962>  
[http://www.huffingtonpost.com/entry/azores-islands-visit-best-kept-secrets\\_us\\_586fe607e4b099cdb0fd05ae](http://www.huffingtonpost.com/entry/azores-islands-visit-best-kept-secrets_us_586fe607e4b099cdb0fd05ae)  
[http://www.joaodaflora.blogspot.pt/2013/03/poesia-acoriana\\_21.html](http://www.joaodaflora.blogspot.pt/2013/03/poesia-acoriana_21.html)  
<http://www.observatorioturismoacores.com>  
<http://www.ofarrobo.pt/sobre-nos.html>  
<http://www.p3.publico.pt/vicios/em-transito/21700/acoes-ilhas-onde-nunca-seremos-turistas#.V-MNOkmY11A.facebook>  
<http://www.picodorefugio.com/pt>  
<http://www.sami-arquitectos.com/pt>  
<http://www.srea.azores.gov.pt>  
<http://www.trails.visitazores.com/pt-pt/trilhos-dos-acores/sao-miguel>  
<https://www.dinheirovivo.pt/buzz/galeria/acoes-a-proxima-moda-no-turismo>  
<http://www.medium.com/eneazores/%C3%A9-o-desejo-de-regressar-%C3%A0-ilha-que-me-faz-andar-que-me-faz-viver-600d9accf784>

### PROJETOS CONSULTADOS

<http://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-um-palheiro-em-cortegaca-joao-mendes-ribeiro>  
<http://www.archdaily.com>  
<http://www.archdaily.com/181096/horse-stable-duval-vives-arquitectos>  
<http://www.archdaily.com/200716/interpretation-centre-of-world-heritage-landscape-sami-architectos>

<http://www.archdaily.com/421726/la-solana-stable-nicolas-pinto-da-mota>

<http://www.archdaily.com/580275/bungalows-seven-cities-m-arquitectos>

[http://www.archdaily.com/591899/e\\_c-house-sami-arquitectos](http://www.archdaily.com/591899/e_c-house-sami-arquitectos)

<http://www.archdaily.com/597573/v-lodge-reiulf-ramstad-arkitekter>

<http://www.archdaily.com/597622/arquipelago-nil-contemporary-arts-centre-menos-e-mais-arquitectos-joao-mendes-ribeiro-arquitecto>

<http://www.archdaily.com/624409/timber-house-kuhnlein-architektur>

<http://www.archdaily.com/774230/eyrie-houses-cheshire-architects>

<http://www.archdaily.com/775446/wood-studio-house-dom-arquitectura>

<http://www.archdaily.com/781989/garden-buildings-warmington-ashworth-parkes-architects>

<http://www.archdaily.com/782435/abodega-cubus>

<http://www.archdaily.com/805203/quinta-do-fortunato-jose-luis-veloso>

<https://www.architizer.com>

#### BIBLIOGRAFIA E ARTIGOS

<http://www.b-on.pt>

<http://www.sciencedirect.com>

<http://www.scholar.google.pt>

## XI | ANEXOS

### ANEXOS I – DESENHOS À ESCALA

Representação dos desenhos do edificado utilizados durante o documento à escala 1.200

### ANEXOS II – DESENHO À ESCALA

Representação da ruína (12) à escala 1.50 como exemplo de desenho final

### ANEXOS III – PROCESSO DE TRABALHO

Etapas de todo o processo de trabalho para a realização deste documento

### ANEXOS IV – PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO FINAL

### ANEXOS V – FOTOGRAFIAS DE MAQUETAS

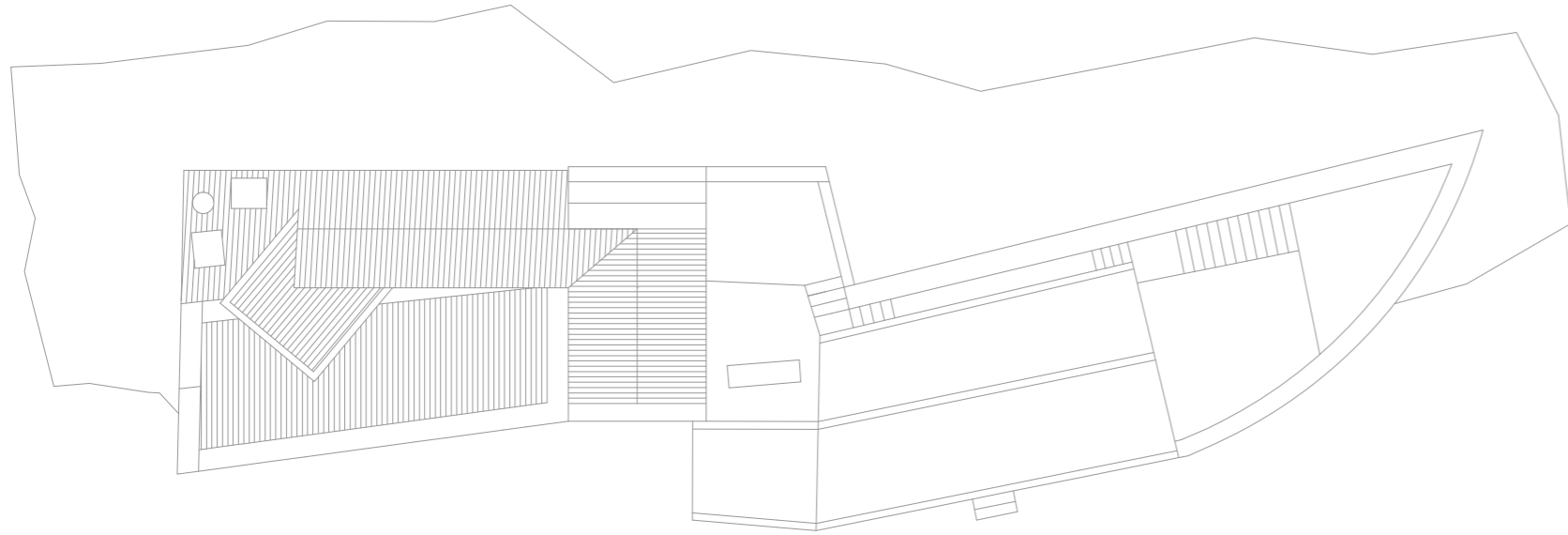


ANEXOS I – DESENHOS À ESCALA

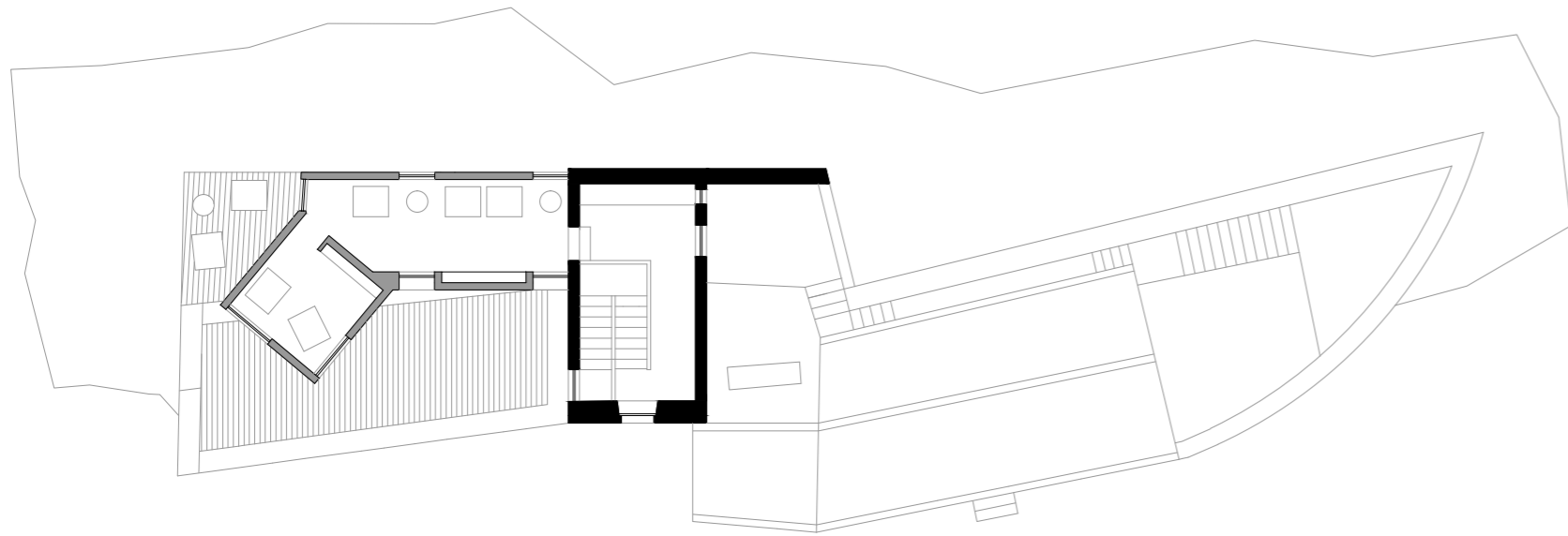


ANEXO I - DESENHOS À ESCALA  
ESCALA 1.200

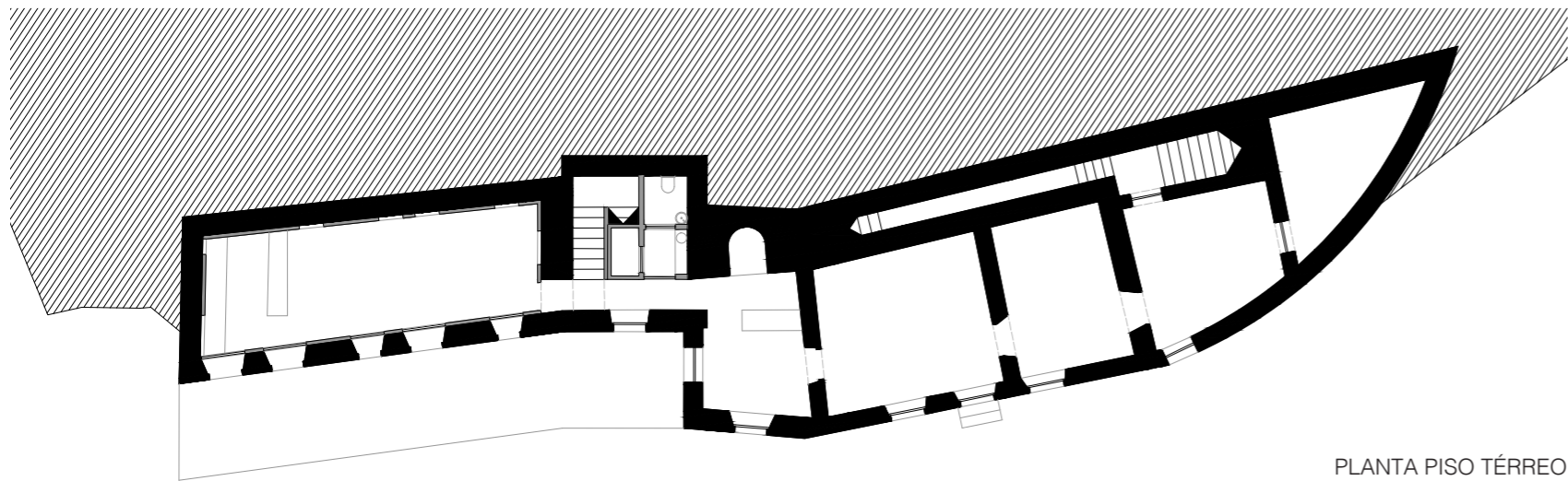
CASA NATÁLIA, TORREÃO E RUÍNA (3)



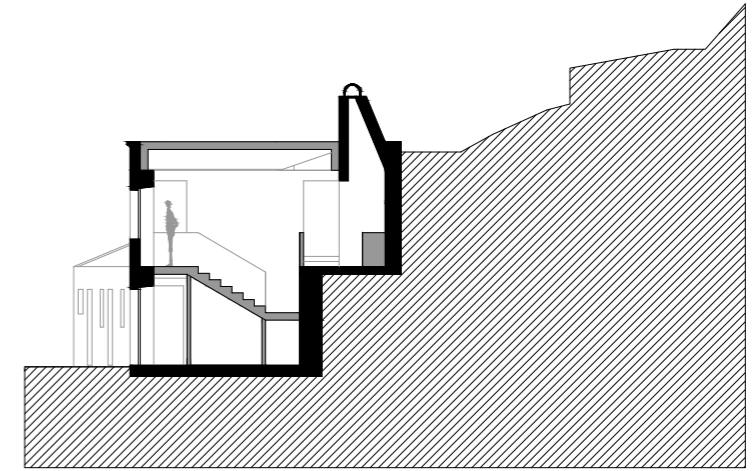
PLANTA COBERTURA



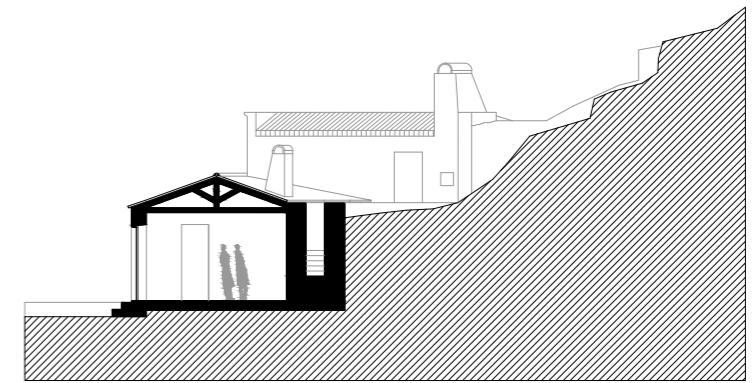
PLANTA PISO 1



PLANTA PISO TÉRREO



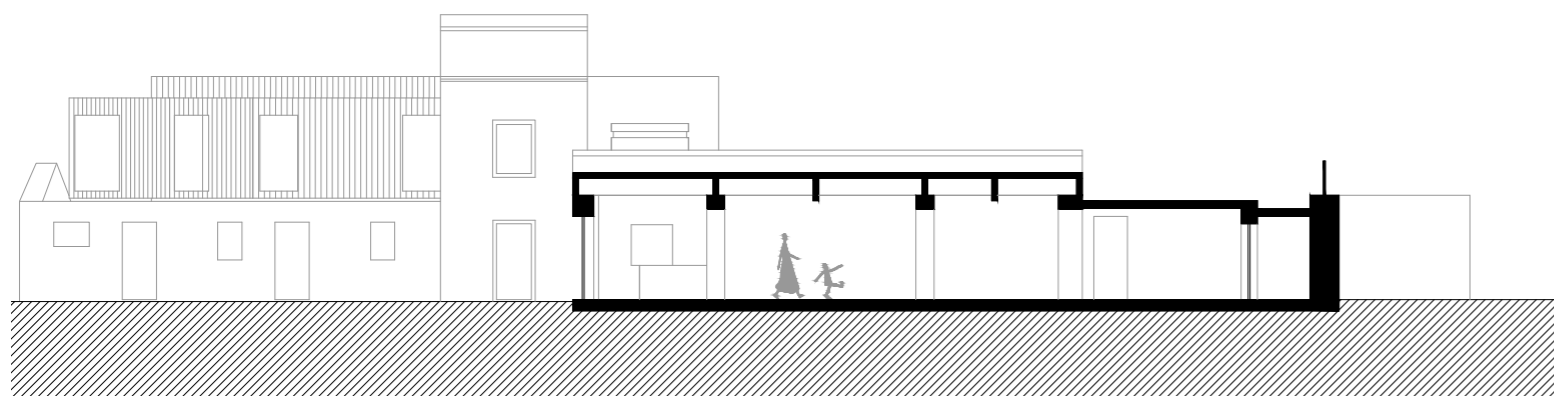
CORTE TRANSVERSAL PELO TORREÃO



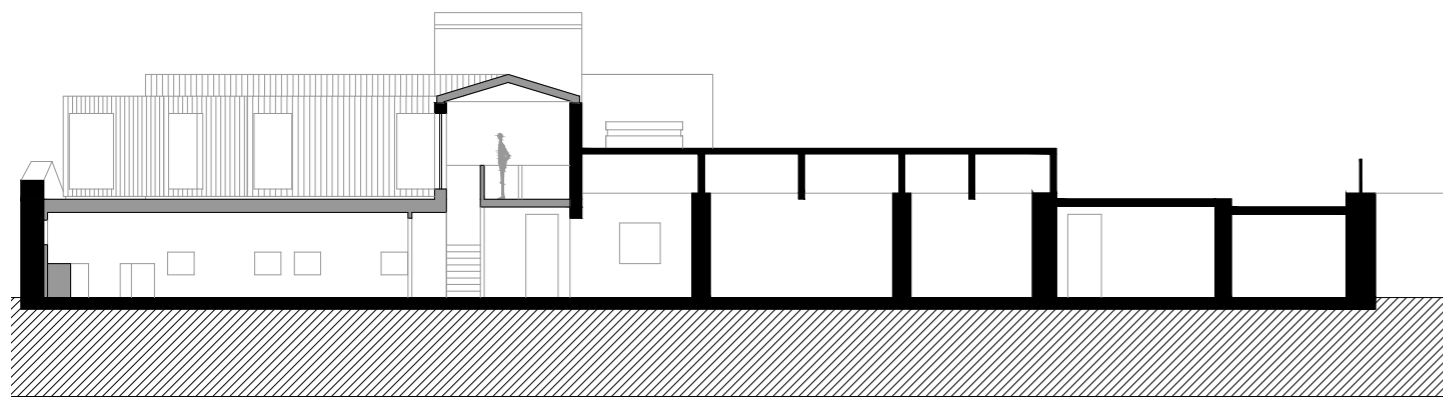
CORTE TRANSVERSAL PELA CASA NATÁLIA

ANEXO I - DESENHOS À ESCALA  
ESCALA 1.200

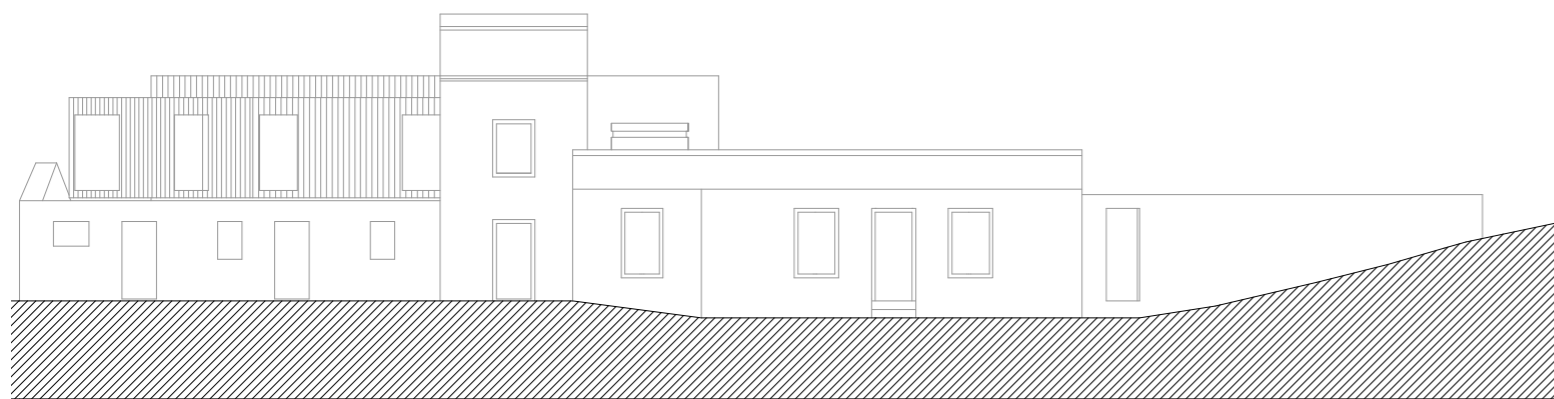
CASA NATÁLIA, TORREÃO E RUÍNA (3)



CORTE LONGITUDINAL DA CASA NATÁLIA

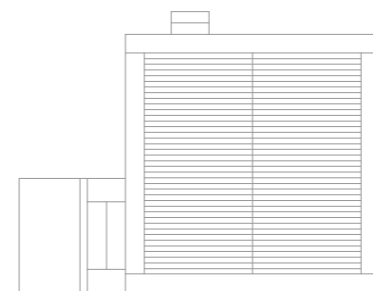


CORTE LONGITUDINAL DA RUÍNA, TORREÃO E CASA NATÁLIA

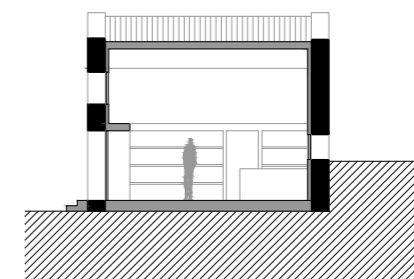


ALÇADO PRINCIPAL

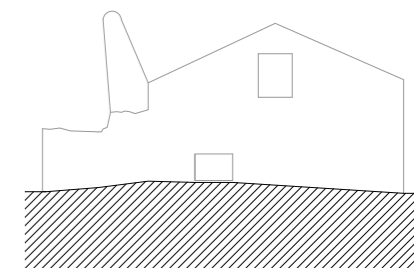
RUÍNA (4)



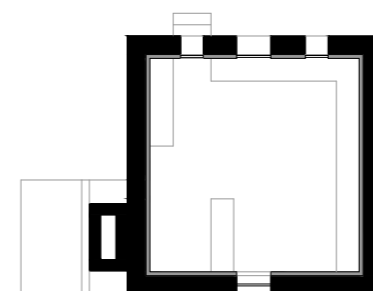
PLANTA COBERTURA



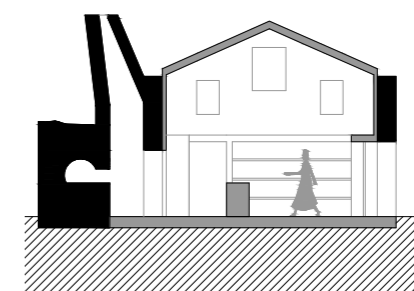
CORTE TRANSVERSAL



ALÇADO PRINCIPAL



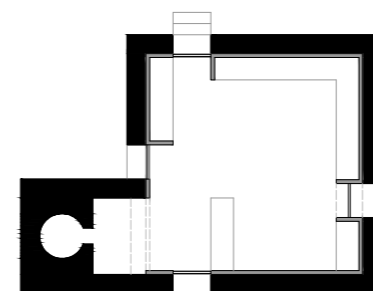
PLANTA À COTA 3.50



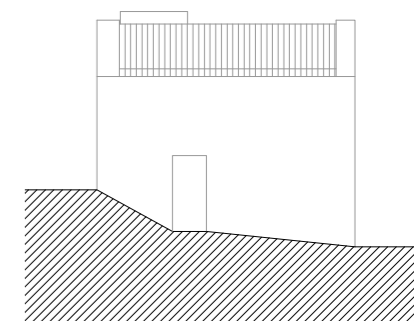
CORTE LONGITUDINAL



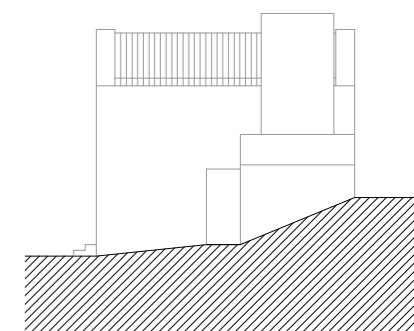
ALÇADO TARDOZ



PLANTA PISO TÉRREO



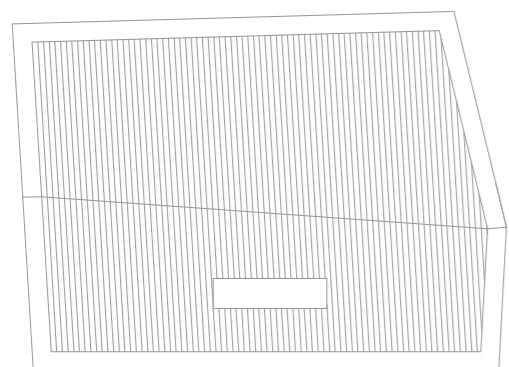
ALÇADO LATERAL DIREITO



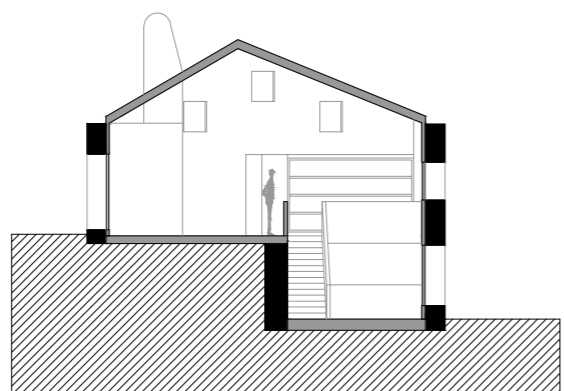
ALÇADO LATERAL ESQUERDO

ANEXO I - DESENHOS À ESCALA  
ESCALA 1.200

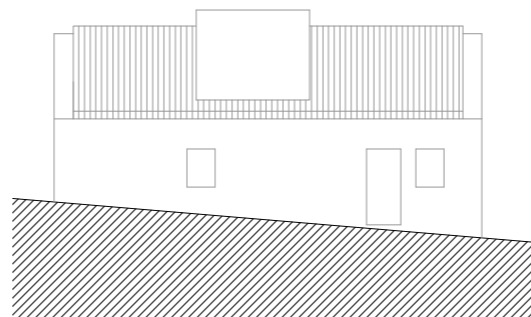
RUÍNA (5)



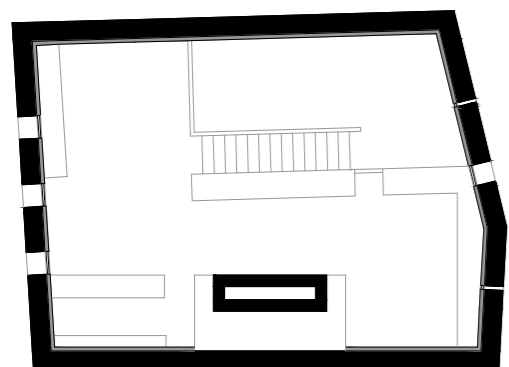
PLANTA COBERTURA



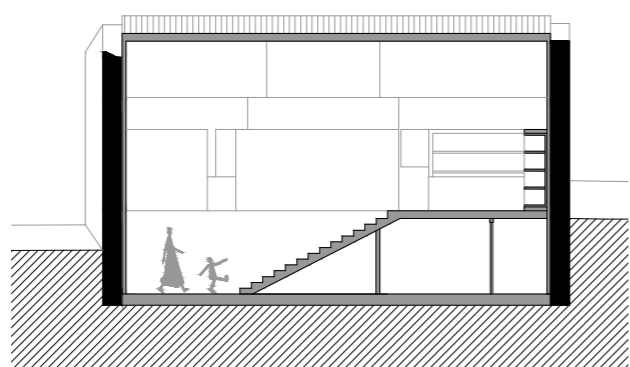
CORTE TRANSVERSAL



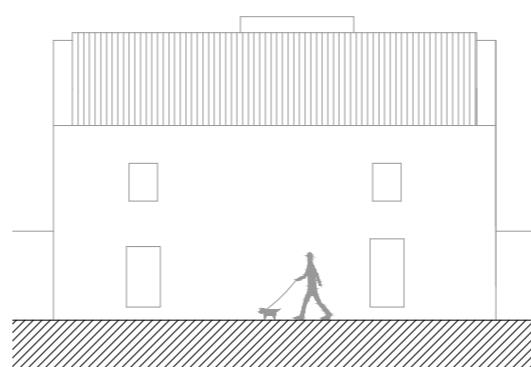
ALÇADO PRINCIPAL



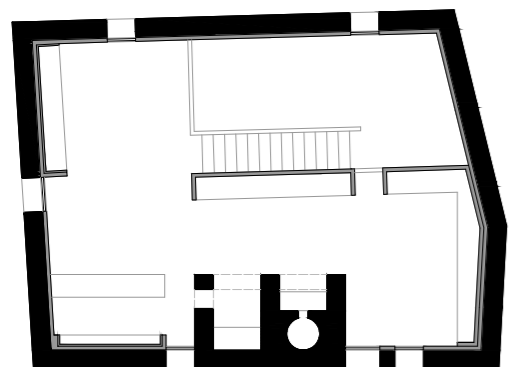
PLANTA À COTA 3.90



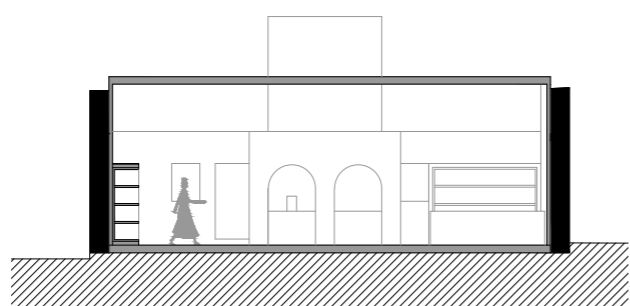
CORTE LONGITUDINAL



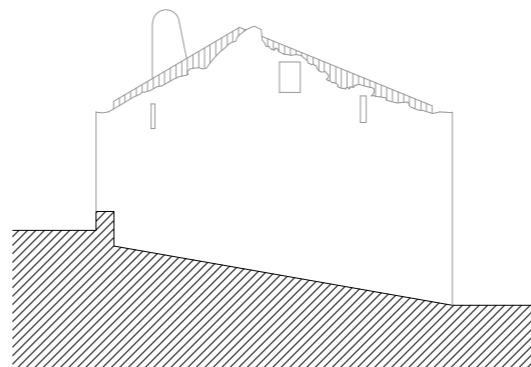
ALÇADO TARDOZ



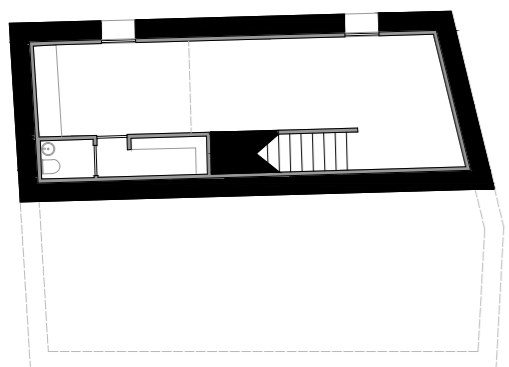
PLANTA PISO TÉRREO



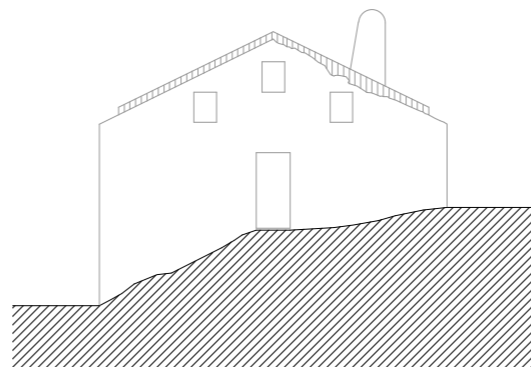
CORTE LONGITUDINAL



ALÇADO LATERAL DIREITO

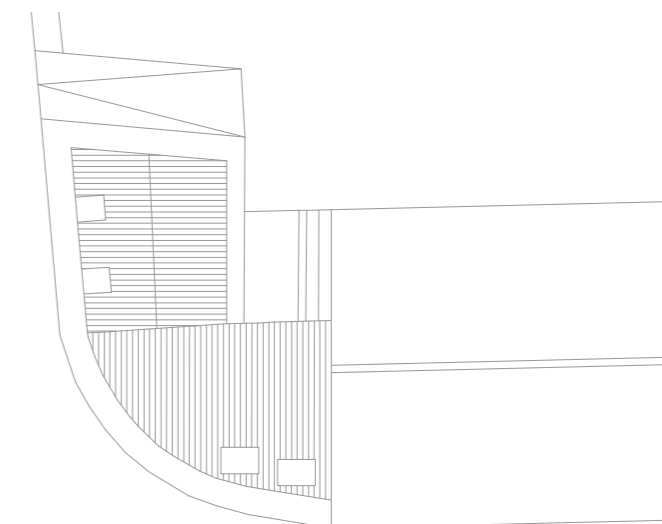


PLANTA PISO -1

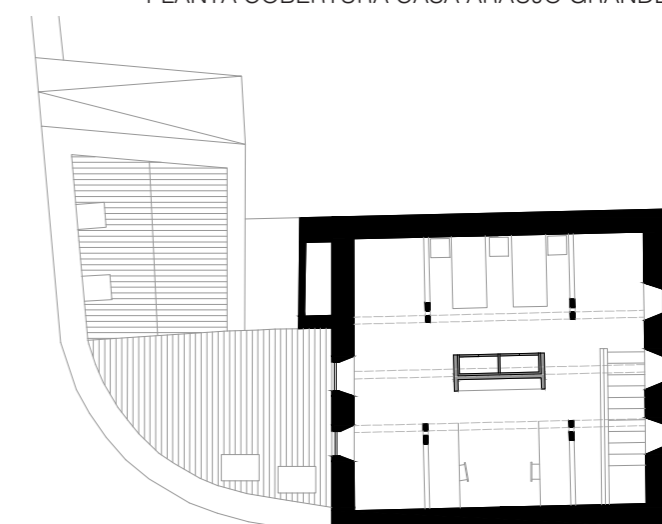


ALÇADO LATERAL ESQUERDO

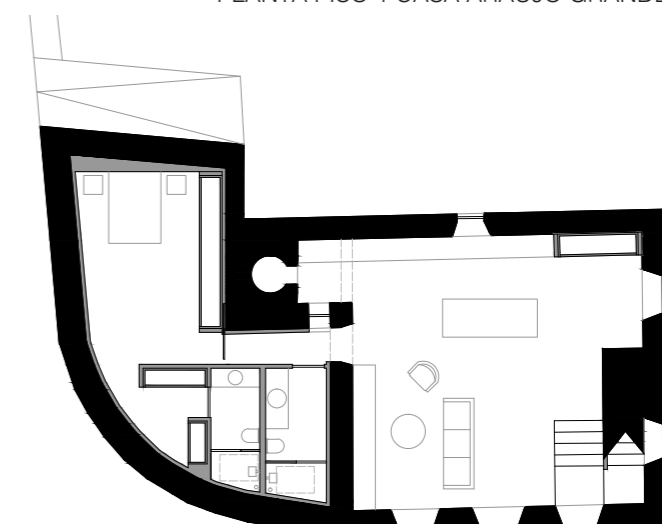
CASA ARAÚJO GRANDE (6)



PLANTA COBERTURA CASA ARAÚJO GRANDE



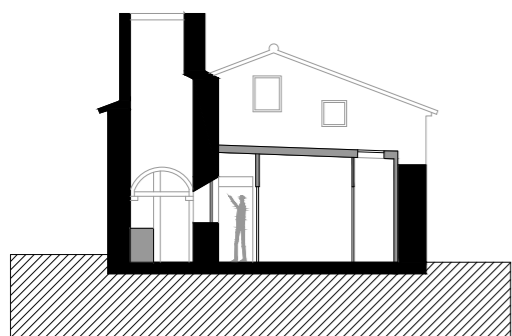
PLANTA PISO 1 CASA ARAÚJO GRANDE



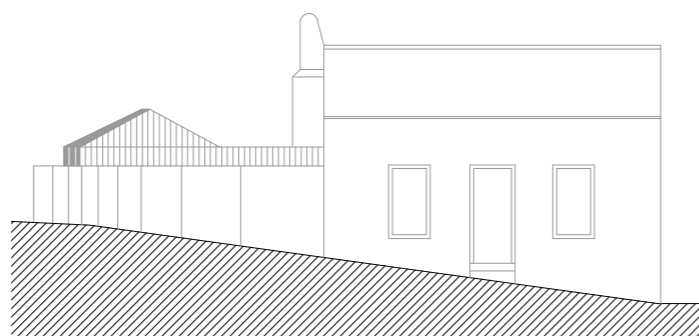
PLANTA PISO TÉRREO CASA ARAÚJO GRANDE

ANEXO I - DESENHOS À ESCALA  
ESCALA 1.200

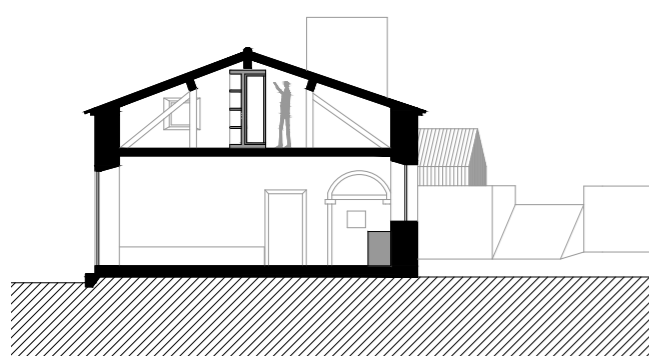
CASA ARAÚJO GRANDE (6)



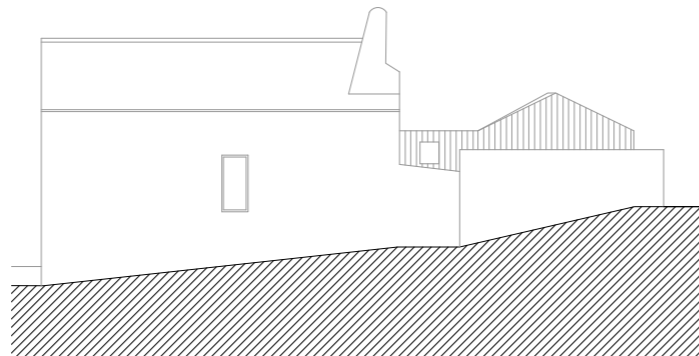
CORTE TRANSVERSAL



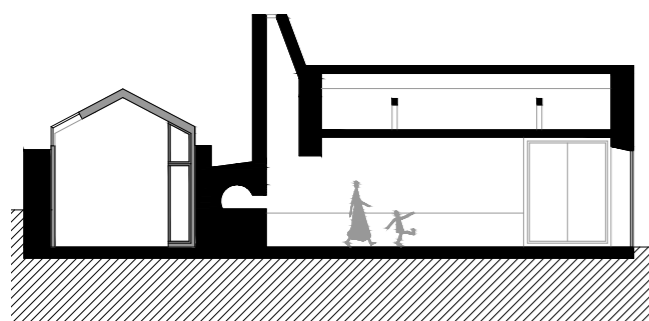
ALÇADO PRINCIPAL



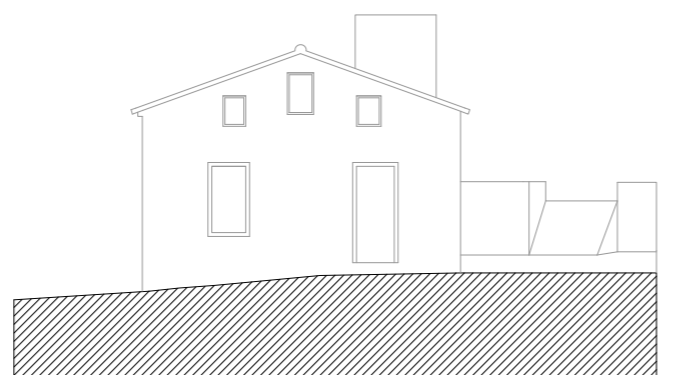
CORTE TRANSVERSAL



ALÇADO TARDOZ

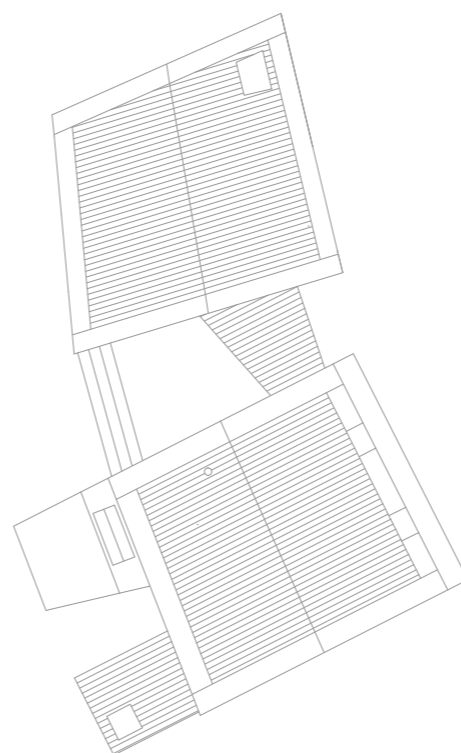


CORTE LONGITUDINAL

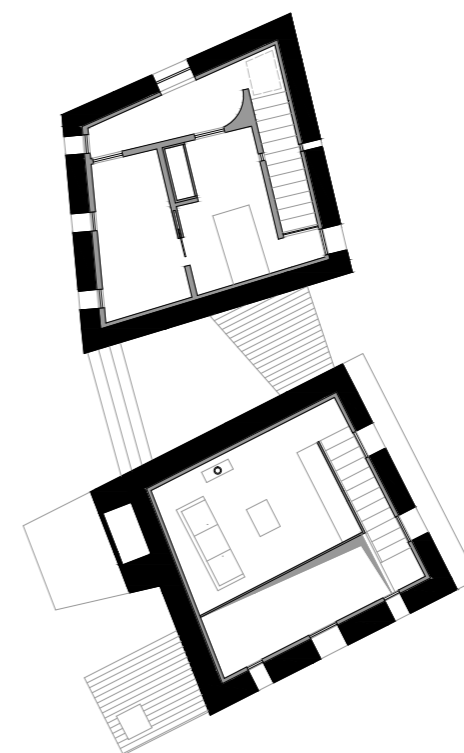


ALÇADO LATERAL DIREITO

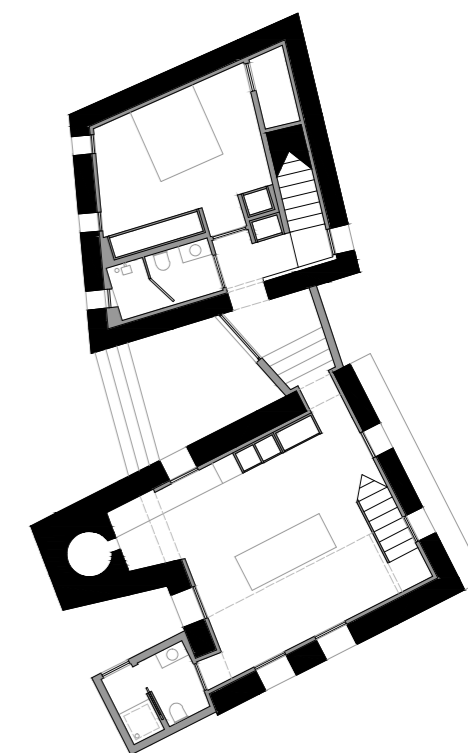
RUÍNA (7)



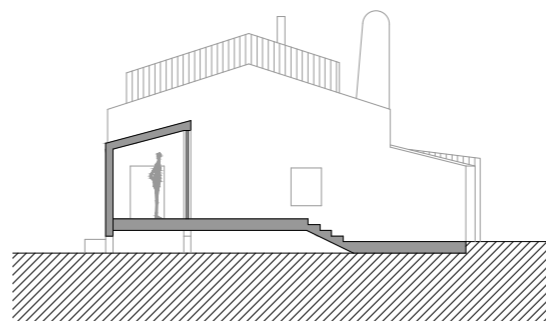
PLANTA COBERTURA



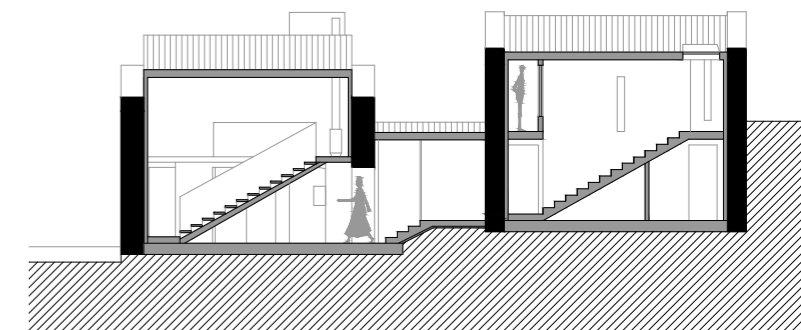
PLANTA PISO 1



PLANTA PISO TÉRREO



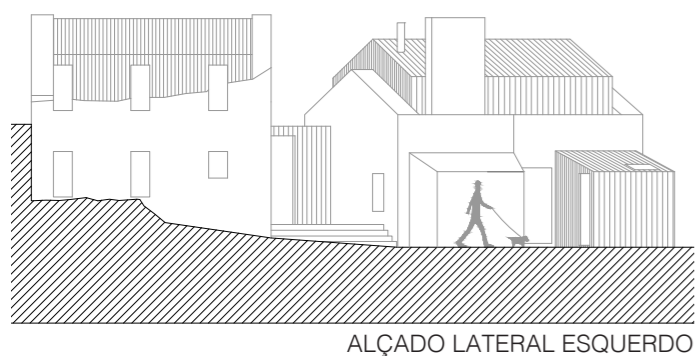
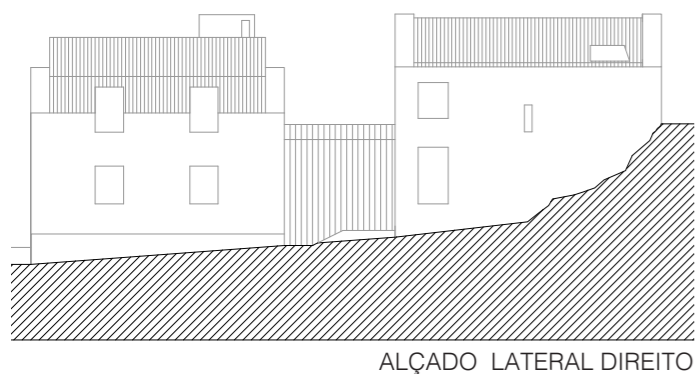
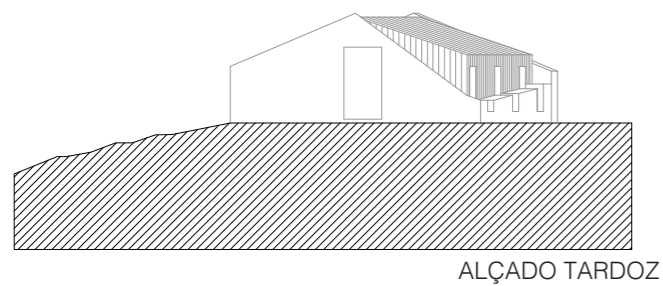
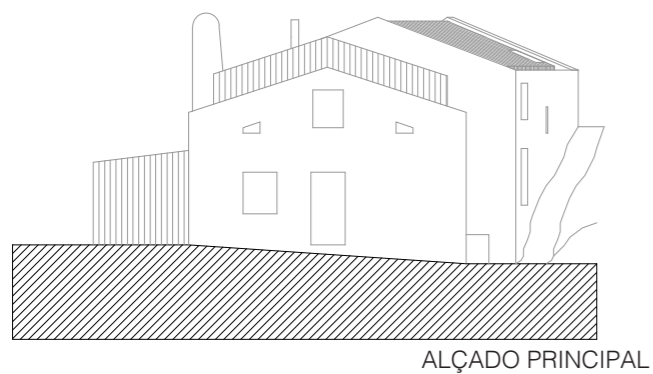
CORTE TRANSVERSAL



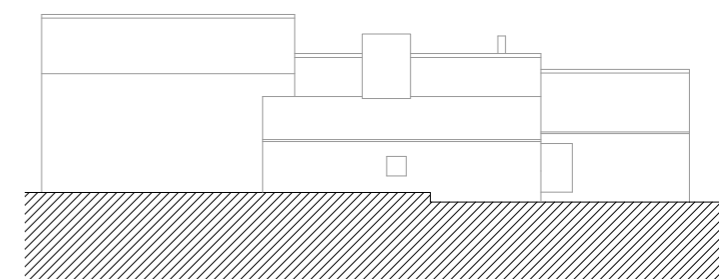
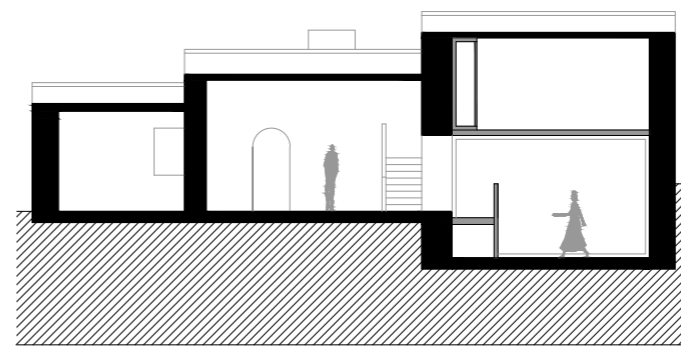
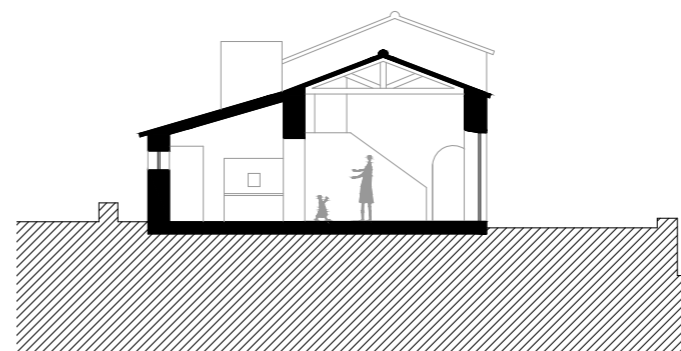
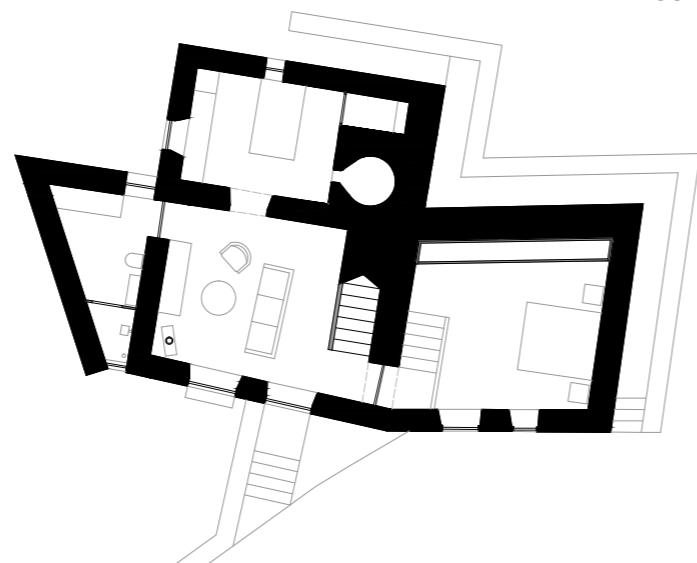
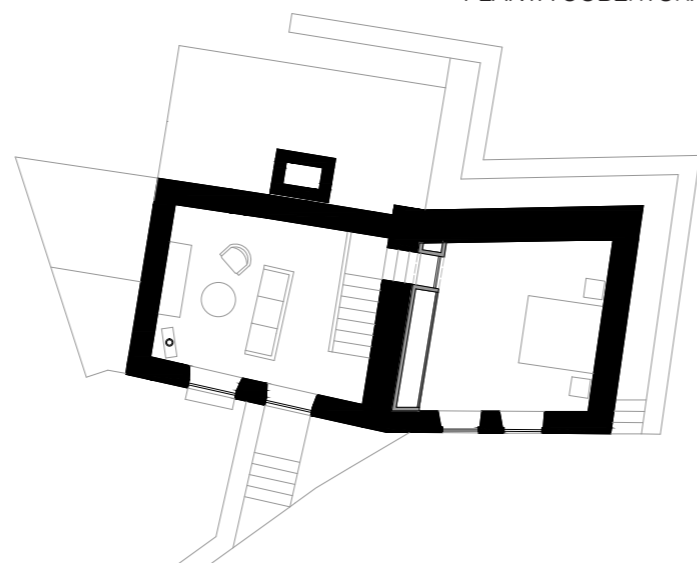
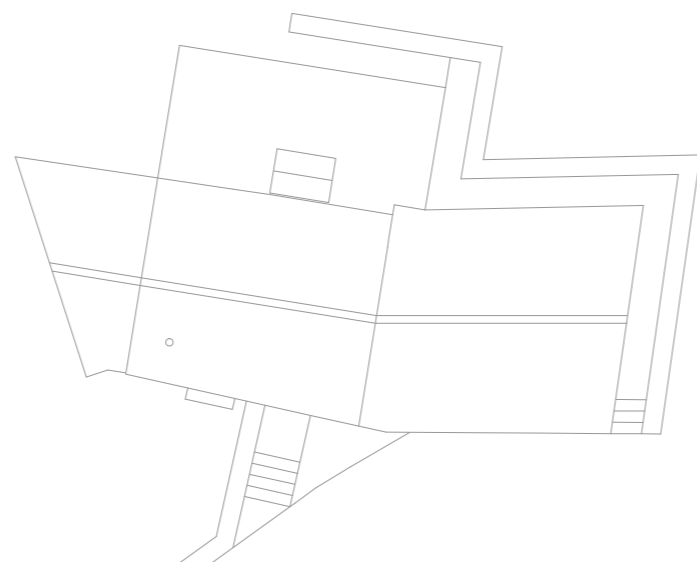
CORTE LONGITUDINAL

ANEXO I - DESENHOS À ESCALA  
ESCALA 1.200

RUÍNA (7)

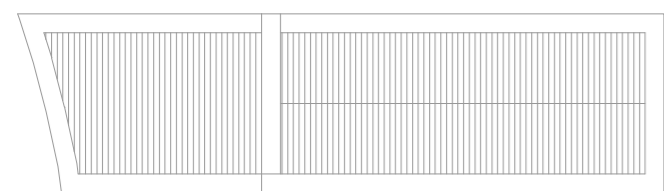


CASA JOSÉ BRANCO (8)

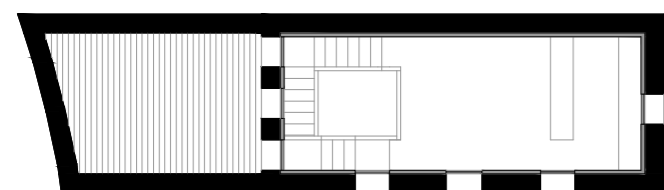


ANEXO I - DESENHOS À ESCALA  
ESCALA 1.200

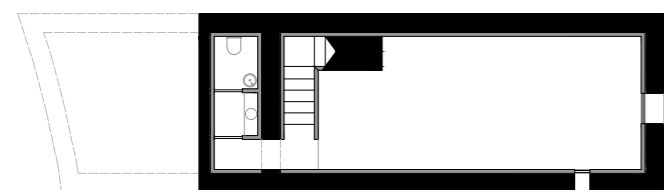
RUÍNA (9)



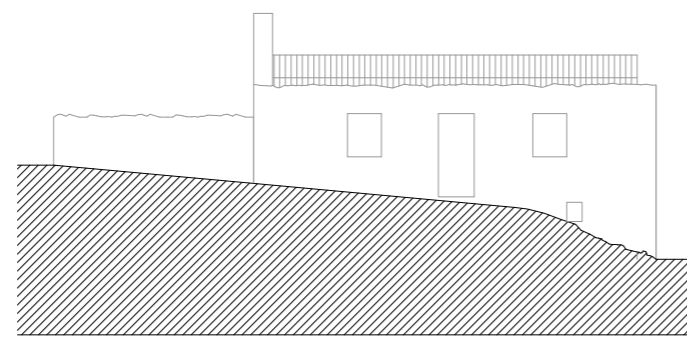
PLANTA COBERTURA



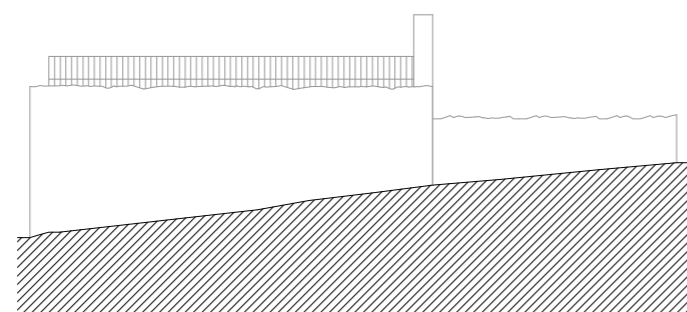
PLANTA PISO TÉRREO



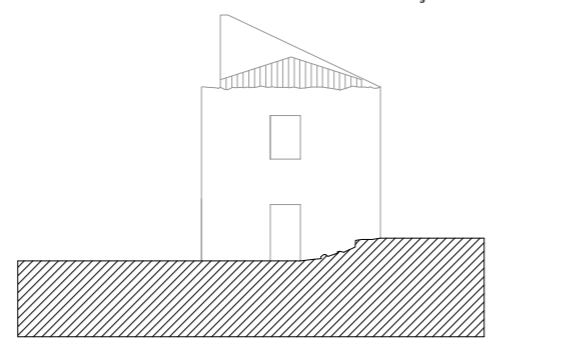
PLANTA PISO -1



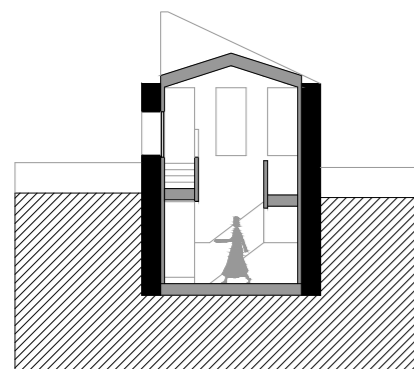
ALÇADO PRINCIPAL



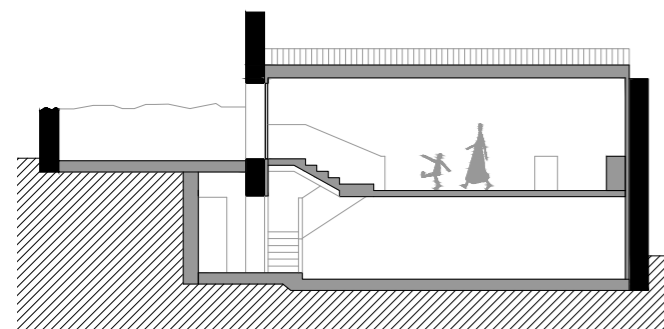
ALÇADO TARDOZ



ALÇADO LATERAL DIREITO

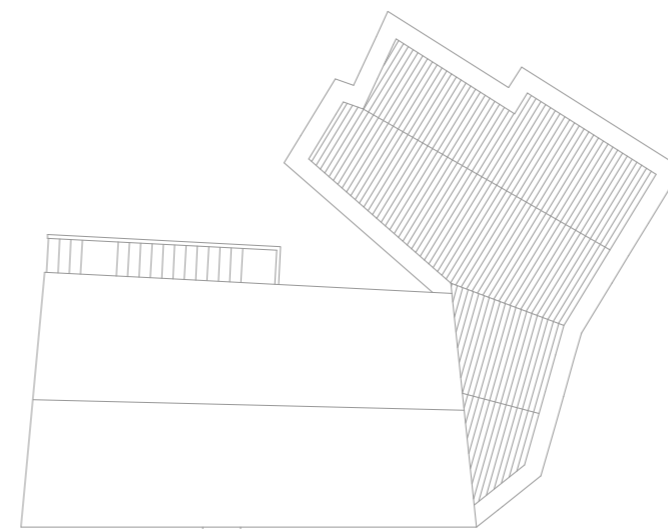


CORTE TRANSVERSAL

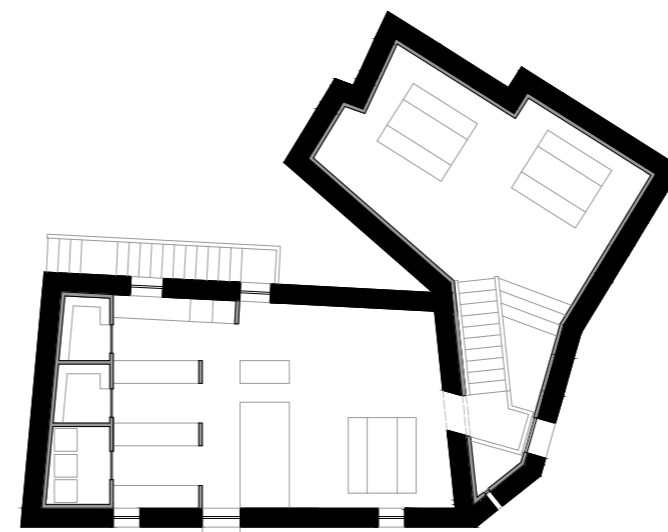


CORTE LONGITUDINAL

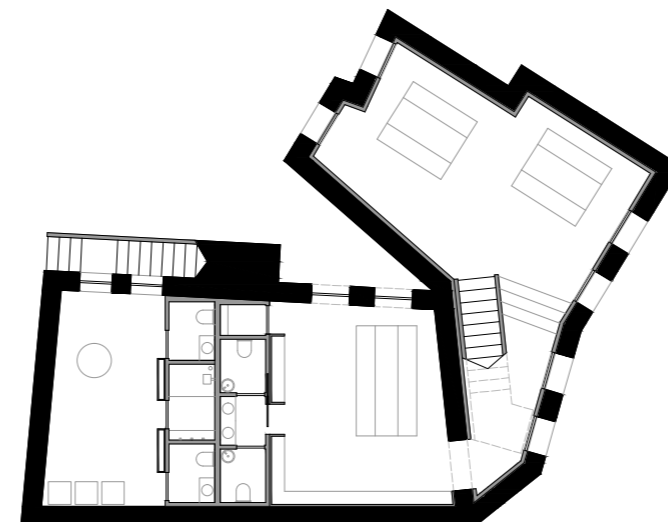
RUÍNA (10)



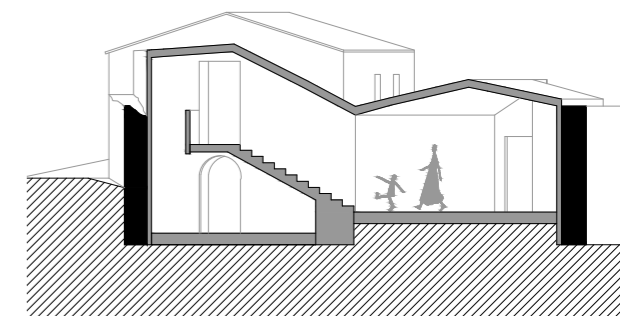
PLANTA COBERTURA



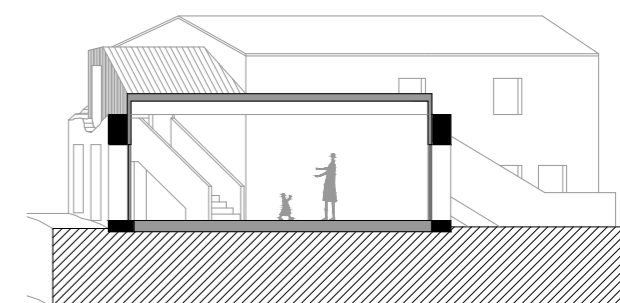
PLANTA PISO TÉRREO



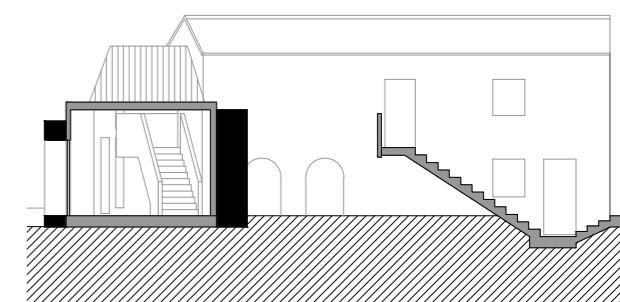
PLANTA PISO -1



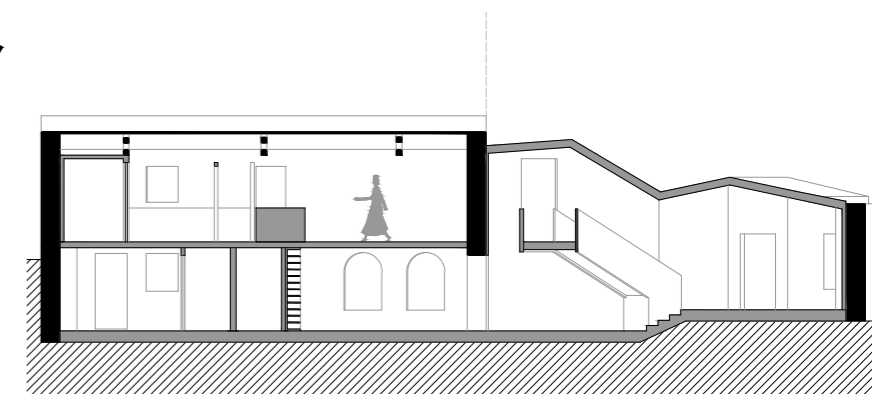
CORTE LONGITUDINAL



CORTE LONGITUDINAL



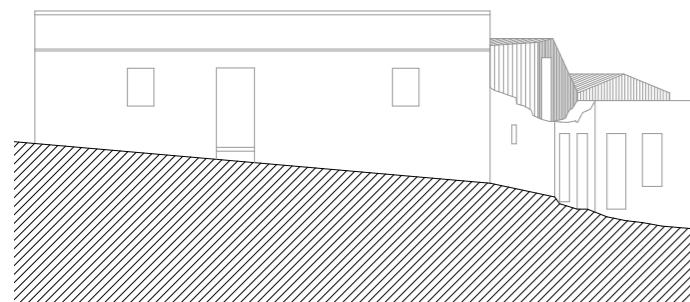
CORTE LONGITUDINAL



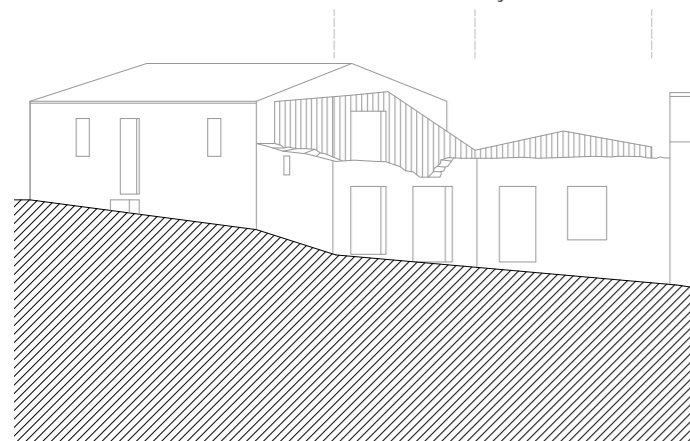
CORTE LONGITUDINAL

ANEXO I - DESENHOS À ESCALA  
ESCALA 1.200

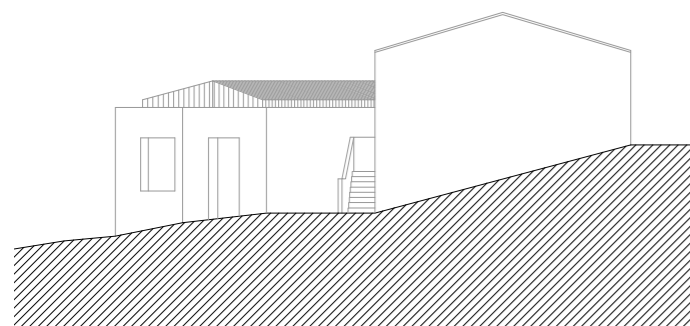
RUÍNA (10)



ALÇADO PRINCIPAL

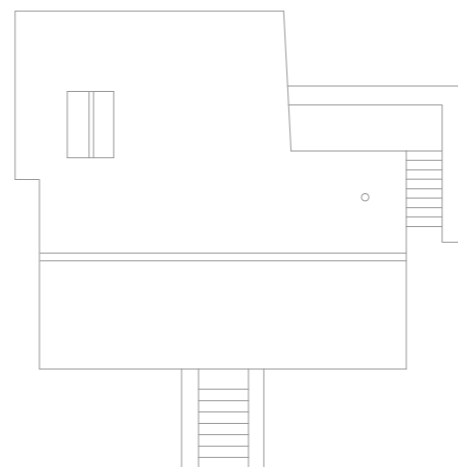


ALÇADO LATERAL DIREITO

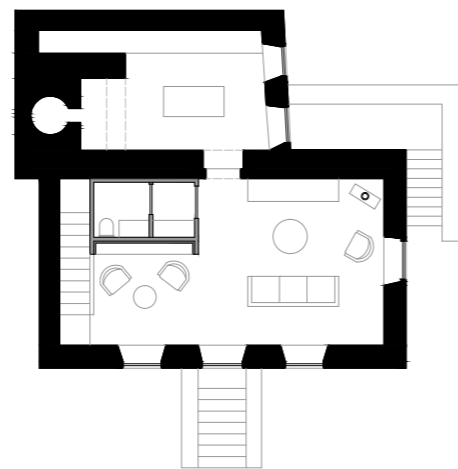


ALÇADO LATERAL ESQUERDO

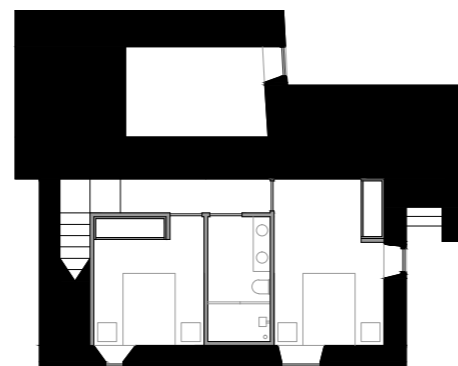
CASA ARMANDO CLARA (11)



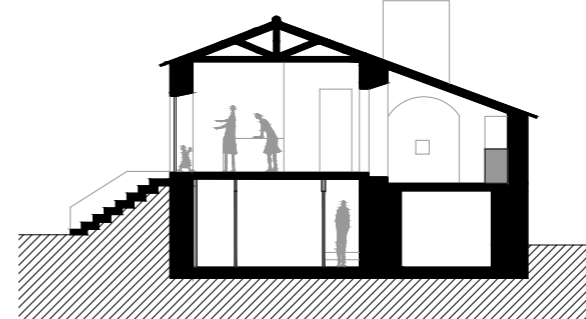
PLANTA COBERTURA



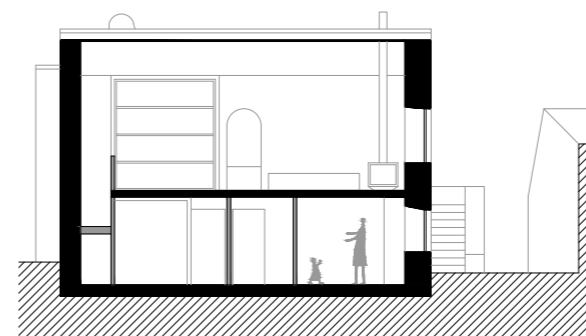
PLANTA PISO TÉRREO



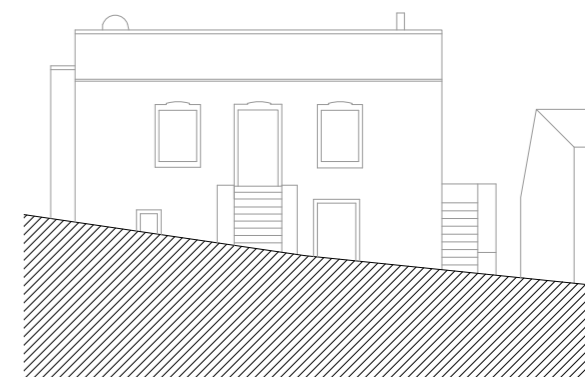
PLANTA PISO -1



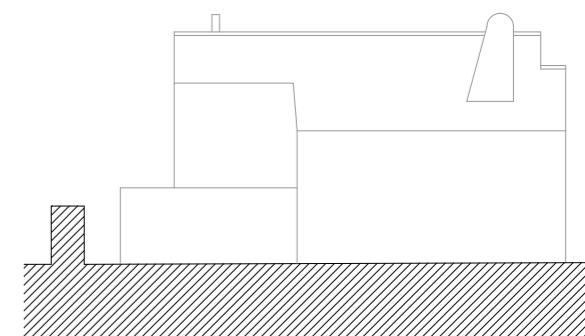
CORTE TRANSVERSAL



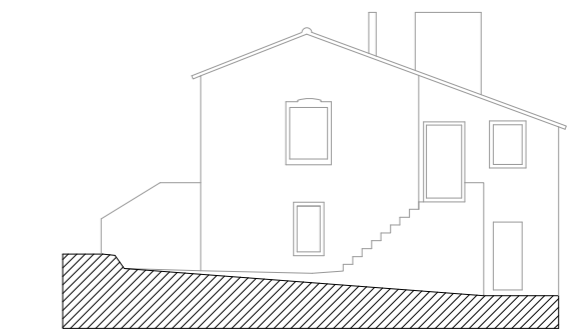
CORTE LONGITUDINAL



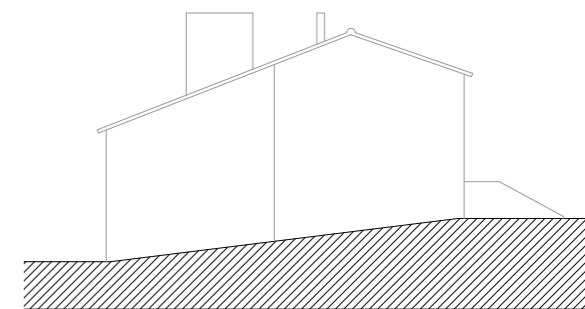
ALÇADO PRINCIPAL



ALÇADO TARDOZ



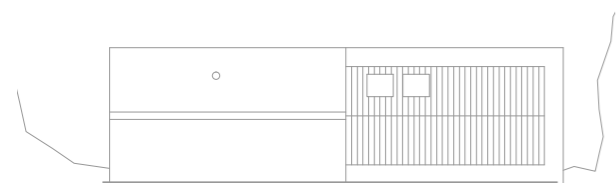
ALÇADO LATERAL DIREITO



ALÇADO LATERAL ESQUERDO

ANEXO I - DESENHOS À ESCALA  
ESCALA 1.200

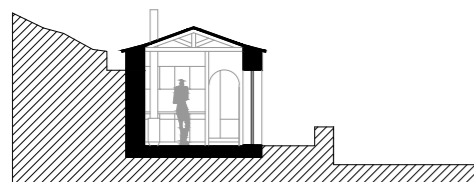
RUÍNA (12)



PLANTA COBERTURA



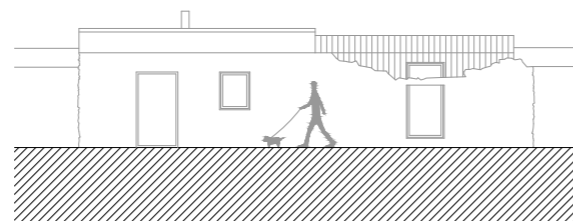
PLANTA PISO TÉRREO



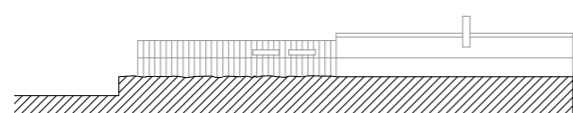
CORTE TRANSVERSAL



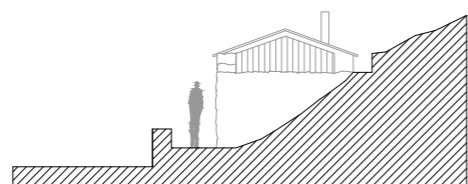
CORTE LONGITUDINAL



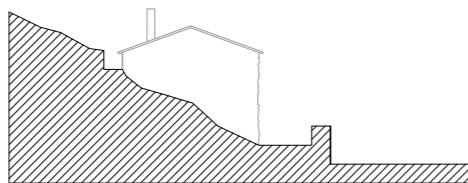
ALÇADO PRINCIPAL



ALÇADO TARDOZ

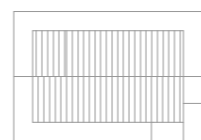


ALÇADO LATERAL DIREITO

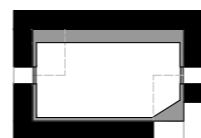


ALÇADO LATERAL ESQUERDO

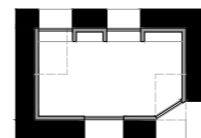
RUÍNA (13)



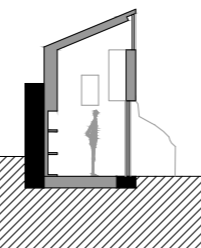
PLANTA COBERTURA



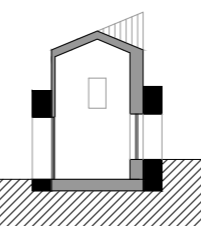
PLANTA À COTA 2.20



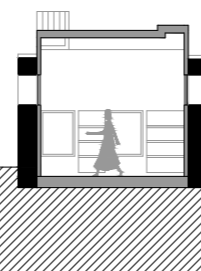
PLANTA PISO TÉRREO



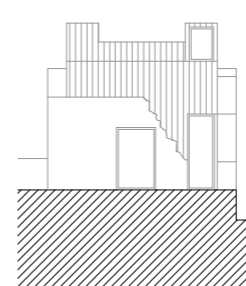
CORTE TRANSVERSAL



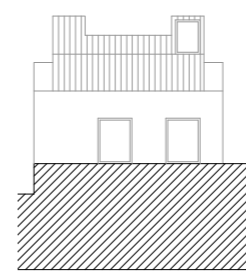
CORTE TRANSVERSAL



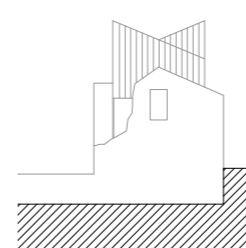
CORTE LONGITUDINAL



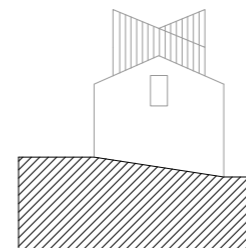
ALÇADO PRINCIPAL



ALÇADO TARDOZ

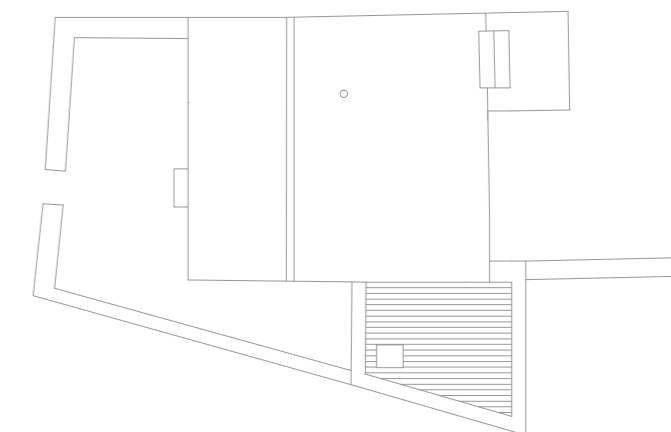


ALÇADO LATERAL DIREITO

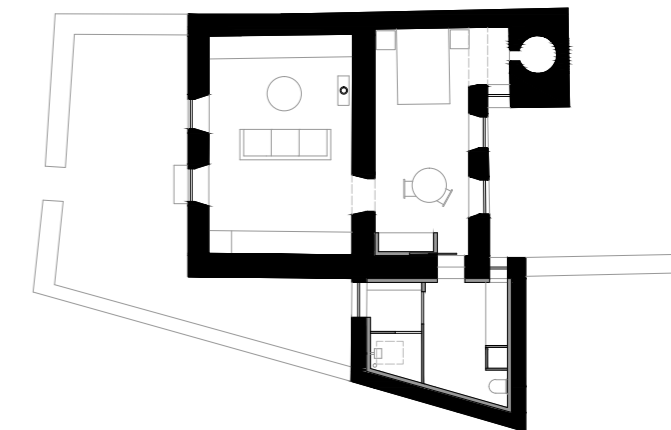


ALÇADO LATERAL ESQUERDO

CASA CONCEIÇÃO PEQUENA (14)



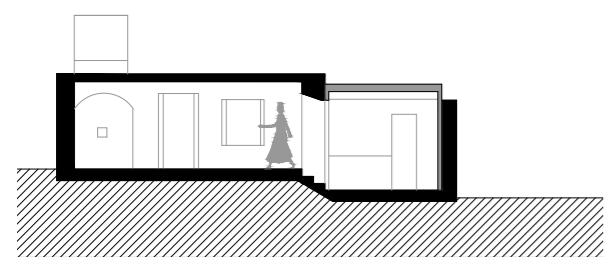
PLANTA COBERTURA



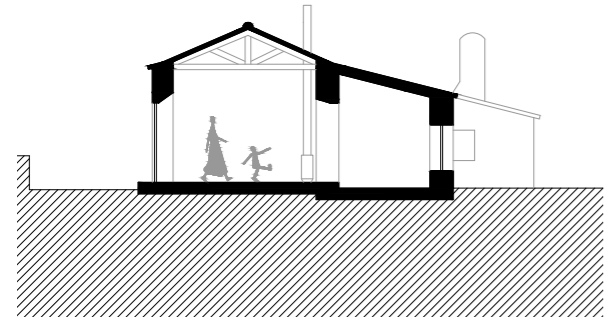
PLANTA PISO TÉRREO

ANEXO I - DESENHOS À ESCALA  
ESCALA 1.200

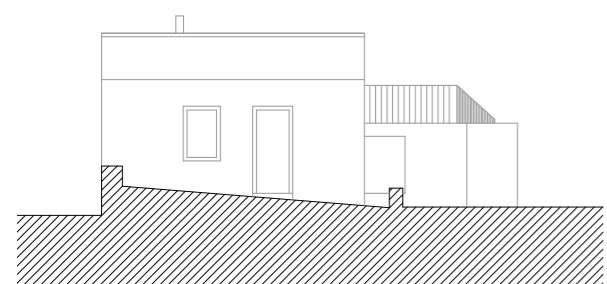
CASA CONCEIÇÃO PEQUENA (14)



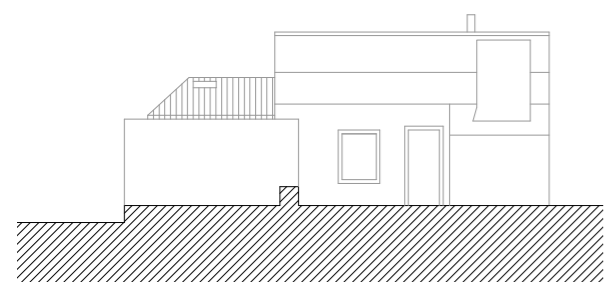
CORTE TRANSVERSAL



CORTE LONGITUDINAL



ALÇADO PRINCIPAL

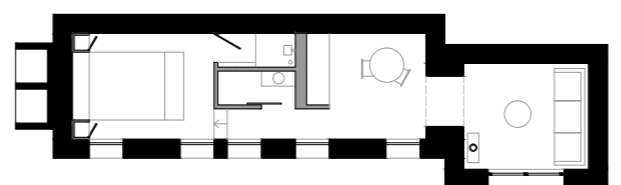


ALÇADO TARDOZ

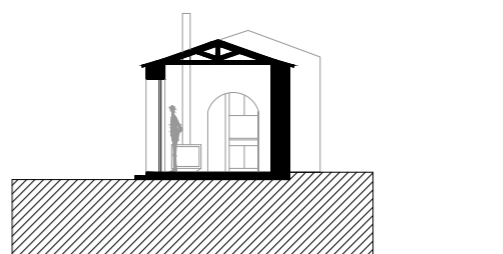
RUÍNA (15)



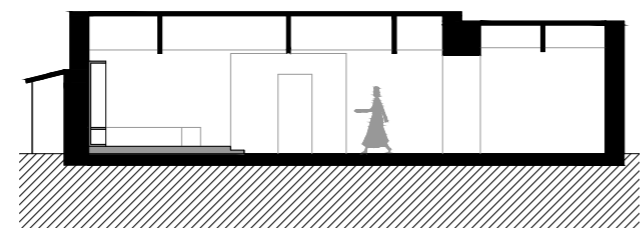
PLANTA COBERTURA



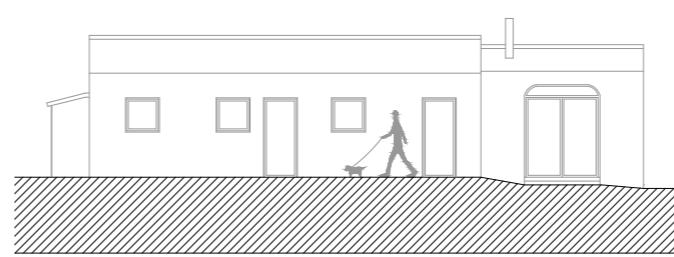
PLANTA PISO TÉRREO



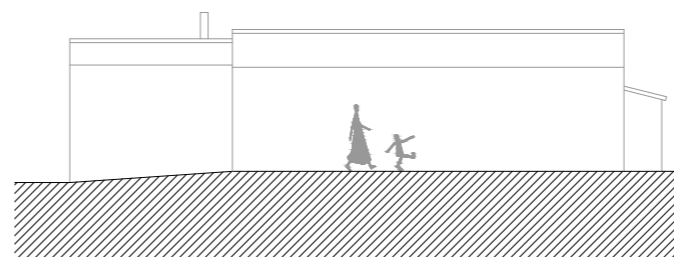
CORTE TRANSVERSAL



CORTE LONGITUDINAL



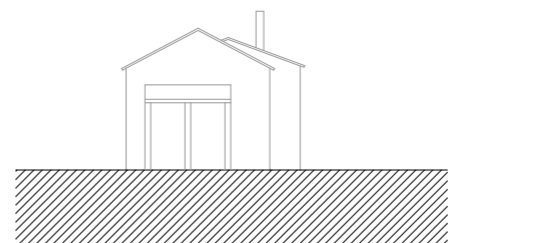
ALÇADO PRINCIPAL



ALÇADO TARDOZ

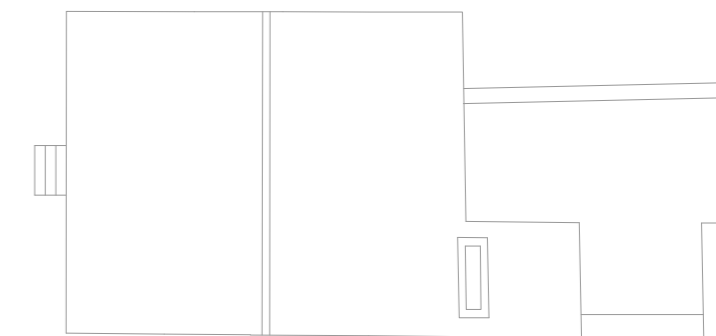


ALÇADO LATERAL DIREITO

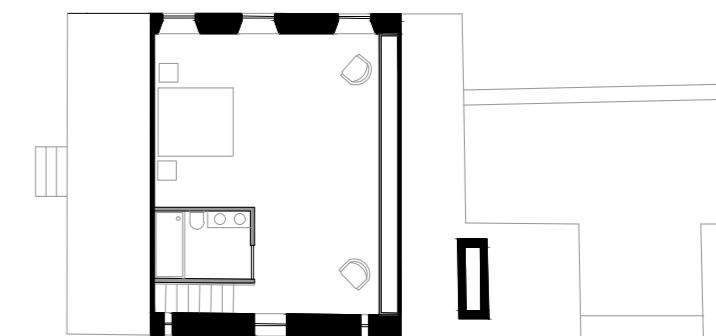


ALÇADO LATERAL ESQUERDO

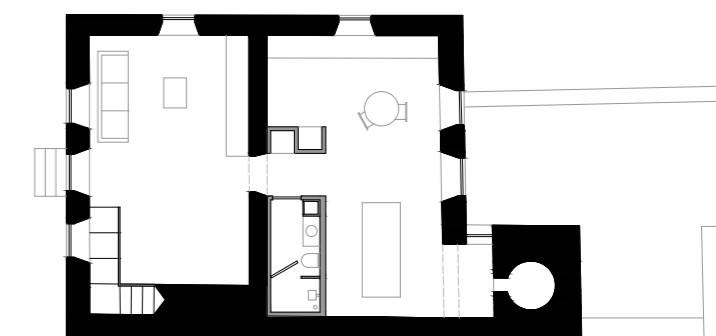
CASA CONCEIÇÃO GRANDE (16)



PLANTA COBERTURA



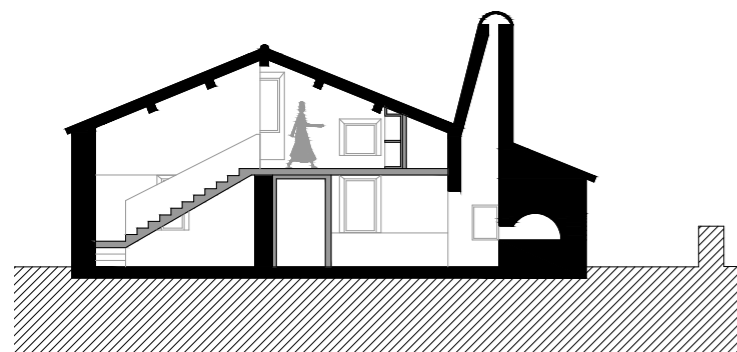
PLANTA PISO 1



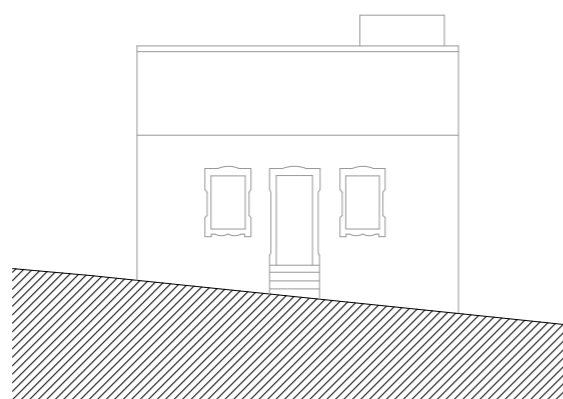
PLANTA PISO TÉRREO

ANEXO I - DESENHOS À ESCALA  
ESCALA 1.200

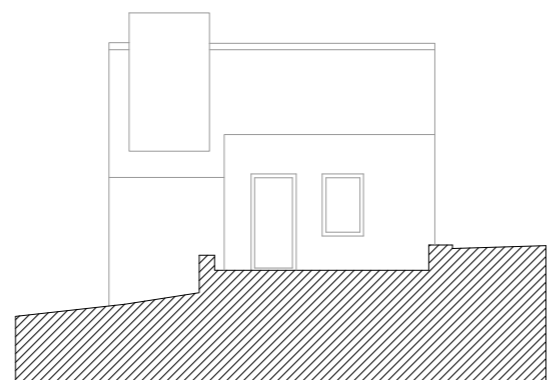
CASA CONCEIÇÃO GRANDE (16)



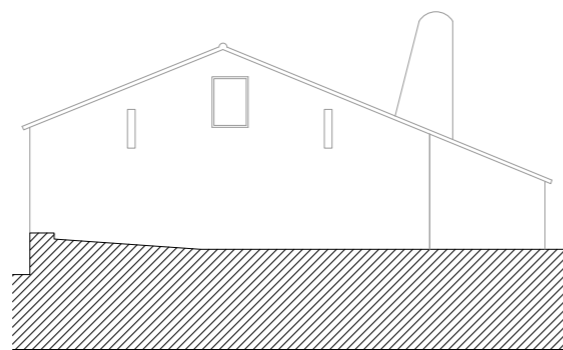
CORTE LONGITUDINAL



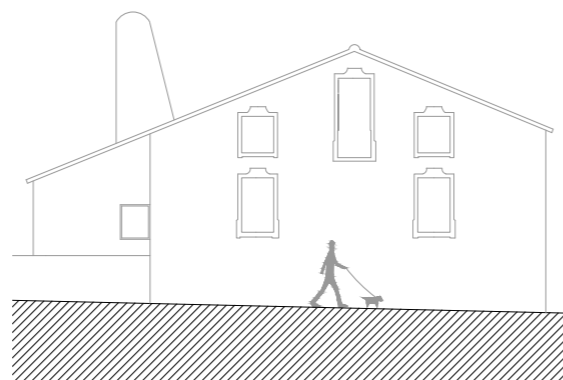
ALÇADO PRINCIPAL



ALÇADO TARDOZ

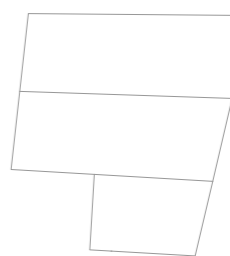
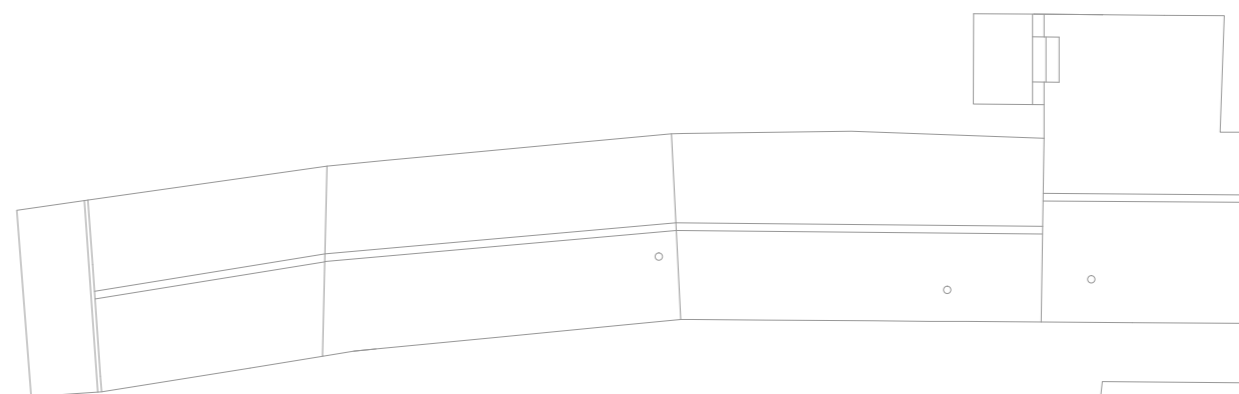


ALÇADO LATERAL DIREITO

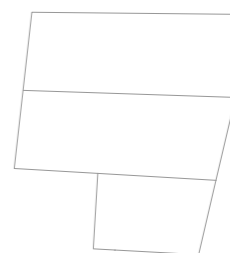
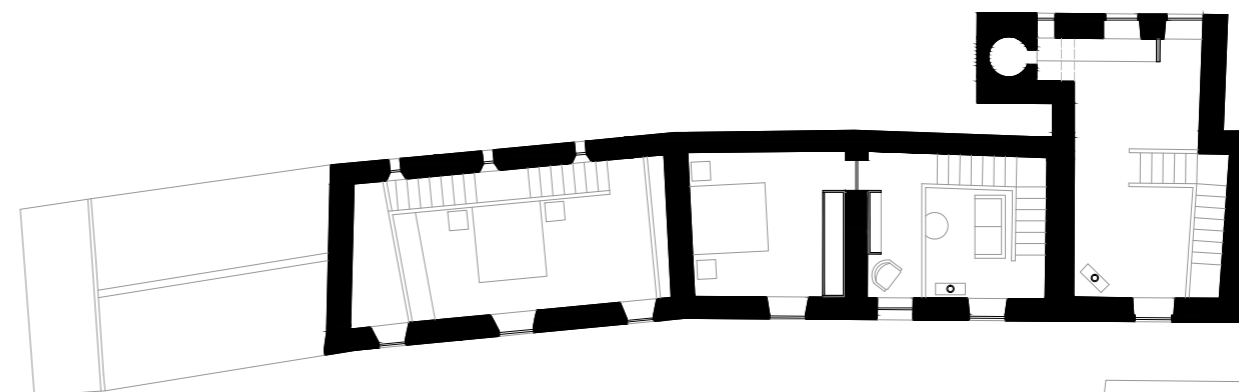


ALÇADO LATERAL ESQUERDO

CASA MANUEL FESTA, MANUEL REBELO, JOSÉ FESTA E ANEXO (17)



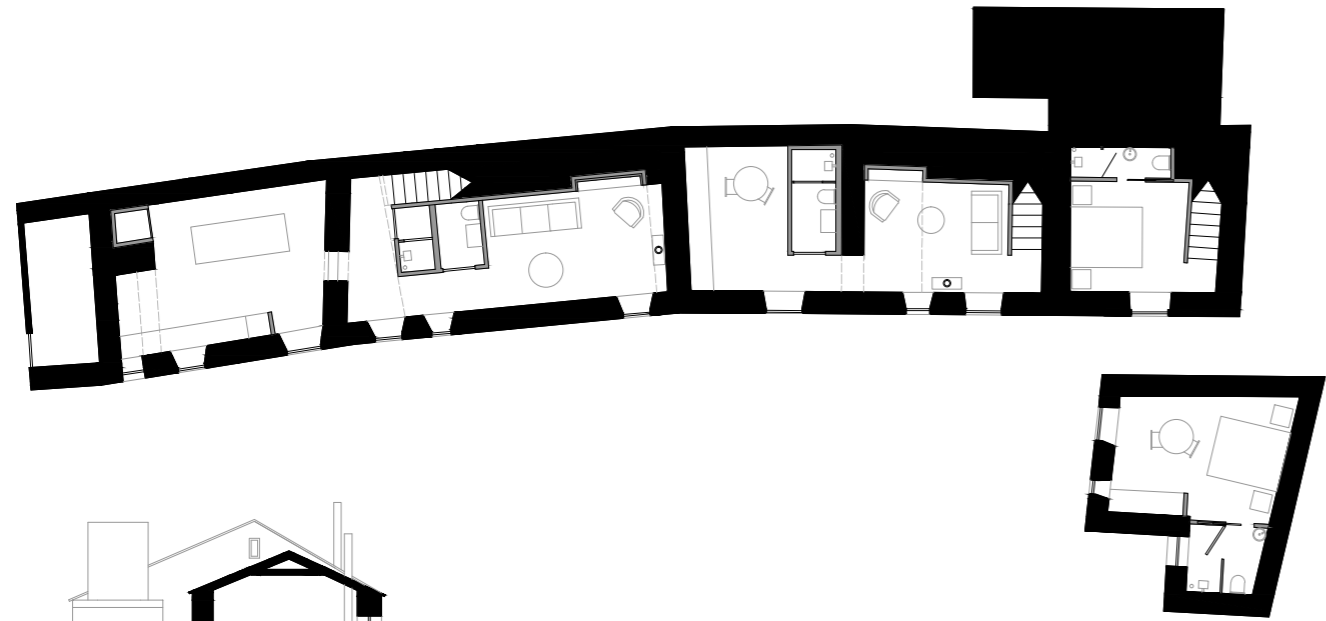
PLANTA COBERTURA



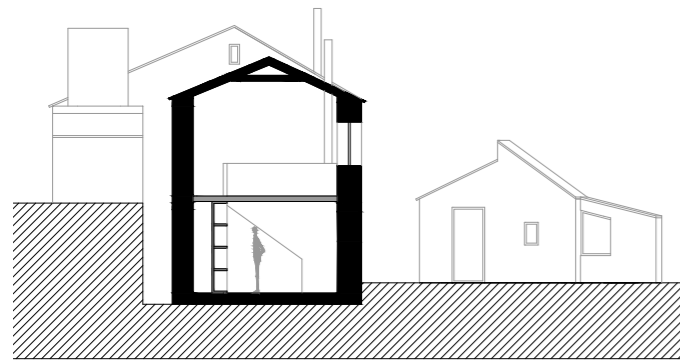
PLANTA PISO 1

ANEXO I - DESENHOS À ESCALA  
ESCALA 1.200

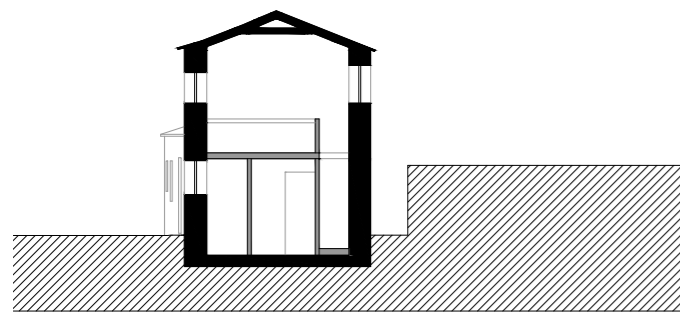
CASA MANUEL FESTA, MANUEL REBELO, JOSÉ FESTA E ANEXO (17)



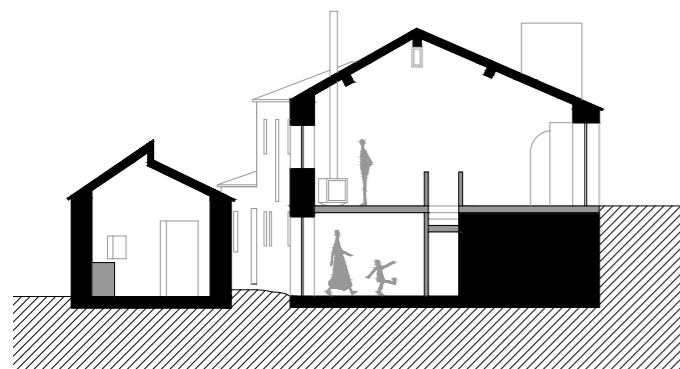
PLANTA PISO TÉRREO



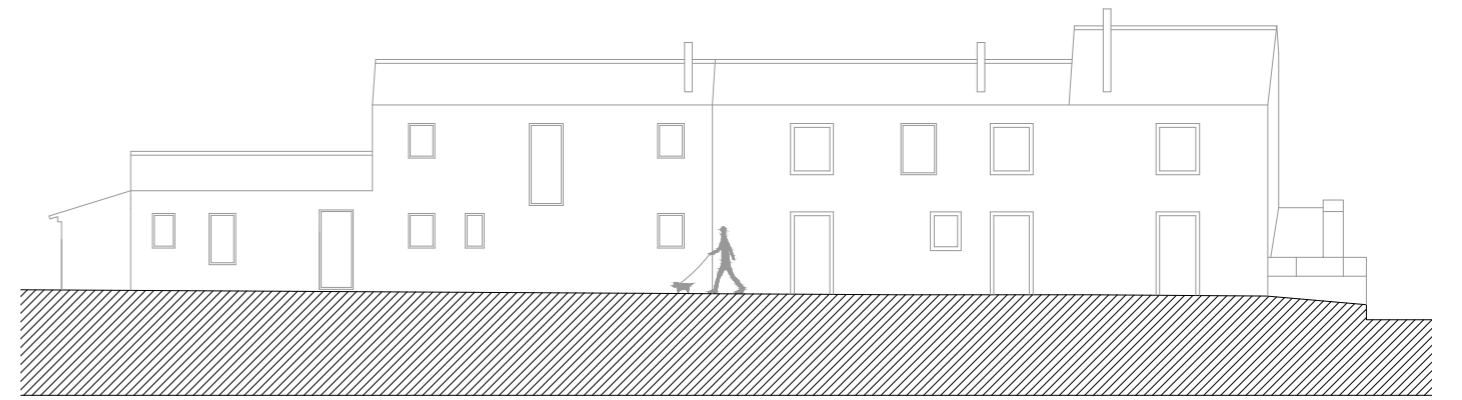
CORTE TRANSVERSAL



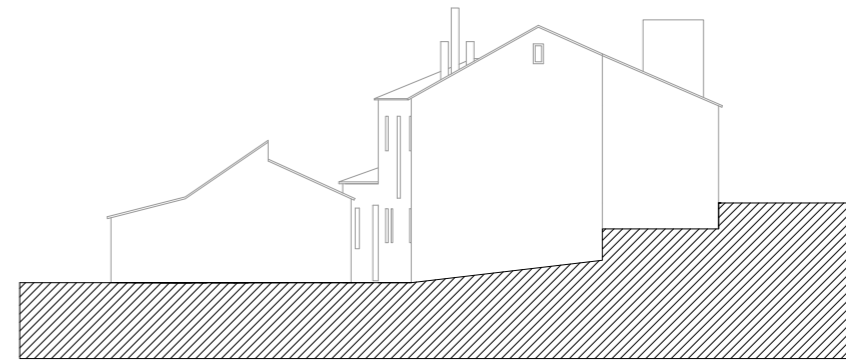
CORTE TRANSVERSAL



CORTE LONGITUDINAL



ALÇADO PRINCIPAL



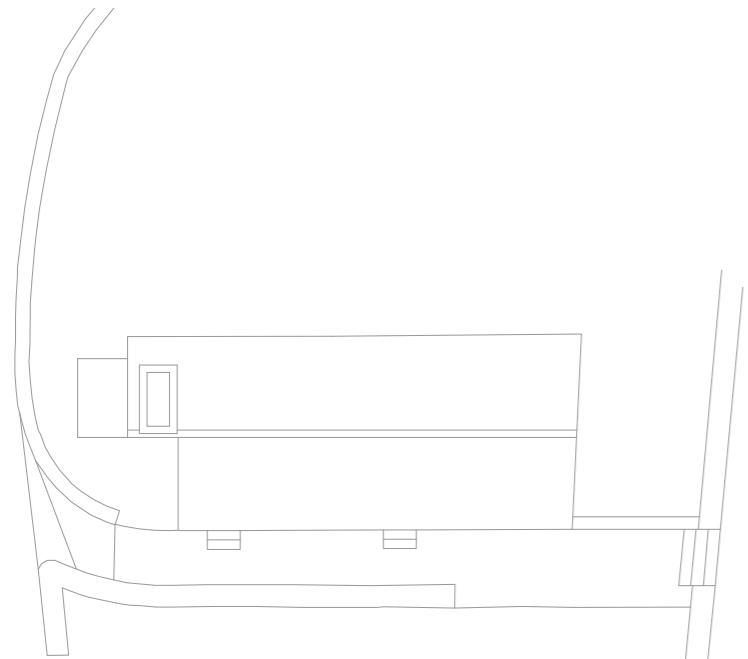
ALÇADO LATERAL DIREITO



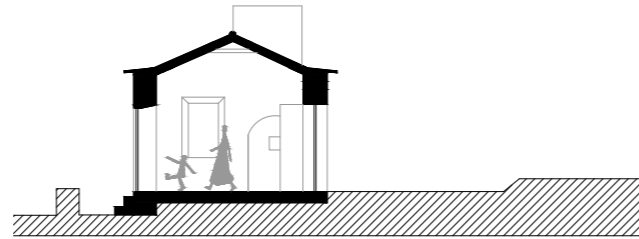
ALÇADO LATERAL ESQUERDO

ANEXO I - DESENHOS À ESCALA  
ESCALA 1.200

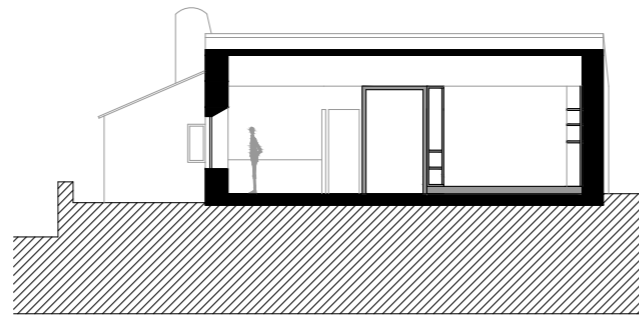
CASA JOÃO MOLEIRO (18)



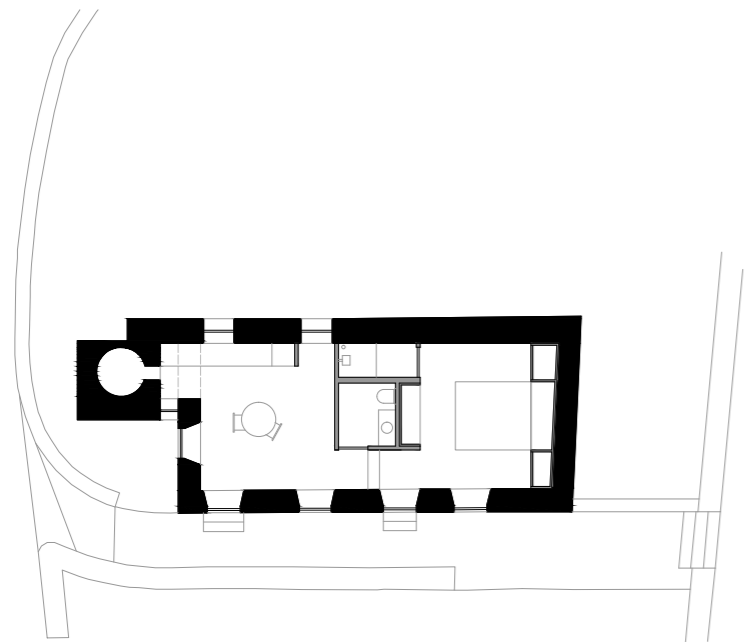
PLANTA COBERTURA



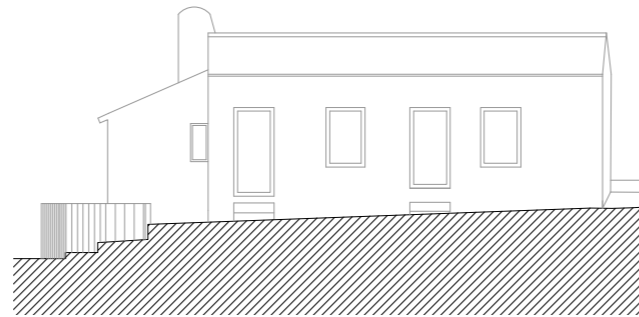
CORTE TRANSVERSAL



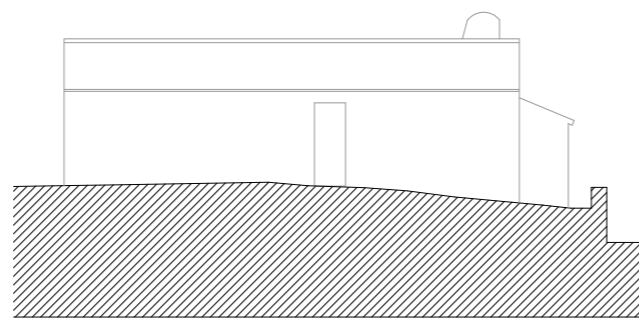
CORTE LONGITUDINAL



PLANTA PISO TÉRREO



ALÇADO PRINCIPAL



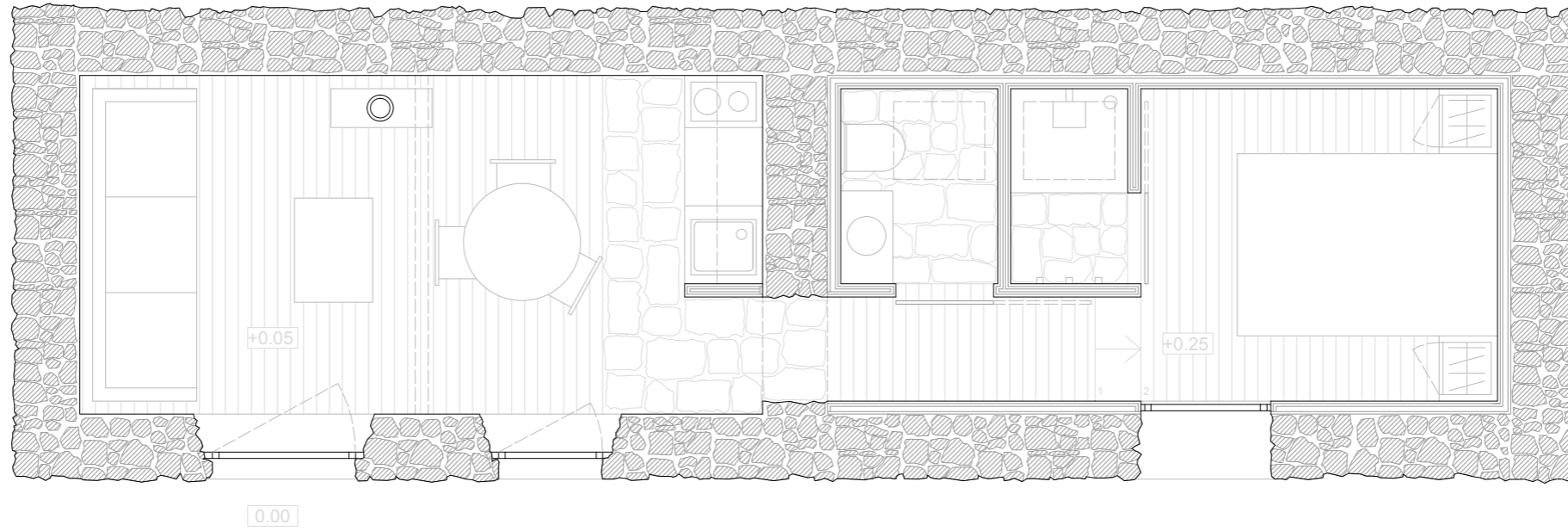
ALÇADO TARDOZ

ANEXOS II – DESENHO À ESCALA

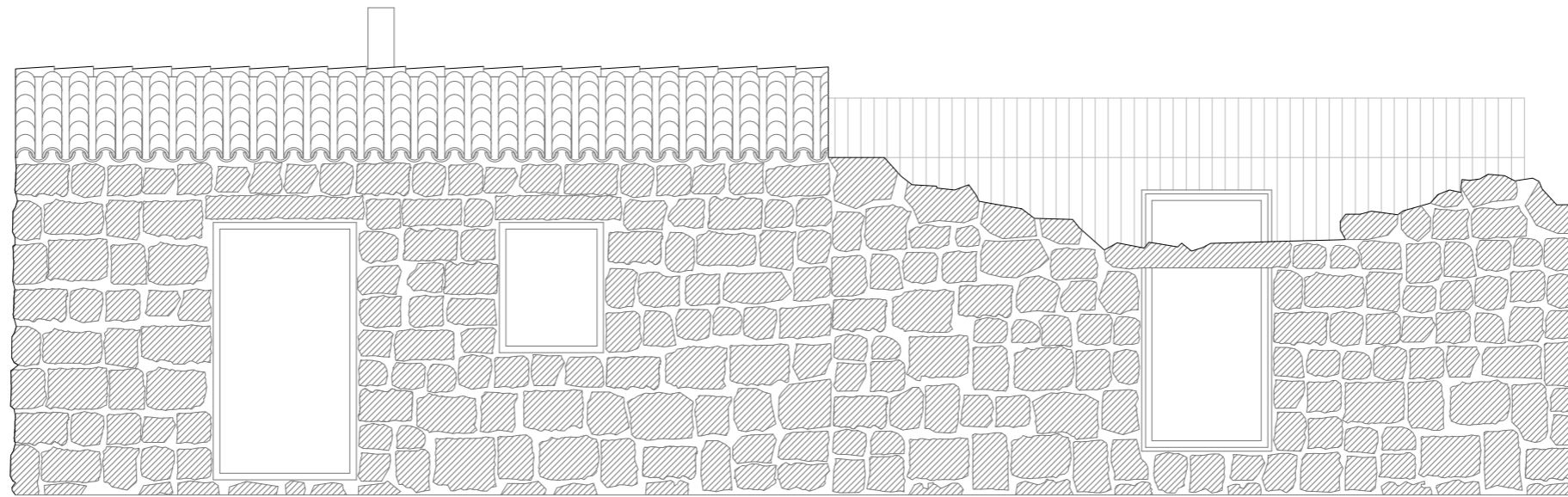


ANEXO II - DESENHOS À ESCALA  
ESCALA 1.50

RUÍNA (12)



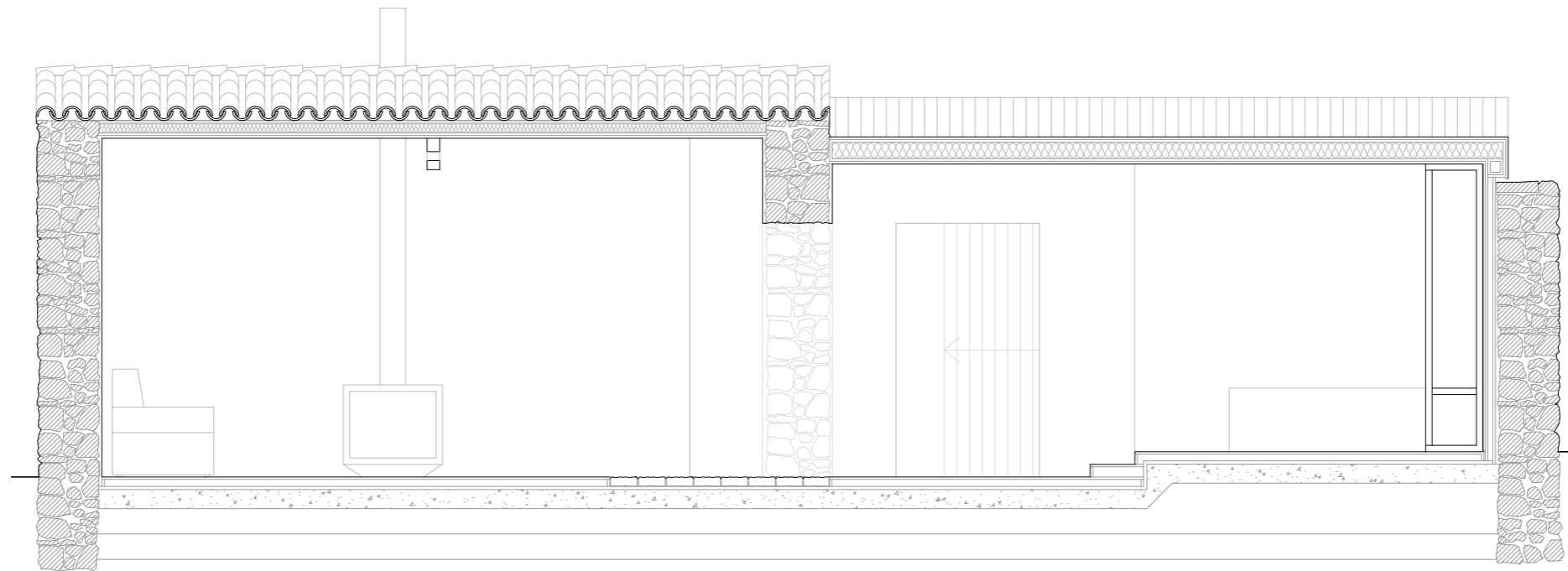
PLANTA PISO TÉRREO



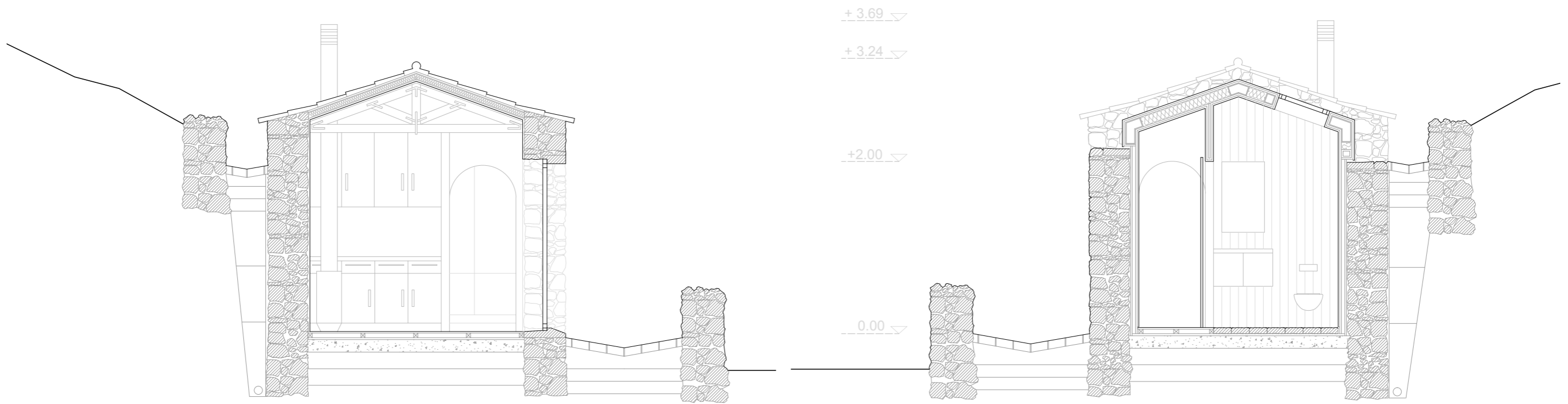
ALÇADO PRINCIPAL

ANEXO II - DESENHOS À ESCALA  
ESCALA 1.50

RUÍNA (12)



CORTE LONGITUDINAL



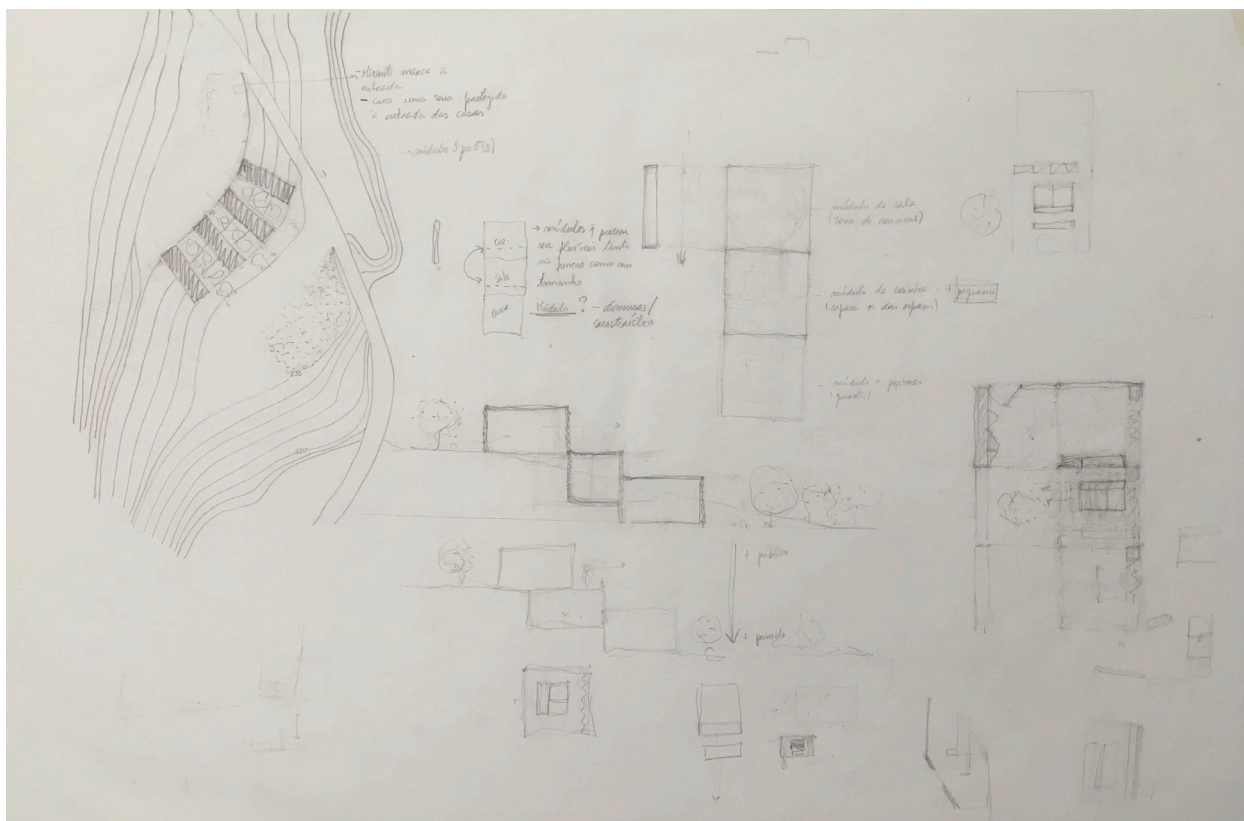
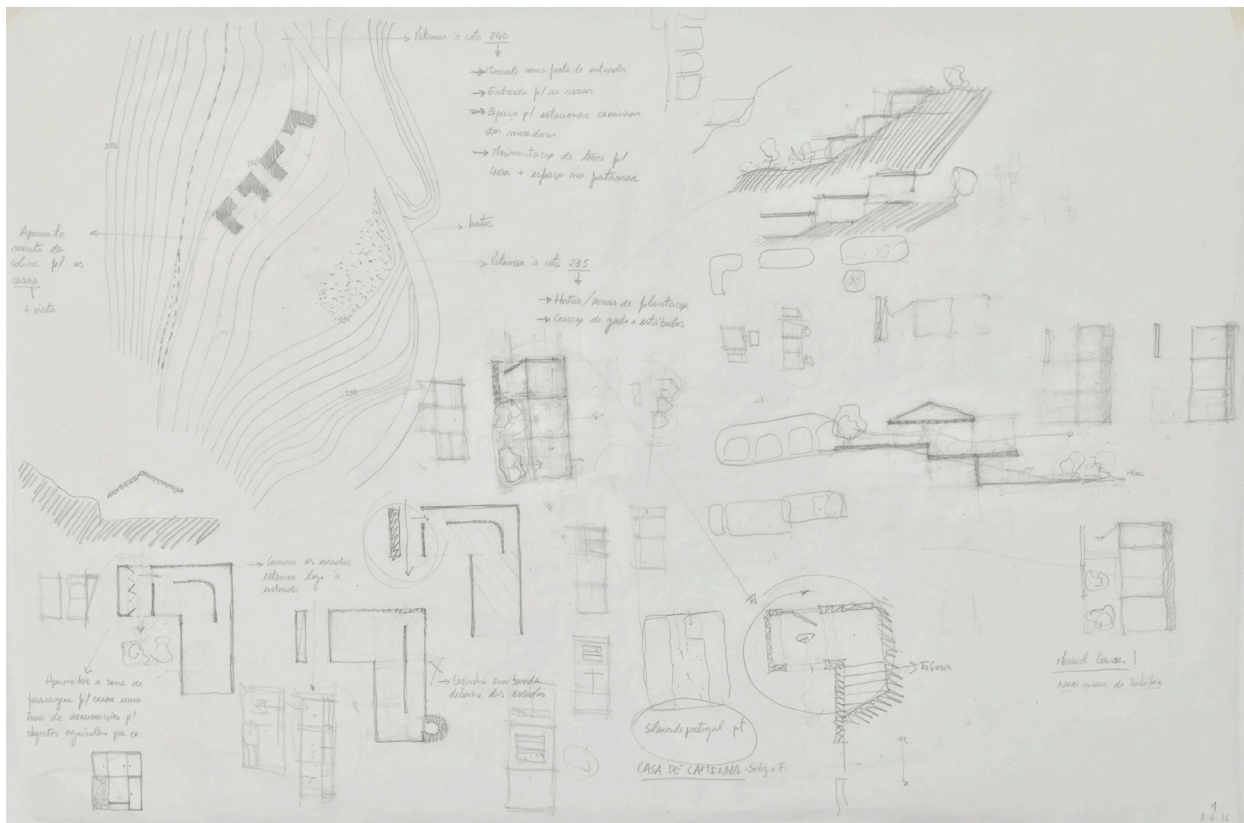
CORTE TRANSVERSAL

CORTE TRANSVERSAL

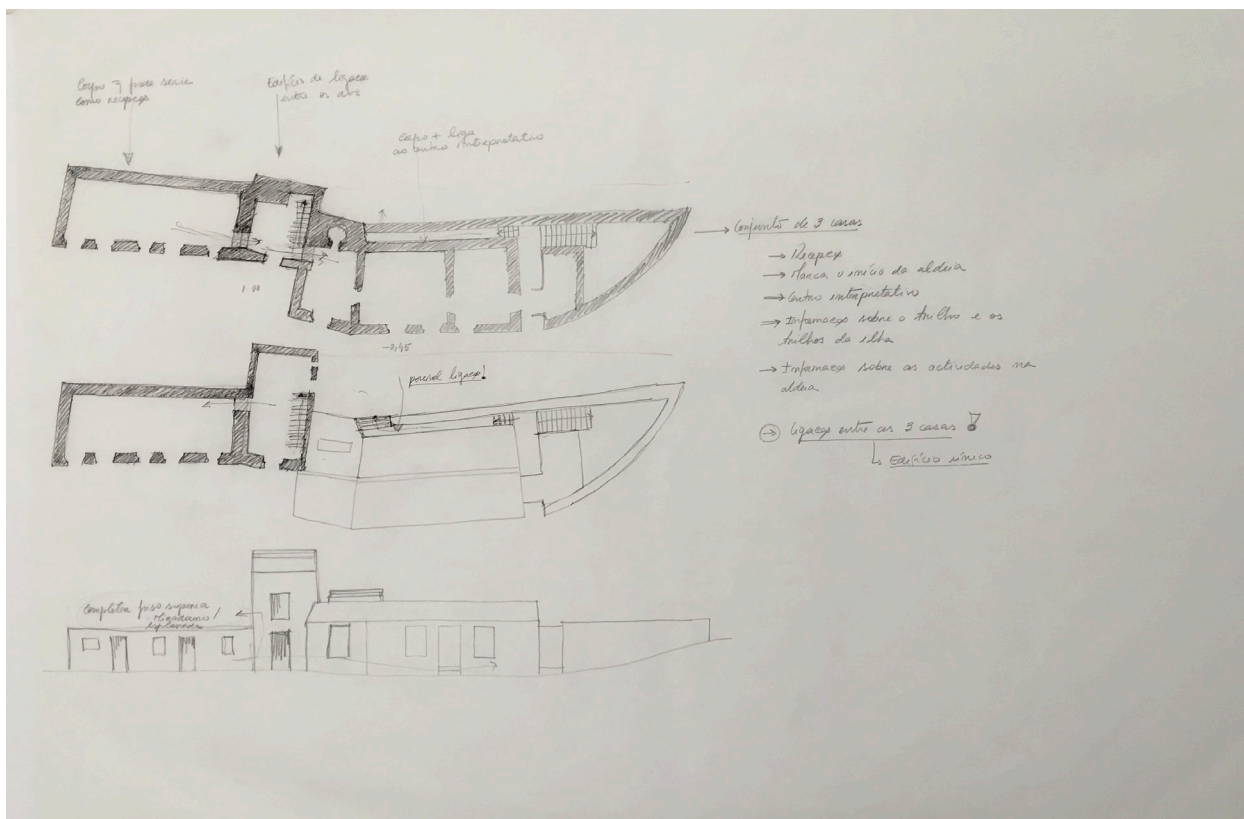
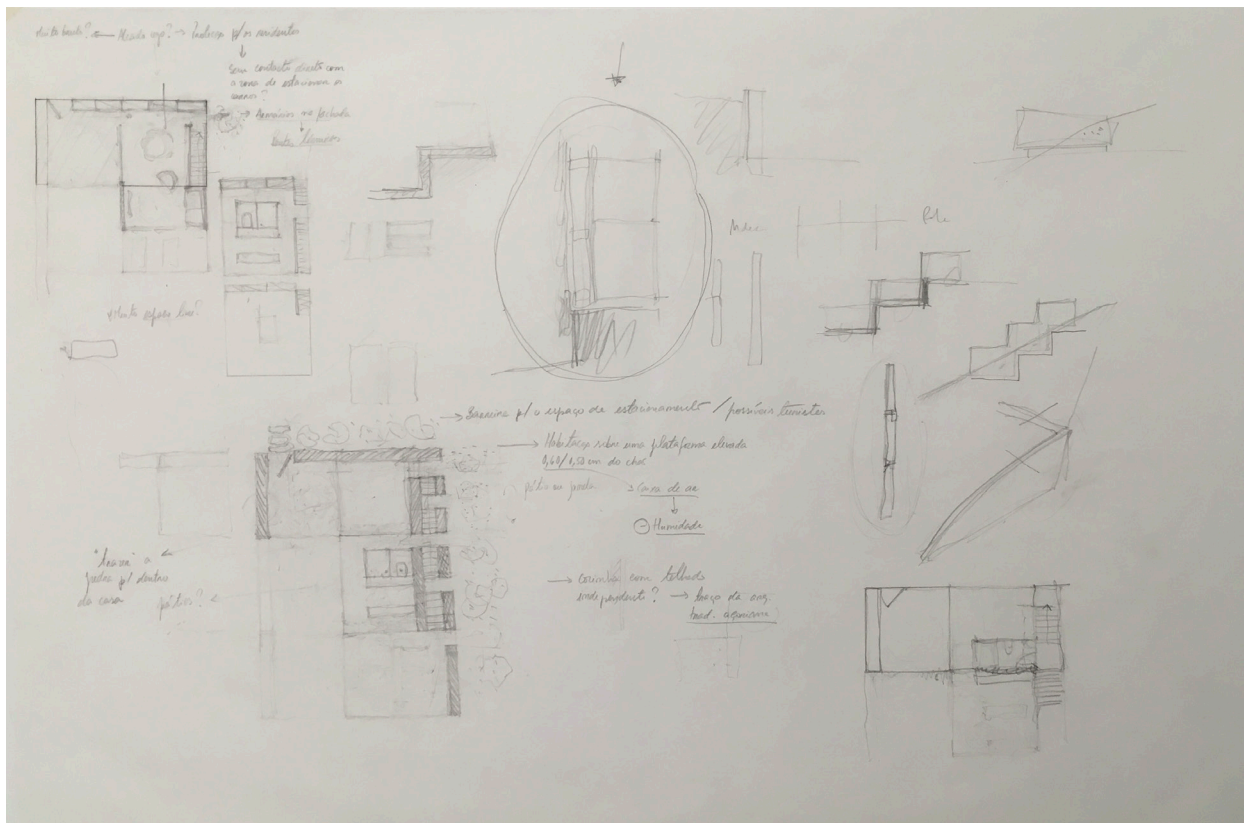
ANEXOS III – PROCESSO DE TRABALHO



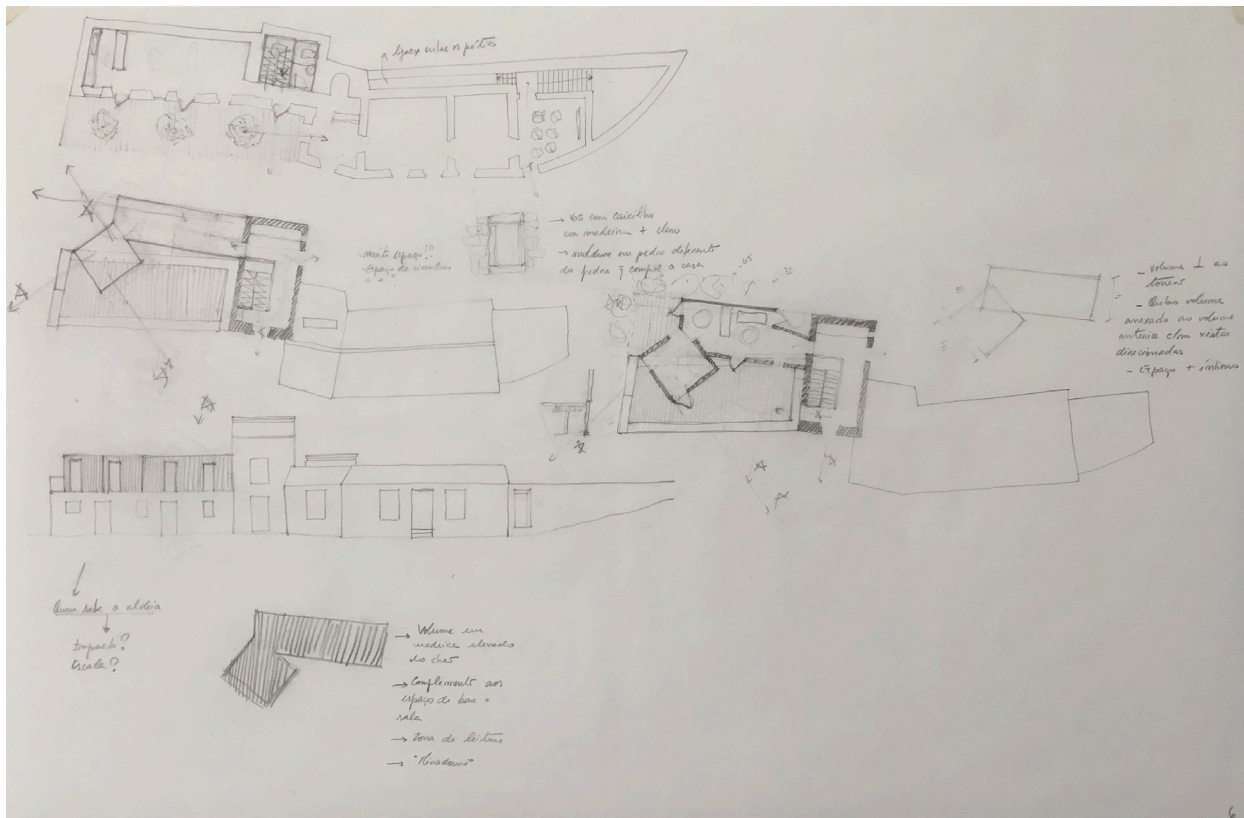
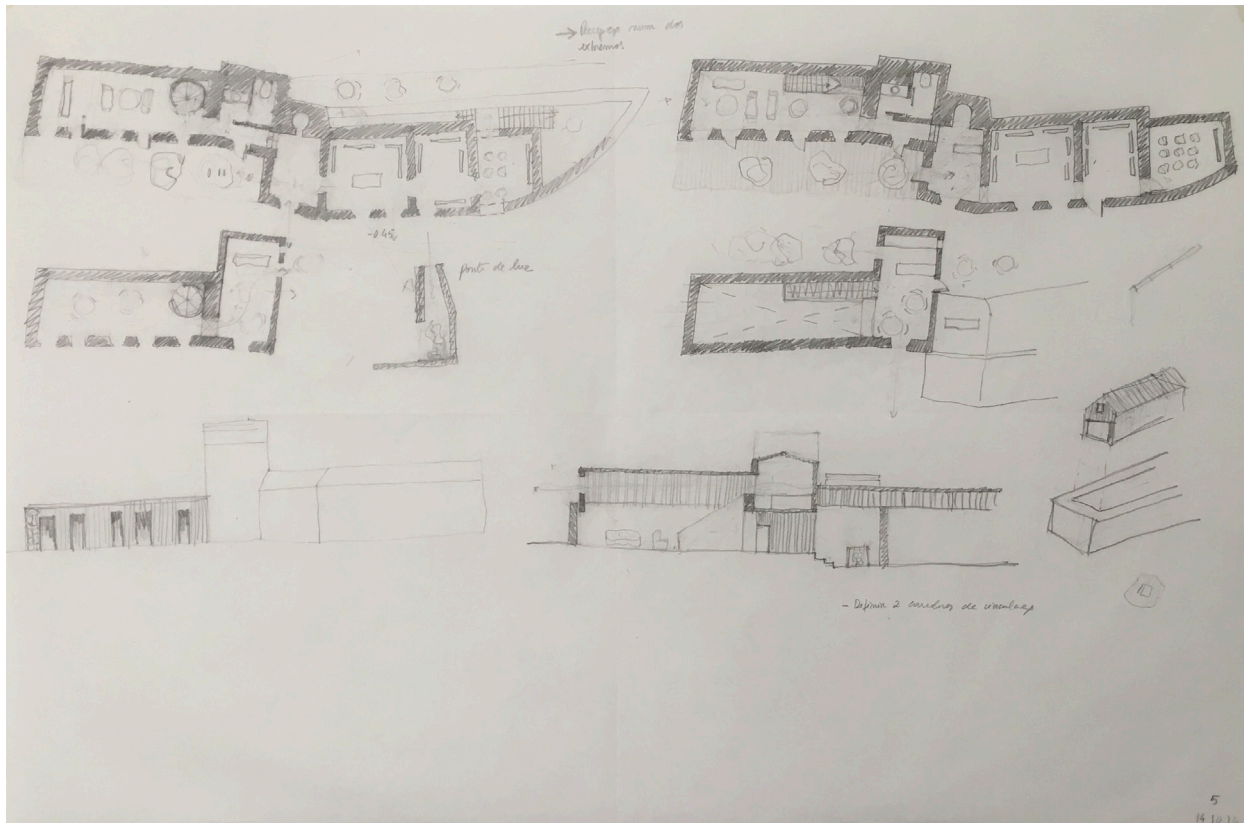
ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO



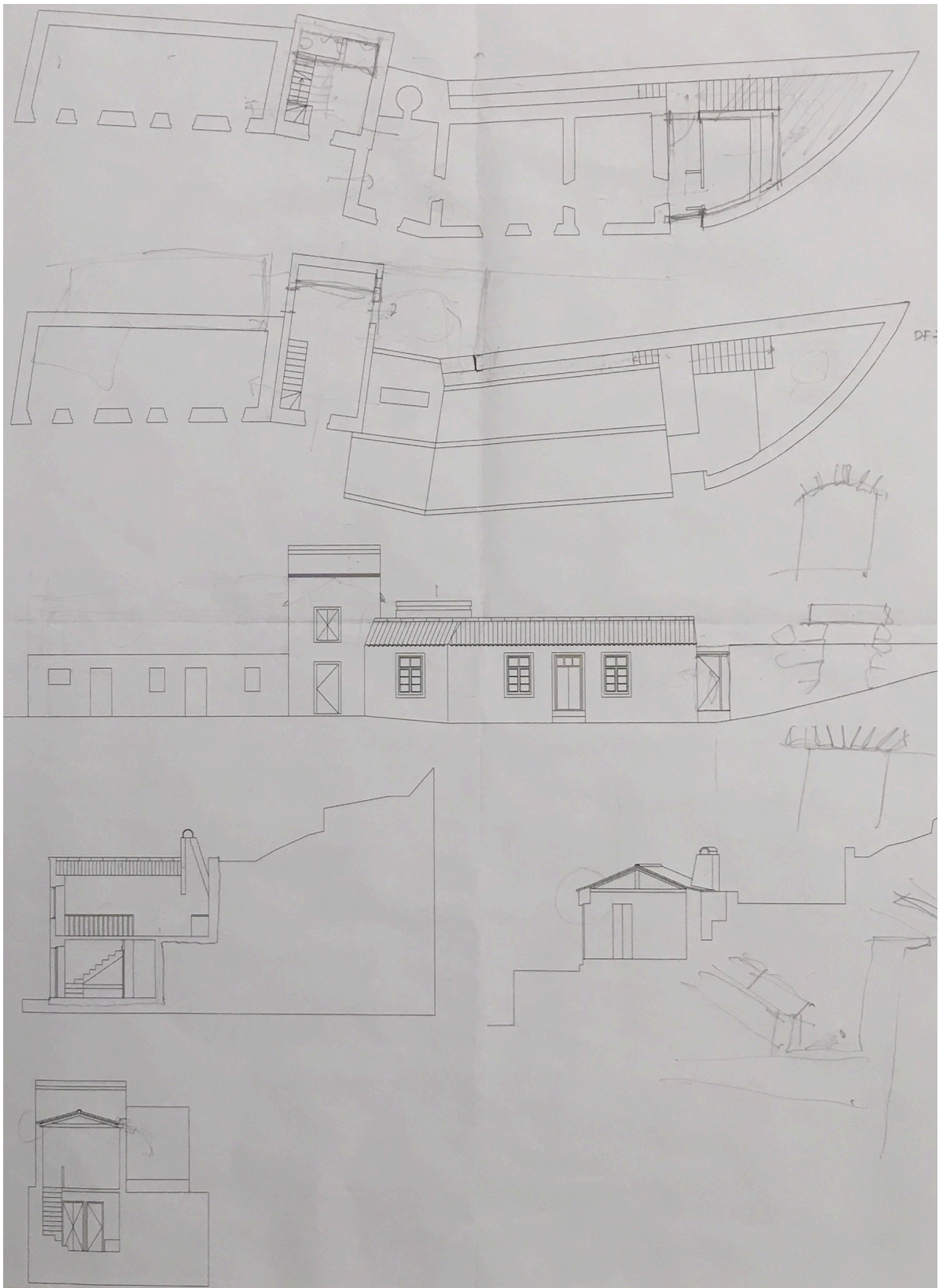
ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO



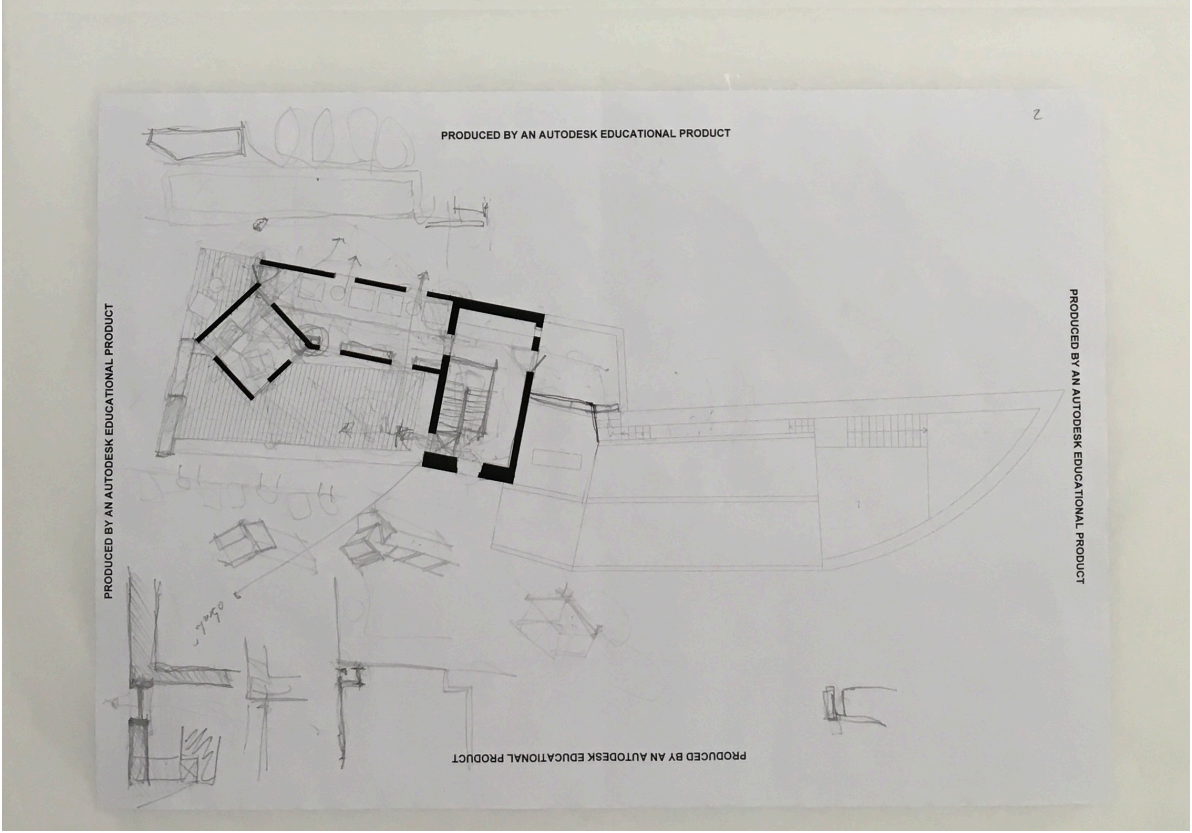
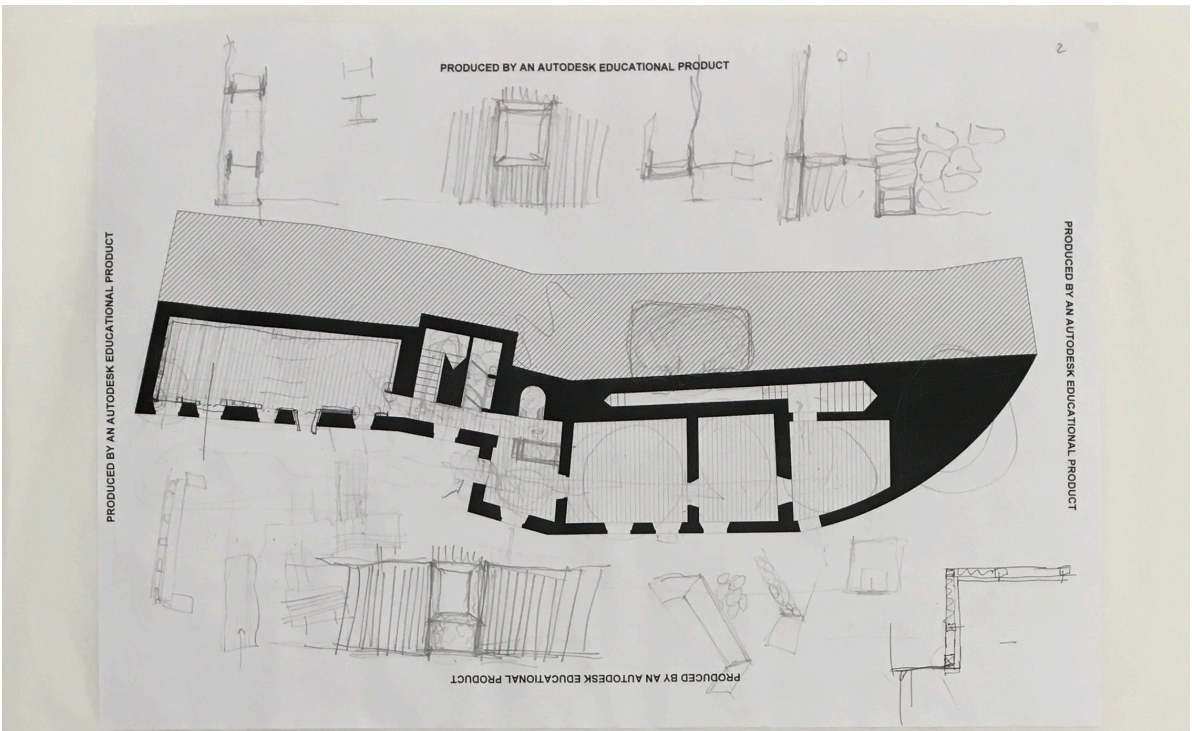
ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO



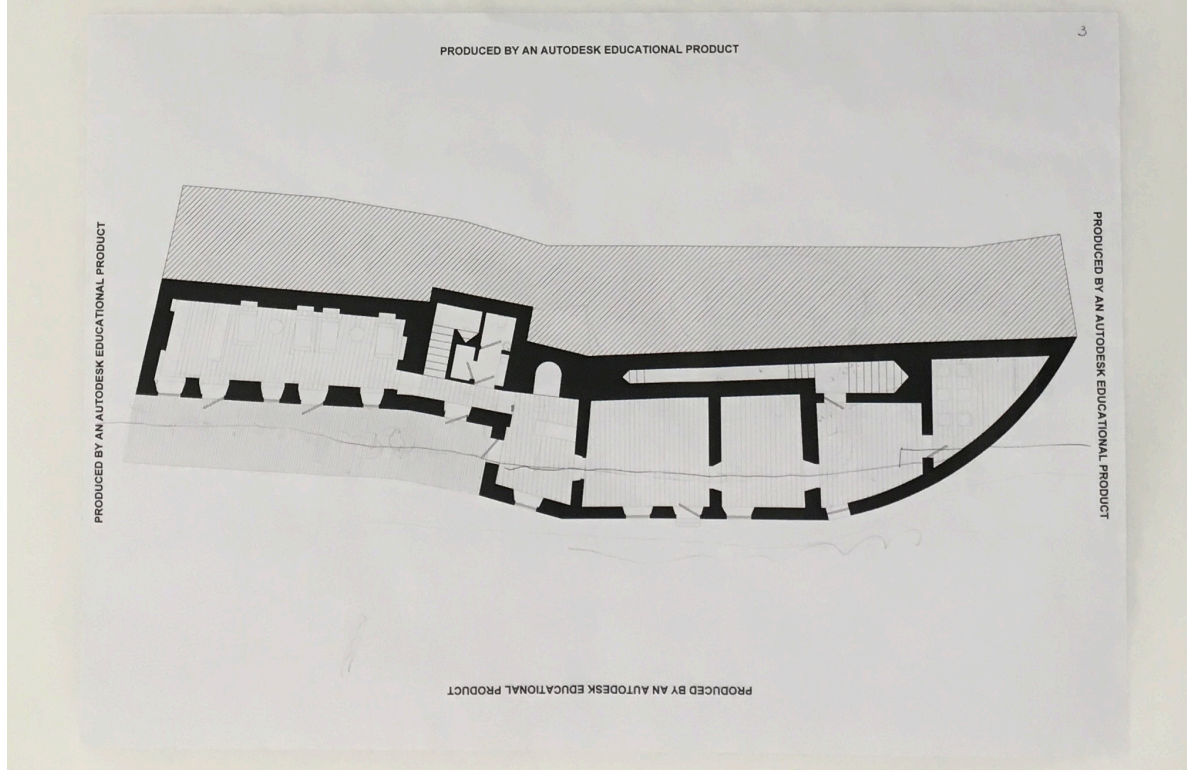
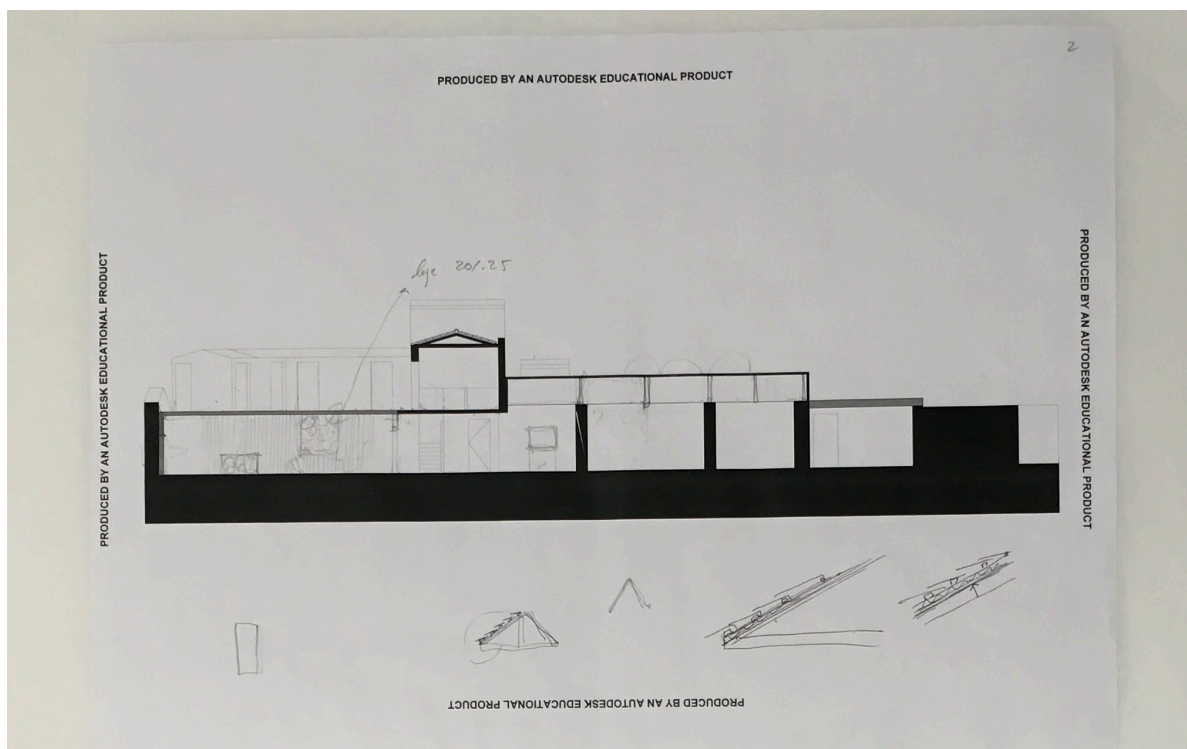
ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO



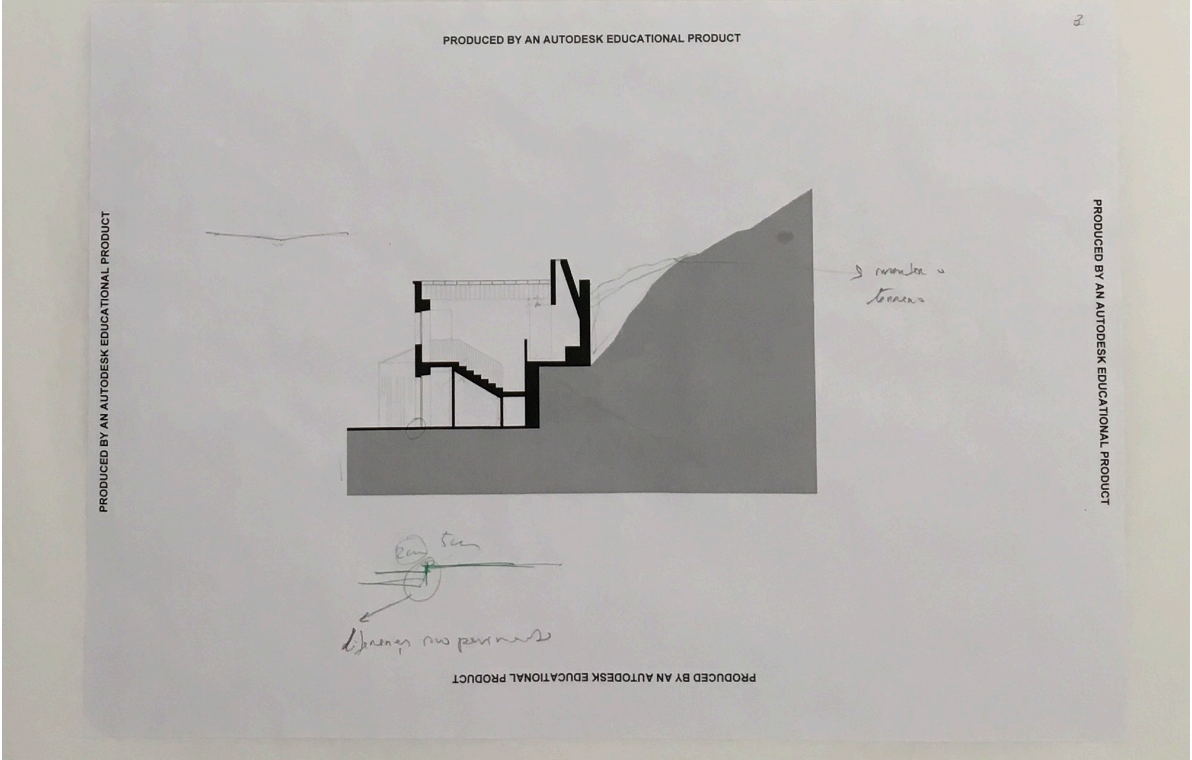
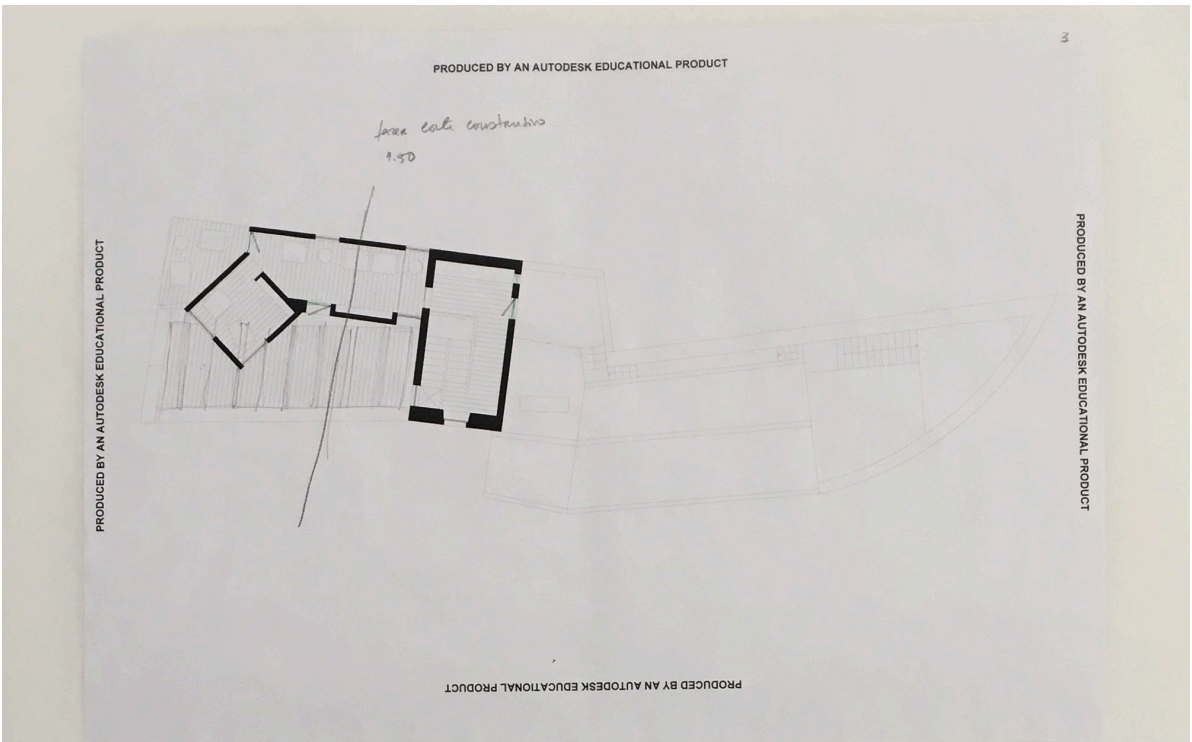
ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO



ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO

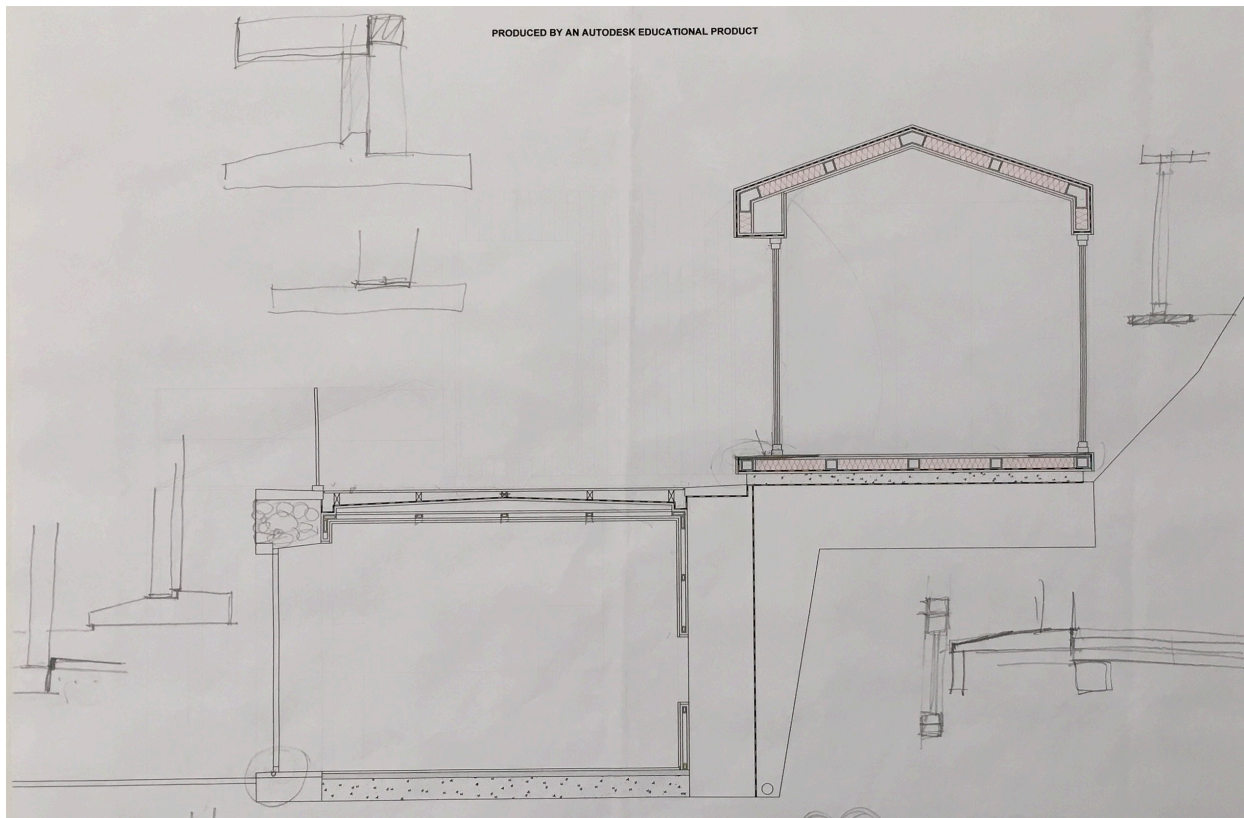
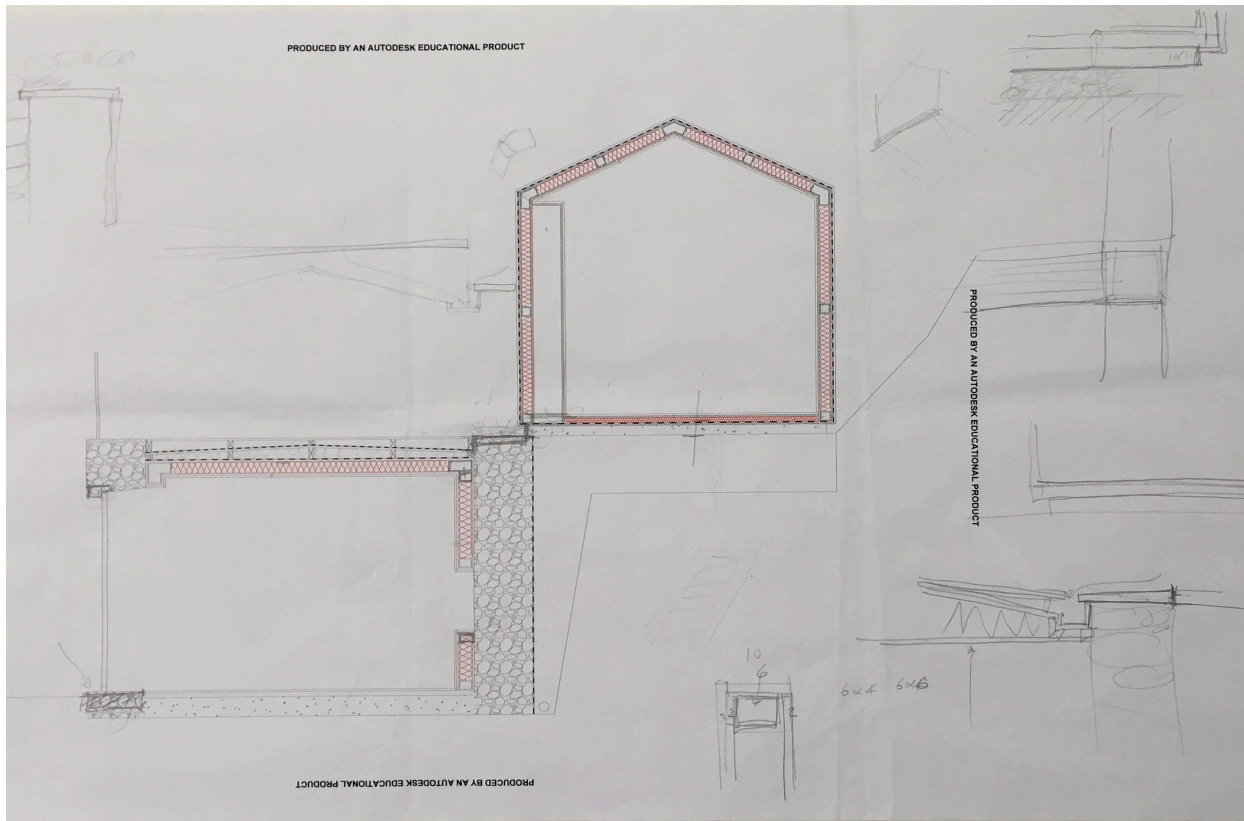


ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO

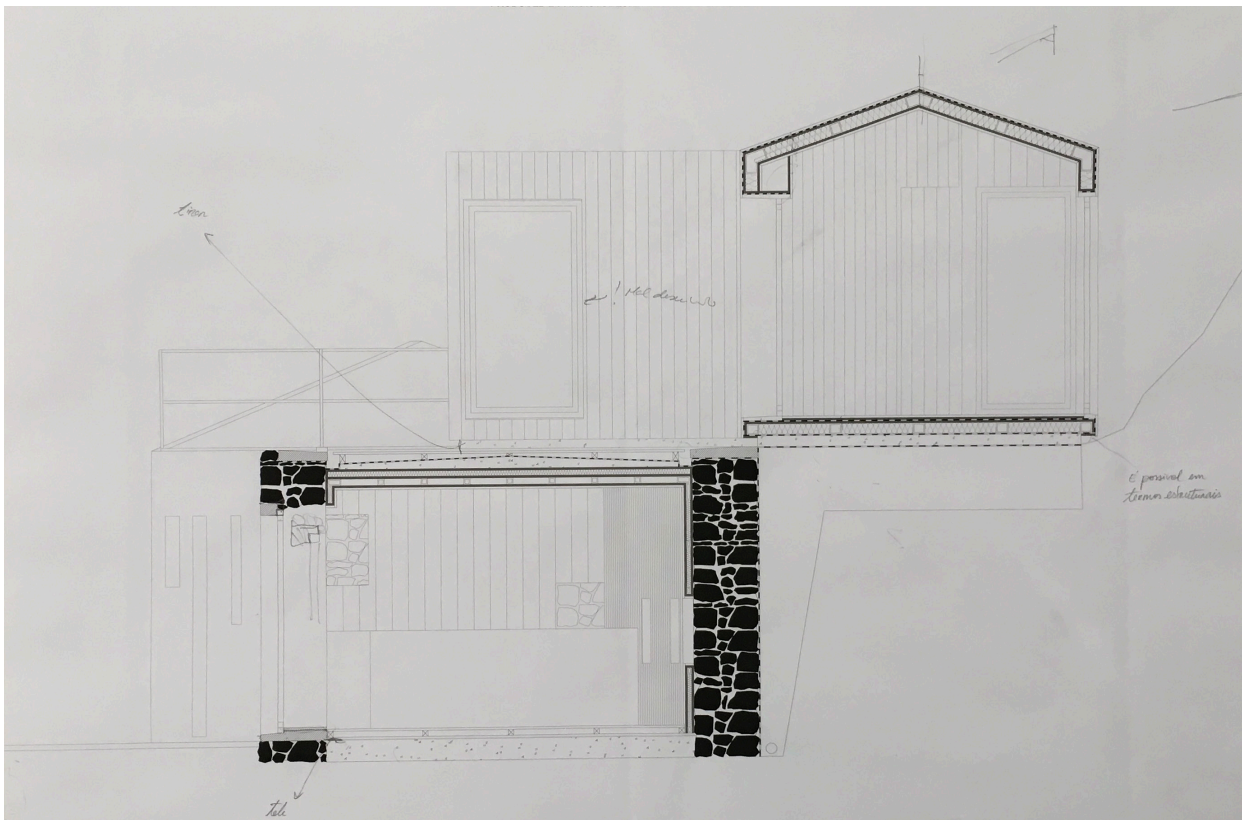
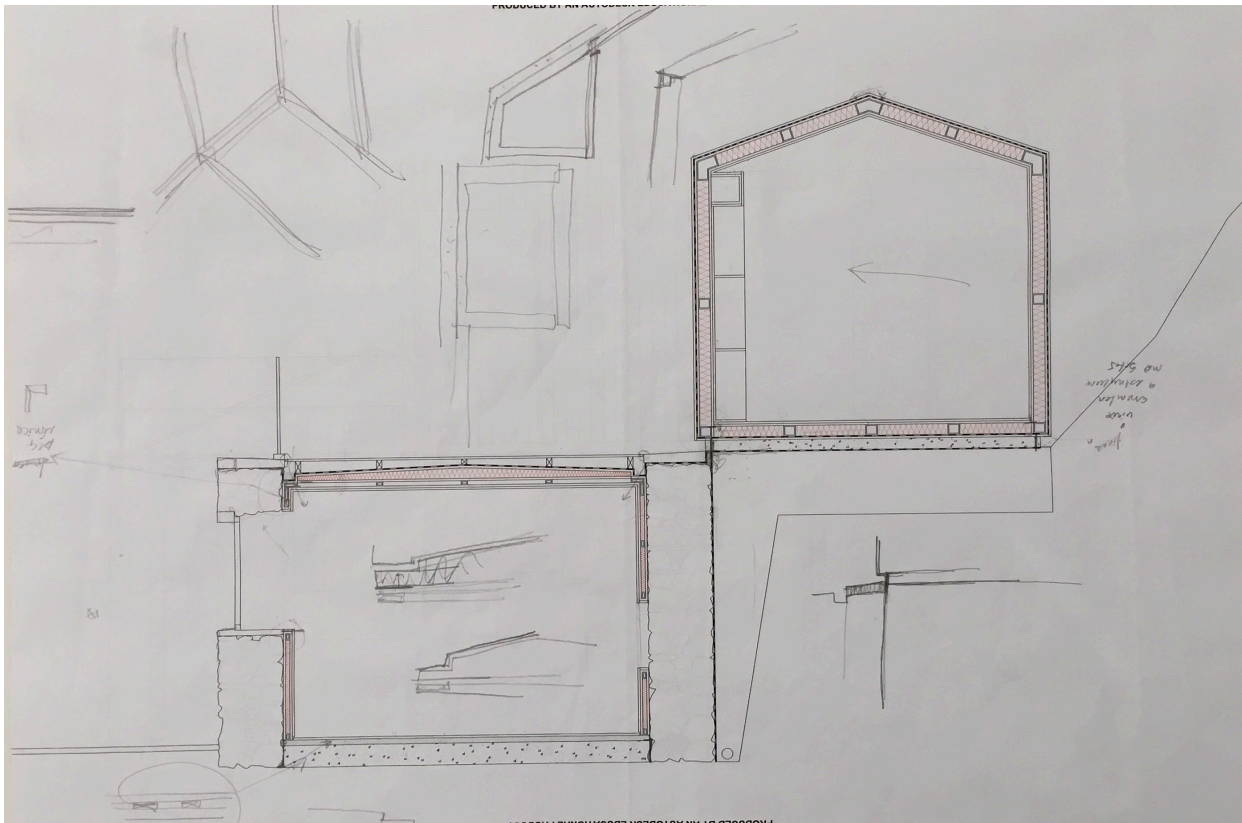




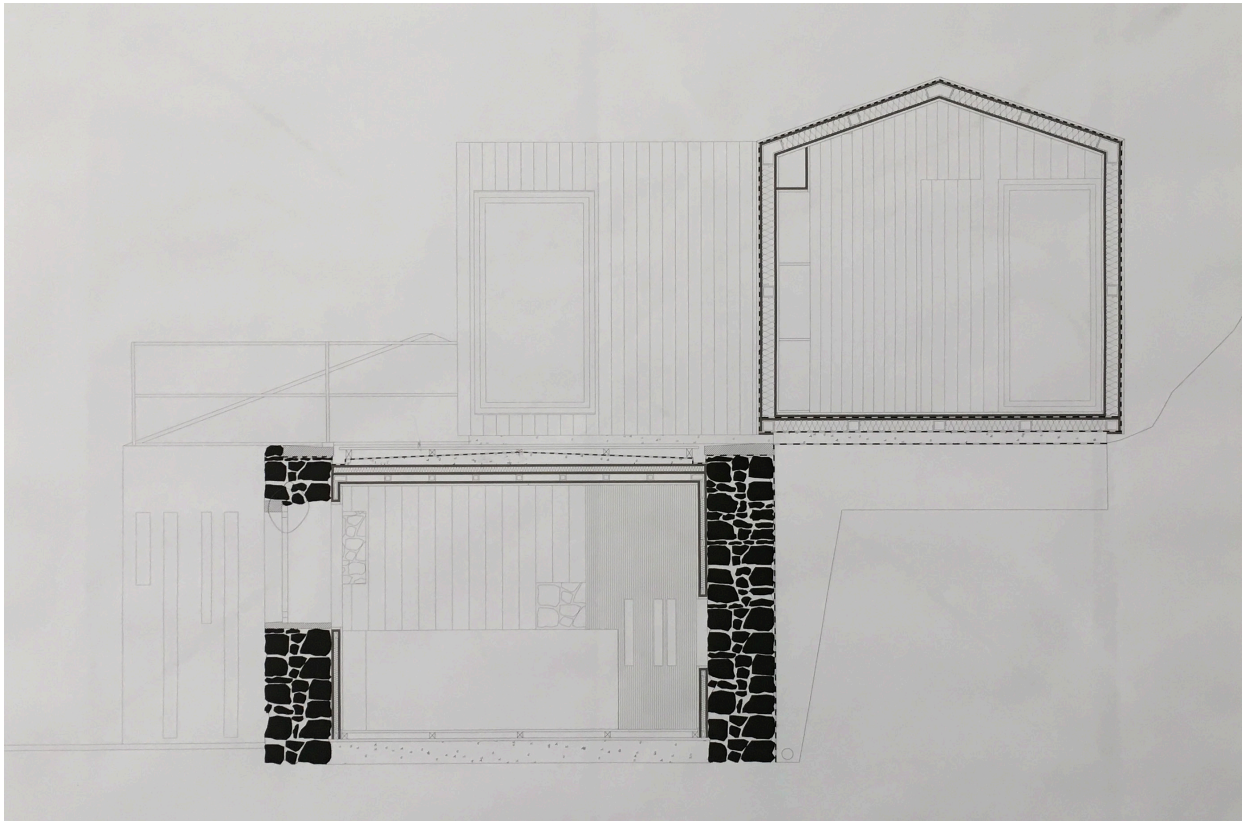
# ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO



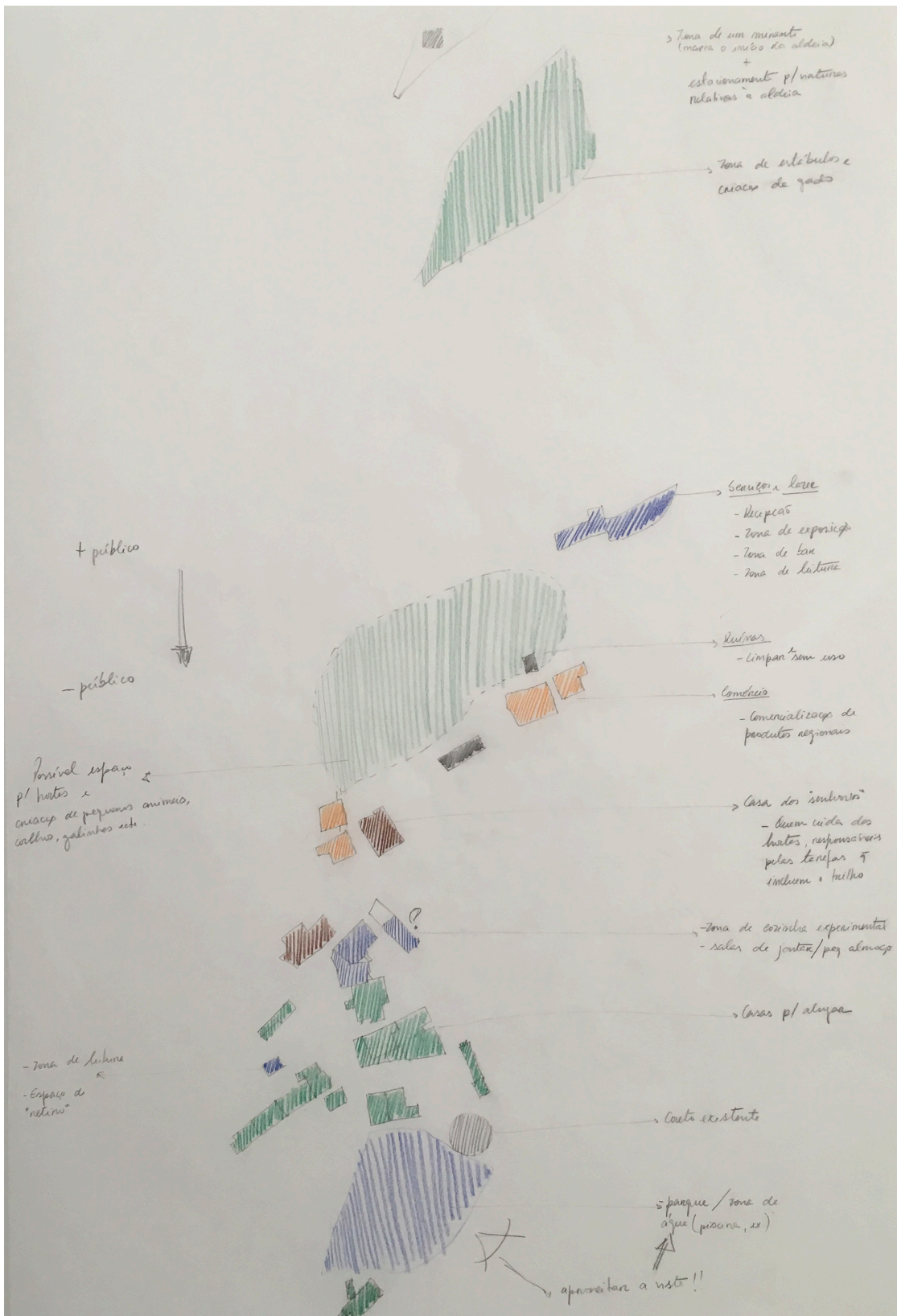
ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO



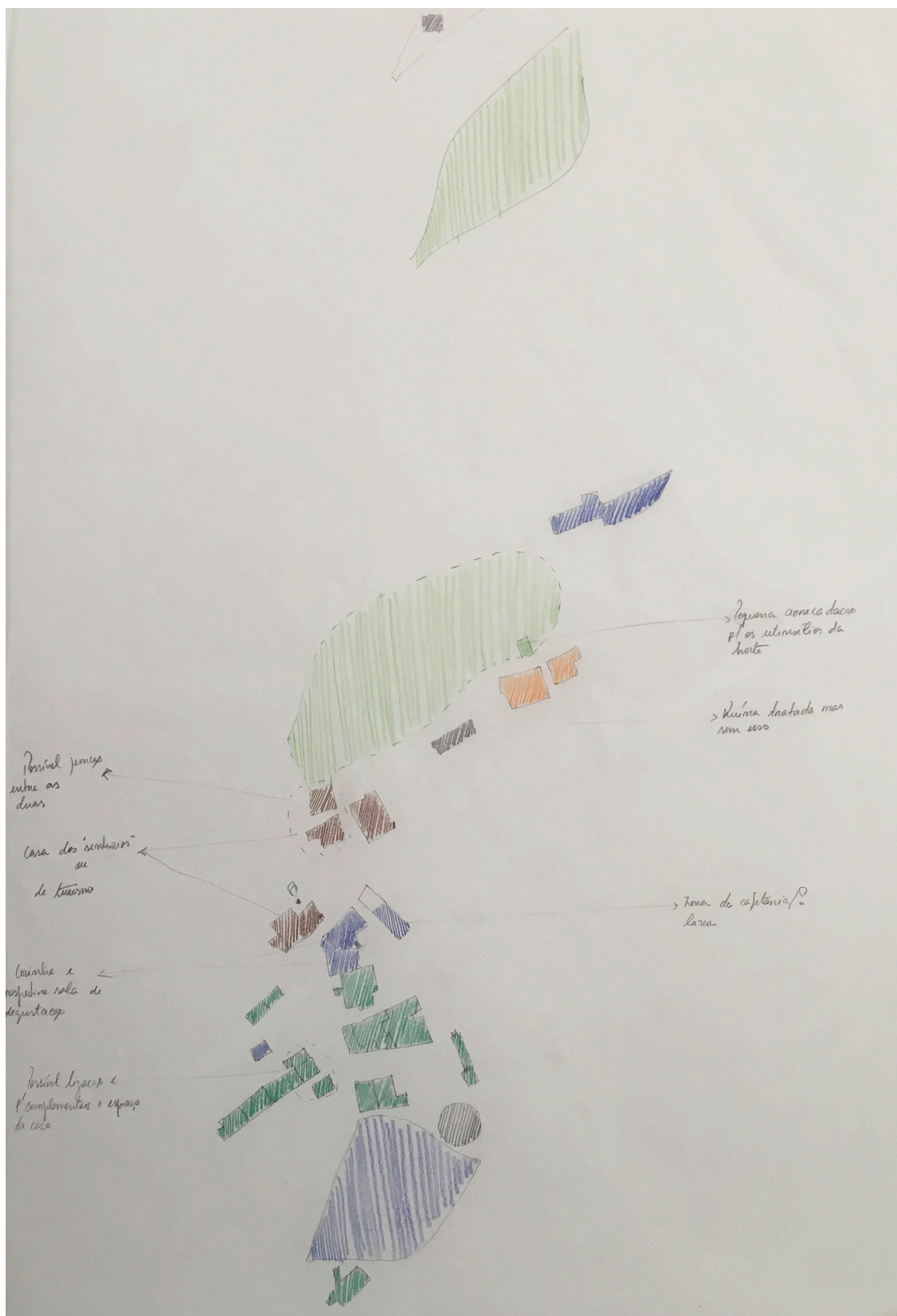
ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO



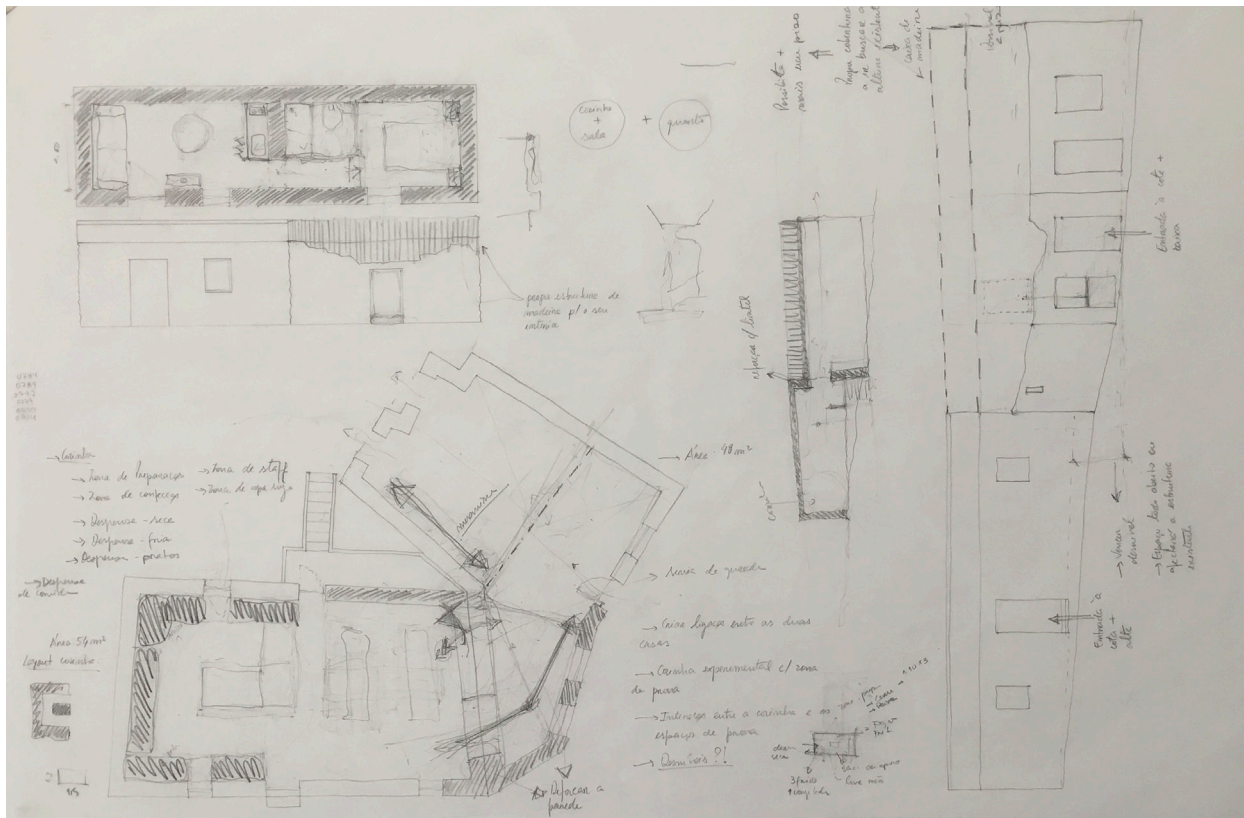
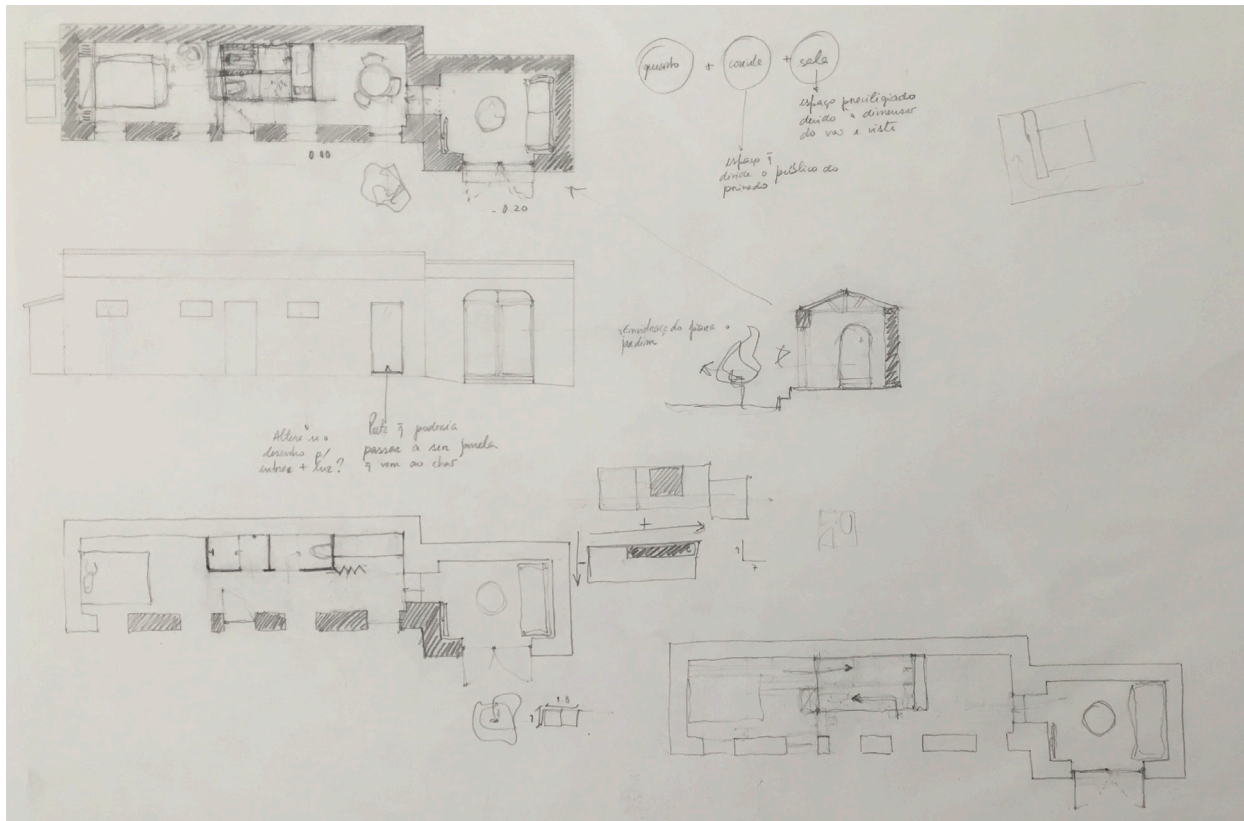
# ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO



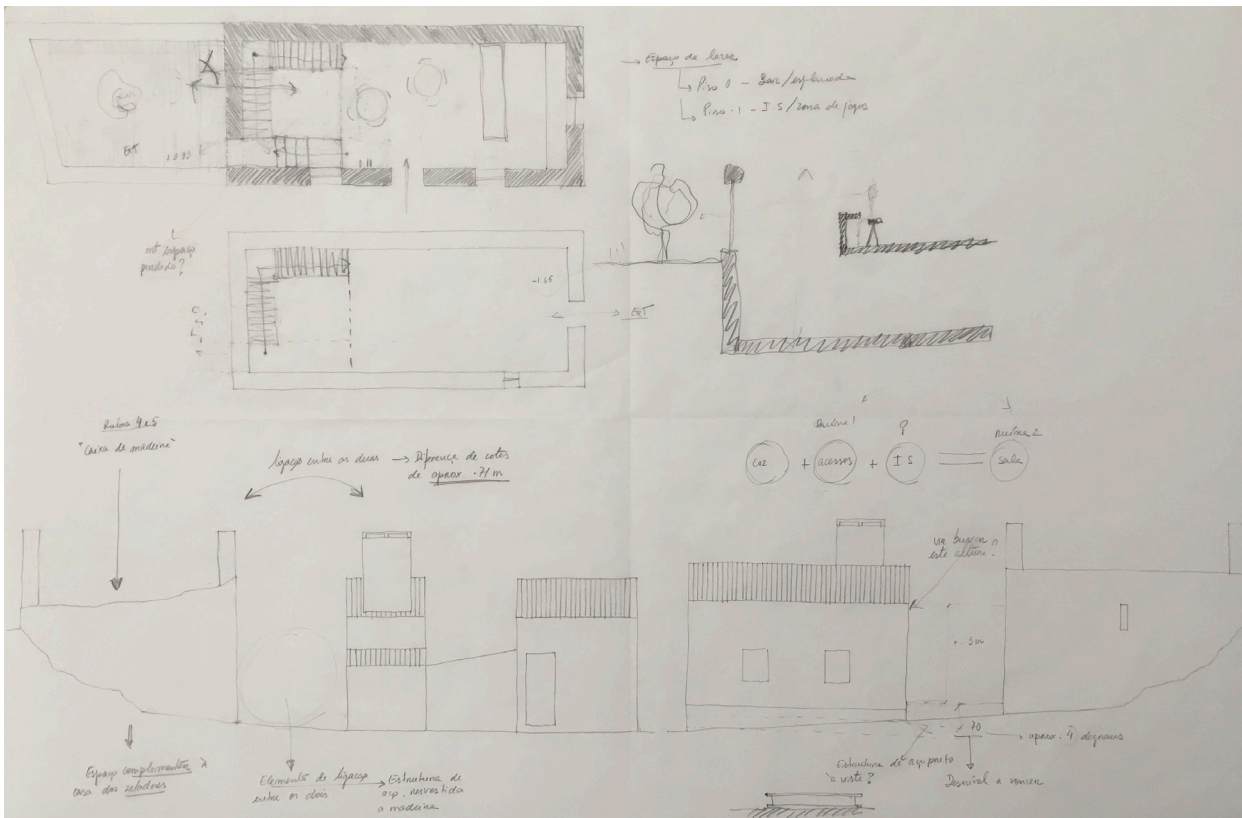
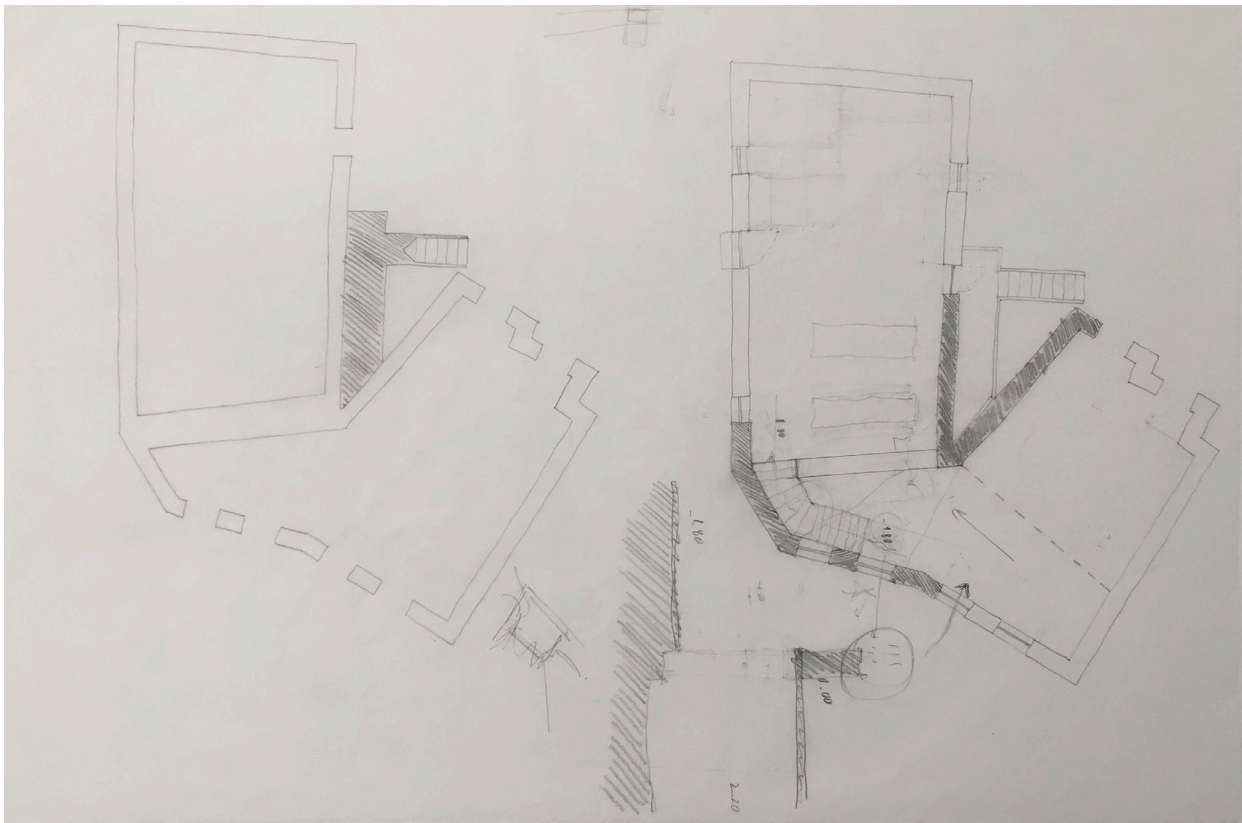
ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO



# ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO

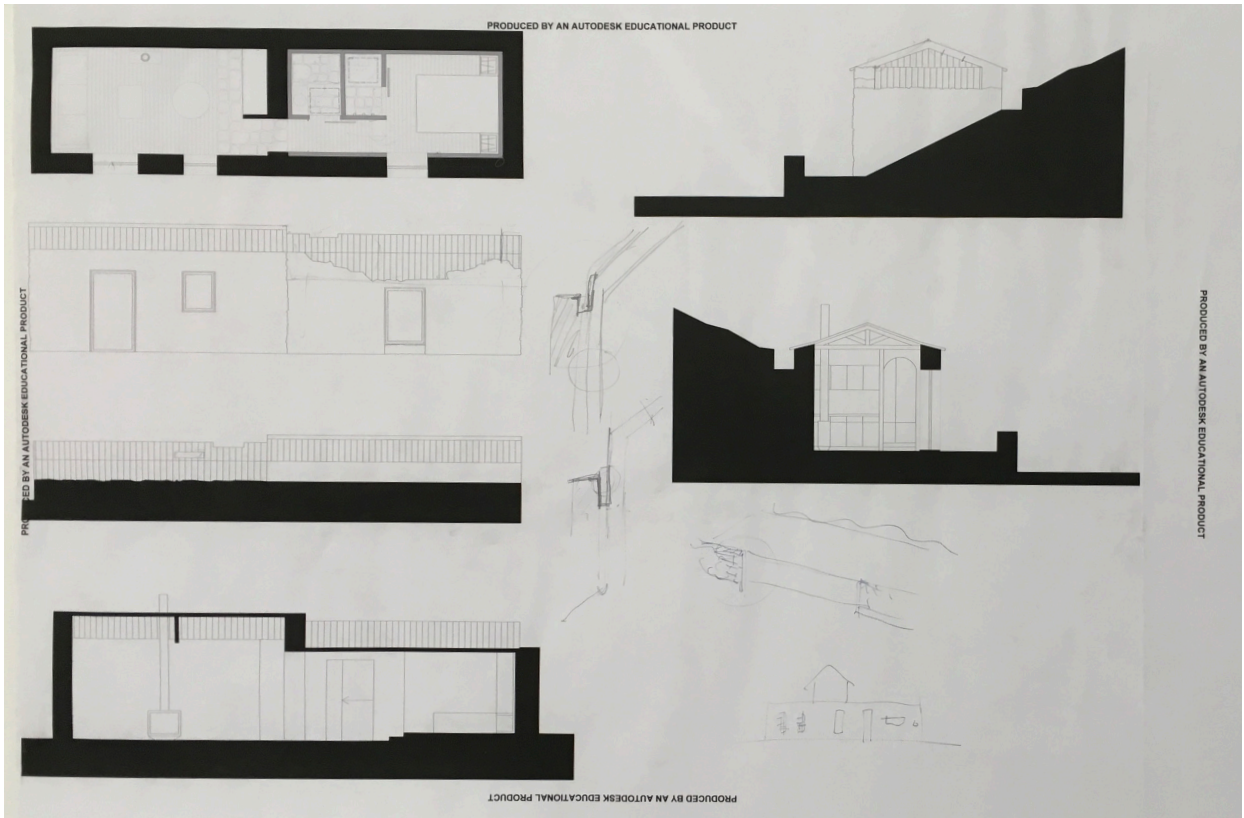
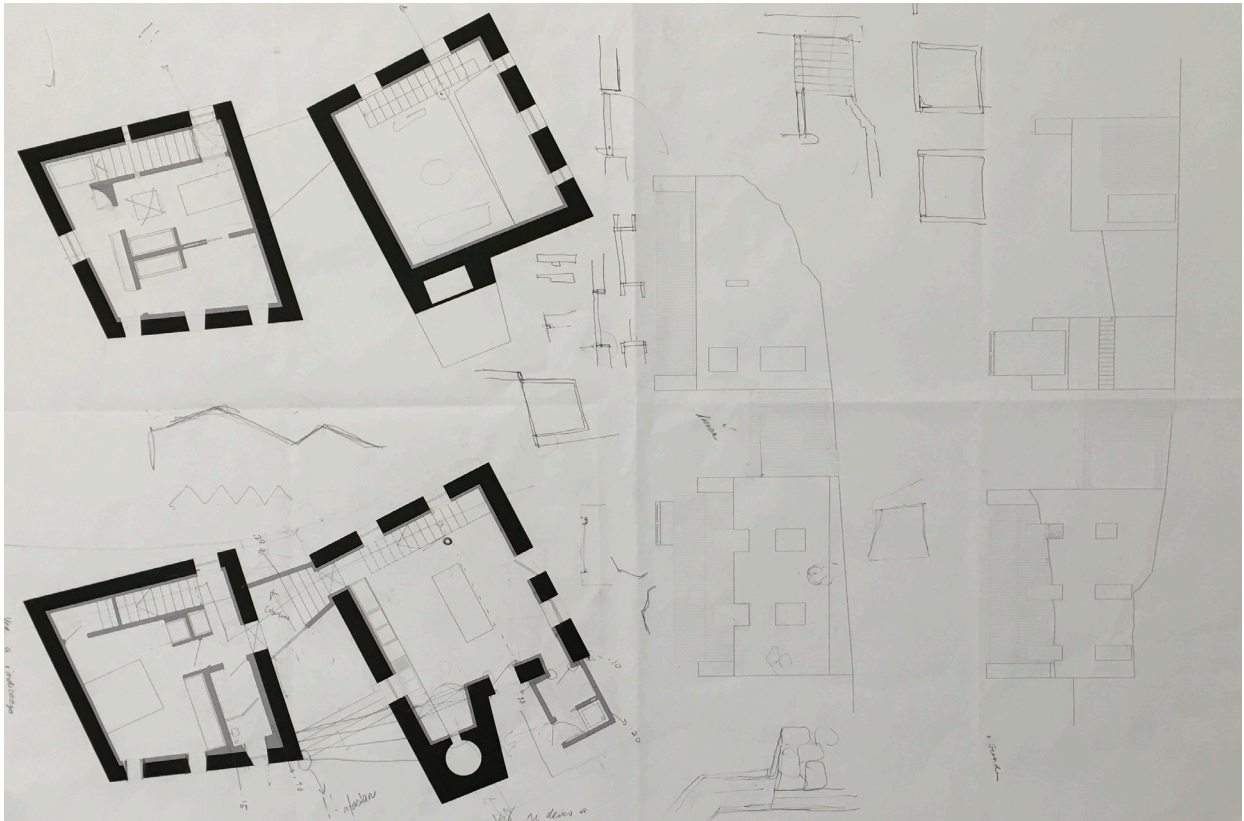


ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO





ANEXO III- PROCESSO DE TRABALHO



## ANEXOS IV – PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO





**ARQUIPÉLAGO AÇORES**

Conhecido por "Ilhas Vulcânicas", situado a Norte do Atlântico, com proximidade à grande ilha da Madeira, surge cruzada o meridiano das dividas norte-sul. "Relaciona-se num dos eixos transversais da placa tectónica local, situando-se a zona de fratura Gibraltar Açores" (FREITAS, 1980). O arquipélago calende-se assim, na direção este-oeste com uma pegada inclinado, apresenta-se desde o dique de São Jorge até ao dique de Ponta da Moura, passando pelo dique da Ponta da Moura e pelo dique da Ponta da Moura, constituída pela Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico, e Faial, e o Grupo Ocidental de que fazem parte Flores e Corvo. "O aspecto morfológico diferente, das várias ilhas, é o resultado dos tipos de erupção, mas de meios violentos, que lhes deu origem" (FREITAS, 1980).

**TERRAS DO PILOLO**

Território na ilha de São Miguel constituído por duas concelhos: Nordeste e Povoação, considerados como as concelhos mais rurais e menos povoados da ilha. O nome "Pilo" foi atribuído a este território, devido a espécies de pássaros em vias de extinção que habitam no mesmo.

**CONCELHO DA POVOAÇÃO**

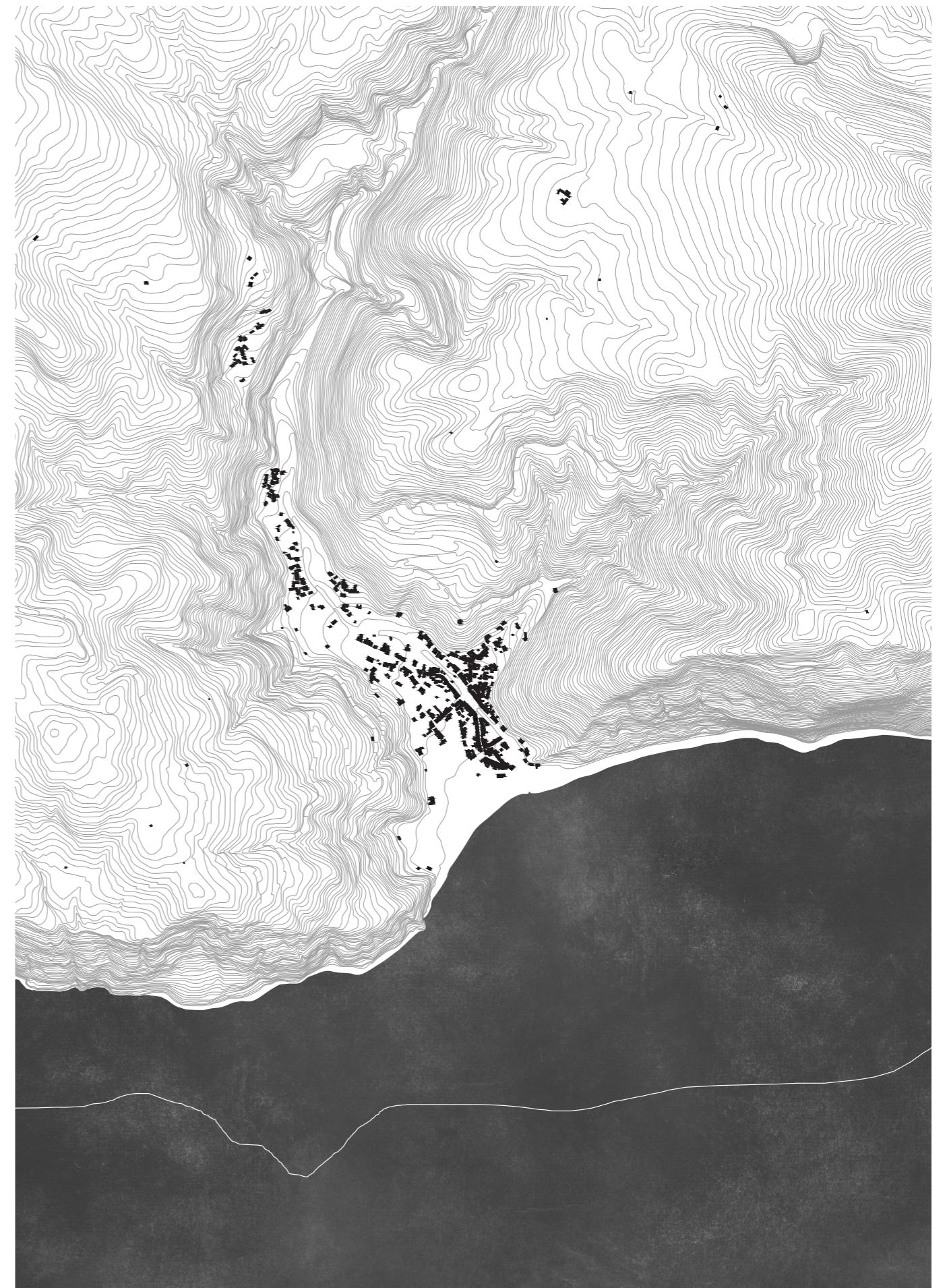
O concelho da Povoação, com aproximadamente 110,30km<sup>2</sup> de área, situa-se a SE da ilha, distando 69 km do cachoeira de Ponta Delgada. É delimitado pelos municípios de Vila Franca do Campo (a oeste), da Ribeira Grande (a norte) e do Nordeste (nascente). Possui 6 freguesias e um total de habitantes de 6726. A semelhança do concelho do Nordeste, também no concelho da Povoação se deteta uma forte dependência económica sobre o setor primário, no entanto mais ligada à pecuária do que à agricultura.

**FALSA DA TERRA - LOCAL DE INTERVENÇÃO**

Freguesia situada no concelho da Povoação, com uma área de 12,69 km<sup>2</sup> e 359 habitantes. Possui várias pontos turísticos como por exemplo o "Salto do Prego", o "Linho do Sanguincho" e a "Falá do caibão". O local de intervenção situa-se numa aldeia que se encontra no topo do Sanguincho.

"(...) A geografia, para nós, vale outro tanto como a história, e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar (...)"

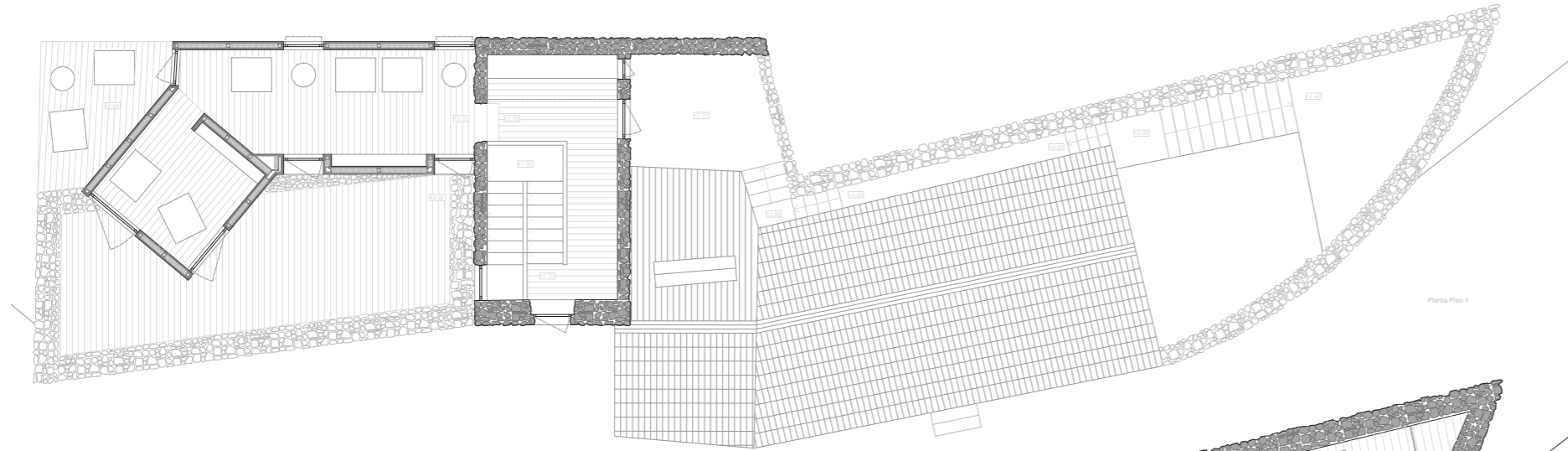
Vitorino Nemésio



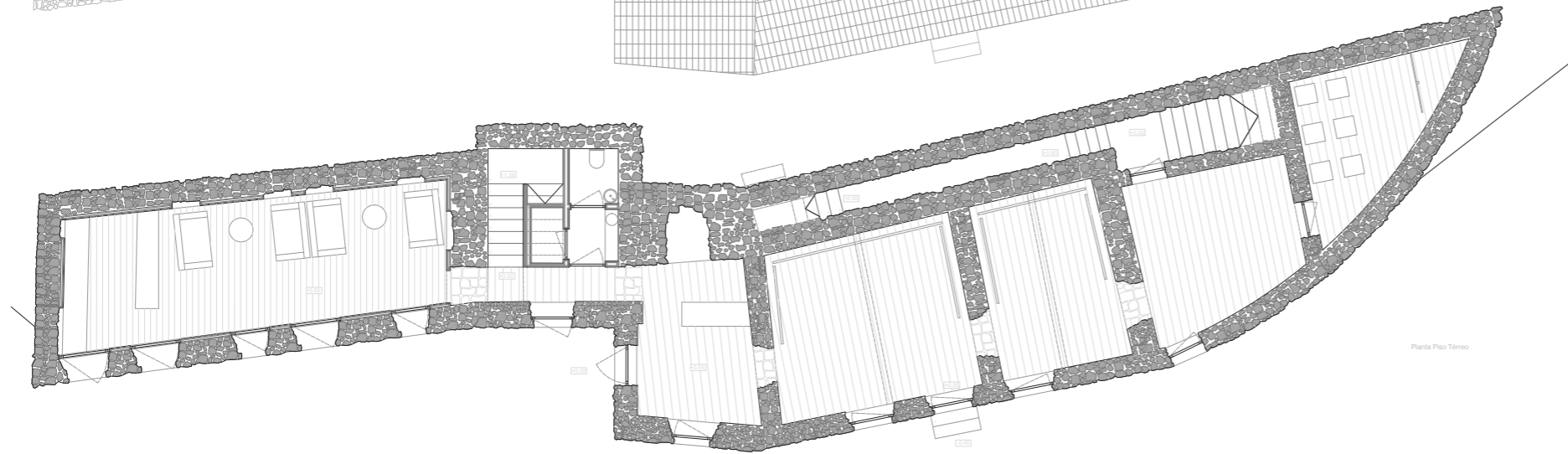
# ANEXO IV - PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO



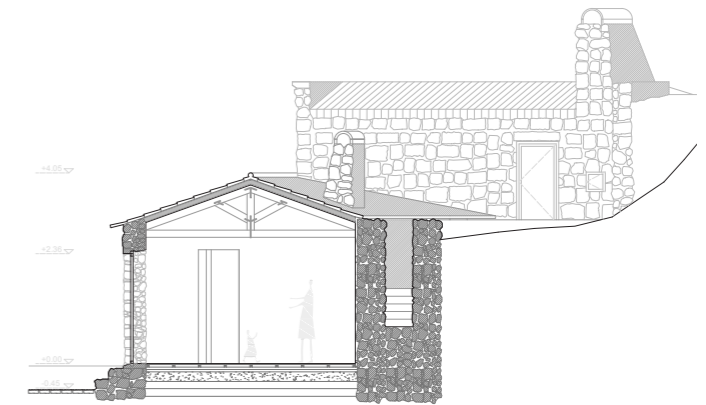
ANEXO IV - PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO



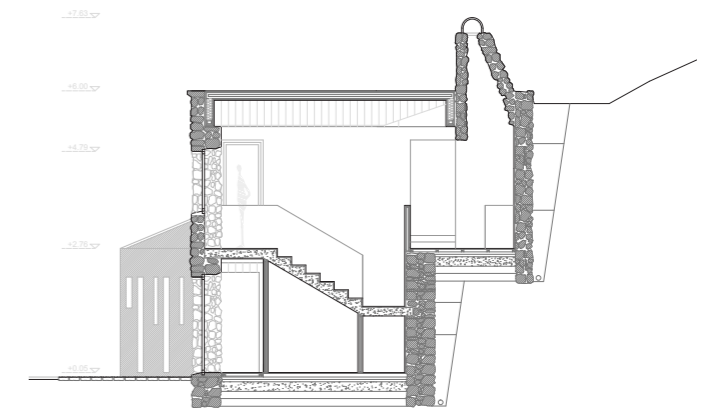
Planta Piso 1



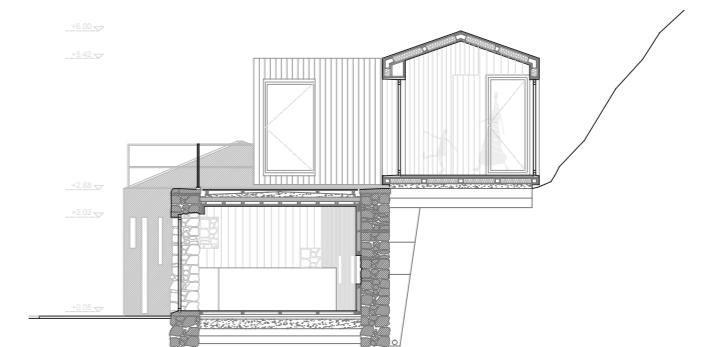
Planta Piso Térreo



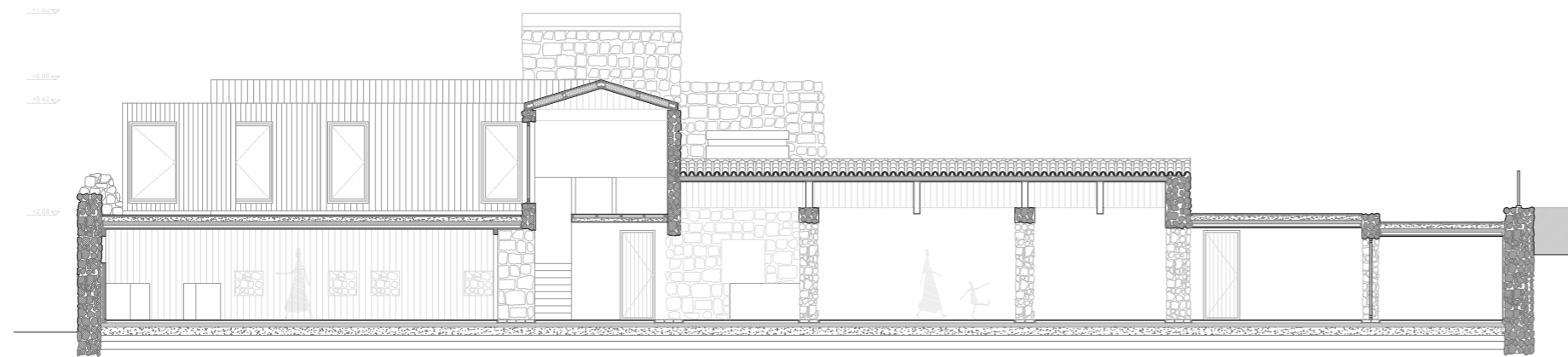
Corte Transversal



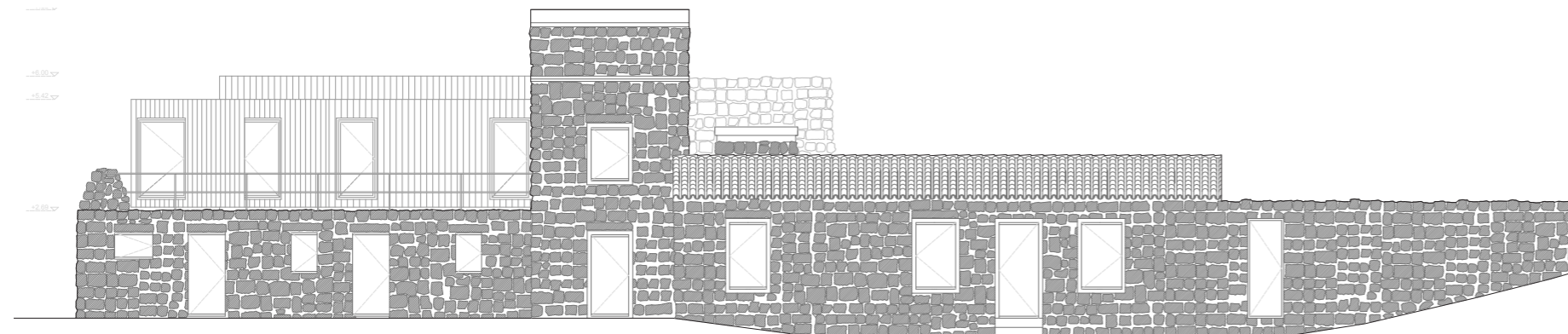
Corte Transversal



Corte Transversal

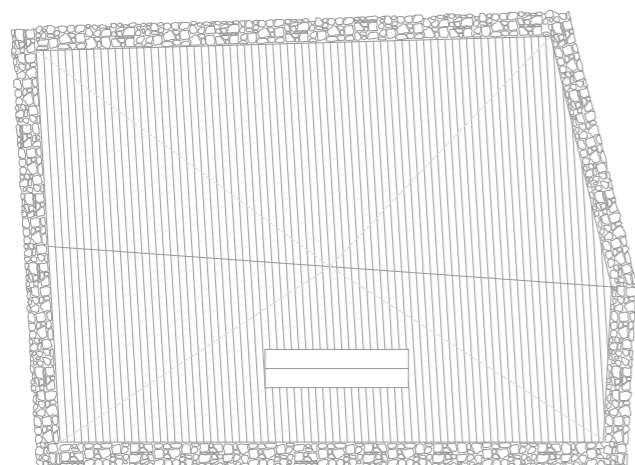


Corte Longitudinal

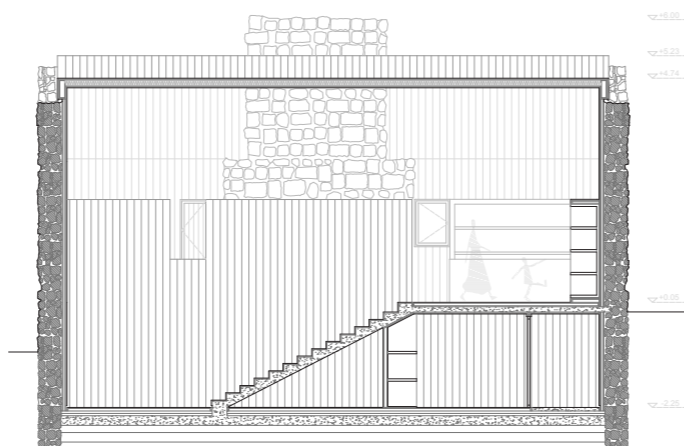


Alçado Principal

# ANEXO IV - PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO



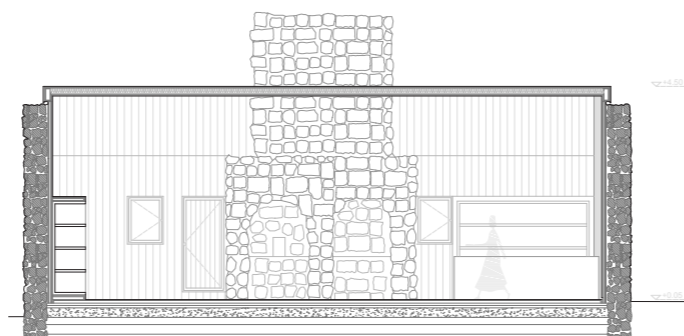
Planta Cobertura



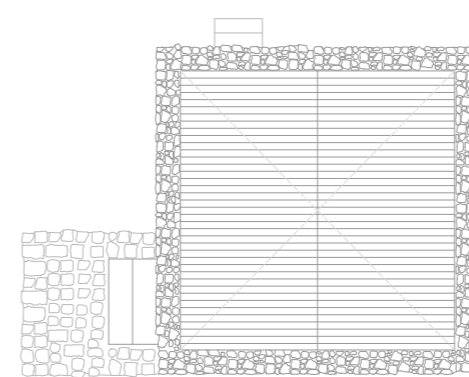
Corte Longitudinal



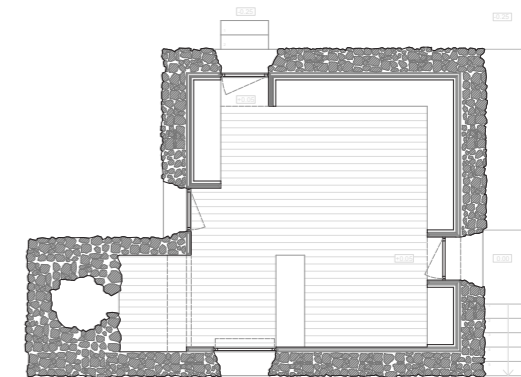
Planta Piso Térreo



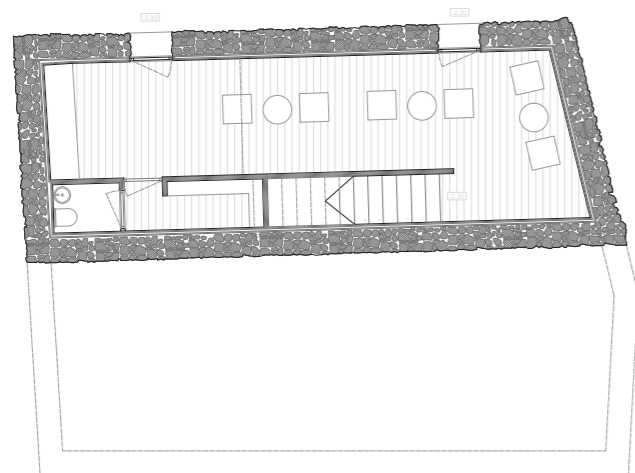
Corte Longitudinal



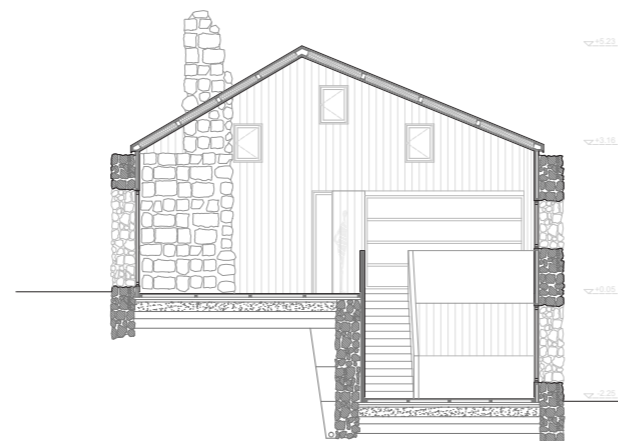
Planta Cobertura



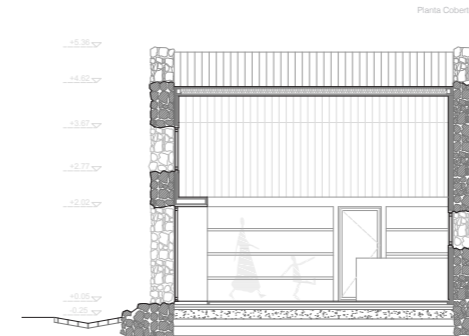
Planta Piso Térreo



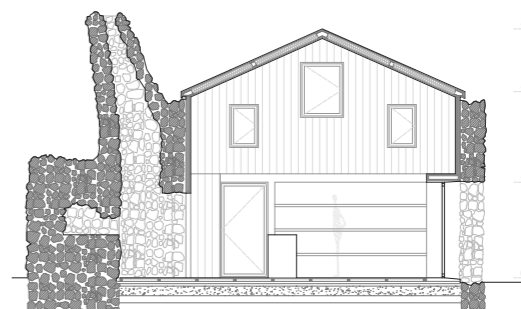
Planta Piso -1



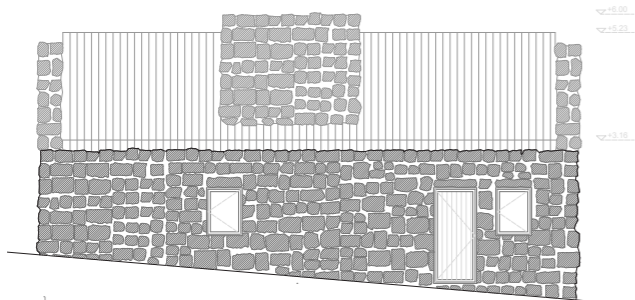
Corte Transversal



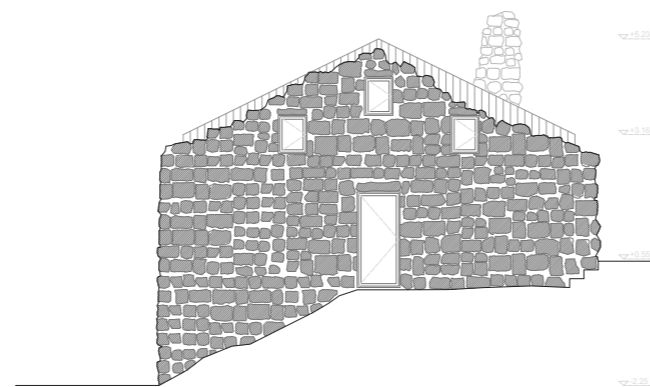
Corte Transversal



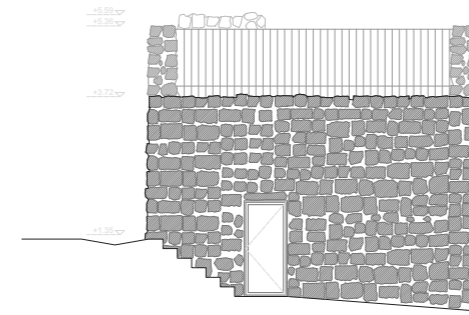
Corte Longitudinal



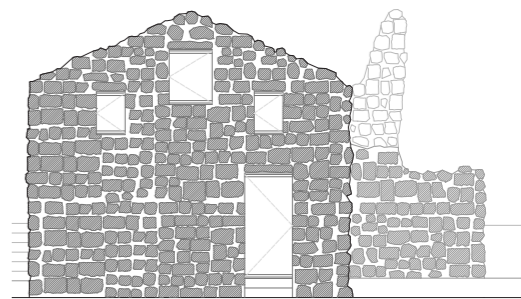
Alçado Principal



Alçado Lateral Esquerdo

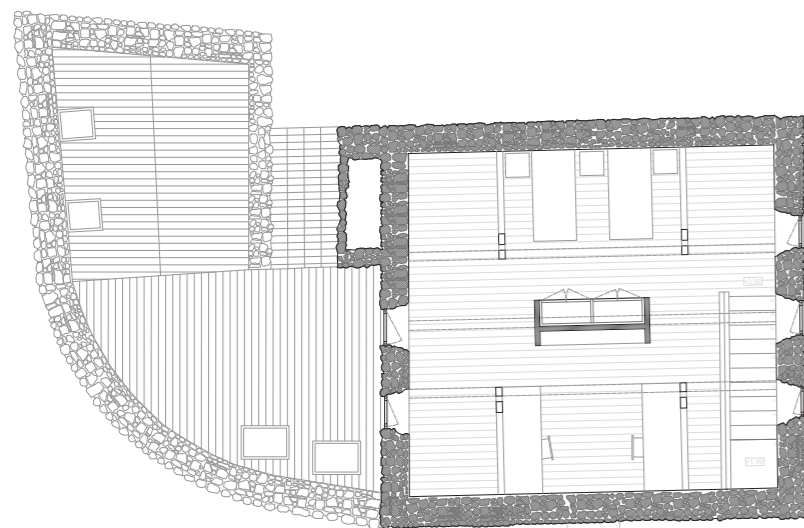


Alçado Lateral Esquerdo

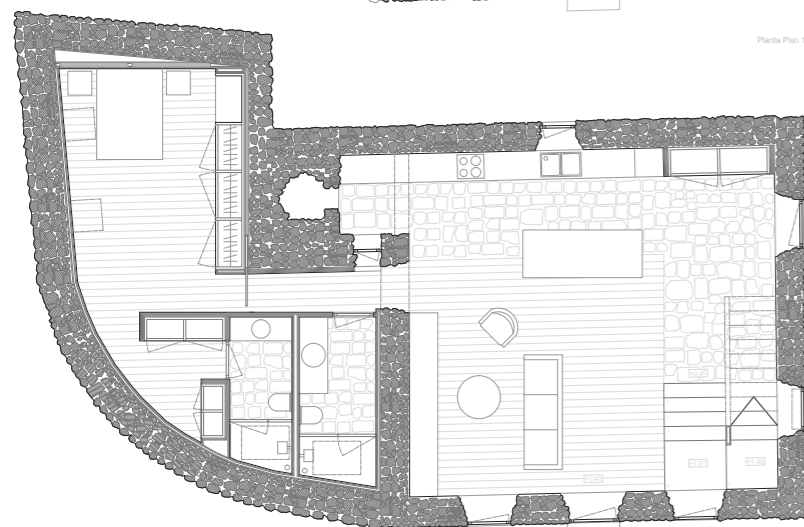


Alçado Direito

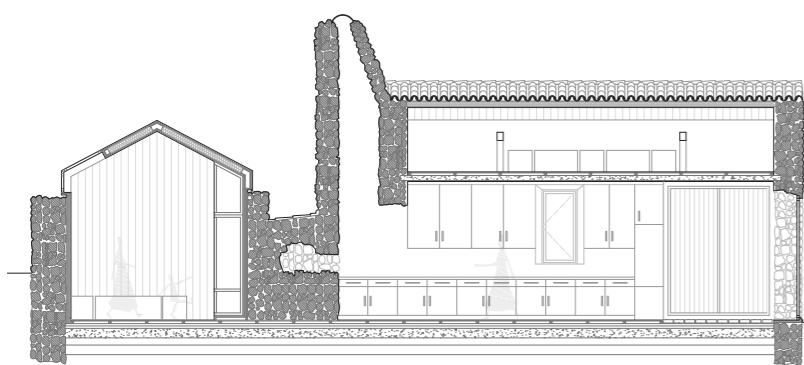
# ANEXO IV - PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO



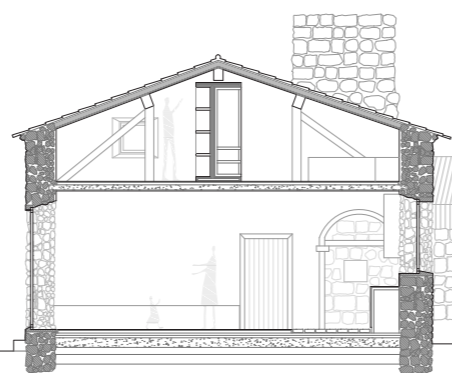
Planta Piso 1



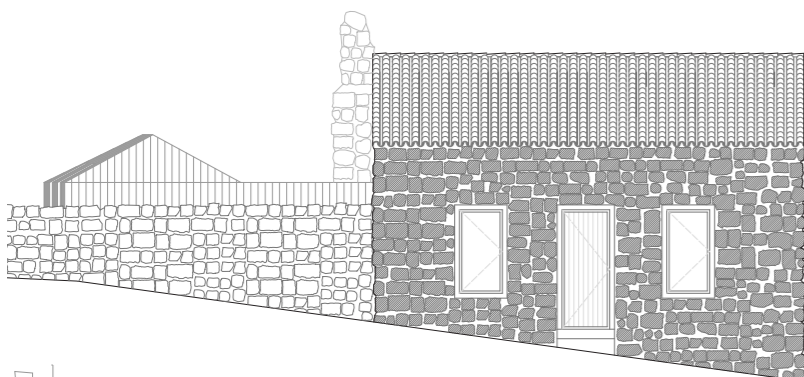
Planta Piso Térreo



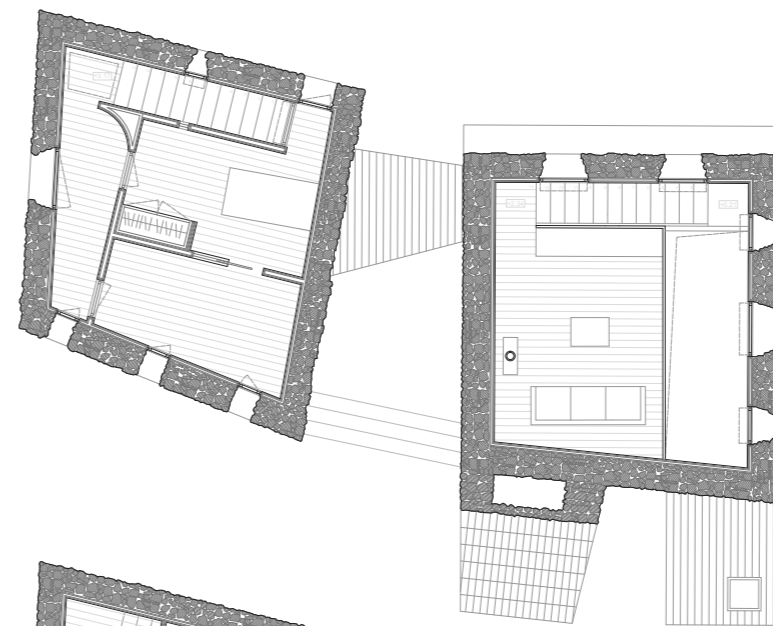
Corte Longitudinal



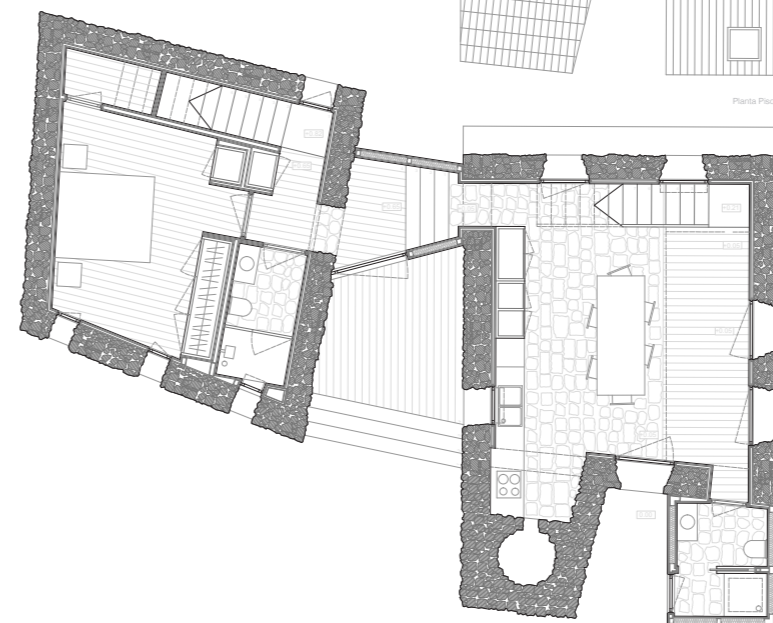
Corte Transversal



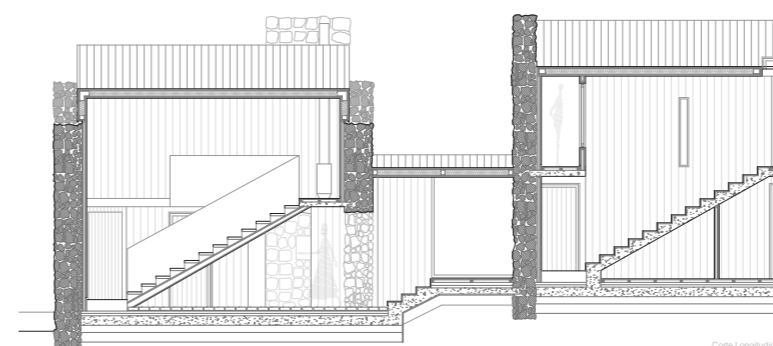
Alçado Principal



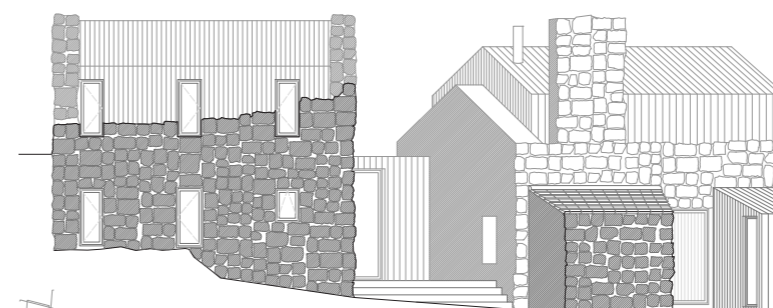
Planta Piso 1



Planta Piso Térreo



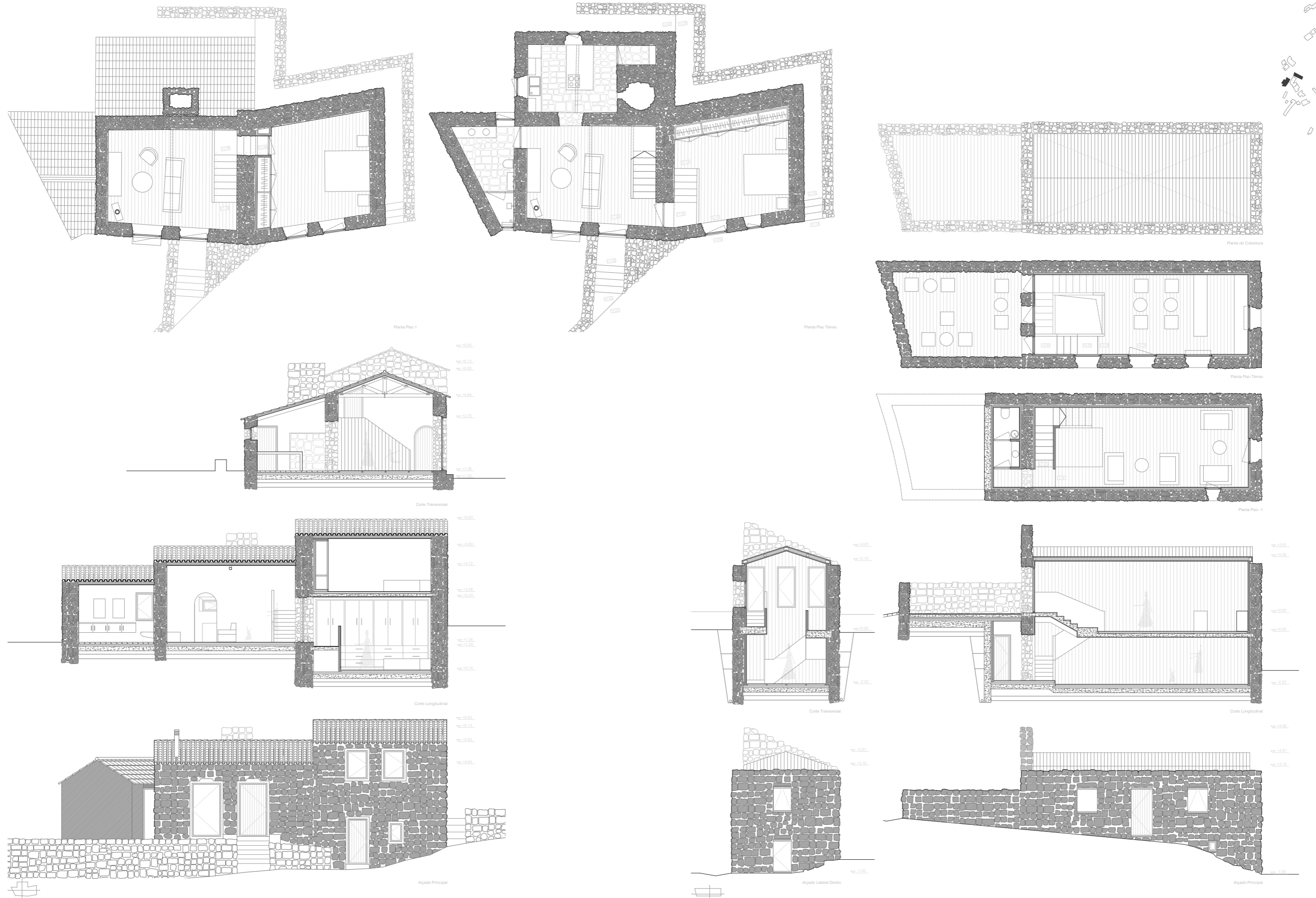
Corte Longitudinal



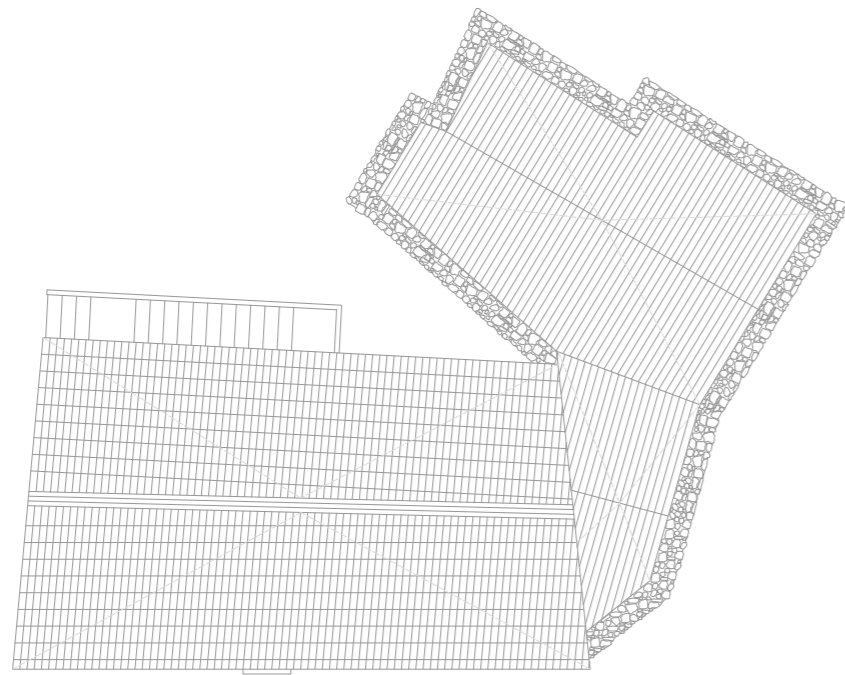
Alçado Lateral Esquerdo



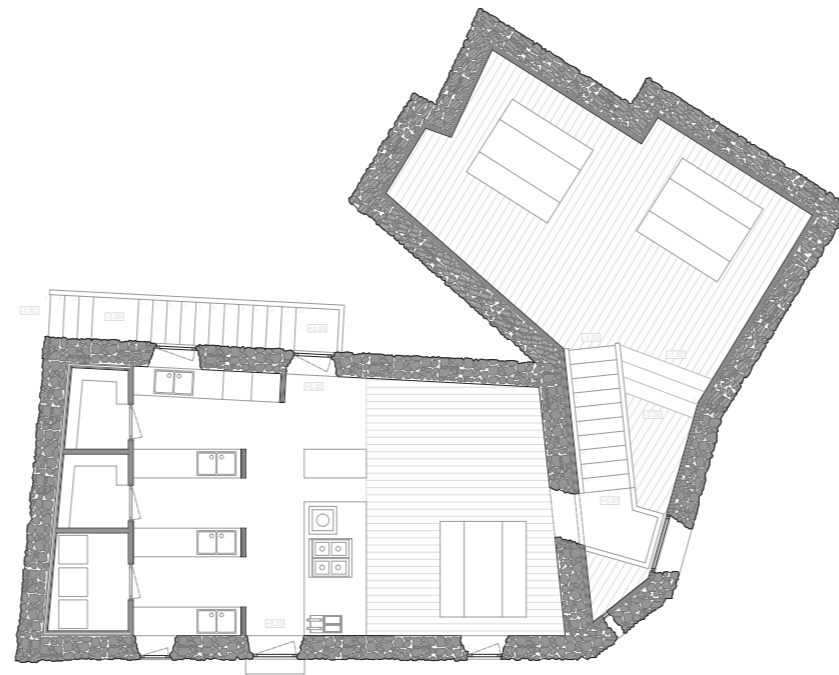
# ANEXO IV - PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO



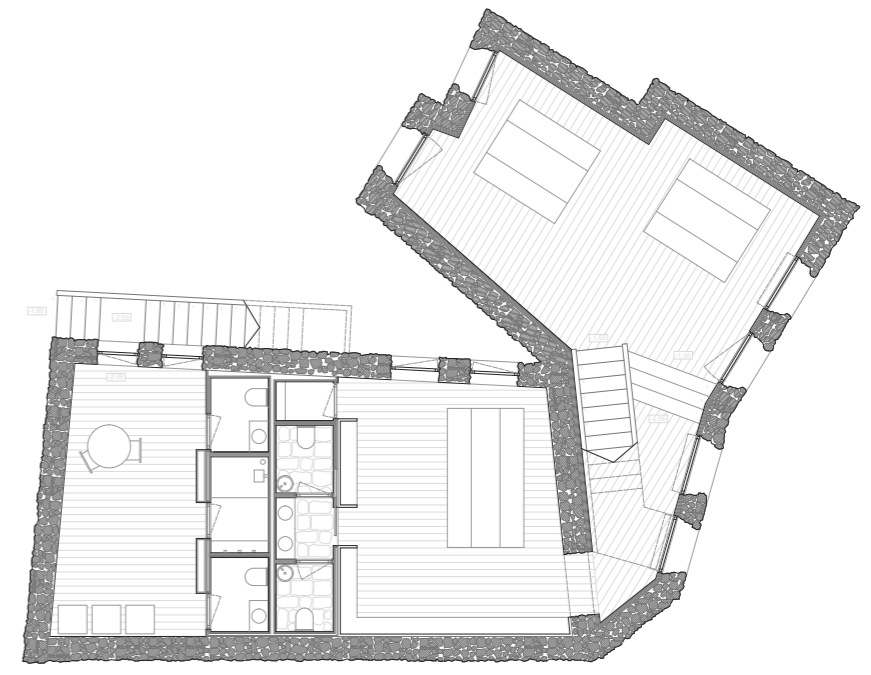
ANEXO IV - PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO



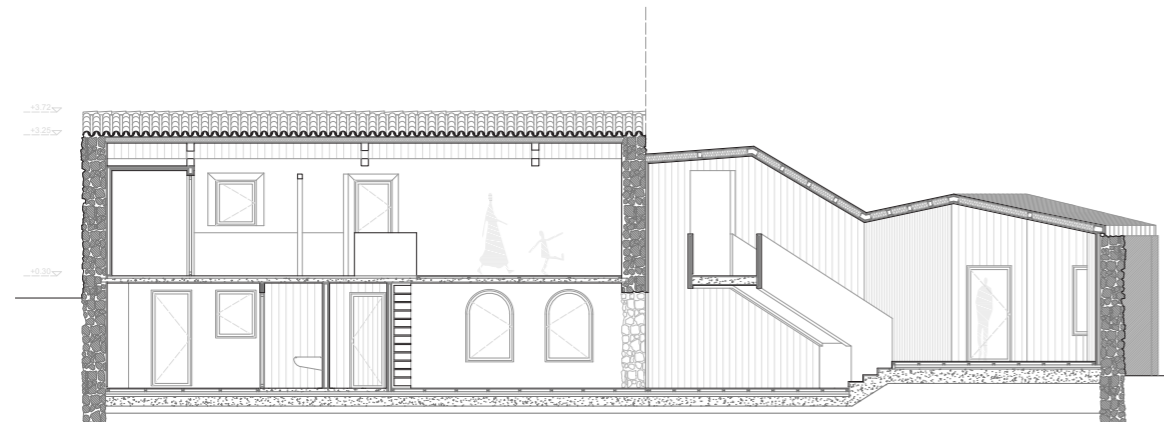
Planta Cobertura



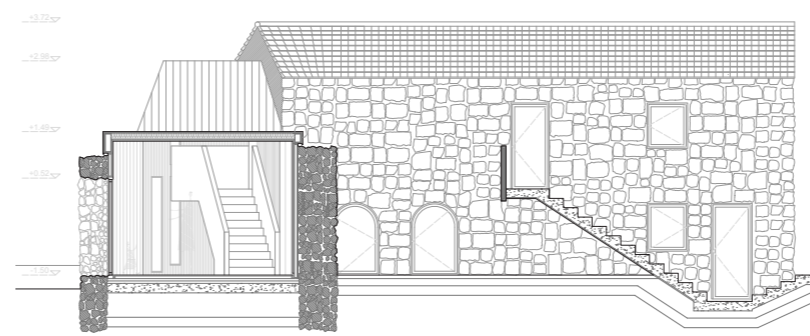
Planta Piso Térreo



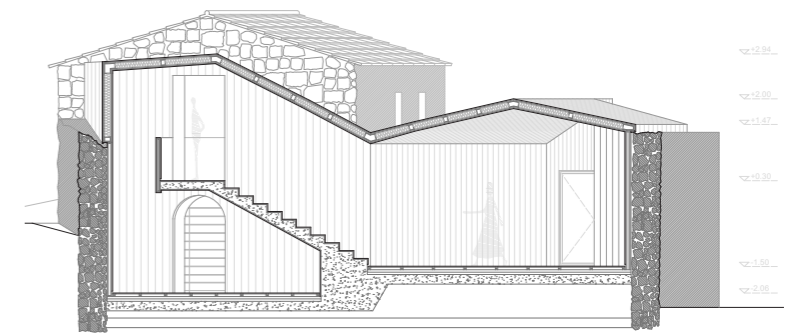
Planta Piso -1



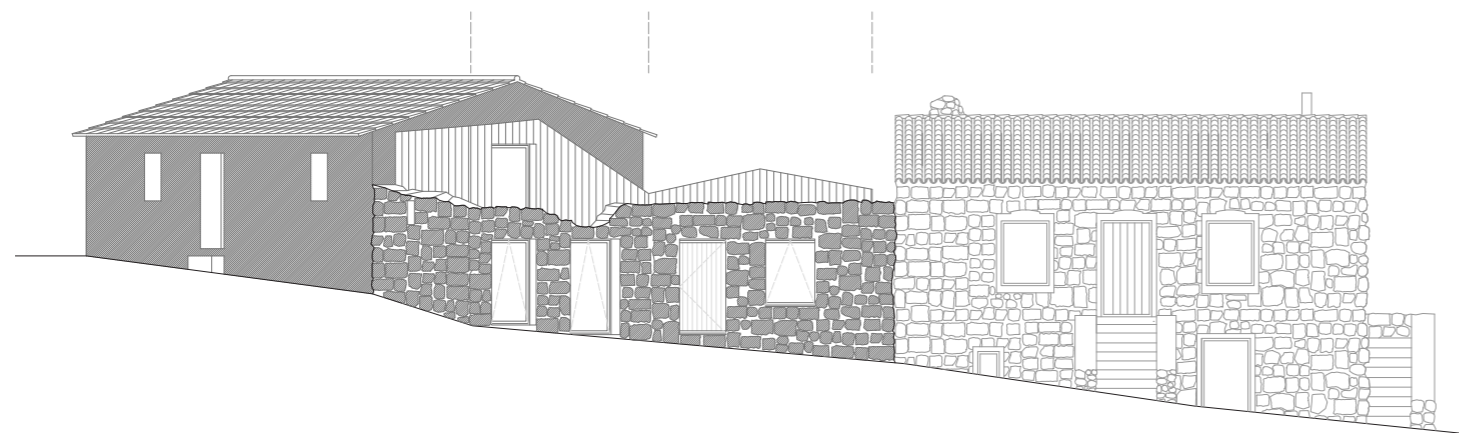
Corte Longitudinal



Corte Longitudinal



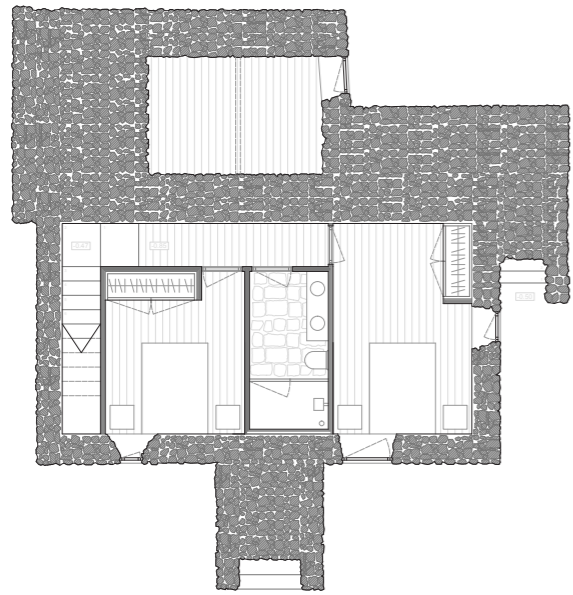
Corte Longitudinal



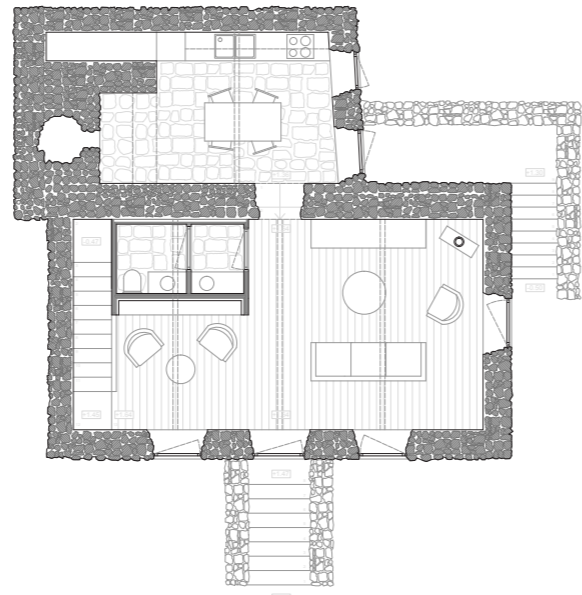
Alçado Principal



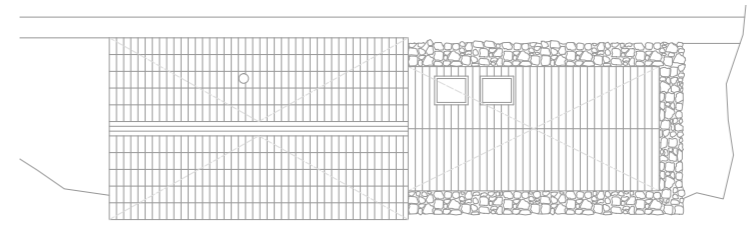
# ANEXO IV - PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO



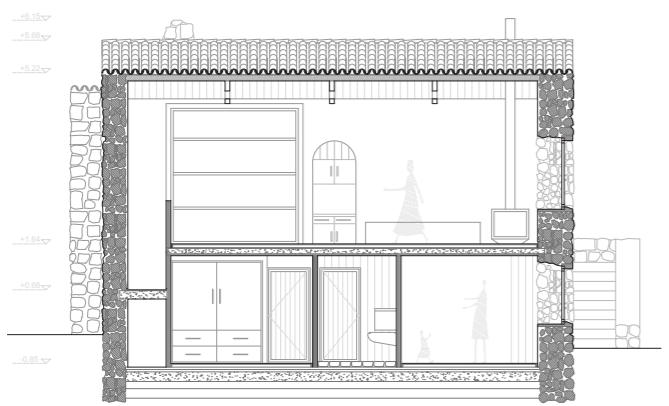
Planta P1



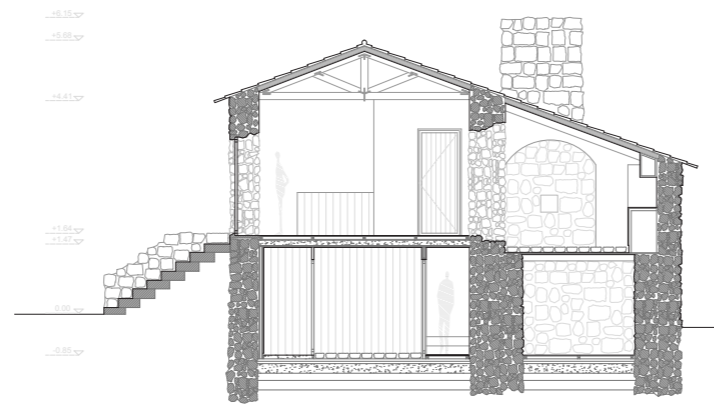
Planta P0



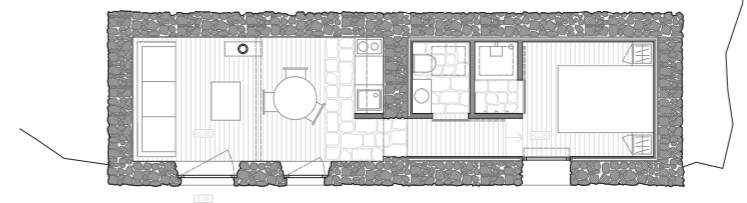
Planta de Cobertura



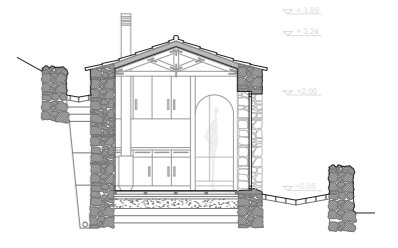
Alçado Longitudinal



Alçado Transversal



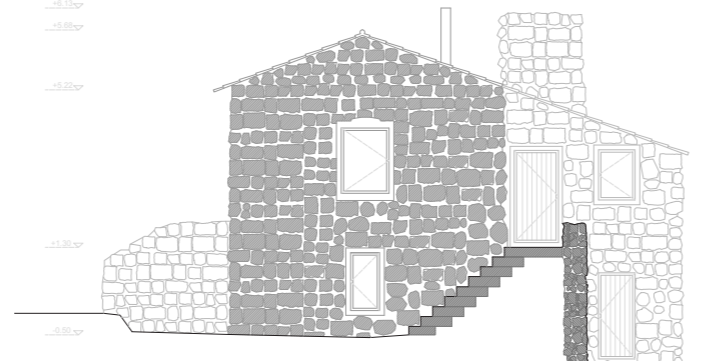
Planta P0



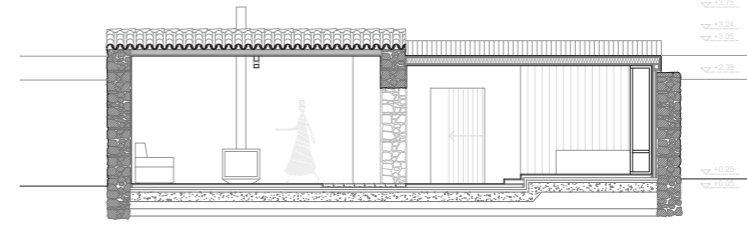
Corte Transversal



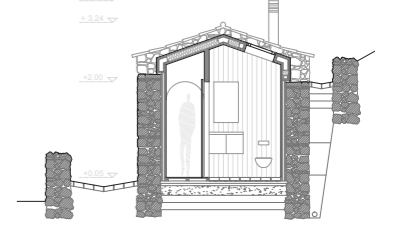
Alçado Principal



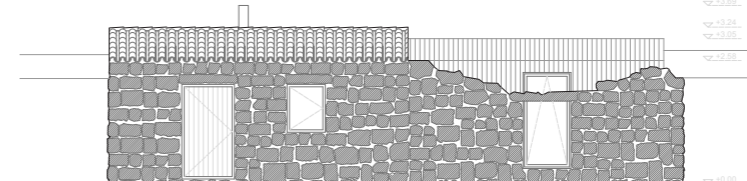
Alçado Lateral Direito



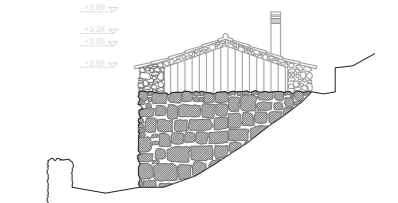
Corte Longitudinal



Corte Transversal



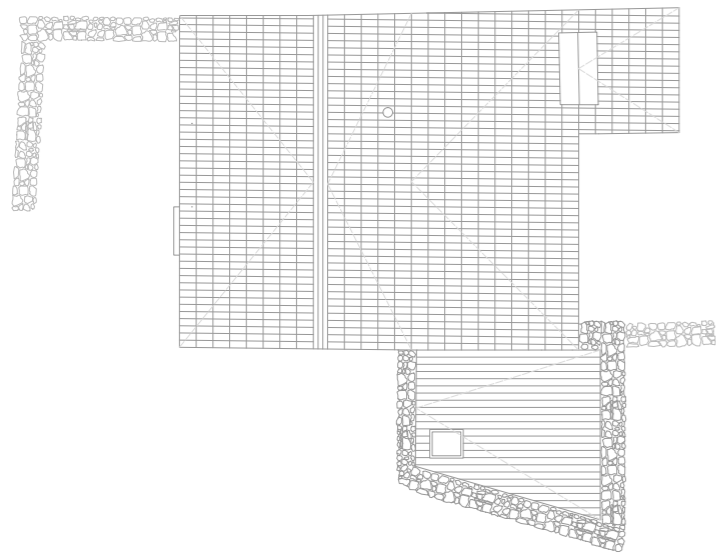
Alçado Principal



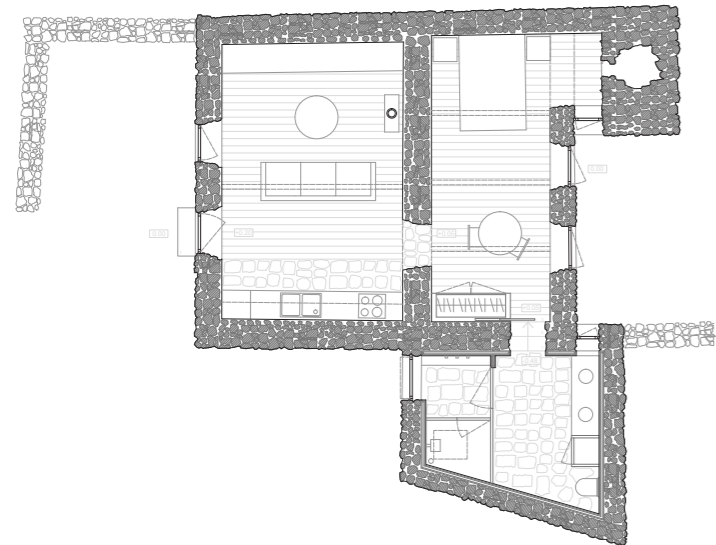
Alçado Lateral Direito



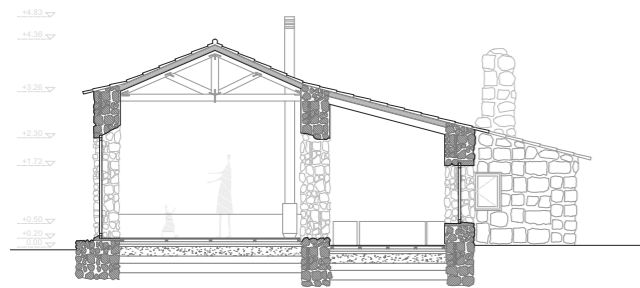
# ANEXO IV - PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO



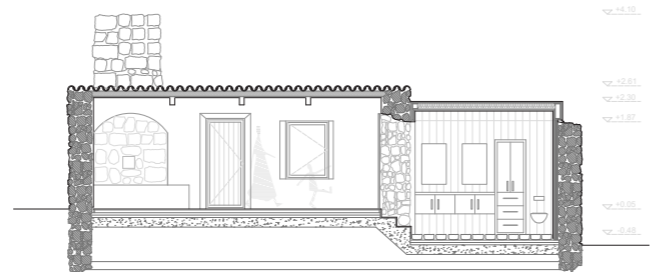
Planta de Cobertura



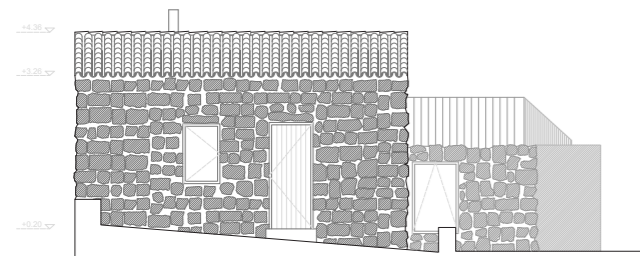
Planta Piso Térreo



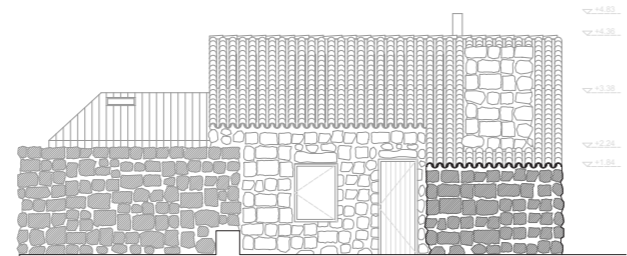
Corte Transversal



Corte Longitudinal

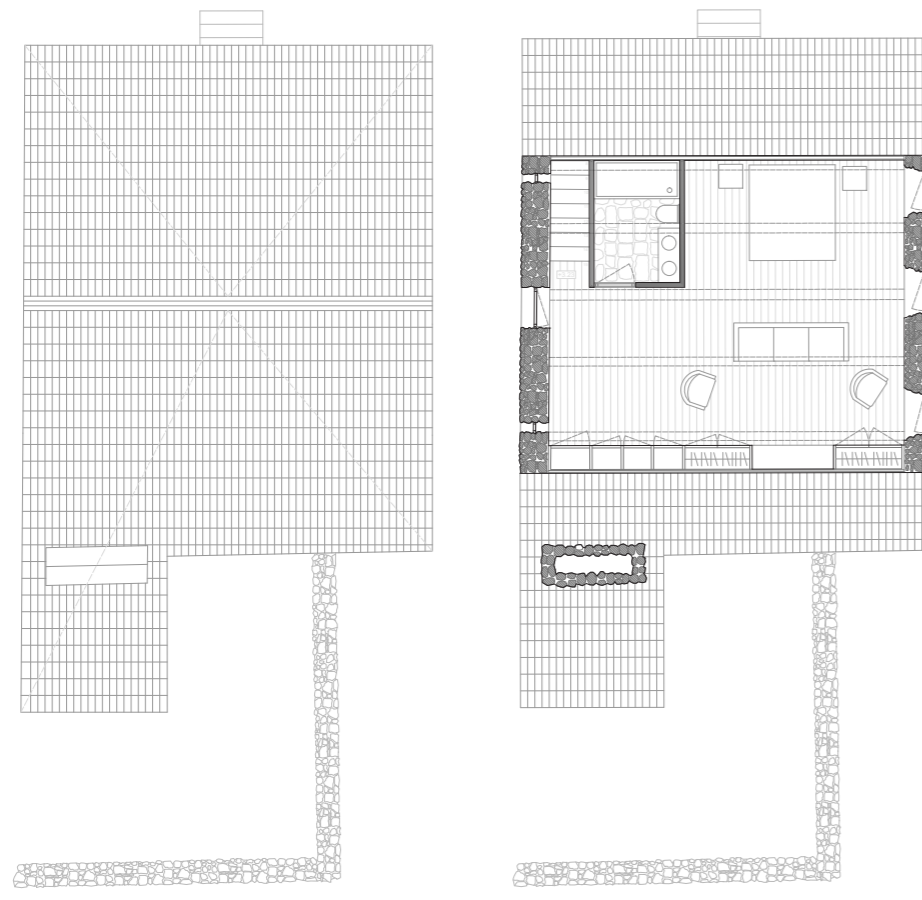


Alçado Principal



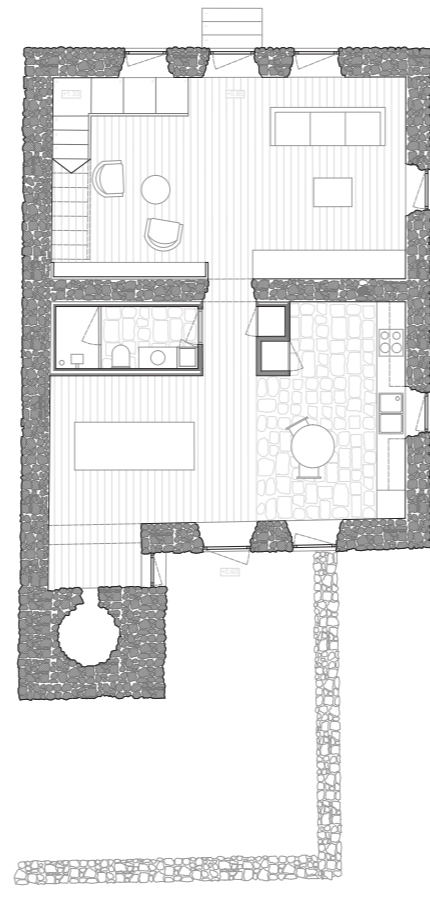
Alçado Lateral

# ANEXO IV - PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO

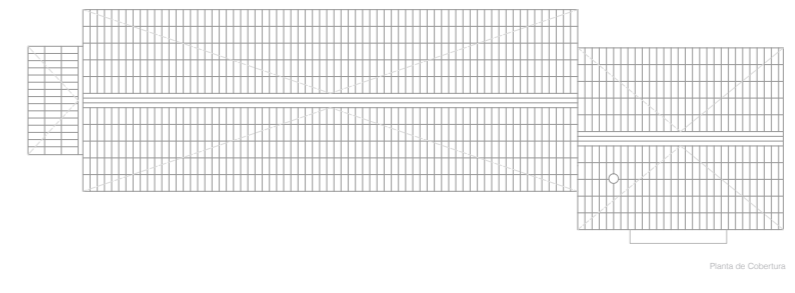


Planta Cobertura

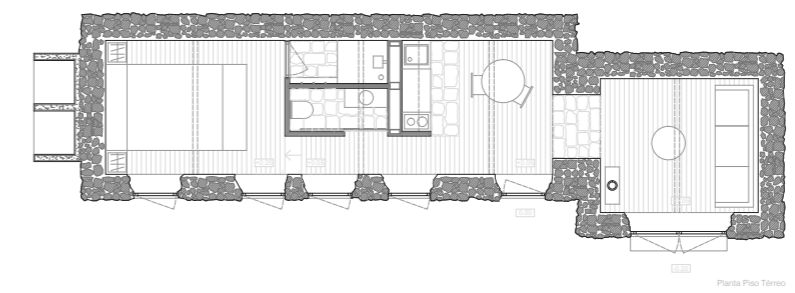
Planta Piso 1



Planta Piso Térreo



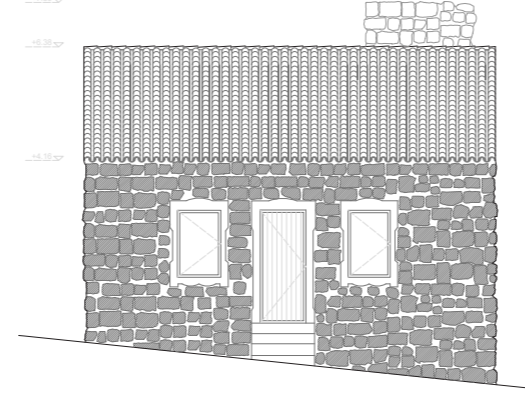
Planta de Cobertura



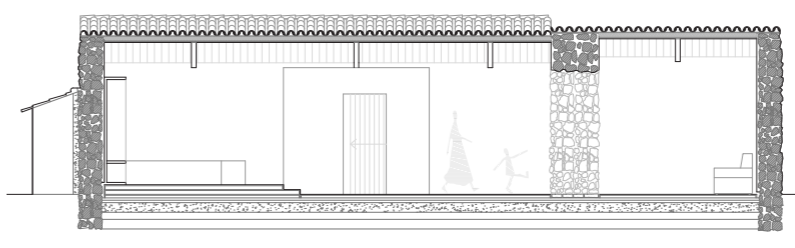
Planta Piso Térreo



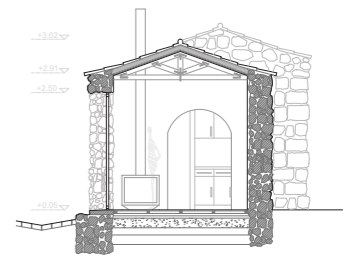
Alçado Lateral Direito



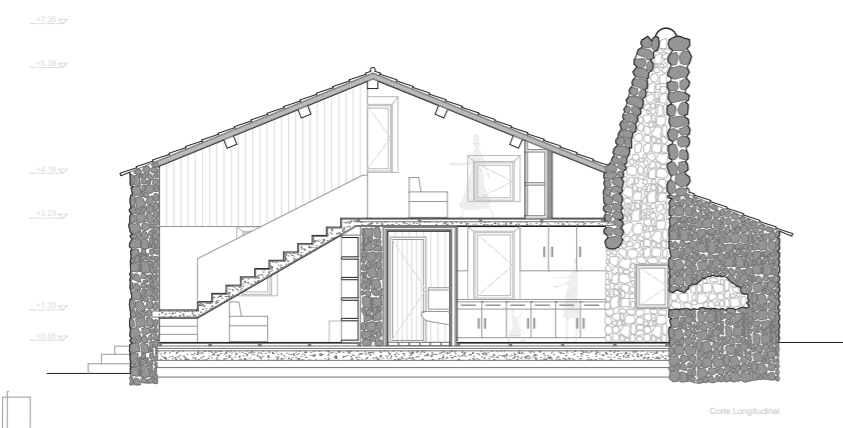
Alçado Principal



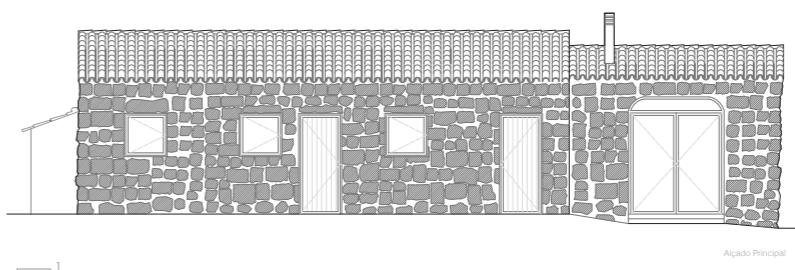
Corte Longitudinal



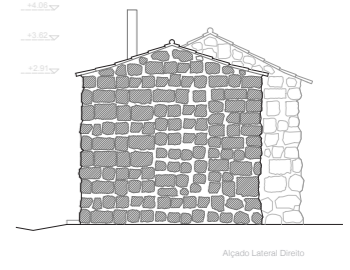
Corte Transversal



Corte Longitudinal



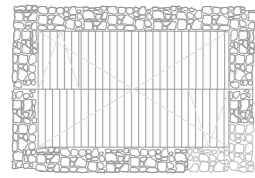
Alçado Principal



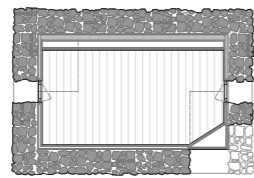
Alçado Lateral Direito



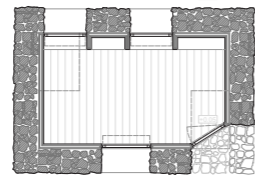
# ANEXO IV - PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO



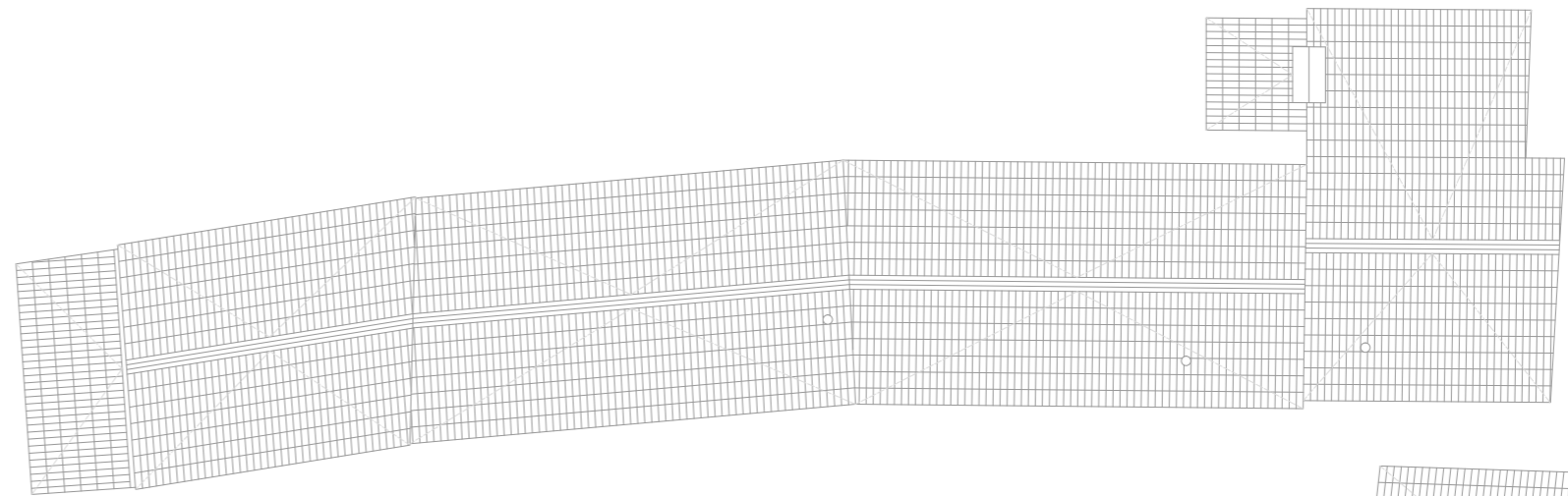
Planta de Cobertura



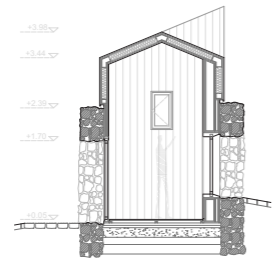
Planta à Cota 2.90



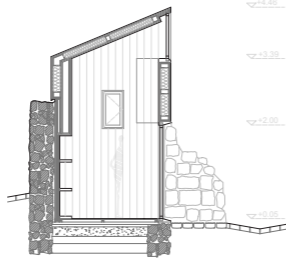
Planta Piso Térreo



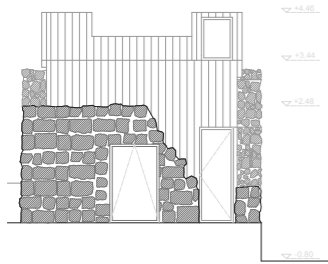
Corte Longitudinal



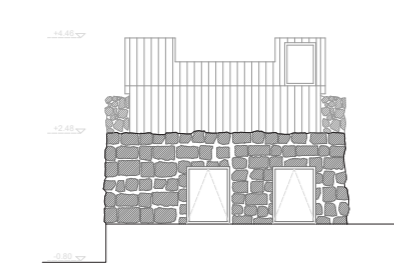
Corte Transversal



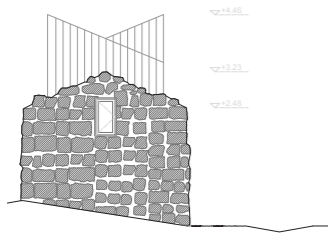
Corte Transversal



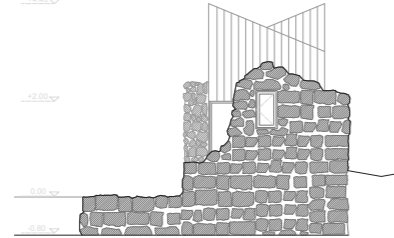
Alameda Principal



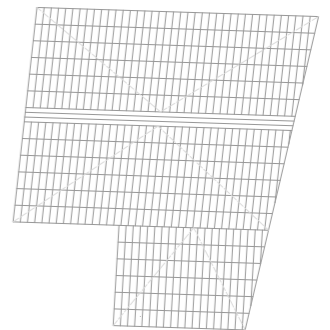
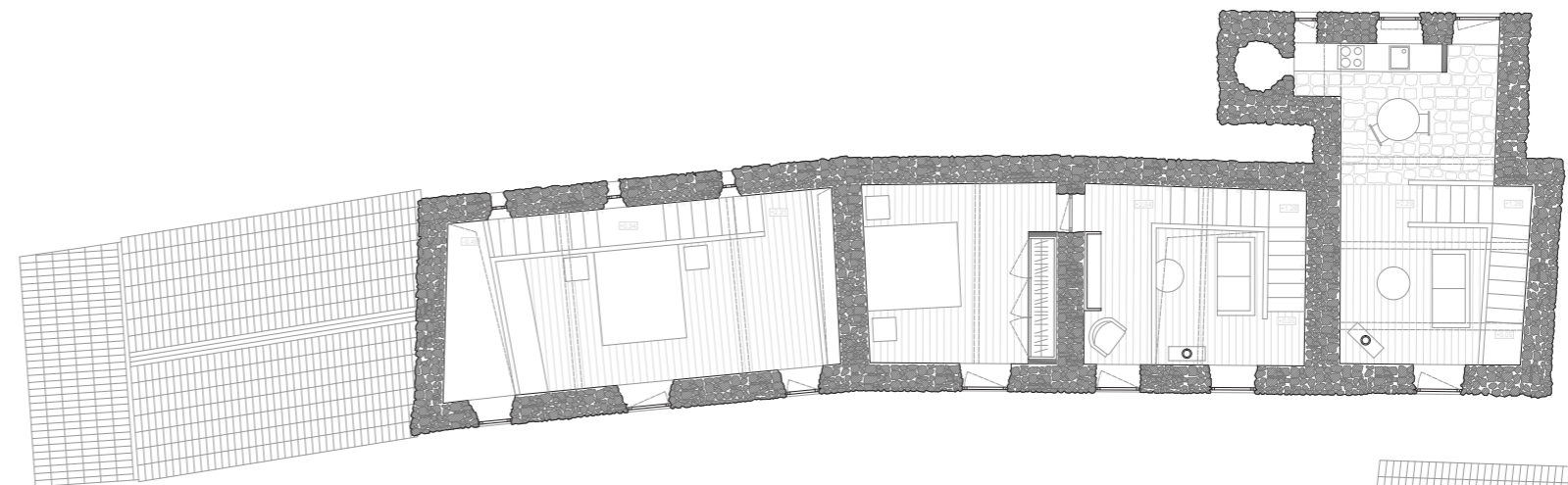
Alameda Trás



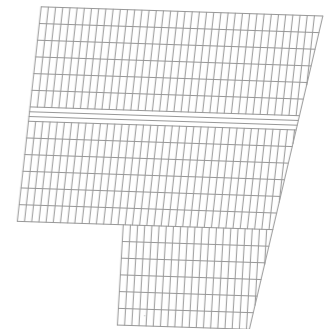
Alameda Lateral Esquerda



Alameda Lateral Direita



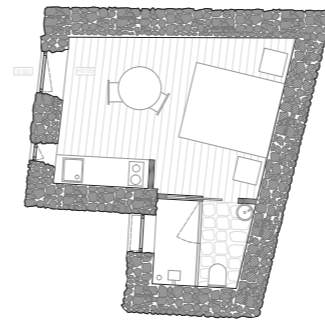
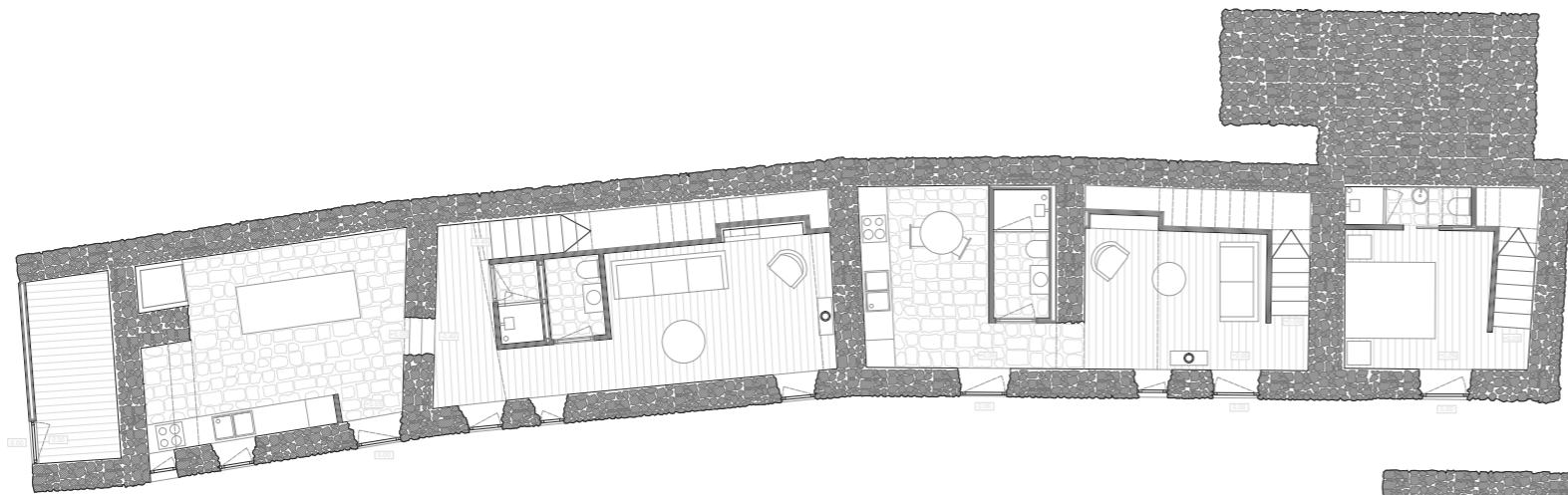
Planta Cobertura



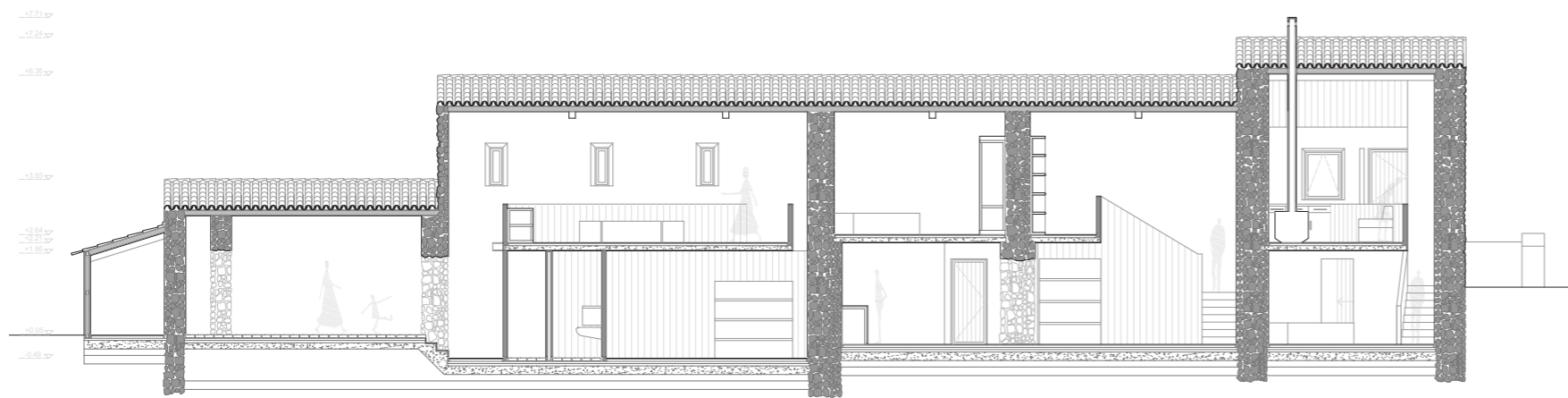
Planta Cobertura



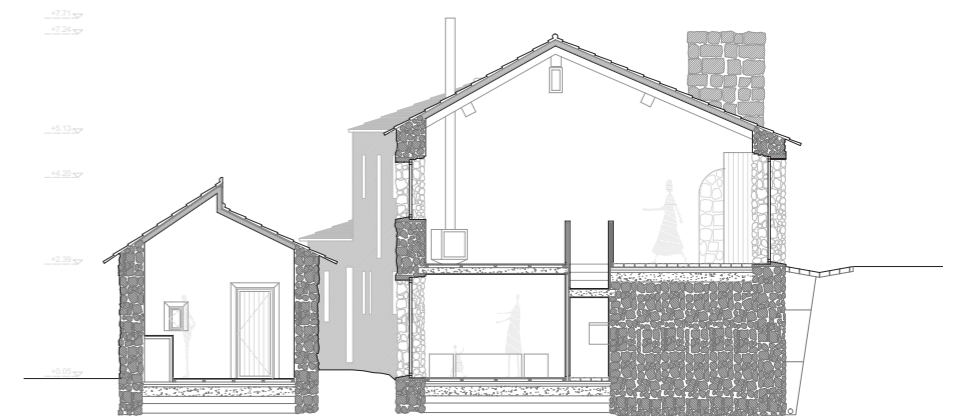
ANEXO IV - PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO



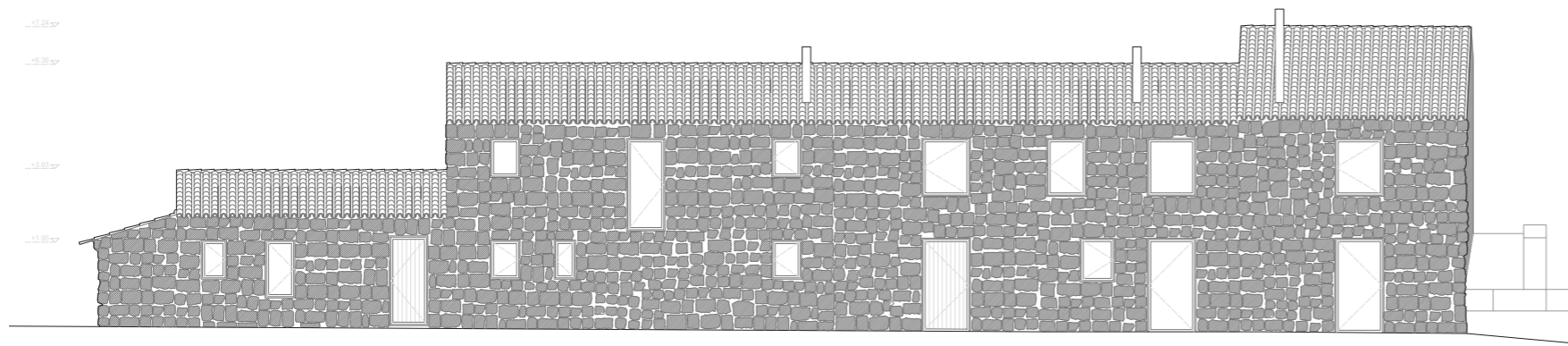
Planta Pão Terno



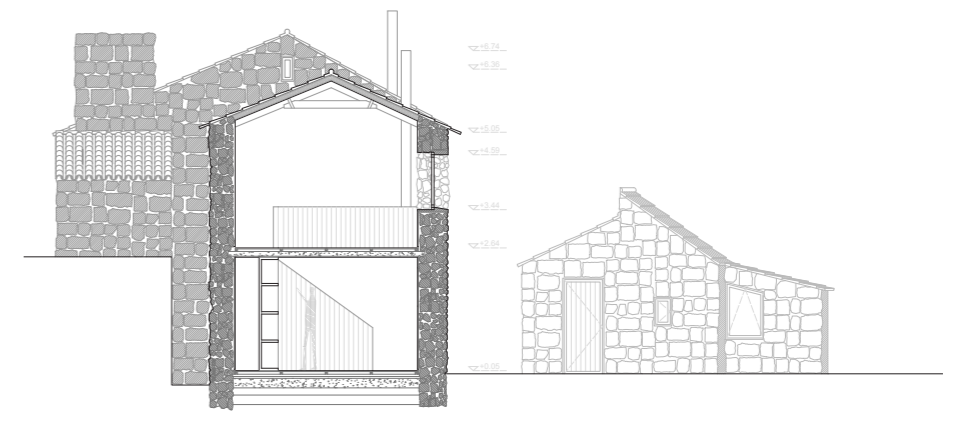
Corte Longitudinal



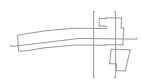
Corte Transversal



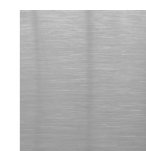
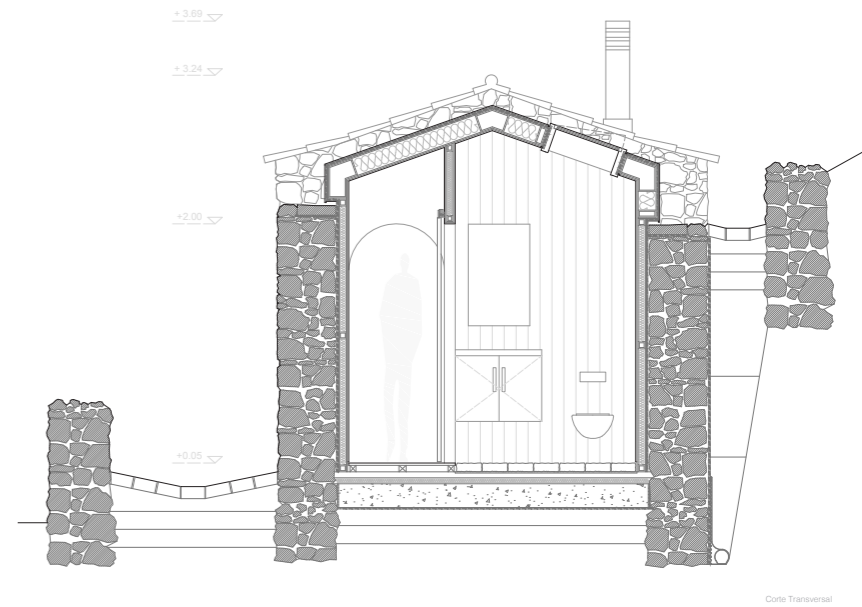
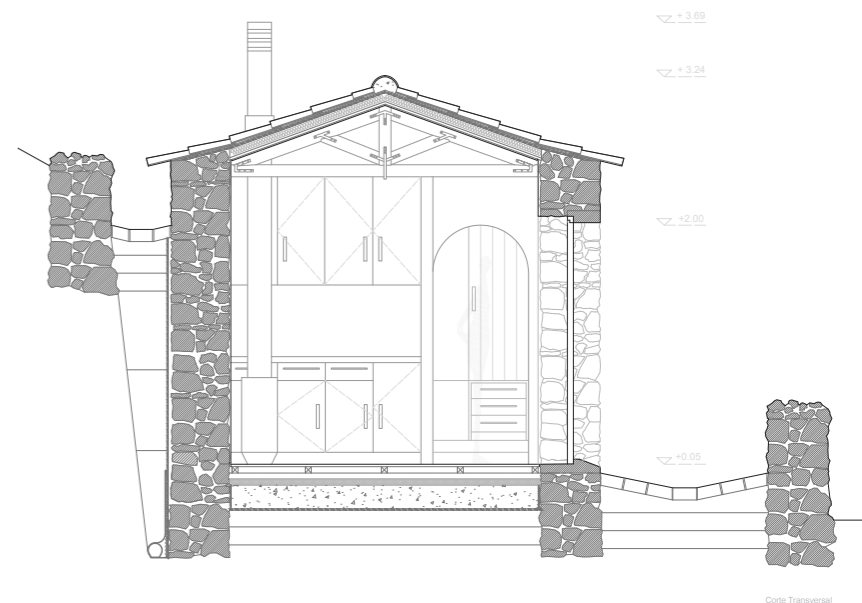
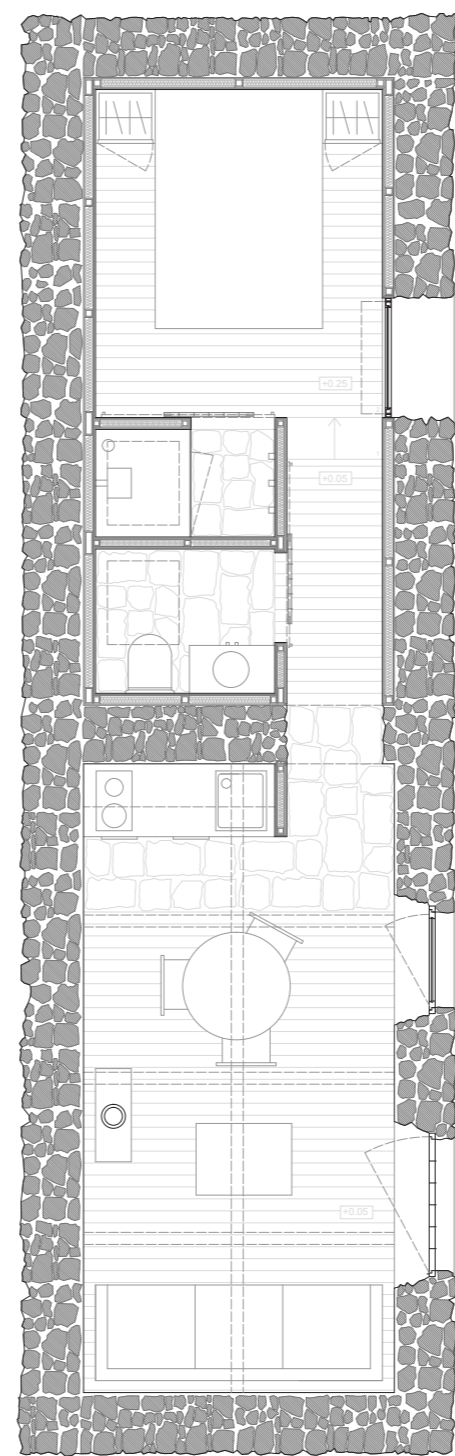
Alçado Principal



Corte Transversal



# ANEXO IV - PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO



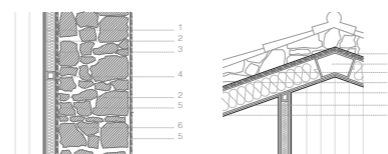
Basalto Negro

Madeira de Ciprestes

Alumínio Preto

Pavimento Est. Pedra de Calçada

## CONSTITUIÇÃO E MATERIALIDADE DOS COMPONENTES VERTICAIS



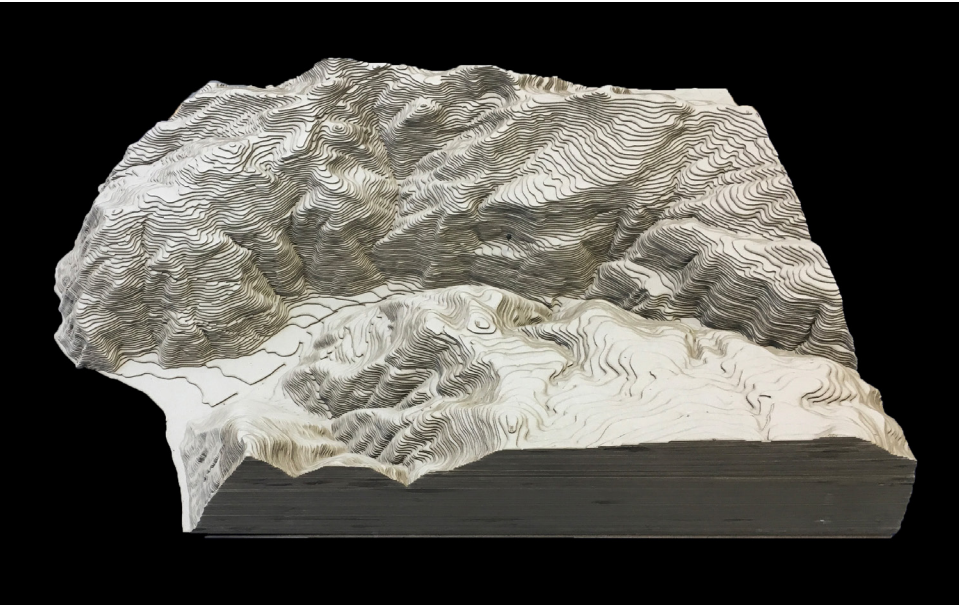
- 1 Revestimento Interior de Madeira
- 2 Placa de Viroc
- 3 Isolamento em Lã de Rocha
- 4 Perfis de Aço
- 5 Tela Impermeabilizante
- 6 Reboco Estanhado
- 7 Revestimento Exterior de Madeira



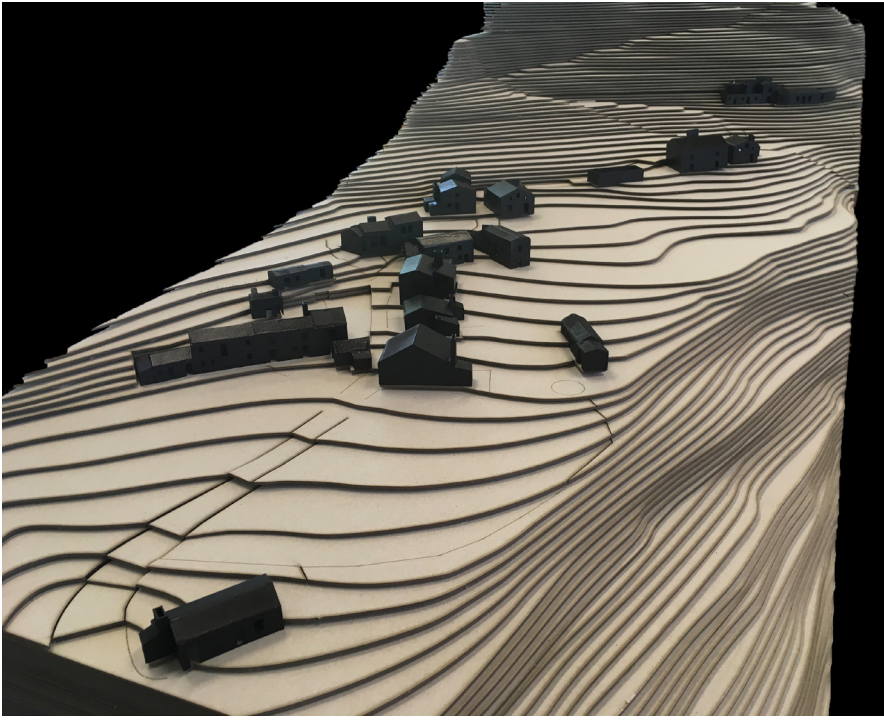
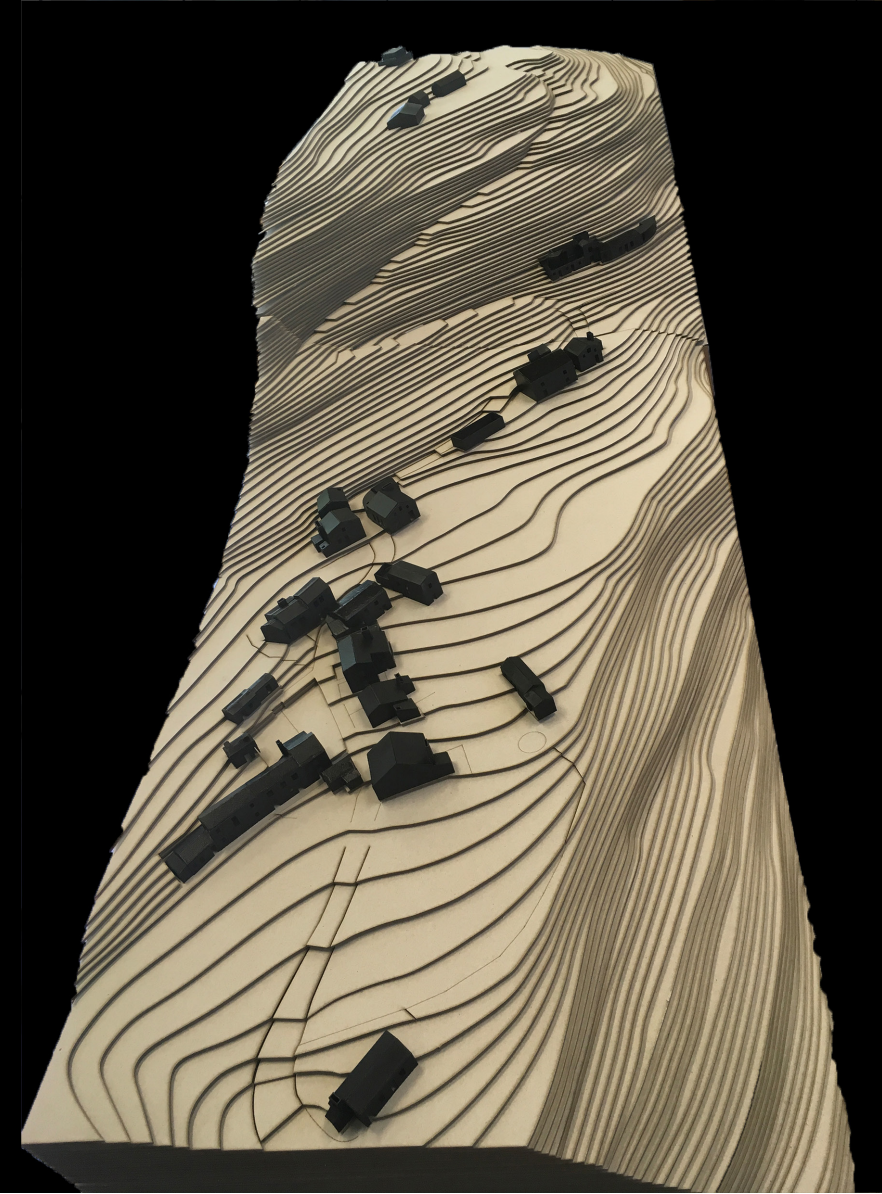
ANEXOS V – FOTOGRAFIAS DE MAQUETAS

ANEXO V - FOTOGRAFIAS DE MAQUETAS

ESCALA 1.5000



ANEXO V - FOTOGRAFIAS DE MAQUETAS  
ESCALA 1.200



ANEXO V - FOTOGRAFÍAS DE MAQUETAS  
ESCALA 1.20

